

PRIMEIRO LUGAR
NA CATEGORIA CASAL NO WATTPAD

Adorável Babá ♡

OLIVIA UVIPLAIS





Adorável Babá

Olivia Uviplais

Copyright © 2019 de Olívia Uviplais

Todos os direitos reservados. Este ebook ou qualquer parte dele não pode ser

reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do ebook.

Primeira edição, 2019

Para todos que acreditavam em Aurora e Ethan

Capítulo 1 — Manhã Caótica

—Aurora, já são nove da manhã. —Sara, minha melhor amiga, gritou entrando alarmada no meu quarto. Eu gemi e apertei meus olhos. "*Quem em nome do Papa acorda nessa hora da manhã?*". Virei-me aconchegando no meu cobertor... Tão quentinho...

—Aurora! Você vai se atrasar para as entrevistas de emprego! —ela gritou novamente e puxou meu cobertor. Me levantei num pulo e me coloquei em frente a ela. —Não olha para mim, queridinha! A primeira é daqui a meia hora.

Corri para dentro do banheiro, joguei minhas roupas para todos os lados na esperança de poupar tempo. A blusa do meu pijama caiu dentro da privada no meio de todos os arremessos. "*Ah, era a única coisa de marca que eu tinha*". Me penalizei mentalmente enquanto tirava a peça molhada de lá com a ponta dos dedos, era extremamente nojento, mas era seda não podia simplesmente abandona-la ali. Joguei-a dentro do cesto de roupas sujas, quando chegasse em casa daria um jeito.

Pulei para dentro do chuveiro, a água caiu queimando minha pele, dei um pulo e gritei de dor. Aquilo daria uma queimadura de milésimo grau. Me afastei soprando a região que havia ficado avermelhada. A água estava tão quente que o vapor instantaneamente inundou meu banheiro.

—Meu Deus! —eu abri completamente o registro para a água esfriar e pulei novamente quando neve caiu. Talvez eu estivesse exagerando quanto a neve, mas a água fria me assustou. Consegui achar um meio termo entre o inferno e o polo norte. Banhei-me rapidamente, apenas o suficiente para despertar-me.

Por sorte minha toalha estava pendurada no gancho ao lado do espelho. "*Obrigada, senhor*". Pelo menos eu não teria que sair pelada e acabar me resfriando. Sem contar que Sara ria da minha cara por um século. *Como sempre*.

De novo, para poupar tempo corri em direção ao meu quarto, mas por força da gravidade derrapei antes de chegar na porta do meu guarda-roupas e caí com a bunda no chão. Soltei um gritinho de dor. "*Ok, universo eu já*

entendi! Nada de tentar economizar tempo.”

—Está tudo bem, Aurora? —Sara gritou da cozinha. Petulante nunca atrasada.

—Estou. —Respondi enquanto me levantava. “*Ótimo, agora faria todas as entrevistas com dor na bunda.*” Praguejei enquanto afagava a região dolorida. Me coloquei em frente as minhas roupas. Mentalmente fiz uma lista das entrevistas que tinha, as duas eram formais, mas eu não tinha nada tão careta. Vesti minhas melhores peças íntimas, afinal de contas uma lingerie bonita deixa uma mulher secretamente mais confiante. Optei por uma calça jeans preta, uma blusa branca e um blazer vinho.

Olhei-me no espelho, meu cabelo estava amassado e arrepiado, gemi internamente. E passei o pente para deixa-lo mais alinhado, mas acabou gerando o efeito contrário. Rosnei e puxei os fios para um rabo de cavalo tentando deixa-lo impecável. Dessa vez fui mais bem-sucedida na minha missão. Sorri triunfante para minha pequena vitória. *Aurora 1 x 0 Cabelo.* Comemorei comigo mesma satisfeita.

Lembrei-me que estava gravemente atrasada e corri novamente, dessa vez em direção aos sapatos. Com o meu desequilíbrio matinal saltos estavam fora de cogitação, escolhi as sapatilhas pretas de verniz que Sara havia me dado no último aniversário. Voltei para frente do espelho, estava bonitinha. Meus olhos azuis, a coisa mais legal que eu tinha no meu corpo, estavam radiantes, bati os cílios tentando parecer adorável o suficiente para que me dessem ao menos um emprego.

Puxei minha bolsa da minha escrivaninha e sai correndo em direção a cozinha. Sara estava sentada bebericando seu café suavemente. Ergui uma sobancelha, ela devia estar no trabalho. Olhei para o relógio em formato de pinguim em cima de nossa velha geladeira, não passavam das sete. Gemi me jogando exausta na cadeira. A desgraçada havia mentido para mim para que eu acordasse, um golpe sujo demais para uma garota tão adoravelmente demoníaca.

—Sara, por que? —eu gemi e coloquei meu rosto entre minhas mãos, agora eu passaria o dia todo feito um zumbi.

—Você precisava de um choque de adrenalina para enfrentar o dia. —

Ela respondeu sem ao menos olhar-me nos olhos enquanto lia concentrada seu jornal. Se Sara não fosse minha melhor amiga, naquele momento eu teria avançado em seu magro pescoço e cravado minhas unhas nele.

—Agora eu vou precisar de muita cafeína. —Eu reclamei e ela deu de ombros. A cafeteira estava em cima da mesa, puxei minha xícara da pia atrás de mim e a enchi de café fumegante. Dei um grande gole enquanto olhava para a postura serena de minha quase irmã.

Nossa vida nos últimos anos estava sendo muito difícil. Terminamos a faculdade juntas, ela fazia administração e eu em letras, nós nos formamos com honras, mas de repente a vida adulta batia em nossas portas. Por sorte antes de terminar o curso, graças a um estágio, ela já tinha um emprego de secretária pessoal do dono de uma empresa no ramo tecnológico. Eu não tive a mesma benção, me formei e não consegui emprego fixo em lugar nenhum, fazia pequenos trabalhos esporadicamente, mas agora minhas economias estavam no final, Sara mantinha a casa praticamente sozinha e sem família, eu não tinha a quem recorrer.

—Então, senhorita, pode me contar quais são os planos para hoje? —perguntei furtivamente ela sorriu e revirou os olhos. —Ah qual é! Deve haver algo divertido para duas modelos internacionais solteiras.

—Para modelos eu não sei, mas para duas reles mortais a lista é longa. Eu vou passar o dia todo ajeitando a agenda no meu chefe, preparando reuniões, está tudo uma bagunça graças ao simpósio de tecnologia! E você vai arranjar um emprego muito bom. A noite podemos pedir pizza para comemorar a sua vitória, o que acha desse dia maravilhoso?

—Argh, sinto saudades da faculdade nesse quesito, tínhamos muitas festas e animação. Me sinto uma senhora de oitenta anos. —Fiz biquinho e ela revirou os olhos.

—Eu preciso me arrumar, pode lavar a louça para mim? —ela perguntou e eu assenti. Levei as duas xícaras à pia, haviam pratos e talheres da noite anterior, ergui minhas mangas e lavei tudo rapidamente

Logo Sara voltou trajando um terninho preto e uma camisa azul de seda. O cabelo louro amarrado num coque profissional, maquiagem na medida certa, tudo valorizando seus traços finos e olhos verdes impactantes. Sara era

uma pontada na autoestima de qualquer mulher. Claro que eu não estava imune a toda a beleza dela, mas não podia inveja-la, minha amiga era merecedora de sua beleza e todo talento que possuía. Abri a boca teatralmente, ela corou e revirou os olhos. Não podia inveja-la, mas podia deixa-la envergonhada constantemente, suspeitava até que essa era minha missão na terra e a fazia com gosto.

—Sua primeira entrevista é perto do meu trabalho, quer uma carona?
—*Carona*, meus olhos certamente brilhavam para aquela palavra, andar de metrô era um dos meus maiores pesadelos, táxi no meu orçamento estava fora de questão, então sempre que Sara me oferecia carona meu dia estava completo e feliz.

—Quero sim, vou escovar meus dentes, volto já. —Eu disse correndo pelo nosso minúsculo apartamento. "*Apertamento você quer dizer*" minha vadia interior contestou enquanto eu entrava no banheiro. Escovei meus dentes rapidamente e dei uma última olhada no espelho, estava tudo bom o suficiente.

Logo estávamos dentro do pequeno celta de Sara, o trânsito estava caótico e de repente entendi o motivo pelo qual ela saía tão cedo de casa, era quase impossível andar, em certo momento achei que estávamos andando a -10 km/h. O congestionamento era enorme, minha vontade era de a qualquer momento sair de dentro do carro e ir andando até as duas entrevistas. Acabei pegando no sono durante o percurso.

—Aurora! Aurora! —as mãos macias de Sara me balançaram de um lado para o outro. Hum parecia que ela estava me ninando.

—Levanta essa bunda daí! Vai se atrasar de verdade. Acorda! —a voz dela parecia nervosa. Acordei sobressaltada e acabei batendo minha testa no painel do carro. "*Como se já não bastasse o sono agora terei que enfrentar o dia com um galo na testa*" minha vadia interior e eu reclamamos. Puxei minha bolsa para meu ombro e saltei para fora do carro —Boa sorte! —Sara gritou abaixando o vidro do carona.

—Obrigada! —eu agradei e ela acelerou. Peguei dentro da minha bolsa a agenda onde estavam anotados os endereços exatos das minhas entrevistas, andei lendo-as distraidamente. Hoje haveriam duas grandes entrevistas, uma de manhã em uma editora mediana e tarde em uma pequena, a que mais me

entusiasma era a primeira. Eu podia empenhar-me na primeira entrevista, fazer uma pausa para um almoço com Sara e voltar com todo gás para a segunda.

Foi quando tropecei em um senhor a minha frente, em sua mão havia um copo do *Starbucks* e todo o café contido nele veio parar na minha blusa. Dei um pulo quando o líquido quente queimou toda a pele dos meus seios até minha barriga. Mas a dor era o de menos, o mais preocupante era a marca monstruosa que o líquido deixará na minha blusa.

—Olha por onde anda, menina! —o velhote brigou se afastando e resmungando e eu gemi amaldiçoando-o eternamente. Como eu iria enfrentar entrevistas de emprego toda manchada e cheirando a café?

Aquele não era definitivamente meu dia de sorte.

Capítulo 2 — Propostas

Corri para dentro do prédio da minha primeira entrevista, café pingando pelas minhas vestes. Peguei o elevador lotado, as pessoas olhavam-me como se eu fosse louca e eu imaginava que estava parecendo mesmo. Parei no andar da minha entrevista e corri para a sala de espera e a secretária sorriu pra mim, talvez imaginando que eu estava preparada, mas eu corri para dentro do banheiro.

Tirei minha blusa ficando somente de sutiã e comecei a esfrega-la dentro da pia, joguei sabonete líquido para ajudar. "*Minha Nossa Senhora do Sabão em Pó, me ajude a remover essa mancha*". Eu era craque em lavar roupas a mão, eu e Sara não possuíamos uma máquina de lavar, mas nunca o tinha feito na pia do banheiro e com sabão líquido para mãos. Esfreguei ferozmente, a mancha só parecia aumentar. De repente tomei ciência do que estava fazendo.

—Gênia! Agora você não tem blusa nenhuma mais. —Eu me xinguei mortificada, aquilo nunca iria secar. —Agora o que vou fazer? —me perguntei torcendo a blusa na esperança de que ela não ficasse tão encharcada. Olhei para o relógio no meu pulso, as entrevistas já tinham começado há quase vinte minutos.

Foi então que eu percebi que havia um pequeno secador de baixa potência ao lado do espelho, abençoei mentalmente quem havia projetado aquele prédio. Liguei-o e ele fez um barulho estrondoso. Imaginei o que os meus concorrentes estavam pensando de mim. Rindo internamente de minha má sorte. Tentei não lembrar de todos os rostos cuidadosamente maquiados e peles de marfim que me esperavam lá fora.

Ao fim de todo o processo de secagem minha camiseta estava úmida e completamente amassada. Vestia-a mesmo assim. Arrepiei-me com o contato frio do pano molhado com a minha pele. No final do dia se eu não morresse de pneumonia já seria um ganho enorme. Olhei-me no espelho, eu já estava um pouquinho descabelada, minhas bochechas vermelhas pelo esforço de esfregar e um filete de suor escorria pela minha testa. Eu estava um caco. Mas mesmo eu tinha que tentar.

Pesquei um batom vermelho dentro da minha bolsa, passei-o. Queria parecer poderosa para a entrevista, estava congelando, mas seria poderosa. Minha vadia interior dançava Beyonce para me motivar. Incorporei a diva e comecei a quase desfilar saindo do banheiro. Me concentrei nas passadas ritmadas ao som de um *Crazy in Love* mental.

A vaga que eu iria disputar era a de revisão. Eu adorava trabalhar com livros, todo o processo me fascinava, esperava um dia poder publicar minha própria obra, tinha até algumas ideias, mas nada que valesse realmente a pena. Respirei fundo saindo dos devaneios, só poderia publicar um livro se não morresse de fome ou fosse presa por não pagar minhas dívidas.

—Sou Aurora Devonne, vim para a entrevista de emprego com o senhor Harrison. —Eu disse sorrindo educadamente, ela me olhou com algo parecido com pena e suspirou.

—Estávamos esperando a senhorita, é a primeira a ser entrevistada. —Ela se levantou, atravessou a mesa e abriu a porta da sala de seu chefe.

—Phill, a primeira candidata chegou. —Ela disse colocando a cabeça para dentro da sala, ela se afastou e me deu passagem. Abri meu mais educado e encantador sorriso e entrei.

Meu rosto desmoronou um pouquinho quando olhei o ambiente, a sala estava imunda, poeira e vários manuscritos empilhados na mesa, haviam estantes abarrotadas de livros e pó para todo lado. O homem roliço me olhou de maneira nojenta, engoli seco, ele tinha idade para facilmente ser meu pai. Me sentei na cadeira a frente de sua mesa tentando não transparecer meu desapontamento.

—Então docinho, diga seu nome para o papai aqui. —Ele disse rindo pondo a mão em sua grande barriga. Seu queixo triplo sacodindo com a risada.

—Meu nome é Aurora, por favor não me chame de docinho. —Eu falei educadamente e meio sem graça. Eu nunca havia sido realmente assediada e sequer sabia se aquela era a intenção do homem a minha frente.

—Posso te chamar de azedinha então? —ele gargalhou. —Você é muito bonita para estar aqui procurando emprego não acha? Poderia estar

fazendo *outras coisas*.

Aquilo não era jeito de se tratar uma entrevistada. Imediatamente afastei-me da mesa fiz menção a me levantar.

—Não, espere. Eu só estou a brincando. —Ele diz tentando se levantar e ficando entalado entre sua mesa e parede durante o processo. —Meus gostos são peculiares. —Ele diz tentando parecer sedutor passando as mãos por seu cabelo ensebado. *Ele havia acabado de citar Cristhian Grey para mim?* Dessa vez eu me levantei, ele não havia me dado oportunidade de falar e já estava me assediando? Eu estaria rindo se aquilo não fosse um desastre completo.

Eu dou mais um passo em direção a porta completamente incrédula de que aquele homem achasse que eu realmente faria qualquer coisa parecida com cinquenta tons de cinza com ele. Minha boca aberta em sinal de choque, olhei para os lados a procura de câmeras escondidas. "*Quem sabe não estamos em um quadro da Oprah?*" Minha vadia sugeriu entusiasmada.

—Eu fodo com força. —Ele gritou quando eu cheguei a porta. Eu girei em meus calcanhares olhando-o sem entender.

—Que merda é essa? —Eu deixo escapar a pergunta que não cala em minha mente.

—Me desculpe senhorita, é que minha mulher leu esse livro e quer que eu me pareça com o personagem... —ele começou a se desculpar, sua cara assumindo um tom roxo, temi que ele tivesse sofrendo um enfarto. Abri a porta atrás de mim e sai correndo da sala. A secretária me lançou um olhar de desculpas, os outros candidatos pareciam ter ouvido as últimas frases, alguns se levantaram e saíram, outros, mais corajosos ficaram.

Pelas escadas desci correndo até chegar a rua novamente com medo de que o Sr. Grey da terceira idade pudesse me seguir. Quando finalmente cheguei na rua parei para analisar a situação. Estava procurando um emprego há semanas e na única vez em que consigo ser entrevistada não consigo falar nada além de "que merda é essa?".

Explodi em risadas com a impossibilidade da situação, as pessoas ao meu redor me olham como se eu fosse louca. Talvez eu realmente estivesse

ficando. Quais eram as chances? Eu havia me esforçado para me formar, sem o amparo algum eu havia conseguido um diploma de uma das melhores universidades do país e agora eu estava correndo de idosos tarados? Quando terminei a crise de risos fui atingida por uma bola de demolição em forma de constatação: Eu nunca arrumaria um emprego.

A informação fez com que um bolo se formasse em minha garganta. Eu precisava de dinheiro desesperadamente, não podia me manter às custas de Sara, não tinha ninguém a quem recorrer, estava completamente sozinha no mundo e aquele dia parecia ser pior que os outros. Tudo estava dando errado desde a hora em que eu havia acordado. Quase morri queimada no chuveiro, quebrei minha bunda no chão, me queimo com café que nem era meu, quando acho que dei a volta por cima recebo cantadas indecentes de um velhinho.

Pego meu celular no bolso de trás da minha calça. Digito rapidamente o número de Sara, só ela poderia me ajudar a entender o que o dia de hoje significava. Talvez eu ainda estivesse dormindo, com sorte tudo não passava de um pesadelo.

—Alô. —A voz de Sara parece ansiosa no outro lado da linha.

—Sara. —eu choraminguei entre um soluço. —Está tudo dando errado.

—Ah, amiga, não chore! Venha para a empresa, o Sr. Lewis tem um compromisso agora, estou em meu horário de café. Vamos conversar.

—Está bem, estou indo. —Eu disse fungando.

—Ok, te espero. —Ela disse e desliga. Olho para os lados, estou a duas esquinas da empresa Lewis, mas a minha frente há uma charmosa padaria, resolvo gastar alguns trocados com Sara. Comprei as jujubas prediletas dela só para fazer um pequeno agrado, sabendo que certamente quando eu começasse a chorar ela me daria as balas para me acalmar.

Andei pela rua de ombros arriados e olhando para baixo. Estava molhada, com frio e chateada, as lingerie novas não fizeram nem cócegas no meu ânimo. Aquele dia era sem dúvidas o pior dia de todos.

Parei em frente ao gigante e imponente prédio de vidro. O lugar é absolutamente moderno, senti uma pontada de inveja boa dos Lewis, eles já

nasceram podres de ricos. No máximo tiveram que se decidir entre medicina e tocar o negócio da família. Peguei o elevador em direção ao último andar, o que Sara trabalha. A música que tocava no recinto era relaxante, pessoas entram e saem e nem as percebo. Quando chego no meu andar saio do elevador um pouco menos chateada.

Sara não está sentada em sua mesa, há ali um computador de última geração. Tudo grita "caro", desde o mármore que cobre o chão reluzente aos quadros que enfeitam as paredes de um cinza beirando ao preto. O lugar é aconchegante, mas ao mesmo tempo imponente. Foi na minha análise curiosa do local que percebi a pequena figura sentada no sofá.

Uma menininha completamente adorável sentada com as perninhas cruzadas. A roupas limpas e sofisticadas, o cabelo loiro amarrado em duas tranças laterais apertadas, o rosto dela era gordinho. A menina sem dúvidas era adorável, tudo nela era absolutamente impecável desde os sapatinhos até o cabelo sem nenhum fio fora do lugar. Ela nem parecia uma criança, até onde eu me lembrava elas eram seres constantemente cobertos de terra e descabeladas, mas a garota a sentada ali estava absolutamente perfeita, parecia pronta para gravar um comercial de sabonetes. Até aquela criança estava muito mais apresentável do que eu.

—Olá. —Eu a cumprimento, ela não havia percebido minha aproximação, olhava concentrada para suas mãozinhas.

—Oi. —Ela responde educada.

—Qual é o seu nome e o que faz aqui, princesa? —eu pergunto me aproximando e sentando-me ao seu lado. Ela me olha curiosa.

—Meu nome é Zoey, estou esperando a senhorita Webber voltar com lápis de cor. E você, quem é? —eu rio de seus adoráveis bons modos. Ela devia ter no máximo cinco anos, mas parecia mais sofisticada que eu.

—Meu nome é Aurora, sou amiga da senhorita Webber. —Eu disse e em seguida fiz uma reverência, como se ela fosse uma princesa. Ela riu de maneira gostosa e era impossível não retribuir.

—Você aceita uma jujuba, querida? —pergunto-lhe abrindo o saco, ela pega apenas uma bala com sua mãozinha e a coloca dentro da boca

mastigando e parecendo gostar do sabor.

—Então você está esperando a Sara? —eu pergunto e ela assentiu ainda comendo a jujuba. —Ah, mas você vai esperar um bocado, a Sara é bem ruim procurando as coisas. Teve uma vez que estávamos na praia e ela *me* perdeu lá, só voltou para me buscar três horas depois. —Eu disse me jogando no sofá. Para minha surpresa ela solta mais uma risadinha alta.

A porta da sala do chefe de Sara, Ethan Lewis, abriu rapidamente e um deus grego saiu dentro dela. Um homem extremamente jovial com cabelos levemente desgrehados num comprimento um pouco maior do que eu estava acostumada, mas sofisticado com um terno de linha que emoldurava perfeitamente corpo musculoso. Sua expressão era confusa. Ele olhou para a menina ao meu lado e depois para mim, seu olhar fez com que um tremor percorresse minha espinha.

—Filha, quem é essa? —eu congelei imediatamente. Eu acabei de dar uma jujuba a filha de um dos homens mais ricos dos Estados Unidos. Engoli seco. *"Se essa menina for diabética e esse homem resolver me processar eu preciso no mínimo vender minha alma a ele"* minha V.I alerta e eu concordo com ela, estaríamos fodidas.

—Essa é a Aurora, papai. Ela é minha amiga. —A menina sorriu mostrando suas covinhas. O pai retribui de maneira igualmente amorosa, mas quando ele se voltou para mim seus olhos eram duros.

—Você está aqui para a vaga de babá? —Ele questionou de maneira inquisitória.

—Sim. —Eu respondi muito mais por impulso do que por verdade. Aquele era o tipo de homem que se me perguntasse qual era meu nome eu não saberia responder, sua postura era intimidadora. *Por que caralhos eu tinha dito que sim?* Aquele homem me confundia, sua postura confiante e ativa transformava meu cérebro em mingau.

—Eu gosto dela, papai. —Zoey intervém ao meu favor, mas eu estava completamente congelada olhando para o par de olhos castanhos e frios do homem a minha frente.

De perto eu podia perceber a semelhança entre os dois. Elas eram muito

sutis, a garotinha provavelmente tinha muito da mãe em si. Mas os olhos, mesmo de cores diferentes tinham o mesmo formato, assim como a boca e o maxilar. Ambos eram muito bonitos e podiam estampar as páginas de revistas de modas.

—Posso ver seu currículo? —ele pergunta e eu apenas aceno puxando o maço de folhas de dentro da minha bolsa. Ele pegou uma delas e começa a examinar.

—Você tem um currículo muito bom para uma babá, não acha? —ele pressionou. Eu não sabia o que inventar.

—Eu gosto de crianças. —Respondi debilmente. Ele semicerrou os olhos para mim e eu me encolhi minimamente.

—Eu queria que a Aurora fosse minha babá, papai. Ela é legal. —Zoey sorri para mim e coloca sua mãozinha sobre a minha. Para mim era impossível não corresponder ao toque, eu sorrio para ela.

—Por que você não entra para que possamos conversar? —Ele sugeriu. Eu me levanto meio incrédula com a situação.

Sara dobra o corredor e arfa ao me ver conversando com seu chefe.

—Senhor Lewis, eu...

—Sara. —Ele interrompeu antes que minha amiga pudesse gaguejar um pedido de desculpas. —Essa é a última candidata que vou entrevistar, dispense as outras e cuide de Zoey até que minha mãe volte. —Ele comandou de uma maneira surpreendentemente autoritária, minha amiga empalideceu completamente.

—Sim, senhor. —Ela disse em choque.

Ethan Lewis dá lugar para que eu passe e eu entro sem entender muito bem o que está acontecendo.

Sigo-o para dentro da luxuosa sala. O lugar era mais sofisticado que todas as editoras em que eu já havia estado na vida, suspeitava até que era mais luxuoso que *todos os lugares* que eu conhecia. Havia um pequeno sofá de couro e estantes pretas com livros sobre tecnologia, uma enorme mesa e uma cadeira giratória que parecia muito confortável. Por um momento me

imagino rodopiando nela. Mas o que mais chama a atenção é a parede de vidro atrás da cadeira que dava a mim uma visão completa de Seattle.

—Sente-se. —Ele comandou e o fiz. "*Agora dá a patinha*" eu penso, mas mordo meu lábio para conter uma risada.

—Você possuiu experiência? —ele questionou, as mãos pousadas no queixo com curiosidade.

—Sim. —Aquele homem devia pensar que eu era burra, mal conseguia formular uma palavra diferente de "sim". Mas aquilo era mentira, eu nunca havia sido babá. Vez ou outra, quando estava prestes a sair da casa de acolhimento as freiras me mandavam ficar no berçário, mas não era uma grande tarefa visto que os bebês estavam sempre dormindo.

—E por que você quer trabalhar com minha filha? —ele questionou. "*Mas quem disse que eu queria?*" Me perguntei mentalmente. Pesando por outro lado, dinheiro naquele momento não cairia nada mal, muito pelo contrário,

—Gosto de crianças e Zoey parece ser uma menina incrível, adoraria cuidar dela. —Tentei soar verdadeira, mas percebi que realmente havia gostado da menina.

—Você possui antecedentes criminais? Ligações com coisas ilícitas? —ele perguntou.

—Não. —Eu respondi quase consternada. "*CSI Lewis*" minha V.I cantarola. Ele vira-se para o notebook e digita por alguns segundos, estaria ele procurando minha ficha criminal? Ethan Lewis analisa a tela de seu computador por algum tempo e eu me controlo para não bufar.

—Bem, acredite ou não você é a candidata mais bem qualificada para o cargo. —O que ele queria dizer com isso? Que eu era ruim, mas não pior que as outras? —Precisaríamos de um tempo de adaptação para ver como a Zoey reagiria a você... Três meses seria o suficiente, você concorda?

—Sim. —minha voz meio falha. *Ou, ou, ou*, ele estava me contratando?

—Hum... —ele ponderou por alguns segundos, mas em seguida bufou parecendo cansado. —Eis o que você precisa saber: o trabalho é integral, Zoey precisa de atenção diária, então você ficaria hospedada em nossa casa durante a semana, Sara lhe entregará um documento explicando detalhadamente todas as suas funções, o salário é de... —Ele puxou alguns papéis em cima da sua mesa me aponta o valor cheio de zeros.

—Que? —eu engasgo. *Minha Nossa Senhora das Dívidas Pagas*. Minha vadia interior dançava com a possibilidade.

—Sim, creio que esse é um preço justo. Está *muito* acima do mercado, mas quero que Zoey tenha o suficiente...

—Não! Está ótimo, por favor. —Eu disse envergonhada com a minha reação e ele sorriu deixando escapar um pouco da carranca que ele carregava no rosto.

—Vamos experimentar o entrosamento de vocês duas, se funcionar você está oficialmente contratada. Você aceita?

—Sim. —Eu respondo meio sem forças, ele sorri novamente, um sorriso contido que não chega até seus olhos.

—Então tudo bem. Você começa amanhã. A senhorita Webber lhe dará todas as instruções, deixe com ela o seu e-mail para que você receba a agenda de Zoey. —Ele disse e se levantou para a abrir a porta pra mim, eu o copio com minhas pernas meio dormentes.

—Foi ótimo conhece-la. —Ele disse num aperto de mãos firmes. E eu

sai da sala embasbacada.

Sara estava sentada em sua mesa. Eu quase podia sentir a ansiedade saindo dela em ondas. Percebo que Zoey não está mais ali, teria realmente a menina existido ou tudo ainda era um sonho? Quase cambaleio em direção a sua mesa enquanto a porta atrás de mim é fechada e eu retorno ao mundo real onde eu não sou contratada para ser a babá da filha de um milionário.

—Então? —ela pergunta nervosa falando baixinho ao meu lado.

—Eu acabo de ser contratada. —Respondo.

Capítulo 3 — Arrumando as Malas

—Eu não me inscrevi à vaga de babá, eu juro. —Eu disse pela milésima vez desde que havíamos chegado no apartamento.

—E você quer que eu acredite que ele te achou e disse: ei, menina estranha que eu nunca vi na vida, quer ser babá da única filha que eu tenho? —ela disse pondo as mãos na cintura. Estávamos sentadas no sofá, Sara havia pedido pizza para comemorar meu emprego, mas ela se sentia meio traída por eu supostamente não ter contato sobre minha inscrição à vaga de babá.

—Mas foi exatamente isso que aconteceu! Eu cheguei para procurar você, estava chateada com o lance dos cinquenta tons de cinza. —Fiz uma carranca quando ela soltou uma risadinha estridente, quando eu lhe contei pela primeira vez o que dia acontecido, ela riu da minha cara por horas. —Ela estava sentadinha, eu puxei papo com ela e lhe ofereci uma jujuba, nós conversamos e ...

—Espera aí! —ela me parou erguendo as mãos no ar como se detivesse o trânsito. —Você conversou com a menina? —ela questionou incrédula.

—Sim! Qual o problema? —eu perguntei enquanto dava uma boa mordida na minha pizza, fazia tempo que não comprovamos aquela pois ela era muito cara, estava tão deliciosa...

—Me escuta aqui, garota! Eu jurava até pouco tempo que essa menina era muda. Sempre que a avó dela precisa conversar com o Sr. Ethan ela deixa a criança comigo. Ela não é do tipo que fala muito, na verdade ela não fala nada. —Minha amiga disse coçando o queixo como se fosse a própria Sherlock.

—Sério? A mim ela pareceu muito simpática, conversou comigo e até comeu uma jujuba, mas ela realmente parece uma criança muito triste. —Eu meditei.

—O boato que corre... —Sara começou em voz baixa e solene como se as paredes do nosso apartamento fossem colegas de trabalho fofoqueiras. —É que Ethan nunca se recuperou da morte da esposa. Eu não trabalhava lá ainda, mas Erika me contou que foi um pouco depois do nascimento da menina, dizem que o sr. Lewis ficou devastado por meses e mal conseguia

sair da cama e que isso reflete no comportamento da menina. O sr. Lewis é muito protetor e acaba prendendo a pobrezinha, ela mal fala, parece ter sido ensinada para temer tudo.

—Que triste. —Eu disse me compadecendo verdadeiramente do caso. Eu não poderia imaginar ter a mesma criação da pequena Zoey, eu havia crescido sem um lar para começar e isso havia endurecido minha infância. Não havia monstro nenhum debaixo da cama que me fizesse temer.

—E agora você vai estar lá, bem no meio da toca do leão. —Ela riu

Continuamos a assistir o noticiário sem mais conversar sobre meus futuros padrões. Sara finalmente aceitou o fato de que eu trabalharia para os Lewis, mas ainda não tinha digerido bem o fato de que eu ficaria na casa deles durante a semana.

—Você vai realmente me deixar aqui sozinha? —ela questionou horas depois quando estávamos lavando os pratos para nos deitarmos. Ela tinha os olhos virados para frente.

—Você acredita realmente que vai transformar esse lugar na zona que você quer? —eu disse jogando água nela, ela deu um gritinho e gargalhou. —Eu preciso de um lugar para morar nos finais de semana. Além disso é por pouco tempo, só até eu conseguir pagar minhas dívidas e conseguir um emprego em uma editora de maior porte. —Estávamos numa pior, tínhamos contas para pagar, empréstimos e luz, água, internet, as compras... A lista era infinita e eu não podia e nem queria deixar Sara lidar com tudo aquilo sozinha.

Conversamos mais um pouco, ela me ajudou a lavar meu pijama que havia caído na privada. *O que seria de nós sem a Sara?* Minha vadia interior questionou e eu também não sabia a resposta. Seria difícil sem ela, era para minha melhor amiga que eu recorria sempre que algo dava errado, desde como ajeitar o macarrão que eu havia colocado muito sal ou como lidar com meus impostos.

Minha amiga foi para o seu quarto, eu também o fiz. Deitei na minha cama, mas não conseguia dormir. Estava verdadeiramente preocupada com o dia de amanhã, iria conhecer a casa dos Lewis e ter a tarde com Zoey. No fundo eu sabia que o que me incomodava era a possibilidade de encontrar

com Ethan, ele me intimidava... Não era apenas isso, ele me causava um sentimento estranho de desalento, como se eu nada pudesse fazer por ele e sua alma triste.

Pensando em Ethan e Zoey caí num sono inquieto e sem sonhos.



Acordei na manhã seguinte sobressaltada, mas logo me acalmei. O fato de não ter que procurar emprego era um sopro de vida no meu ânimo. Eram oito da manhã, as eu já me sentia disposta, praticamente dancei até chegar no banheiro. Escovei meus dentes e joguei água gelada no meu rosto rapidamente, voltei para o quarto, vesti-me confortável, com uma calça de moletom e camiseta, segui até a cozinha. Sara estava fazendo o café da manhã, me arrastei sorrateiramente até ela.

—Bom dia, Sara. —Eu disse e ela pulou assustada, gargalhei. Assustar Sara era um dos meus passatempos preferidos, ela sempre estava concentrada e nunca me via chegar. —Troco por ontem. —Falei rindo e ela revirou os olhos.

—Bom dia, Aurora. —Ela disse e eu logo perdi o interesse em suas atividades. Voltei para o quarto, era hora de arrumar as malas, por já ser quinta feira eu só ficaria dois dias na casa de Zoey e retornaria para o fim de semana. Achei estranho um cara contratar uma babá, mas querer passar o fim de semana com a filha.

Puxei o maço de folhas de instruções e procurei por indicações do que vestir.

(iv) Quanto as vestimentas.

A contratada tem livre arbítrio para escolher com o que se vestir, contato que as roupas sejam recatadas e descentes.

Em ocasiões especiais -vide festas, jantares e coqueteeis- em que sua presença se fizer necessária, a contratada deve vestir-se adequadamente para a ocasião e se necessário usar o cartão de crédito que lhe será confiado.

—Ah! —eu gritei entusiasmada. Minha V.I dançou quando percebeu que teríamos um cartão de crédito. Mas ela parou a dancinha imediatamente: como assim recatadas e descentes? Que machismo! Eu fiz biquinho, usaria o

que julgasse confortável. Não que eu fosse buscar a garotinha usando um biquíni, mas essa coisa de recato era obsoleta.

Reuni poucas peças, apenas o necessário para dois dias, camisetas, uma saia longa, jeans e sapatos simples. Acho que tudo estava *recatado* o suficiente. Revirei os olhos para o pensamento. Resolvi checar meu e-mail, fui informada de que receberia a agenda de Zoey em anexo. Como se houvessem muitas coisas que uma menina de seis anos pudesse fazer.

Sentei-me em frente ao meu velho notebook, olhei para o papel de parede por alguns segundos, Sara e eu completamente embebedadas, abraçadas e sorrindo para foto, época da faculdade. Agora eu estava indo para um trabalho sério (todos aqueles zeros no cheque me asseguravam que aquela era a coisa mais séria que eu já fiz em toda minha vida) e de repente não éramos mais Sara e eu contra o mundo em busca de um emprego para mim (nota mental: esse é um bom nome para livro), seria eu sozinha contra uma criança. Afastei-me daqueles pensamentos que estavam me deixando nervosa e entrei na minha conta de e-mail.

—Mas o quê que é isso? —eu quase gritei quando abri minhas mensagens. Havia uma planilha no formato *Excel* com múltiplas cores de marcadores, comentários explicando cada atividade de sua rotina. Balé, francês, aulas de etiqueta, aulas de equitação, piano, flauta doce... “*Que diabo de criança toca flauta doce??*” Minha V.I desmaiou ao ver tantas aulas extras. Nem eu no auge dos meus 25 tinha tantas atividades por dia.

Havia outro anexo contendo as restrições de Zoey, abri-o com medo. Doces apenas uma vez por mês e em pequenas quantidades, nada de dormir na casa de amigas durante a semana, refeições equilibradas, havia também seu cardápio semanal que incluía até mesmo os pequenos lanches que ela teria que fazer. Tinha até mesmo quantos banhos a menina tinha que tomar por dia. Eu estava boquiaberta sem poder acreditar.

Me compadecei pela menina, infância tinha sim que ser tempo de aprendizagem, mas também era época de ser criança, de brincar, fazer travessuras, cair e se machucar. Mas aparentemente Zoey mal tinha tempo de respirar. Olhei novamente para a agenda apertada da menina, lembrei-me de seus olhinhos azuis tristes. Meus olhos encheram involuntariamente de lágrimas, eu não devia me sentir tão afetada pela vida daquela menina, afinal

de contas ele era o pai, devia saber o que estava fazendo com ela.

Coloquei minha cabeça em minhas mãos. Eu sabia que não era assim, eu não podia ver a infância daquela doce menina ser tomada e não fazer nada. Essa era uma época de que eu não tinha boas recordações, por outros motivos, mas eu não queria ser conivente com a retirada de infância da menina. Todas as pessoas tinham direitos a essa fase. Eu podia ajudar não podia? Se fosse um trabalho editorial e eu visse um grande furo que pudesse corrigir eu mesma eu deveria fazer não deveria? Segurei o cordão que estava comigo desde meu nascimento enquanto suspirava pesadamente tentando tomar uma decisão que fosse coerente.

Zoey não era um simples trabalho editorial, ela era uma criança e eu não devia passar por cima dos valores que o pai dela estimulava. Corria o risco de ser mandada embora antes mesmo de conseguir dizer “contas pagas” se o fizesse. “*Por outro lado...*” minha vadia interior meditou. Era meu dever enquanto babá assegurar o bem-estar dela e essa era a solução do problema. Prometi silenciosamente que tentaria fazer isso por Zoey, eu iria conciliar as vontades do pai dela e daria meu toque para os dias da pequenina. E meu jeito seria muito mais doce.

Capítulo 4 — A Casa Azul no Fim da Estrada

—Eu mal posso acreditar que você está indo embora. —Sara fez beicinho na manhã seguinte quando me viu vestida e de mala pronta. Eu estava nervosa, com medo de não passar uma boa impressão coloquei minha roupa mais Mary Poppins do século vinte e um, uma saia longa azul marinho e uma camisa branca de seda. Penteei meu cabelo cuidadosamente, torci as laterais para trás e preendi. Estava realmente me parecendo com uma babá.

—Eu não estou indo pra Marte, Sara. Ainda é Seattle, no fim da estrada, se quiser me ver é só me ligar que podemos sempre nos encontrar, além do mais passaremos os fins de semana juntas. —eu tento conforta-la, vi lágrimas se formando em seus olhos e não consegui me conter, sai correndo em sua direção e a abracei.

—Vai ficar tudo bem, querida. Eu não vou te abandonar. —Eu prometi e ela sorri envergonhada afugentando as lágrimas. —Olha para nós, há três anos nesse mesmo dia provavelmente estávamos mortas de tanto beber e agora eu estou indo para o meu primeiro emprego fixo. —eu digo meio presunçosa e ela se afasta rindo.

Passamos mais um tempo relembrando nosso tempo de faculdade, todos os choros, risadas e longas bebedeiras. O tempo foi-se rápido, logo Sara saiu para o trabalho, tivemos que nos controlar para não cairmos no choro novamente. "*Qual é, até parece que você está indo para a guerra*" minha Vadia Interior se enraiveceu. Respiramos fundo e fingimos que éramos maduras e que aquilo era apenas um momento.

Então eu estava sozinha em nosso minúsculo apartamento. Não estava preparada para a onda de sentimentos que me tomou.

Parei no meio da pequena sala relembrando cada noite de filme, cada vez em que ambas dormimos no apertado sofá verde musgo. Cada namorado estranho que trouxemos para a outra conhecer e nos arrependermos logo em seguida. Em cada dia de verão em que nos sentamos no velho tapete do cômodo. Dei um passo e localizei um pequeno queimado em sua tapeçaria fruto da única vez em que Sara fumou na vida. Na estante uma procissão de fotos nossas, na faculdade, nas últimas férias em que passei na casa dos

Webber em Albuquerque.

Guardei na memória todos os quadros pendurados meio precariamente nas paredes, eles nada mais eram do que imitações baratas compradas em feiras livres. As paredes cor creme que Sara e eu pintamos no outono passado, cada detalhe da casa fazia parecer com que sair dali era algo errado. Suspirei pesadamente, eu tinha que ser adulta e enfrentar a vida.

Respirei fundo mais uma vez. Meu celular começou a tocar minha santa Beyonce, procurei-o por todo canto, quando ele estava nos últimos acordes pronto para desligar eu atendi.

—Hum, alô. —Eu odiava falar ao telefone.

—Alô, senhorita Devonne? Aqui é Richard Prince, sou seu motorista até a casa dos Lewis, estou esperando-a na porta de seu prédio.

—Ah, eu já estou descendo. —respondi meio envergonhada.

—Quer que eu suba para pegar suas malas, senhorita?

—Não obrigada, é apenas uma, está tudo bem. —Eu digo fico em silêncio, nunca soube como reagir corretamente em ligações telefônicas.

—Ok, senhorita. —ele responde por fim e desliga. "*Desligar seria uma boa, anta*" minha V.I ralha. Estava absolutamente nervosa, mas parte de mim estava presunçosa, num dia eu estava completamente falida e no outro havia um motorista a minha disposição. Óbvio que eu continuava falida, mas agora eu tinha classe.

Na verdade, eu estava nervosa demais para formar pensamentos coerentes. Olhei-me pela última vez no espelho e alisei minha camisa, na esperança de estar impecável. Respirei fundo algumas vezes e peguei minha pequena mala, amaldiçoei-me por ter escolhido aquela maldita mala de *The Simpsons*, os Lewis iam achar que eu era desequilibrada. Tranquei a porta e guardei minha chave dentro da bolsa de mão que carregava.

Morávamos no quarto andar e para coroar meu primeiro dia de trabalho o elevador estava enguiçado há quase dois meses. Teria de descer quatro lances de escadas carregando uma mala de *The Simpsons*. Fiz os primeiros três degraus com dignidade, puxando a mala atrás de mim e dando passos firmes, até que me cansei e simplesmente deixei-a derrapar pelas escadas na minha frente. Já no segundo andar, minha mala pegou uma velocidade

inimaginável e acertou com tudo a porta da síndica do prédio.

—Caramba! —eu gemi e corri para pega-la antes que a senhora Jackson aparecesse e me desse um longo sermão sobre chamar a polícia por perturbação da ordem.

Eu corri tanto que em menos de um minuto estava na portaria. Completamente ofegante e um pouco suada.

—Vai viajar, senhorita Devonne? —o porteiro simpático com um nome estranho que eu nunca me lembrava me tirou de meus devaneios.

—Ahh não, estou indo trabalhar, ficarei em horário integral. —eu respondi. Gostava daquele senhorzinho com óculos fundo de garrafa e um bigode *alá* Mario Bross.

—Puxa, o que a senhorita vai fazer? —ele perguntou arregalando os olhos, eu sorri me exibindo um pouco.

—Ah, vou trabalhar pessoalmente para o dono da maior empresa de Seattle. —eu disse em forma de gracejo.

—Ah sim... —ele disse me mandando um olhar sacana. O quê? Ele achava que eu iria prestar *aquele* tipo de serviços para o senhor Lewis??

—Não, não! Eu vou ser babá. —eu disse erguendo minhas mãos como se eu pudesse deter com elas a linha de raciocínio dele.

—Ah tudo bem, não é da minha conta. Esses jovens têm fetiches estranhos. —ele se desculpou franzindo o cenho.

—Não! Eu serei babá da filha dele. Ela tem quatro anos. —eu expliquei pausadamente, ele corou pelo mal-entendido e sorriu.

—Sendo assim tudo bem, bom trabalho senhorita. —ele me desejou com um sorriso leve e voltou-se para o seu radiozinho de pilhas.

Lembrei-me do motorista que me esperava e agarrei minha mala correndo em direção à rua. Do lado de fora um carro preto que eu nem me dei o trabalho de tentar decifrar o modelo me esperava, eu não entendia de automóveis, mas sabia identificar um carro caro quando o via. Ao seu lado havia um homem de no máximo cinquenta anos me esperando, vestido com um terno preto discreto.

—Senhorita Devonne? —ele perguntou.

—Sim sou eu. Me chame de Aurora, por favor. —eu respondi erguendo minha mão para um cumprimento, ele olhou-me por um segundo e sorriu enquanto apertava minha mão.

—Aurora, sou Richard, por favor, dê-me sua mala. —ele disse educadamente enquanto abria a porta do carro para que eu entrasse.

"Uhul", minha Vadia Interior comemorou. Eu nunca havia sido levada por um motorista para nenhum lugar. *"A não ser o do ônibus, metrô, os raros táxis, a Sara..."* Bom, talvez eu já tivesse sido levada a alguns lugares.

O simpático homem pôs meus pertences no porta-malas e dirigiu-se para o banco do motorista, eu contentei-me em sentar atrás para poder apreciar a vista. Eu era infantil o suficiente para me sentir feliz em passeios de carro. Quando ele arrancou de frente do meu prédio eu senti uma pontada no coração, estava parcialmente partindo e aquilo me entristecia.

—Como são os Lewis como patrões? —eu perguntei para quebrar o gelo. Sara me repreendia por sempre querer preencher o silêncio com um tagarelar frequente.

—Bom, eu raramente vejo o senhor Ethan, geralmente presto serviços a mãe dele, Jasmine, e a menina Zoey, levo-a para a escola e essas coisas. —ele responde enquanto a cidade passava rapidamente por nós. —Eles são todos muito educados, se posso assim dizer, geralmente pessoas tão... abastadas quanto eles gostam de se manter longe dos empregados. Mas eles fazem questão de manter contato com quem trabalha para eles na casa. Eu mesmo fui ao aniversário de Jasmine no mês passado.

—A mãe do senhor Lewis mora com eles? —questiono. As regras de etiquetas diriam para que eu não ficasse perguntando essas coisas, mas queria absorver o máximo de informação para tentar aplacar o nervosismo.

—Sim, em razão da morte da esposa de seu filho ela ficou na casa para cuidar de Zoey. —Aquilo pareceu entristecê-lo. Aparentemente Ethan nunca havia conseguido tomar conta da filha sem a presença da falecida esposa.

—Como é a rotina deles? —eu tento mudar de assunto para afastar o clima pesado.

Richard era um bom conversador, engatamos em vários assuntos, desde o trabalho até seus hobbies. Quando falamos sobre o emprego, ele me

tranquilizou dizendo que trabalhava para a família a bastante tempo e dizia nunca ter tido problemas com eles.

—Onde afinal fica essa casa? —perguntei quando vi que nos afastávamos da cidade.

—Por questões de privacidade eu acho, eles moram num lugar isolado. —ele diz e dobra a direita numa ramificação da estrada, quando Richard o faz começo a ver algumas mansões. Há uma pequena guarita, paramos ali, Richard mostrou seu crachá e entrou sem grandes problemas, vi mais alguns seguranças, o lugar era bem protegido.

—Caramba! —eu admiro alguns dos poucos palácios ao meu redor.

—Você não viu nada ainda, aqui mora gente muito rica, gente de Hollywood eu quero dizer. —Imagino o quão maravilhoso seria acordar de manhã para recolher o jornal e dar de cara com alguém famoso cortando a grama.

Paramos em frente a um casarão azul, um portão de ferro ornamentado se abre ao nosso redor. Aquele era o lugar mais lindo que eu já havia visto em toda minha vida, era um consideravelmente menor que as outras casas da vizinhança, mas ainda sim a mais bonita. O mais impressionante era o jardim impecável que se estendia por um longo gramado em frente à casa de estilo colonial. Tudo ali era deslumbrante, desde a arquitetura da mansão a fonte de água.

—Chegamos senhorita. —ele anunciou e eu estava completamente embasbacada, me sentindo insignificante em oposição a tanto luxo.

Richard abriu educadamente a porta do carro para mim e eu desço, analisando cada canto. Tudo era muito curioso e eu não conseguia desgrudar os olhos. Andamos pelo caminho de pedras brancas entre o jardim até a varanda (que tinha duas vezes o tamanho de meu apartamento). Antes mesmo de qualquer anúncio de nossa chegada, uma empregada uniformizada abre a porta antes de batermos.

—Por favor, entrem. —Ela disse educadamente. Eu precisava urgentemente de aulas de etiqueta para ficar perto deles. —A senhora Lewis os espera. —ela informou e como eco de suas palavras surgiu uma elegante mulher no topo da escadaria que cortava a sala. Ela tinha cabelos num tom

louro escuro e os fios eram curtos e despojados, usava roupas que faziam as minhas parecerem trapos. Ela me lembrava remotamente a rainha em “*Diário de Uma Princesa*”.

—Senhorita Devonne, é muito bom conhece-la. —ela disse sem muita emoção enquanto descia as escadas como uma miss. —Zoey falou muito bem de você.

—É ótimo conhece-la também senhora Lewis, me chame de Aurora, por favor. —eu respondi timidamente e ela sorriu.

—Richard, leve as malas de Aurora para o quarto de hóspedes ao lado do quarto de Zoey, por favor. —ela se dirigiu ao motorista de uma maneira amorosa, eu o olhei e vi que o mesmo a fitava com um carinho exagerado. *Hum...*

—Bem, Aurora, me chame de Jasmine, sou a mãe de Ethan, sou eu quem cuida para essa casa ser um lar. —ela suspirou e em seguida sorriu de maneira meio mecânica. —Venha, temos tempo antes de Zoey chegar da escola, quero lhe mostrar a casa.

Ela pegou a minha mão e saiu me puxando em direção as escadas. Tudo ali parecia coisa de cinema, as escadas luxuosamente ornamentadas, todas as tapeçarias e peças de porcelana, as paredes em um tom branco e completamente imaculado. Já no andar de cima ela me levou até um longo e largo corredor.

—Aqui ficam os quartos, o meu é esse primeiro. —ela aponta e quando andamos por mais três portas ela para. —Aqui é o quarto de Zoey e ao lado do dela o seu. —ela informou e abriu a porta. Eu não consegui conter meu arfar de surpresa.

O quarto era maior que todos os apartamentos em que tinha morado. Havia uma grande cama de casal, criados mudos, escrivaninha, um computador de última geração, duas portas que eu imaginei serem do banheiro e... “*UM CLOSET*” minha vadia interior gritou fazendo meu cérebro virar mingau. Meu sonho de infância era ter um closet, mesmo no orfanato em que morei eu nutria a esperança de um dia ter um quarto só para minhas roupas. Eu me contentaria em dormir no sofá e mesmo assim estava ganhando um quarto enorme e luxuoso. Era sorte demais, olhei para os lados

suspeitando ser uma daquelas pegadinhas em que a babá é contratada e a Anabelle aparece a noite para ela. Mas na verdade eu acreditava que aquele era exatamente o tipo de condições que patrões que tinham os empregados em casa deveriam ter.

—Aurora? —a senhora Lewis me chamou de meus devaneios. —Espero que tenha gostado, queremos dar-lhe o máximo de conforto. —ela disse num tom estranho, a voz quase quebrada.

—Aconteceu algo? —eu questionei, mas me arrependi, seus olhos entristeceram consideravelmente.

—O problema é meu filho. —ela diz baixinho. —Ele é super protetor com Zoey, além de ter um péssimo gênio as vezes. Nunca conseguimos manter uma babá por muito tempo e Zoey parece realmente gostar de tê-la conhecido. —num ato de coragem eu segurei sua mão, e ela me olha curiosamente.

—Não se preocupe, senhora Lewis. —eu digo e sorriu para ela que corresponde e voltou a me puxar para o andar de baixo. Eu queria dar algum conforto a mulher e fiquei feliz por ter podido fazê-lo, mas prometi para mim mesma que Ethan Lewis nenhum me tiraria dali, não antes do banco parar de enviar cartas de cobrança.

—A casa possui piscina aquecida, academia, sala de cinema e dança, você pode usufruir de tudo quando achar possível. Os empregados estão à sua disposição, motoristas, cozinheiras, sua única preocupação precisa ser com Zoey. E não ligue para os maus modos do meu filho. —Ela me disse quando chegamos na sala e estávamos indo em direção a cozinha.

—É ótimo saber que minha mãe denigre minha imagem para os empregados. —uma voz gélida soou da porta atrás de nós e ambas congelamos.

Capítulo 5 — A Pequena Zoey

—Então, posso saber porque está falando mal de mim com a babá? — ele questionou. Meus olhos, antes fixos no chão, tomaram vida própria e fixaram-se no rosto dele. Ele era sem ainda dúvidas lindo de perto, tinha penetrantes olhos castanhos, o cabelo estava levemente despenteado, o terno preto que ele usava caía muito bem, dando forma ao seu musculoso dorso. Engoli seco quando vi que ele percebeu minha olhada descarada.

—Ah, Ethan, só estou sendo verdadeira. —ela sorriu envergonhada. — Estou surpresa, você chegou tão cedo hoje, nem é meio dia ainda. —Jasmine tentou desconversar.

—Só vim pegar alguns documentos que havia pensado não precisar, mas que vão ser úteis. Além disso, vou voltar para casa tarde hoje, tenho inúmeras reuniões. —ele revirou os olhos. —É muito bom vê-la, senhorita Devonne, espero que se estabeleça bem.

—Obrigada, sr. Lewis. —eu respondo meio sem graça. Seu tom deu a entender como se fosse: *"não faz diferença de te ver menina estranha"*, minha V.I fazia gestões obscenos para ele. *"Esse maldito ar de superioridade..."*

—Venha, Aurora, quero lhe mostrar a cozinha. —A senhora Jasmine quebrou o desconfortável silêncio que se instaurou. Nós duas saímos do cômodo e entramos na cozinha, minha vontade foi sentar-me e nunca mais sair dali.

—Bem, esta é Vivian, nossa cozinheira. —ela diz e a mulher roliça e de cabelos avermelhados sorri carinhosamente, me sentida bem recebida. Vivian parecia-se muito com as freiras do orfanato em que cresci, olhares carinhosos e rostos contidos, imediatamente gostei dela.

—Olá Vivian. —eu cumprimento.

—Olá Aurora, é um prazer conhece-la, espero que se dê bem com a menina Zoey. —ela disse verdadeiramente. —Bem, o almoço já está pronto se quiserem.

—Ah, eu adoraria que almoçasse comigo, Aurora. Nesta casa não

fazemos distinção de quem senta à mesa ou não, somos todos uma grande família. —Jasmine disse inspiradoramente, mas não consegui realmente acreditar. Não queria fazer juízo de valores sobre eles, mas não sabia até que ponto estavam tentando apenas serem agradáveis para que eu me apegasse e não desistisse como as outras babás.

—Vou pedir para que sejam servidas. —Ela informa e nós saímos da cozinha. A senhora Lewis me leva até a luxuosa sala de jantar, nos sentamos, a mesa já está posta, sinto-me agradecida de não haver inúmeros garfos e facas.

O almoço ocorre tranquilo, Jasmine bombardeou-me com perguntas, desde onde eu morava até o meu grau de estudo. Ela ficou prazerosamente satisfeita quando soube que eu havia me formado na faculdade.

—Mas se formou-se na universidade porque se tornou babá?

—Precisava de dinheiro e além disso gostei de Zoey. —ela sorriu educadamente e continuou o falatório.

A refeição terminou rápido, Vivian cozinhava muito bem, já me imaginava pedindo a ela para fazer vários e vários bolos, mas pelo que eu havia percebido todo mundo naquela casa era *fitness*, duvidava que alguém ali comia bolo.

—Vovó? —uma voz amorosa e infantil chamou, eu instantaneamente congelei. Zoey havia chegado.

Ela entrou no cômodo parecendo uma princesinha. A menina usava uma saia xadrez misturando branco, azul marinho e vermelho, camisa branca, um pequeno casaco preto com um brasão em vermelho. "*Tu dissés R, yo digo BD*" minha V.I cantou e eu mordi o canto inferior dos lábios para não gargalhar. A única coisa que diferenciava a menina de uma personagem de *Rebelde* era sua mochila do Vila Sésamo.

—Aurora. —Zoey disse verdadeiramente contente quando me vê, é impossível para mim não retribuir ao gesto.

—Zoey, que bom te ver. —eu disse e ela inesperadamente veio em direção a mim e se aproximou para me abraçar. Jasmine olhou tudo boquiaberta. —Vamos almoçar?

—Não, obrigada. Eu almocei na escola, mas gostaria de tomar um

banho. —ela disse educadamente, eu me surpreendia a cada vez que ela abria a boca, seu vocabulário era extremamente rico.

Eu me levantei da cadeira deixando uma Jasmine completamente pasma e ignorada. A menina pegou minha mão e me guia até seu quarto. Eu não havia realmente prestado atenção no quarto —por estar completamente embasbacada com o *meu* closet—, o cômodo era todo em tons de rosa, havia uma cama de casal. Havia um dossel que vinha do teto até o chão cobrindo a cama, todos os móveis em uma madeira branca ornamentada, haviam algumas bonecas e ursinhos de pelúcia, uma poltrona branca e uma pequena estante de livros infantis, duas portas assim como meu para closet e banheiro.

—O que você costuma vestir quando chega da escola? —eu pergunto incerta, posso acabar vestindo a menina de ratinho só porque ela ficaria uma gracinha.

—No meu closet as roupas estão separadas, tem uma estante de roupas de ficar em casa. —ela respondeu e eu confirmei minha suspeita: ela tinha mais roupas que eu.

Entramos ainda de mãos dadas para pegar suas roupas, o closet é do tamanho do meu quarto no apartamento com Sara, com uma iluminação bem melhor e um carpete mais caro. Eu olho para aquelas roupas incerta de com o que vesti-la, sentia que agora tinha minha própria boneca para montar. Optei por um vestido azul marinho de alcinhas.

Seguimos para o banheiro, havia ali uma grande banheira, esperava que no meu também houvesse ficaria a noite toda dentro dela. Liguei a água quente e começo a retirar as roupinhas de Zoey, ela inicialmente se sentiu meio envergonhada, mas eu tento deixar o meu rosto o mais calmo o possível, quando na verdade estou quase pirando por nunca ter dado banho em uma criança na vida. Parecia uma péssima ideia ter me candidatado para babá na vida mais do que nunca.

Quando a garotinha entrou banheira seu corpinho imediatamente relaxou e eu peguei um sabonete líquido, shampoo e condicionador para lhe lavar. Eu a ensaboo e enxaguo-a, a menina gargalha quando passo a mão em sua barriguinha e eu faço algumas cosquinhas ali.

—Feche os olhinhos. —eu instruo e ela o faz, começo a distribuir shampoo pelos seus compridos fios e assim que o tiro o condicionador.

—O que temos para hoje, Zoey? —eu pergunto esperando que sua resposta seja assistir desenho ou brincar

—Tenho aula de ballet. —ela diz meio tristonha. Que absurdo! Meu grande sonho sempre foi ser bailarina.

—Que legal! Eu sempre quis dançar quem sabe você não possa me ensinar. —eu disse sorrindo, os olhinhos de Zoey se iluminaram. —Além de ballet, o que faremos hoje?

—Tenho lição de casa, você me ajudaria? —ela perguntou incerta. Mesmo eu sendo paga para não desgrudar um minuto dela a garotinha era

educada o suficiente para considerar minha vontade. Eu não sabia se por não ter dimensão de sua riqueza e poder ou se simplesmente por boa educação, mas gostei daquilo, não queria lidar com uma criança que ameaçasse não me pagar.

—Óbvio, eu só não sou muito boa em matemática. —eu disse sorrindo e revirando os olhos, ela gargalhou e eu fiz mais cosquinhas, Zoey ria alto e a tirei da banheira a enrolei na toalha, ela ainda soltava risinhos, foi quando eu olhei para trás e vi Ethan parado no batente da porta e congelei.

—Papai! —Zoey disse ainda rindo, Ethan sorriu de maneira verdadeira, pela primeira vez, o sorriso chegou a seus olhos.

—Vim me despedir, já estou voltando para o trabalho. —ele informou e a menina fez beicinho, Sr. Lewis saiu de sua postura extremamente composta e a tomou dos meus braços, abraçou-a e começou a seca-la, passando a toalha cuidadosamente.

—Você sabe que eu adoraria ficar, mas tenho que trabalhar. —Ele beijou o topo de sua cabeça e começou a vesti-la, Zoey parecia muito confortável com a cena, um bolo forma-se em minha garganta, por algum motivo bobo aquela imagem (um pai amoroso vestindo a filha) me emocionou.

—Além disso, você parece estar se divertindo muito com a babá. —Ele disse meio enciumado, Zoey apenas sorriu. —Tchau filha, quando eu chegar você já vai estar dormindo. Eu te amo, minha pequena. —ele disse carinhoso, Zoey o abraçou e eu lutava para não chorar.

Quando eles se soltaram, a postura de bondade e amor de Ethan se perdeu e seus olhos tornam a ser frios e pragmáticos.

—Até mais, senhorita Devonne. —ele se despediu ríspido, minha vontade é de jogar a água da banheira na cara dele, mas eu apenas sorri.

—Até, senhor Lewis. —minha V.I faz planos de arranhar o carro dele e eu compactuo com eles. Ele sai do banheiro de ombros arqueados e postura altiva. Eu realmente não queria ser um dos investidores *contra* Ethan Lewis.

—Vamos até o meu quarto? Preciso consultar a sua agenda para ver que horas preciso leva-la a aula de ballet. —eu pergunto quando saímos do banheiro, não consigo me controlar com tamanha fofura, simplesmente pego-

a no colo e aninho nos meus braços.

—Na verdade, ela vai vir até aqui, temos um estúdio de ballet. —ela informa e eu congelo no lugar.

"Minha Nossa Senhora das Fortunas, eles são muito ricos".

Capítulo 6 — Salada de Fruta

—Você está perdendo o ritmo, Zoey, do começo. —a professora com cara de vovó disse pela milésima vez desde o começo da aula. Zoey mantinha os olhos baixos já esperando por mais críticas, eu estava sentada num canto do salão a ponto de xingar a bailarina.

O lugar era rodeado de espelho e tinha barras presas a parede, para mim era difícil de acreditar que tudo aquilo havia sido construído para que uma menina de cinco anos pudesse ter aulas de ballet duas vezes por semana. Entretanto não conseguia me ater muito a toda riqueza, eu contava os minutos para tirar Zoey daquela sala, não queria que ela ficasse ouvindo as broncas mal-educadas daquela mulher.

—Bem, Judith, a Zoey precisa ir agora. —Eu disse incomodada com tamanha rispidez. Já estava mais do que claro para mim que os métodos dela eram baseados na humilhação. Era incrível como mesmo ela recebendo, certamente, rios de dinheiro, ela podia tratar a pequenina como pária.

—Nós ainda não terminamos, eu preciso que ela saia daqui com as menos os passos básicos memorizados. —A mulher mal-educada disse sem ao menos olhar em meu rosto.

—Não, vocês já terminaram sim. Zoey tem mais o que fazer. —eu informei usando do mesmo tom, a mulher repentinamente fitou-me com raiva.

—Eu sou bailarina profissional a dezenove anos, sei muito bem quando devemos ou não terminar. —Ela disse pondo às mãos na cintura esculpida.

—Eu sou a babá profissional dela, sei quando ela deve parar. —eu disse e passei por ela para pegar Zoey no colo. *"Babá profissional? De onde eu tirei essa merda? Mas quem essa mulher pensa que é?"* Minha vadia se perguntou. Zoey se aninhou em meus braços e descansou o rosto em meu ombro.

—Eu vou informar ao senhor Lewis sobre a sua insubordinação. —Ela disse pegando sua bolsa raivosamente.

—Informe! Eu também foi informar o quão desnecessária você foi com a filhinha dele. —Eu digo saindo com Zoey no colo, ela parecia não pesar nada tamanha era a minha raiva. O estúdio ficava no jardim, alguns funcionários olhavam-nos curiosamente. Eu estava furiosa, aquela mulher passará o tempo todo gritando com a menina sem ao menos se importar em tentar ajudá-la a corrigir os seus erros.

—Obrigada. —Zoey disse baixinho ainda escondida no meu ombro. Entramos na casa, a senhora Lewis olhou-nos surpresa.

—O que aconteceu, Aurora?

—Aquela mulher só gritou com Zoey e a maltratou durante a aula, eu não podia deixar alguém trata-la com tanta rispidez. —Eu disse pondo-a no chão, Zoey sorriu aparentemente feliz em estar longe daquela mulher.

—Bem, a antiga babá nunca reclamou do comportamento de Judith, vou ligar para Ethan e avisa-lo. —Jasmine disse preocupada.

—Me desculpe, senhora, eu não queria parecer prepotente brigando com a professora de Zoey. —eu me desculpei, os olhos dela repentinamente se tornaram duros. *"Parabéns, Aurora você acaba de perder seu emprego tem tempo recorde"*

—Zoey, Vivian fez salada de frutas por que não vai lá na cozinha experimentar? —os olhinhos dela brilharam. Aquela criança estava satisfeita em comer frutas??? Zoey saltitou em direção a cozinha.

Eu esperava realmente não levar uma bronca, não queria no meu primeiro dia de trabalho ser repreendida por mal comportamento. Me encolhi quando a senhora Lewis suspirou e fechou os olhos por alguns segundos.

—Me perdoe, Aurora, eu não queria reagir de maneira tão ruim. O que acontece é que... Quando eu lhe vi tão chateada com as ações de Judith pensei no quanto podemos ser dispersos ao cuidar dela, nós fazemos o nosso máximo, mas sem uma mãe aqui é extremamente difícil. Eu queria que Jane ainda estivesse aqui. —Eu me surpreendi com seu comentário, Jasmine parecia uma mulher muito reservada, mas ao mesmo tempo ela estava muito cansada.

—Eu sinto muito, senhora, não queria lhe trazer más recordações. —Me desculpei e ela sorriu.

—Não, pelo contrário você já trouxe coisas boas a essa casa. Desde que Zoey te viu pela primeira vez não parou de falar sobre você. Ela demorou dois anos para se adaptar com a antiga babá e mesmo assim nunca se afeiçãoou a ela, já com você... —ela diz verdadeiramente. Eu dou um sorriso amarelo, é muito difícil pensar que repentinamente eu faço parte da vida de uma criança que me conhece a menos de uma semana.

—Aurora! —Zoey entra pela sala correndo, eu imediatamente me alarmo. —Vivian colocou morango na salada de fruta, vem experimentar. — Ela disse como se me chamasse para a maior experiência de todas. Eu sorri e fiz minha melhor cara de animação.

Ela me pegou pelas mãos e me puxou em direção a cozinha. Ainda vestida de tule e sapatilhas, de alguma maneira ela parecia ainda mais fofa se era possível. Quando chegamos a cozinha não há apenas uma salada de frutas qualquer, mas quase uma obra de arte, minha V.I começa a babar imediatamente.

—A menina é viciada em salada de frutas, sente falta de doces, a pobrezinha. —A cozinheira sorri, eu me compadeci por Zoey, eu não era ninguém sem pelo menos uma barra de chocolate semanalmente.

Sentamo-nos na cozinha e comemos tranquilamente, Vivian e eu batemos papo como amigas de longa data enquanto Zoey comia e de vez enquanto chamava minha atenção para uma conversa paralela sobre algo que havia ocorrido em sua escola. Ela era uma menininha adorável em todos os sentidos, educada e fofa.

Escapulimos para o jardim, Zoey adorava ver o jardineiro trabalhando nas flores da avó, mas eu acabei a distraindo e entramos em uma discussão sobre roupas, a menina se mostrava uma futura fashionista. Ela se entusiasmou e acabamos arrumando toda a sua infinita coleção de roupas da Barbie, pela primeira vez eu a vi agir como criança, brincando de boneca e escolhendo vestidos para seus brinquedos.

Depois, pelo restinho da tarde, eu a ajudei no dever de casa, que para uma menina de cinco anos parecia bem complicado. Eu não esperava menos, Zoey recebia uma educação de primeira e não me surpreenderia se na quinta série cuspsse no meu diploma.

—Até que enfim! —ela reclamou quando colorimos a última página de sua lição de casa. Eu gargalhei.

—Bem, já são quase oito e meia, você se divertiu muito, dançou, brincou no jardim, trocamos roupas da Barbie, agora acho legal você tomar um banho para que posso jantar e descansar. —Eu sugeri, mas sabia que sua rotina pedia que durante aquele horário ela começasse a se preparar para dormir.

—Ah não, Aurora, eu já tomei banho hoje. —Ela fez biquinho e eu gargalhei, criança era criança não importava a classe social. Eu também julgava meio exagerado a quantidade de banhos, mas como estava previsto na agenda restrita dela eu tinha que obedecer.

—Precisa tomar banho, princesa. Que tal se depois do jornal assistíssemos um pouquinho de Disney Chanel? —eu perguntei esperando que seus olhinhos brilhassem, mas a reação dela me surpreendeu.

—Eu nunca assisti Disney Chanel. —ela disse e minha boca imediatamente se abriu em choque. —Papai diz que programas de crianças não alimentam o *cérebro*.

—É cérebro, querida. —eu corrigi. —No meu quarto tem um computador, quando terminarmos seu banho podemos ir tentar assistir desenho lá.

Fomos até seu banheiro eu ainda estava meio embasbacada com a vida daquela adorável menina que não comia doces, não assistia desenho, não brincava na lama e parecia não ter amigos. Eu havia vivido minha vida toda num orfanato e havia sido feliz na medida do possível mesmo com tão pouco, entretanto Zoey tinha de tudo que o dinheiro podia comprar e ainda sim era aprisionada.

—Pega meu patinho de borracha? —Ela pediu e eu o coloquei na banheira. Dei um banho rápido em Zoey, a vesti com um pijama de astronauta e fomos descer para que ela jantasse.

Vivian havia feito sopa de legumes, Zoey comia com uma cara satisfeita. Ninguém podia negar que no fundo tanta restrição a fazia uma criança saudável, mas ainda assim parecia errado. “*Isso não é da sua conta*” eu me lembrei. Enquanto ela comia, os olhares dos empregados para ela eram

de completo amor e adoração, Zoey cativava de uma maneira estranha, em menos de doze horas eu já havia me afeiçoado a ela

Subimos sorrateiramente depois do jantar, Zoey escovou os dentes rapidamente e seguimos passo a passo para meu quarto. Peguei meu computador e vi que, por sorte, ele já estava conectado à Internet. Abri o navegador e pesquisei por um desenho que de vez em quando eu via na TV e sabia que estava na faixa de idade da pequenina. Os olhinhos da menina brilhavam de tal forma que ela nem piscava, tinha os fixos na tela. Zoey deitou-se na minha cama aninhando-se em meus braços.

Trinta minutos depois ela caiu em um sono profundo, puxei-a da minha cama, agora absorvendo todo o seu peso e eu a carreguei ao longo do corredor, quase cambaleante.

—Quer ajuda? —a voz de Ethan Lewis soou quase ameaçadora atrás de mim. Por um momento cogitei sair correndo. "*O que deu nesse homem? Ele sempre aparece sem que ninguém perceba*" minha V.I questionou.

—Boa noite senhor Lewis, aceito sim. —eu disse dando um sorriso amarelo e ele ao invés de retribuir retira a menina bruscamente de meus braços, mas sem machuca-la, sua brutalidade era dirigida a mim, ele segurava Zoey como se ela fosse a coisa mais preciosa do mundo.

Eu corro a sua frente para abrir a porta do quarto de Zoey, arrumo rapidamente seus cobertores em cima da cama. Ele a coloca cuidadosamente na cama, os olhos da menina se abrem minimamente.

—Te amo, papai. —ela disse baixinho em voz sonolenta, me emociono de uma maneira irracional, fosse pelo fato de que eu nunca havia o sentido, mas o amor de pai e filha me tocava intensamente.

—Também de amo, menina, mais que tudo nessa vida. —ele responde, mas Zoey já se encontrava num sono profundo.

Quando Ethan se virou acabou esbarrando em mim, eu estava perto demais porque acabei sendo atraída pela cena amorosa de pai e filha. Eu não esperava o que aconteceria em seguida. Ethan prendeu a respiração e eu tenho certeza que um fio desencapado passa por nós, a onda de eletricidade que me tomou ameaçava me fazer estremecer. Ele soltou o ar que vai de encontro ao meu rosto, seu hálito tinha um irresistível cheiro doce, uma mistura de algo floral e mel, quase me aproximo para inspirar, me perguntando qual seria o gosto...

—Boa noite, senhorita Devonne. —ele responde e se fastia bruscamente me deixando trêmula para trás.

Eu saio do quarto de Zoey a passos trôpego. Entro no meu quarto e bato a porta forte demais. Ainda estava trêmula pela eletricidade que percorria meu corpo. Encosto meu corpo na porta e vejo meu peito subir e descer arfante. O que havia acontecido?

Capítulo 7 — Mudanças

A cama parecia grande demais, os travesseiros não cheiravam como deveriam, mesmo depois de passar horas na banheira quente eu não me sentia relaxada para dormir. Eu ainda podia sentir resquícios da eletricidade que havia me assolado. Eu revirei pela milésima vez. Um copo de leite talvez me acalmaria. Seria de bom tom invadir a geladeira dos meus patrões as duas da manhã para beber leite? "*Anda logo, mulher. Você é uma pessoa ou um saco de batatas.*" Minha vadia interior ralhou e eu me levantei em um salto e fui em direção a porta. O corredor estava escuro, virei-me para descer as escadas, um som estrangulado me chama a atenção.

Eu me virei imediatamente para identificar se o estranho barulho vinha do quarto de Zoey, dei um passo cuidadoso para ver se havia algo de errado com a menininha. Mas me surpreendo ao ouvir perceber que aquilo se tratava de um soluço e que vinha do quarto de... *Ethan?*

Não consegui me segurar, quando dei por mim estava com a orelha grudada na porta do último quarto corredor. Minha consciência me dizia para que eu o deixasse em paz, mas minha V.I fervia de curiosidade para saber o que estava acontecendo.

—Oh Jane. —ele sussurrou dolorosamente e baixinho. Jane, a esposa. Meu coração se quebrou em mil pedacinhos. Ethan sofria muito mais do que ousará mostrar. —Por que você quis me deixar? —ele se perguntou e novamente soluçou, coleí meu ouvido com mais força na porta num ato involuntário.

Para meu azar ela estava destrancada e eu caí com tudo dentro no quarto. Fiquei no chão completamente congelada. "*Adeus emprego, contas pagas, closet e cartão de crédito, foi bom conhece-los.*" minha V.I se despediu enquanto eu esperei imóvel pelos gritos, mas eles não chegaram. Ergui devagar os olhos e vi a figura imóvel de Ethan Lewis deitado em sua cama. Ele estava virado de bruços e seu rosto oposto para o lugar onde eu estava, os soluços ainda estavam ali, porém baixinhos. Levantei-me rapidamente, minha vadia gritava para que eu saísse dali correndo o mais

rápido o possível, mas meus pés tomaram vida própria e deram um passo vacilante em direção a cama.

Eu olhei para sua figura inerte. Dormindo ele não parecia em nada com o intimidador empresário Ethan Lewis, pelo contrário, ele transparecia uma enorme fragilidade. Ergui-me na ponta dos pés para ver seu rosto, havia ali vestígios de lágrimas, seus lábios estavam levemente entreabertos, a expressão não era serena, uma ruga de preocupação se formava em sua testa.

Ethan se remexeu e mais uma vez suspirou o nome de Jane, me encolhi no canto com medo de que ele me visse. "*Porque diabos eu sou um personagem de Crepúsculo?*"

—Aurora? —"*Que seja como em Crepúsculo, que seja como em Crepúsculo*" Minha V.I implorou. —O que faz aqui? —sem coragem de me virar suspiro.

—Desculpe, senhor. Eu ouvi um barulho estranho, pensei ser Zoey, mas vi que era o senhor, resolvi checar se estava tudo bem, mas percebo que foi apenas um pesadelo, me desculpe. —eu digo e finalmente olho-o, ao contrário do que eu esperava ele não estava raivoso, tinha o dorso virado para cima e o olhar fixo no teto.

—Tudo bem, Aurora. Eu estou bem, pode voltar a dormir. —ele orienta de maneira quase carinhosa. *Quase.*

Eu saio devagar do quarto de Ethan, rápida e sorrateiramente. Volto para meu aposento incrédula, havia perdido completamente a vontade de beber o leite, apenas deitei-me na minha cama enquanto tentava lidar com o turbilhão de pensamentos que me assolavam.

Acordei na manhã seguinte mais cedo do que eu já tinha acordado propositadamente eu toda minha vida. Meu celular tocou minha santa Beyonce às cinco e meia da manhã. Eu me levantei meio tonta, os olhos ainda meio fechados. Me dirigi para o grande banheiro, resolvi tomar uma chuveirada, se entrasse na banheira morreria afogada. Diferentemente da ducha de minha casa, ali a água caía ideal na primeira tentativa, quase gemi de satisfação em razão do contato da água morna e aconchegante com a minha pele.

Fiz mentalmente minha lista de tarefas, tinha que levar e trazer Zoey da escola, leva-la as aulas de piano e em seguida natação. Um dia cheio e sem muitos descansos, aproveitaria para carregar comigo meu notebook e quem sabe escrever alguma coisa, a muito eu não escrevia nada, sentia-me num turbilhão, precisava desesperadamente encontrar minha válvula de escape.

Sai do banho enrolada em uma toalha felpuda escolhi minhas roupas, um jeans escuro e suéter azul marinho, deixei que meu cabelo caísse em ondas nas minhas costas. Olhei-me no espelho que além do meu corpo me dava uma visão completa do closet, minha imagem era terrivelmente destoante do resto do ambiente. Eu era muito simples perto de tanto luxo

Suspirei e sai do quarto, Ethan também estava saindo para mais um dia de trabalho, vestia um terno preto impecável e uma gravata cinza, parecia jovem demais para o cargo que ocupava, os cabelos castanhos levemente desalinhados, os olhos avelã transpareciam uma profundidade misteriosa, eu poderia passar horas olhando aquele homem e nunca me cansar.

—Bom dia, senhorita Devonne. —Ele respondeu fria, porém cordialmente. —Se importa se eu acordar Zoey? Sempre gosto de me despedir dela.

—Bom dia, fique à vontade. —eu disse debilmente, ele abriu a porta do quarto de Zoey entrando passo a passo e eu o segui no mesmo ritmo. A menina não havia me mexido muito, estava exatamente como eu havia a deixado, o que particularmente era um alívio, saber que Zoey Lewis havia sobrevivido ao primeiro dia comigo.

—Filha, acorde. —Ethan disse carinhosamente e debruçou-se sobre ela, deixou que seu rosto encostasse no dela e passou sua barba por fazer na bochecha dela. Zoey sorriu e segurou, ainda de olhos fechados, a face dele em suas pequenas mãos.

—Bom dia, papai. —ela disse dando-lhe um estalado beijo na bochecha, Ethan sorriu verdadeiramente e retribuiu o gesto. —Já está indo para o trabalho?

—Sim, só passei para dar-lhe bom dia. —ele acarinhou o rosto da menina com as costas da mão, seus gestos eram suaves como se ela fosse

feita da porcelana mais fina.

—Está bem, papai, bom dia de trabalho. —ela esmagou o rosto dele com as duas mãos até que seus lábios ficassem comprimidos.

—Bom dia, querida. —ele respondeu dando-lhe um último beijo e um abraço longo e saiu do quarto com um aceno demorado sem ao menos se dar o trabalho de olhar para mim. "*Talvez ele esteja com TPM*" minha vadia conspirou e eu mordi o canto inferior da minha boca para não gargalhar estrondosamente enquanto olhava para a cara dele.

—Bom dia, Aurora. —Zoey respondeu sorrindo, aquela sim era uma menina educada.

—Bom dia, princesa. —eu disse e me joguei na cama dela, a pequenina soltou uma risada alta quando eu me deitei ao seu lado. —Vamos, você precisa se arrumar para a escola.

—Eu não quero ir para a escola. —ela disse murchando. —Meus coleguinhas não gostam de mim.

—E por que não? —eu perguntei dando um pulo da cama e colocando as mãos teatralmente na cintura, por mais que estivesse fazendo aquilo para fazê-la sorrir eu estava realmente consternada.

—Eles dizem que eu não sei brincar, que sou estranha. —Ela disse formando um bico. No orfanato em que eu cresci todo mundo tinha a mesma condição financeira de pobreza por isso implicávamos uns com os outros de maneira cruel já que a questão de classe nos unia, entretanto eu não conseguia imaginar o que as crianças ricas fariam.

—Ah, amiga, isso é inveja. —eu disse e tirei-lhe das cobertas. —Quando eles te insultarem você diz: sou rica mesmo, qual o problema? E canta para eles aquela música da Beyonce, Diva.

—Quem é Beyonce? —ela disse quando se levantou e seguiu em direção ao banheiro. Eu instantaneamente parei. Meu mundo gradativamente vai ao chão.

—Como assim você não conhece a Beyonce? —minha voz saiu um pouco mais histérica do que o necessário. "*Um pouco?? Você quase deitou no*

chão e chorou lágrimas de sangue" minha V.I gritou quando viu Zoey se encolher.

—Me desculpe, Aurora. —ela disse tristonha, entrando no closet e de maneira independente pegou o uniforme da escola.

—Zoey, querida, eu não fiquei realmente chateada, eu só fiquei surpresa por você não conhecer a maior cantora da história das cantoras. —ela não respondeu nada, apenas continuou olhando para seu uniforme escolar. —Hey, docinho, tudo bem se você não conhece uma cantora, eu posso apresentá-la. Façamos assim, no caminho da escola você vai ouvindo-a comigo no carro, ok? —eu disse mansinha e a virei para mim, Zoey tinha um biquinho adorável nos lábios, minha vontade era aperta-la, não havia indícios de pirraça, ela estava genuinamente chateada, mas sorriu para mim.

—Você sabe que pode contar comigo para ser sua amiga. —eu disse e não mais resisti aos impulsos e a enchi de beijos. Eu achava que aquilo não era o procedimento padrão entre babás e crianças, mas Zoey era tão maravilhosa que era impossível não aperta-la. Ela gargalhava a cada estalo das beijocas.

Eu a levei para banheiro, escovei os dentes e os cabelos da menina enquanto ela animadamente me contava do sonho que havia tido com os personagens do desenho que havíamos visto. Toda a rotina matinal durou mais que o programado em razão de que vestir Zoey era maravilhoso, parecia que pela primeira vez eu tinha minha própria boneca para brincar.

—Bom dia, Aurora, Zoey. —Jasmine apareceu na cozinha quando eu ajudava a cozinheira a cortar frutas para poupar tempo. —Vocês não estão um pouco atrasadas? —Jasmine perguntou beijando o topo da cabeça da neta que estava sentada comportada esperando o café.

—Tive problemas em arrumar o cabelo de Zoey. —eu me expliquei enquanto colocava as frutas e o cereal de Zoey na mesa.

—O cabelo dela está muito bonito. —Jasmine elogiou as tranças boxeadora que eu havia feito enquanto pegava uma xícara de café.

—É justamente por isso. Digamos que eu me empolguei com ele. —eu sorri e comi rapidamente uma barrinha de cereal.

O café da manhã passou como um borrão, pedi para que Zoey esperasse no andar de baixo enquanto eu corria para pegar seus pertences, ela tinha uma mochila gigante e pesada, quase cai ao tentar segura-la. Desci a escadaria de dois em dois degraus. *"Como se quebrar o pescoço fizesse você poupar tempo"*

—Vamos, Richard, você vai precisar acelerar essa banheira. —eu brinquei quando coloquei Zoey na cadeirinha. O motorista ergueu uma sobrancelha questionando-me. —Desculpe, eu sempre quis falar isso. —eu respondi comprimindo meus lábios para não gargalhar.

E seguimos pelas estradas de Seattle.



Eu não imaginava que pudessem haver tantas babás e tantas crianças ricas em Seattle. A escola de Zoey parecia um pequeno castelo, os muros altos de pedras e grandes janelas retangulares. Era como se eu estivesse em Hogwarts, quase podia me imaginar saindo por ali lançando feitiços por todo lado.

Estava sentada em um banquinho no pátio, eu poderia ir beber um café ou tirar o tempo para fazer algo construtivo para mim, mas todas as babás permaneceram no pátio quando o sinal bateu, escolhi fazer o mesmo e fiquei sentada no pátio do estacionamento em frente à escola durante toda a manhã, tive sorte por ter trago um livro de poesias que eu mesma havia revisado.

—Ei, você é a babá da menina do Lewis? —uma senhora roliça fumando um cigarro de menta me chamou.

—Ah sim, sou Aurora, prazer. —eu cumprimentei e ela me deu um sorriso amarelo enquanto prendia o cigarro nos lábios.

—Ei, Grace, o gostosão arrumou uma nova babá. —a cuidadora gordona chamou uma outra babá muito parecida com a Olivia Palito.

—Uou, você vai ter sorte se parar na cama do Lewis, eu gostaria muito de ser essa pessoa. —ela gargalhou. —O meu patrão é um velho babão casado com uma menina novinha, no mínimo nojento.

—Eu não vou parar na cama dele. —eu me defendi e elas me ignoraram.

—Você tem sorte, a menina é um doce, o pai é uma delícia. —a babá gordinha me parabenizou. Eu apenas revirei os olhos. Só sairia dali quando fossem quatro da tarde, precisava achar um lugar para almoçar.

—Vocês sabem onde por aqui tem um restaurante? -eu perguntei.

—Bem, no final da rua tem um restaurante italiano, é a única coisa que tem comível por aqui. Nós todas trazemos comidas de casa, mas lá tudo é bem gostoso.

—Obrigada. —eu sorri e olhei para o relógio, já era meio dia, as babás saíam furtivamente para comerem e eu as imitei seguindo para um restaurantezinho no final da rua.

O lugar não era refinado, parecia bem estereotipado, possuía toalhas listradas de vermelho na mesa, as paredes eram verdes e haviam quadros da Toscana espalhados por ela. Poucas mesas compunham o lugar, mas haviam muitos clientes, era um recinto familiar e aconchegante. Sentei-me sozinha em uma mesa afastada no canto, resolvi que comeria *tortellini* com um tipo de queijo que não me dei o trabalho de decorar o nome. O garçom simpático trouxe-me o prato enquanto desejava-me bom apetite em um italiano carregado de sotaque do sul. Eu gargalhei e agradei com meu melhor *grazie*. A comida parecia incrivelmente apetitosa, eu raramente tinha dinheiro para comer em restaurantes um pouco mais bacanas, mas era uma ajuda a minha autoestima estar comendo *tortellinis* em um restaurante no centro de Seattle.

—Aurora? —uma voz masculina e forte me chamou eu imediatamente congelei. —Aurora? —ele perguntou de novo e eu me virei devagar.

—Senhor Lewis. —eu cumprimentei com a voz meio trêmula, "*Você é um homem ou um rato?*" minha Vadia cuspiu e eu refiz minha expressão para um sorriso suave. Meu patrão só poderia ser algum tipo de Deus onipresente, não havia nenhum lugar que ele não estivesse.

—Tudo bem se me sentar com você? As outras mesas estão cheias. —ele disse educado para mim dando-me uma visão completa de seu sorriso torto.

—Ah... Claro, sente-se por favor. —eu disse, estávamos numa mesa ao

lado da janela, ele sentou-se à minha frente. Ethan Lewis parecia tão estranho naquele lugar, sua postura sofisticada em nada combinava com o ambiente, todos os clientes ao nosso redor estavam vestidos casualmente junto com as famílias, o engravatado a minha frente era completamente destoante.

—*Signor* Ethan, não sabia que a jovem era sua acompanhante, teria reservado sua mesa se soubesse. O prato de sempre? —o garçom simpático perguntou muito familiarizado a Ethan.

—Ela não é minha acompanhante é uma coincidência. —ele riu erguendo as mãos. Era a primeira vez que o via tão irreverente, quando Ethan sorria parecia rejuvenescer e resplandecer. —O de sempre, Ben. —ele comandou e o jovem saiu com um sorriso amistoso nos lábios. Ethan voltou-se para mim e sorriu menos descaradamente, mas me fazendo olha-lo meio embasbacada.

—Não sabia que você comia aqui, Aurora. —Não havia amenidade de quem puxa papo para preencher o silêncio incomodo, Ethan era um homem pragmático, seu tom era quase acusatório.

—Eu nunca havia comido aqui, escolhi o lugar pois é perto da escola de Zoey. —eu respondi e as sobrançelas dele se ergueram. —O senhor não parece exatamente o tipo de cliente desse lugar. —eu disse baixinho tentando tirar o foco de mim. Espetei um tortellini e o trouxe para a boca.

—Eu gosto do lugar. —ele disse sorrindo, mas seu rosto endurece em seguida. —Me traz boas lembranças. —O garçom aparece com o prato de Ethan, eu me surpreendo ao ver que o milionário Lewis comia pizza no almoço. Ele torna a sorrir de minha expressão. Comemos em silêncio, eu não me arrisquei a falar alguma coisa para acabar com o clima estranho que se instaurou. Eu era a babá recém contratada e estava comendo com o patrão em um almoço, tudo parecia um encontro. "*Encontro? Isso realmente parece um encontro? Você está a ponto de sair correndo.*" Minha V.I bufou e eu concordei. Aquilo nem de perto era um encontro, quando poderoso Ethan Lewis olharia para mim como algo diferente da babá? Aquilo causou um remexer estranho no meu estômago, o fato de Ethan me ver como algo insignificante. "*Pare com isso, Aurora.*" Eu me comandeí, não deveria me importar com isso, o homem a minha frente nada mais era que meu patrão.

—Está tudo bem? —ele perguntou, percebi que eu havia fechado a cara e cortava os *tortellini* furiosamente. Tornei minha expressão mais suave e pigarreei e passei a não tentar esquartejar a massa.

—Sim, está tudo bem. —eu disse. —A comida daqui é ótima. —eu mudei novamente o foco de mim.

—Sim é, como aqui sempre que tenho oportunidade, mesmo sendo relativamente longe da empresa. —ele suspirou afastando-se do prato vazio, de repente seus olhos se tornaram frios e a boca curvou-se para baixo. —Eu trazia Jane aqui quando ela estava grávida. —ele murmurou.

—Senhor Lewis... —eu comecei, iria dizer que não havia necessidade de me contar nada que o machucasse.

—Sobre isso, gostaria que não comentasse com minha mãe sobre o ocorrido da noite passada. Eu sinto muito tê-la acordado, geralmente eu tomo um remédio para dormir, mas ele já não me faz efeito.

—Tudo bem, senhor Lewis, é algo pessoal, eu nunca contaria. Eu também lhe devo desculpas, só entrei no quarto por achar que talvez o senhor não estivesse bem. —eu me desculpei olhando para o meu prato.

—Bem, então ficamos por aqui, preciso voltar para a empresa. —ele disse saindo do embaraçoso assunto enquanto erguia a mão para chamar o garçom.

—Como estamos, senhor Ethan? —o jovem rapaz chegou sorridente.

—Bem, quero pagar ambas as refeições e também gostaria que desse um de seus *gelatos* para a senhorita Devonne, por minha conta. —ele deu-lhe um sorriso torto, Ethan ficava impossivelmente bonito com o maldito meio sorriso.

—Não há necessidade, eu posso pagar... —eu comecei a contestar.

—Tome isso como um agrado a um funcionário. —ele sorriu, não mais contestei, apenas aceitei olhando para baixo.

—Até mais, Aurora. —ele disse se levantando, deixando uma boa gorjeta ao menino que sorriu dando-lhe uma visão completa de todos os seus dentes.

Eu não devia me sentir assim sempre que era lembrada do que eu representava para Ethan, eu nada mais era do que a sorridente babá. Aquilo não devia me machucar tanto, porém doía de uma maneira intensa era uma pontada certa no meu coração, imaginei se era apenas ego ferido, mas não parecia. "*Vai passar*" minha V.I me confortou. Eu esperava que sim.

Capítulo 8 — Memórias

—Aurora! —a voz de Zoey me chamou em algum lugar do pátio infestado de crianças, eram várias cabecinhas loiras e algumas castanhas correndo em todas as direções. Havia diversos gritos e risadas estridentes, eu me sentia perdida, vários serezinhos da altura das minhas coxas pulando para todos os lados. "*No seu segundo dia de trabalho já perdeu a menina!*" Minha vadia gritou histérica eu estava a ponto de sair gritando por Zoey. —Aurora? —olhei para baixo e vi as mãozinhas dela puxando minha camiseta.

—Ah, Zoey, graças a Deus. —eu disse e me abaixei para abraça-la. —É uma confusão aqui, não é mesmo? —eu falei e ela assentiu sorrindo.

—Vamos? O Richard está nos esperando no portão. —eu disse puxando a mochila de um milhão de quilos dos ombros dela. Ela ergueu a mão para segurar a minha. Saímos do pátio apinhado de crianças e babás e seguimos para a rua, Richard havia passado a manhã em função de Jasmine, mas estava a nossa disposição durante a tarde.

—Aulas de piano e natação não é mesmo? —eu perguntei retoricamente quando chegamos ao carro, preendi Zoey na cadeirinha e segui para o lado do carona.

—Boa tarde, Richard. —ela cumprimentou.

—Boa tarde, senhorita Zoey. —Richard sorriu sob o efeito da garotinha.

—Richard você sabe onde ficam os locais não é mesmo? O primeiro é o estúdio de música. —Esperava realmente que ele soubesse essas informações, eu não havia impresso nada da rotina de Zoey.

—Sim senhora, fica a algumas quadras daqui, mas não é muito perto. —Ele me assegurou. Richard não sabia que estava falando com a mulher que mais amava dar passeios de carro no mundo.

Para meu completo deleite o percurso durou quase meia hora graças ao trânsito pesado. Quando chegamos ao luxuoso estúdio tivemos que correr para que Zoey não ficasse muito atrasada. Eu nunca havia estado naquele lugar então a garotinha me guiava pelos espaços ornamentados até uma porta

no final de um dos intermináveis corredores. Zoey abriu-a dando-me uma visão da sala que era grande, possuía uma parede de espelhos, mas o que mais chamava a atenção era o grande piano negro de tirar o fôlego no centro do lugar. Não importava quanto tempo eu passasse com os Lewis eu nunca na acostumaria com o luxo.

—Zoey, como está? —a professora disse gentilmente, eu relaxei quando vi o olhar de carinho que a mulher lançava para ela. —E você, quem é? —ela disse se levantando elegante da cadeira do piano. A professora era alta e esguia, possuía uma postura ereta, tinha os cabelos negros e cacheados. Era no todo uma mulher muito bonita.

—Sou Aurora Devonne, a nova babá. —Eu apertei sua mão erguida quando ela me deu um sorriso educado.

—É um prazer conhece-la, senhorita Devonne. Sou a professora de piano de Zoey, me chamo Kim. —ela sorriu amistosa, eu estava realmente gostando daquela mulher. —Vamos começar, mocinha? A senhorita Devonne pode assistir a aula, é só sentar-se naquele banquinho. —ela orientou-me para um lugar no canto da sala. Eu segui seus comandos e repousei no canto.

Zoey colocou-se em frente ao grande piano de cauda junto com a professora. Elas conversavam em voz baixa, Kim abriu o tampo do piano e começou a explica-la algo que de onde eu estava não conseguia ouvir. A criança balançou a cabeça positivamente e esticou os dedinhos, passou-os sobre as teclas criando uma cacofonia de sons disformes. Kim comando-a e ela começou a dedilhar as teclas com mais firmeza.

"*Brilha, brilha estrelinha*" começou a tocar devagar e com algumas notas erradas, recostei-me na parede e deixei minha cabeça tombar para lado até encontrar o batente da janela. A luz do sol entrava iluminando o cômodo, nem parecia que eu estava na barulhenta Seattle, o único som quebrando o silêncio era as delicadas melodias do piano. Fechei meus olhos apreciando a calmaria.

Deixei-me viajar enquanto as notas imprecisas flutuavam ao meu redor. Eu sabia tocar piano, havia aprendido no orfanato, a freira que me ensinava dizia que eu tinha talento... Minha mente começou a relaxar e meus pensamentos se tornaram desconexos...

—Aurora! —Zoey chamou e eu me levantei sobressaltada, parecia que eu tinha dormido dias. Limpei uma possível baba da minha boca com as costas das mãos. "*Você acaba de dormir em serviço*" minha V.I gritou e eu corei, não podia acreditar que havia dormido. Mas diferente do que eu imaginei elas não pareciam chateadas, pelo contrário, elas sorriam, parecendo satisfeitas pelo meu sono.

—Tocamos uma canção de ninar e você adormeceu. Fizemos um bom trabalho hoje, Zoey. —A professora sorriu para a garotinha, mas a criança olhava para mim com olhos de admiração, encantada com o fato de que eu havia dormido.

—Bem Zoey, por hoje é só. Semana que vem começamos nossa próxima lição, ok? —a morena se abaixou e beijou a bochecha de menininha que retribuiu.

—Vamos Zô, temos que ir ao centro aquático. —eu sorri para ela me espreguiçando. Saímos de mãos dadas até chegar na rua, Zoey mantinha um sorriso discreto nos lábios.

—O que foi, gracinha? —eu disse e ela aumentou o sorriso.

—Ninguém nunca me deu um apelido e você me chamou de Zô. —Ela disse num tom amoroso, colocando-se na pontinha dos pés e balançando a saia envergonhada por estar admitindo aquilo.

—Bem, vamos arrumar apelidos, eu te chamo de Zô e você me chama de...

—Au. —ela respondeu prontamente e eu gargalhei.

—Vamos ter tempo para arrumar um apelido para mim, esse não é muito bom. —eu gargalhei. Meu telefone tocou quando entramos no carro juntas, olhei o visor, era um número desconhecido.

—Alô. —eu atendi incerta com medo de ser alguma cobrança. "*Você tem um emprego agora*" minha V.I me lembrou, toma essa cobradores de Seattle.

—Alô, Aurora, sou eu Jasmine. Acabei de receber um telefonema do lugar onde Zoey faz natação, a professora dela não pôde ir ministrar a aula hoje. —A avó de Zoey avisou e eu fiz um sinal para que Richard parasse o carro.

—Ok, estamos voltando para a casa então. —eu respondi e ela se despediu desligando o telefone.

—A sua professora de natação teve um problema e não conseguiu ir para o centro aquático. Temos a tarde livre. —eu disse e Zoey soltou um gritinho de alegria eu gargalhei e olhei para trás vendo-a começar uma dancinha animada.

—É uma piscina, Zoey, como você pode não gostar? —eu questionei.

—Eu gosto da piscina, não gosto das crianças. —ela disse e continuou na dancinha da vitória. Aquela era uma garotinha com problemas em se enturmar. Bem, quem perdiam eram os outros, ela era maravilhosa.

—Alfred, leve-nos para a Batcaverna. —eu disse e Richard gargalhou audivelmente.

—Você não é o Batman, senhorita Devonne. —ele lembrou-me.

—Você nunca viu a minha pessoa e o morcegão juntos, não pode saber. —o fato de não ter que passar o resto da tarde sentada num banquinho molhado vendo crianças nadarem e eu não poder mergulhar me deixava feliz.

Seguimos para a casa, Zô cantou ao longo de todo o caminho, ela estava realmente satisfeita de não ter que ir a aula de natação. Esperava não ter que fazer mais escândalo com outra professora de Zoey, não queria acabar sendo demitida por defender a menina de educadoras cruéis. Eu não deveria me sentir tão responsável pela garotinha, mas eu não conseguia agir de outra forma, parecia que havia algo gritando dentro de mim para protegê-la a todo custo.

Isso sem falar de Ethan, eu quase não conseguia falar na presença dele, o rapaz mexia comigo de uma maneira estranha. Fechei meus olhos e recostei minha cabeça no banco, eu não tive tempo para absorver tudo que estava sentindo. Desde a minha chegada a casa tudo em mim estava estranho. A começar pelas correntes elétricas que perpassavam meu corpo quando estava próxima a Ethan, os arrepios da minha espinha quando ele sorria. "*O sorriso*" minha V.I se derreteu, eu me afastei daquela linha de pensamentos. Argh, eu estava agindo como uma solteirona carente, não podia ver um rostinho bonito que me desconcertava.

Não, eu sabia que não era assim, não era a aparência de Ethan que me

chamava a atenção, havia algo nele que me atraía de uma maneira irracional. Ethan era um mistério a ser resolvido, eu me sentia como ícaro voando em direção ao sol.

Coloquei minha mão em meus olhos para deter minha linha de raciocínio. Não queria pensar em Ethan.

—Chegamos! —Zoey gritou quando estacionamento em frente a mansão dos Lewis. Ela não me esperou, saiu correndo em direção a casa, Richard e eu ficamos rindo. Ele misericordiosamente se ofereceu para carregar a mochila da menina.

Entramos na sala e Richard seguiu para a cozinha levando consigo a mochila, Zoey já estava no topo da escada e eu corri para segui-la. Eu nunca havia a visto tão esfuziante, ela praticamente dançou até o closet dela onde sozinha escolheu shorts e camiseta para passar o resto da tarde.

—Vamos tocar piano? —ela sugeriu enquanto descíamos as escadas. Zoey parecia muito contente em estar em casa com tempo livre para se divertir, a pobrezinha tinha agenda tão cheia que qualquer momento de folga era uma dádiva

—Vamos sim. —havia um piano na sala num canto, o instrumento era branco e parecia ser muito caro. Me aproximei dele e Zoey sentou-se no banco. —Como eu nunca reparei em você antes? —eu sussurrei enquanto passava a ponta dos dedos na madeira alva.

—Você sabe tocar? —ela perguntou abrindo o tampo me dando uma visão completa das teclas brancas e imaculadas.

—Sei, um pouco quero dizer. —eu respondi me sentando ao lado dela. —Eu aprendi no orfanato em que morei. —ela lançou as mãozinhas na boca em choque.

—Você viveu em um orfanato? —Ela perguntou baixinho tentando ser delicada.

—Eu morei no orfanato de Seattle até os dezoito anos. Minha mãe me deixou lá quando eu era uma bebezinha. —Ela me olhou com pena e segurou minha mão, a empatia da garotinha fez meus olhos marejarem. —Está tudo bem. —Eu sorri tentando deixá-la mais confortável. —Uma freira me ensinou a tocar, tem uma que é a minha favorita. Chama-se Moonlight

Sonata. —eu disse e comecei a tocar devagar.

A sala se encheu da luxuosa melodia, há muitos anos eu não tocava, mas aquele não era o tipo de coisa que se esquecia facilmente.

—É uma música emocionante. —eu comecei a contar-lhe baixinho. — Beethoven a criou através de uma moça cega, que morava na mesma pensão, para onde ele havia se mudado e lhe fala quase gritando: "Eu daria tudo para enxergar uma Noite de Luar" Ao ouvi-la, Beethoven se emocionou, ele era surdo, mas conseguia ver as maravilhas do mundo, então ele criou essa canção para que de certa forma ela pudesse ouvir o brilho da lua.

Zoey estava sentada ao meu lado, de olhinhos fechados escutando a música que eu tocava. Ouvi um soluço baixo atrás de nós, Jasmine estava parada ouvindo tudo, ela tinha lágrimas nos olhos, mas um sorriso discreto aparecia em seus lábios eu gargalhei baixinho. Nos últimos segundos deixei que as melodias pairassem no ar e encerrei a canção com uma única nota longa.

—Isso foi lindo, Aurora. —Jasmine me cumprimentou enquanto secava as lágrimas, eu corei. —Toque mais, faz anos que ninguém mexe nesse piano. —ela comandou, olhei para Zoey e ela balançou a cabeça positivamente.

Passamos o resto da tarde tocando piano, eu conhecia a história de muitas sonatas então fazia o meu show para elas. Zoey também tocou algumas músicas infantis, sem dúvidas ela tinha talento e eu estava orgulhosa. Os outros empregados por vezes vinham ouvir a música, estavam todos se divertindo, Zoey gargalhava a cada música dos poucos desenhos animados que ela conhecia.

—Você sabe tocar a música do lago dos cisnes? Sou apaixonada por essa peça. —Jasmine disse depois de horas de risadas e música. Mordi o lábio inferior, aquele era uma canção complicada.

—Posso tentar. —eu disse e comecei a rascunhar as notas, estavam indo melhores do que eu esperava.

—Que merda é essa? —A voz de Ethan soou como um trovão atrás de nós. Eu instantaneamente perdi as notas e a música virou uma cacofonia irregular de notas.

—Filho, Zoey queria pôr em prática o que aprendeu nas aulas e nós achamos que... —Jasmine começou a se justificar com a voz meio envergonhada. Eu havia perdido alguma coisa crucial, não tinham motivos para Ethan estar tão enfurecido.

—Zoey suba pro seu quarto. —Ethan comandou friamente, a menina imediatamente se levantou e o fez, quando chegou no topo das escadas me lançou um olhar triste e eu sorri meio sem graça para encoraja-la.

—Esse é o piano dela o que te faz pensar que podia colocar as mãos nele? —ele gritou e eu me encolhi. Se soubesse que tinha valor sentimental nunca teria o usado.

—Filho a culpa foi minha... —Jasmine tentou intervir ao meu favor, ele não estava com raiva da mãe ou da filha, sua ira era dirigida a mim.

—Mãe saia daqui. —ele pediu um pouco mais controlado.

—Filho eu não vou deixar você ser grosseiro com uma moça que teve a melhor das intenções. —Eu o olhei trincando o maxilar, como ele podia estar com raiva de mim? Do que eu era culpada? Odiava profundamente quando as pessoas descontavam em mim suas frustrações sobre coisas que eu não tinha poder.

—Me deixe corrigir meus empregados. Saia daqui agora. —Ethan disse friamente.

—Ethan é só um piano. —Jasmine andou em sua direção e tocou o braço dele, Ethan se esquivou.

—Só um piano? Só um piano? —ele gritou alterando a voz novamente. —Não é só um piano, é o piano de dela, o piano que eu a dei no seu último aniversário, é a única coisa que tenho dela que eu mesmo não fodi. —ele gritou puxando os próprios cabelos consternados. Então o problema não era comigo, era a lembrança de Jane que o atormentava. Mas mesmo assim não fazia sentido, o que ensinar a filha deles a tocar no piano da esposa poderia fazer na memória dele?

—Eu sinto muito, senhor Ethan é minha culpa, eu não devia ter tocado. —eu disse baixinho para ele olhando para meus pés. Eu não conseguia lidar com sua raiva dirigida a mim, escolhi ser calma e tentar levar em consideração toda a dor que ele sentia porque se dependesse puramente de

mim eu também estaria aos berros. Entretanto me sentia muito mal com os gritos dele, Ethan parecia um animal enjaulado, não era apenas raiva, ele estava frustrado, sua aparência era cansada.

—Sim, claro que é sua culpa! Você não devia tocar nesse piano! Nunca mais ouse encostar nele. —Ele disse raivoso. Fechei os olhos por um segundo, o ódio dele me afetava de maneira que não eram saudáveis, eu queria chorar e gritar, mas precisava ser a adulta consciente da situação.

—Filho, já fazem cinco anos... —Jasmine começou num tom que deveria acalma-lo, mas foi como jogar gasolina no fogo.

—Poderiam ser mil anos! —ele gritou. —Ninguém manchará a memória de dela, ninguém tocará em nada que a tenha pertencido. E você. —ele apontou para mim com a voz colérica. —Você não é ela! —eu franzi o cenho, eu não estava nunca nem em um milhão de anos tentando ser a esposa que eu sequer conhecia, mas aquilo parecia fazer mais sentido para ele. —Quero dizer, ponha-se no seu lugar. Você faz parte do quadro de funcionários, não ache que você realmente é parte dessa família. —ele disse pausadamente para me ferir. Dessa vez não consegui evitar as lágrimas de se formarem em meus olhos, e pensar que eu queria defendê-lo. Mordi o interior da minha bochecha com força. Minha raiva se esvaziou dando lugar apenas a tristeza, aquele era um golpe baixo.

—Não se preocupe senhor Lewis, eu entendi exatamente o que você quis dizer, não faço parte da família, sequer sei o que é isso. Peço perdão, não vai voltar a acontecer. Se me der licença. —eu disse e me virei saindo, não podia mais ficar ali, se o fizesse acabaria xingando-o e chorando, não daria a ele esse gostinho. Sai da sala correndo. A última coisa que ouvi foram as palavras feridas de Jasmine.

—Isso foi horrível. Você tem que desapegar do passado e viver o futuro.

—Eu não posso, mãe. Não consigo. —ele disse pela primeira vez em um tom que não estava saturado de raiva, pelo contrário ele transpareceu fragilidade. Ouvi seus passos duros e a porta da frente batendo.

Ele havia ido embora. Mas não importava para mim.

Capítulo 9 — Olhos de Tormenta

—Eu sinto muito, Aurora. —Zoey repetiu pela milésima vez deitada em meu colo, eu estava tentando coloca-la para dormir, mas ela estava extremamente agitada com o ocorrido num misto de preocupação comigo e com o pai. Eu queria muito que ela dormisse, tinha um bolo na minha garganta e eu precisava desesperadamente chorar para me aliviar. Zoey estava deitada na sua cama, já tinha jantado, tomado banho, mas estava inquieta.

—Não foi sua culpa, querida. Seu pai ficou chateado, eu não devia ter tocado o piano de sua mãe. —Eu acariciei sua face, a luz estava apagada, mas eu via seus olhinhos tristes e o biquinho que ela fazia.

—Eu o ouvi dizer que você não é parte da família. —Ela tentou bravamente segurar o choro. —Mas para mim você faz parte da família, nunca vai ter que voltar para o orfanato. —Ela sussurrou e eu vi uma única lágrima solitária escorrer de seus olhos. Tão pura era aquela garotinha

—Não chore, querida. Está tudo bem. Eu não fiquei chateada. —Eu menti. —Não chore. —Eu murmurei e sequei as gotinhas que escorriam. —Você quer que eu cante uma música? —Eu me ofereci. E ela balançou a cabeça positivamente, eu a acomodei na cama e deixei que sua cabeça ficasse em minhas coxas como se eu fosse o travesseiro.

Eu murmurei a canção que as freiras costumavam cantar quando eu era criança, as vezes os meus sonhos mais pacíficos tinham a melodia da simplória canção. Eu cantei-a por alguns minutos e Zoey caiu num sono cansado, sua mão agarrada num punhado de tecido da minha camisa. Resolvi velar seu sono por alguns instantes, eu tinha vontade de ir embora, queria sair daquela casa e nunca mais voltar, nunca mais ter que olhar para a cara de Ethan. Mas não podia fazer aquilo, eu tentava me convencer de que não podia ir embora pelo salário, mas sabia que não queria deixar Zoey, a garotinha havia que conquistado de um jeito que eu mal sabia explicar.

Afastei sua cabeça devagar e cuidadosamente do meu colo e a pousei no travesseiro, Zoey se mexeu um pouco e sua expressão se tornou agoniada,

mesmo em seus sonhos ela não estava feliz. Olhei para a garotinha por mais alguns minutos e me levantei.

Antes que estivesse no corredor lágrimas grossas caíam pelo meu rosto, eu não podia acreditar nas palavras que aquele homem havia me dado, doía tanto que eu mal conseguia respirar.

Fui até meu quarto cambaleante e fechei a porta atrás de mim, cansada de prender o choro, deixei que os soluços irrompessem pela minha garganta, era tristeza, raiva, dor. Segui até o banheiro onde só arranquei as roupas e deixei que elas caíssem em algum canto. Abri o chuveiro cansada demais para esperar a banheira encher. Deixei que as gotas grossas e quentes deixassem um caminho ardente pela minha pele. De certa forma a dor incomoda era um conforto a minha mente que não precisava se concentrar no ocorrido

Eu não devia me deixar aquilo me afetar. Eu realmente não tinha família, não tinha porque me incomodar com aquilo. Era apenas a babá, fazia tudo aquilo por dinheiro. Pensar em tudo aquilo me fazia querer gritar o mais alto que conseguisse até que a dor saísse da minha mente, mas eu repetia aquilo até que se tornasse verdade. *"Eu não sou parte da família, não quero ser, não sou parte da família, não quero criar laços com ninguém"* Eu dizia a frase como um mantra.

Desliguei o chuveiro, vesti um pijama que costumava usar quando estava mal e Sara precisava me consolar. Sara, a simples menção do nome fazia uma nova rodada de lágrimas frescas se formarem. Ela sim era a minha única e verdadeira família.

Sequei meu cabelo com a toalha rapidamente e peguei meu celular na escrivaninha. Digitei rapidamente uma mensagem para ela.

De: Aurora

Para: Sara

Sara, você me faz muita falta :'(

Bjs,

A.

Ela enlouqueceria com a simples possibilidade de eu estar mal, o que

diria com tanta tristeza? Apaguei a mensagem e respirei fundo. Precisava falar com ela, mas queria soar melhor.

De: Aurora

Para: Sara

Como você está? Sinto sua falta!

A.

Ela não daria uma crise de preocupação e nem desconfiaria que eu estava mal. Sorri para a possibilidade de minha amiga surtar apenas por saber que eu não estava bem.

O que me machucava não era o fato dele não me considerar parte da família. Mas o que mais me doía era o gatilho que aquelas palavras me traziam. Eu nunca havia lidado com fato de ter sido abandonada quando bebê. Em momento algum eu pude imaginar que havia por trás daquela história uma mãe amável e doente que não podia ter me criado. A mulher que me pariu me deixará numa lixeira em um beco escuro na noite mais fria de Seattle. Nunca houve uma história de amor que eu pudesse contar para mim mesma nas noites em que eu não conseguia dormir. Em momento algum eu pude me enganar que houvesse uma família sofrendo por minha falta. Nunca houve a possibilidade de existir uma família pra mim.

Pensando nisso eu cai num sono profundo esperando que nada daquilo me doesse na manhã seguinte.

"Putá merda que barulho é esse?" Minha V.I perguntou meio grogue para o barulho alto que vinha do andar de baixo. *"Que inferno de casa barulhenta, eles resolvem tudo de madrugada"*

Levantei-me da cama rapidamente, pulando tão alto que quase cai. *"Ladrões"* minha V.I gemeu. Se fosse um sequestro eu estaria frita, Sara não teria como pagar o resgate e eu duvidava muito que os Lewis pagariam por ele.

Abri a porta devagar e segui em direção as escadas. Pela primeira vez eu entendi os filmes de terror. Não fazia o menor sentido ouvir um barulho no andar de baixo e ir checar de onde ele vinha, mas era algo quase instintivo. Dei pequenos passos sem querer que nada atraísse a atenção para mim. Conhecendo minha sorte como eu conhecia sabia que a escada iria ranger e

logo eu estaria acabada.

Quando cheguei a sala percebi que a luz da cozinha estava acesa e que alguém mexia nos utensílios. "*Se for algum ladrão ele está com fome*" minha V.I considerou. Segui, enquanto rezava, para o cômodo.

—Ethan? —Eu perguntei em puro choque ao vê-lo debruçado sobre a pia com a torneira ligada e a água escorrendo pelo seu rosto.

—Aurora! —Ele gritou e correu cambaleante em minha direção e agarrando pelos ombros e me abraçando protetoramente enquanto uma rodada de lágrimas jorrava pelo rosto dele. As gotas em seu cabelo molharam meu rosto. Que merda era aquela?

—Senhor Ethan, você está bêbado. —Eu disse debilmente quando senti cheiro forte de álcool.

—Inferno, eu sei. Eu não costumo beber, mas eu saí daqui tão consternado que não tive escolhas, eu tinha que tirar seus olhos da minha cabeça. —Ele me explicou puxando seus cabelos, depois me meu soltar. Eu não entendia o que ele queria dizer, meus olhos?

—Senhor Lewis, eu... —tentei escapar, ele cambaleou em minha direção.

—Você tem os mesmos malditos olhos que ela. —Ele apoiou os braços no balcão ao nosso lado e deixou que o tronco pendesse para baixo. —Desde a primeira vez que te vi, seus olhos têm me tirado o sono, Aurora. Você tem os mesmos olhos da minha esposa. Ela morreu Aurora, ela quis me deixar. —Sua voz era arrastada e as frases confusas, mas eu pude ver toda a dor contida nelas.

—Ethan, você não precisa me contar essas coisas. —eu resmunguei baixinho, não queria sentir pena dele. Eu tinha que despreza-lo para meu próprio bem, para me manter inteira.

—Sei que não preciso, mas tenho que falar com alguém ou *eu* vou morrer Aurora. —ele levanta-se abruptamente e puxa meus braços e começa a balançar-me. —Eu a amava Aurora, a amava tanto que depois que ela se foi eu mal consigo dizer o seu nome sem soluçar feito um bebê. Eu ainda a amo, tenho que ama-la porque ela morreu por minha culpa. —os olhos dele marejaram. "*Era só o que faltava, agora ele é um assassino*" minha V.I disse

consternada.

—Eu não entendo, senhor.

—Ela se matou, Aurora. —seu choro se tornou alto e copioso e eu senti o impacto de suas palavras. —Ela se matou, seus últimos suspiros foram em meus braços. Ela teve depressão pós-parto. Ela não queria cuidar da menina, mas eu não podia desistir da minha bebê. —Ethan inesperadamente caiu de joelhos na minha frente, eu nunca tinha visto um homem chorar tanto em toda minha vida. Se eu não estivesse tão chocada eu teria chorando junto com ele tamanha era a tristeza contida em suas palavras.

—Ethan, o senhor precisa de um café forte. —Eu o puxei com todas as minhas forças do chão e o apoiei até que seu corpo estivesse sobre uma das cadeiras da cozinha. —Espere só um segundo.

Eu me virei para ver onde estariam as coisas necessárias para um café. A cozinha superequipada não dava indícios de onde estariam a cafeteira e o café em pó. Olhei para trás para ver se Ethan sabia onde ficavam. Ele estava debruçado sobre o balcão com a cabeça pousada nos braços e os olhos fechados, os lábios entreabertos fazendo um biquinho. Ele estava absolutamente adorável enquanto dormia.

—Ethan? —Eu chamei baixinho e ele se mexeu minimamente. Eu cheguei mais perto e comecei a olha-lo. O cabelo caindo em sua testa, a pequena ruga de preocupação eterna entre suas sobrancelhas. Suspirei e me afastei.

—Boa noite, Ethan. Durma bem. —Eu disse baixinho e ele sorriu mesmo em sua absoluta inconsciência.

Capítulo 10 — Flores Brancas do Miolo Amarelo

Na manhã seguinte eu acordei levemente bem-disposta. Ainda me sentia emocionalmente exausta. Mas o fato de ter minimamente entendido o que passava na cabeça de Ethan tornavam as coisas menos dolorosas. Eu desde sempre fui assim, incapaz de me magoar com quem me feria por já ter sido ferido e esse era justamente o caso de Ethan. Para o bem ou para mal, ele estava tentando dar vasão, nesse caso para mal, em sua dor e eu podia entendê-lo agora.

O dia estava quente, quase mormacento pela primeira vez em meses. Optei por tomar um banho frio para começar o dia com frescor. Entrei na água fria e gemi prazerosamente ao sentir o contraste entre minha pele quente e a água refrescantemente fria. Nesses dias quentes eu geralmente comprava um pote de sorvete para comer com Sara quando ela chegasse do trabalho... "SARA" Minha vadia gritou lembrando da mensagem em tom triste que eu havia mandado pra ela. Ela devia ter me mandado mais de um milhão de *sms*.

Quando terminei, sai enrolada da toalha e segui para o quarto, ao invés do closet, para pegar meu celular e checar se ela havia respondido. Soltei meu cabelo do coque que havia o impedido de molha-lo durante o banho e deixei com que as madeixas caíssem meio amassadas pelas minhas costas. Quando olhei para frente em direção a porta gritei a plenos pulmões quando vi uma figura de boca aberta olhando congelado para minhas pernas.

—Ethan! —eu disse logo depois do grito enquanto meu coração batia alto.

Sentia como se minhas pernas fossem feitas de gelatina tamanho o susto de ver um homem, "*um fantasma você quer dizer*", no meu quarto às seis da manhã. Ele corou fortemente e eu percebi que o que me separava da completa nudez na frente do meu chefe era uma toalha.

—Senhorita Devonne. —Ele disse em tom de desculpas e colocou a mão para frente como se tapasse a visão. —Eu... Me perdoe, não sabia que estava... —A mão escorregou no ar, ele fixou os olhos nas minhas pernas,

engoliu seco e voltou a subi-la. —Nua... Eu volto mais tarde... Quero dizer... Depois conversaremos. —Com a fala embolada ele saiu pela porta rapidamente.

Eu fiquei imóvel por alguns segundos sem entender o que havia acabado de acontecer. Eu queria muito que aquilo fosse uma mera invenção da minha mente confusa matinal. Sentia o sangue ferver e colorir as minhas bochechas.

Aos poucos o estupor foi me deixando e eu consegui me mover até a escrivaninha e pegar meu celular que, ao longo da noite, havia descarregado completamente. Conectei-o no carregador e não me dei o trabalho de ligá-lo para checar respostas de Sara, não havia a preocupação então minha amiga não deveria estar tão enlouquecida. Só queria me vestir e esperar até que Ethan tivesse saído para não ter que olhar para a cara dele.

Segui para o closet tentando tirar do meu sistema toda a cena. Optei por um vestido curto, nada exagerado, um pouco abaixo da metade das coxas, floral de fundo azul e gola em u. Exatamente o tipo de coisa que eu nunca compraria e que a Sara me dava porque sabia que em algum momento eu precisaria em alguma estação.

Deixei meu cabelo solto e calcei uma sapatilha qualquer. Olhei-me no espelho temerosa de não estar com cara de babá o suficiente. Mas desencanei, se Ethan não gostasse seria um problema dele. Podia não estar mais tão magoada, mas eu não havia esquecido do que havia acontecido, ele sentiria, mesmo que indiretamente, um pouco do meu veneno.

Segui para o quarto de Zoey, já estava na hora de acordá-la. Encontrei a porta entreaberta e entrei.

—Zô, acordada tão cedo? —Eu questionei quando vi a menina sentadinha em sua cama, os cabelos lisos e castanhos bagunçados e um olhar madura, Zoey tinha os olhos de quem era mais experiente do que eu, no auge dos meus vinte e três anos.

—Meu pai me acordou para conversar comigo. —Ela disse e deu uma risadinha como se escondesse um segredo. Mas ficou séria repentinamente. —Você não vai embora não é mesmo? —Ela perguntou e um biquinho se formou. Eu corri em sua direção.

—Claro que não, Zoey. —Eu disse firmemente. —Seu pai tem todo o

direito de me corrigir quando eu fizer algo que ele não aprovar. Eu sou a babá, meu bem. —Eu disse um pouco para consolar-lhe e um pouco para mostrar que o que seu pai havia dito era real, eu era apenas a babá.

—Não, Aurora! Você é minha amiga. —Ela ergueu a mãozinha e pousou em meu rosto em um afago. Como eu poderia contraria-la?

—Sim querida, eu sou! —Eu avancei e a abracei fortemente, ela gargalhou e se prendeu no meu pescoço. —Agora vamos te arrumar pra escola!

Dei a ela um banho, penteei o cabelo, escovei os dentes e vesti o impecável uniforme. Zoey era uma criança linda, não só fisicamente, mas por dentro. A família dela havia transmitido valores a ela e Zoey os havia aprendido.

—Eu gosto bastante do Pequeno Príncipe, mas meu personagem favorito é a Rosa... —ela disse enquanto descíamos as escadas para o café da manhã.

—Bom dia, querida! —Senhora Lewis sorriu quando viu a neta na cozinha. Elas trocaram um abraço carinhoso e Zoey se sentou ao lado de Jasmine.

—Cereal, Zô? —eu perguntei e ela assentiu. Segui em direção da cozinha para

—Pode deixar comigo, querida. —Vivian, a cozinheira, sorriu e pegou a caixa de cereais no armário. —Eu fiz panquecas, espero que goste. —Ela cochichou no meu ouvido

Sentei-me a mesa com as duas e peguei uma panqueca. Vivian cozinhava maravilhosamente bem. Comecei a comer aquele pedaço de paraíso concentradamente. *"Precisamos trazer a Sara aqui um dia, ela adora panquecas. Ela adoraria essas que a Vivian faz, tem mel de verdade e não aquele xarope com gosto de mel"* Minha V.I comentava enquanto eu devorava a panqueca.

—Senhorita Devonne! —Ethan disse alto e eu pulei da cadeira me assustando. —Me desculpe, eu estava chamando a um tempo, mas a senhorita parecia completamente absorta. —Ele se desculpou e eu olhei para o lado vendo Jasmine, Zoey e Vivian darem risadinhas.

—Me desculpe, senhor. Em que posso ajuda-lo? —Eu pigarrei.

—Bem, eu estive pensando... Com a ajuda de minha mãe e de Zoey... — Ele apontou para as duas que sorriam. —Meu comportamento de ontem à tarde foi horrível, você não merecia os meus gritos. Me perdoe. —Ele disse verdadeira e intensamente. —Tem sido difícil... Tudo isso... Você sabe. Eu não devia ter descontado em você, eu sinto muito. Se houver algum jeito de me retratar.

—Por favor, senhor! Não há o que se desculpar. O senhor teve seus motivos, eu não estava certa. Não há o que se desculpar. —Eu disse envergonhada, por mais que gostava da ideia de tê-lo sendo minimamente educado eu não queria que ele estivesse em dívida comigo por causa de seus sentimentos tão conturbados.

—Há sim! —Zoey se levantou da mesa e correu até a sala.

—Minha mãe e Zoey acharam pertinente que... —Ele começou a dizer e a menininha voltou com um vaso de margaridas. Eu olhei embasbacada paras flores.

—Meu pai comprou isso pra você, Aurora. Por ele ter sido tão... Malvado! —Zoey exclamou fazendo cara feia para ele e o entregando as flores.

—São para ela, querida. —Ethan disse envergonhado.

—Mas você que tem que entregar, papai. —Ela disse baixinho. Eu sentia minhas bochechas vermelhas.

—Bem aqui estão, Aurora. —Ele deu um passo vacilante em minha direção e eu sai de trás da mesa para recebê-las. —Eu sinto muito. —Ele disse verdadeiramente e ergueu o braço com a flor. Eu inconsciente dei mais um passo em sua direção ficando perto demais.

—Obrigada. —Eu disse presa aos seus olhos, ele me olhava igualmente vidrado. Repentinamente ele pigarreou.

—Bem, eu preciso ir para o trabalho. Até mais. —Ele disse envergonhado e saiu andando da cozinha sem ao menos se despedir da mãe e da filha, quando chegou na porta da cozinha, ele parou. —Senhorita Devonne, se importa de... —Ele se inclinou em direção a sala e eu apenas o segui.

Minha V.I havia virado mingau na minha cabeça. *Eu* havia virado mingau naquele momento.

—Sobre ontem à noite... —Ele começou.

—Senhor Lewis, está tudo bem! Eu não contaria nada a ninguém. Nada aconteceu. —Eu disse sem ao menos olha-lo.

—Obrigado por isso. —Ele agradeceu e eu me virei voltando para a cozinha sem forças para tentar entender os eventos estranhos daquela manhã.

—Aurora. —Ele me chamou quando eu estava no batente da porta da sala.

—Sim. —Eu respondi me virando para ele.

—Tenha um bom dia. —Ele sorriu de maneira marota, colocando as mãos na calça de alfaiataria de seu terno. Nunca havia o visto tão relaxado em todo o tempo que estava ali, era adorável a forma como ele ficava.

—Você também, Ethan. —Eu disse suavemente e sorri perdendo o decoro. Ele se virou e partiu.

Quando cheguei a cozinha até mesmo Zoey tinha os olhos cheios de um brilho curioso. Elas permaneceram em silêncio até que ouvissem a porta da frente ser aberta e em seguida fechada.

—Ah, que maravilhoso! —Jasmine disse e Zoey bateu palminhas. Vivian suspirou em seguida gargalhou. Eu já não estava entendendo absolutamente nada daquilo.

—O que foi isso? —Eu perguntei sem entender o que havia acontecendo.

—Foi um pedido de desculpas com flores. O primeiro em muito tempo. —A senhora Lewis disse sorrindo parecendo muito mais integrada no assunto do que eu. —Não se preocupe, querida. Curta suas flores.

—Fui eu quem escolhi essas branquinhas de miolo amarelinho. —Zoey sorriu largamente.

Eu fiquei olhando para elas sem entender. Mas tinha a consciência de que algo havia mudado.

Capítulo 11 — Tic Tac Tic Tac - O Tempo Passa

Desde o dia das margaridas eu pensei que tudo mudaria na minha relação com Ethan. Bem, eu estava certa. *Daquele em diante eu nunca mais o vi*. Completavam-se três meses desde que eu havia ganhado as flores e eu o havia visto por relance duas vezes em casa. No entanto havia algo estranho em meus pensamentos, simplesmente não conseguia tirar meu chefe deles.

Ethan passou a viver em seu escritório, chegando todos os dias tarde e saindo muito cedo. Zoey e a senhora Lewis sentiam falta dele, era inegável. Nas primeiras semanas, Zoey ficou completamente apática e Jasmine foi pelo mesmo caminho. A menina fazia os deveres escolares desatenta, comia pouco, não brincava e nem mesmo reclamava das aulas de ballet (com uma nova professora é claro), natação e piano. Faltava brilho na menina e eu tive que colocar algum.

—Zoey, temos a manhã de folga, que tal fazermos alguma coisa? —Eu sugeri numa tarde de terça feira depois de chegarmos do consultório médico em que ela havia tido uma manhã de consulta. Ela não havia tido aula e Ethan de algum lugar remoto havia marcado pediatra para a menina.

—Acho que não, Aurora. —Ela disse meio chateada. Ela estava em seu closet pronta para se trocar quando eu parei.

—Quer saber? Não! —Eu disse recolocando a roupinha dela no cabide. —Nós vamos passear agora a tarde, Zô!

—Onde nós vamos, Aurora? —Ela colocou as mãos na cintura questionando. *"Odeio quando ela usa esse tom de quem é mais responsável do que eu."* Minha Vadia resmungou.

—Nós vamos a um lugar que eu gosto de ir com a tia Sara. —Naquela altura eu já havia à levado ao apartamento algumas vezes quando sentia saudade da minha melhor amiga. —Não me pergunte onde, sabichona, é uma surpresa.

—Tudo bem! —Ela gargalhou pela primeira vez em dias e meu coração se aqueceu.

—Vamos então! —Eu disse pegando-a pela mão e puxando para meu quarto onde peguei minha bolsa. Descemos as escadas de dois em dois degraus. Quando cheguei ao hall de entrada tive uma idéia.

—Hum. Você acha que seria meio petulante dispensar o Richard e pegar o carro? —Eu perguntei, queria nos dar alguma privacidade.

—O que é *pelutante*? -ela questionou e eu preendi uma gargalhada.

—É petulante, querida. Seria mal-educado dispensa-lo?

—Acho que não, Aurora. Meu pai tem vários carros. —Ela disse inocentemente.

Seguimos até garagem onde encontramos Richard, o motorista, e pelo menos 10 carros que gritavam: CARO. Eu engoli seco ao me imaginar batendo ou arranhado aquelas coisinhas, eu teria que trabalhar por dez anos para pagar qualquer conserto.

—Bom dia Richard. Você pode nos levar até um lugar? Quero fazer uma surpresa para Zoey.

—Você não ia ser *pelutante*? —Zoey questionou.

—Acho melhor não, querida. —Eu disse para ela e sorri para o motorista a minha frente esperando que ele não tivesse entendido o que a garotinha tinha querido dizer.

—Claro que sim, senhorita.

—Obrigada Richard, vamos espera-lo lá fora então.

Em pouco tempo Richard estacionava o carro na porta do casarão onde eu e Zoey esperávamos. A menina pela primeira vez em meses parecia realmente com vontade de fazer alguma coisa. Eu planejava leva-la numa confeitaria que eu costumava ir com Sara quando tínhamos dinheiro sobrando. "*Claramente nunca*" minha V.I disse verdadeiramente.

—Para onde senhorita? —Richard perguntou.

—Quero que você vá para a 37th ave.

—Vocês estão indo para... —Richard começou e eu o interrompi.

—Shh... Sim, está na hora dessa *doce* menina experimentar o que a vida tem de melhor.

Eu suspirei me recordando da tarde mais agradável que tivéssemos nos últimos tempos. Estava sendo excepcionalmente difícil lidar com a falta que Ethan fazia. *"Para a família dele você quer dizer"* Minha Vadia Interior repreendeu e eu sorri. Eu estaria sendo falsa se não dissesse que Ethan fazia falta para mim também. *"Ele torna nosso trabalho bem mais fácil, não é mesmo? Assim ninguém fica triste pelos cantos"* A V.I rosnou mais uma vez e eu gargalhei dos meus próprios pensamentos.

—Aurora, querida você está a tanto tempo olhando para essa mesma página. —Vivian me voltou para o presente momento. Eu estava sentada na cozinha supostamente lendo um livro, mas minha mente funcionava rápido demais.

—Estou meio desatenta. —Sorri e a mulher me olhou maliciosamente. Eu revirei os olhos. —Sabia que fui eu quem revisou esse livro? —Eu disse e ela me olhou maravilhada.

—Eu sou fã desse livro, Aurora! Você sabe se vai ter continuação? —Ela virou-se para com uma curiosidade quase infantil. Essa era minha parte favorita no trabalho de edição, gostava de ver as pessoas me olhando como se eu fosse sua ponte entre os escritores. Um pouco narcisista, mas ainda sim o que eu mais amava.

—Veja isso, senhora Lewis! A Aurora é a revisora do livro que eu havia te dito. —Vivian disse quando Jasmine entrou na cozinha e a mulher teve a mesma reação.

—O livro dois sai em breve não? —Ela questionou esperançosa.

—Creio que em breve não, mas sei que a autora já deve estar escrevendo. Ela é maravilhosa, me autografou esse exemplar. —Eu mostrei a assinatura e elas sorriram.

—Sua mãe deve estar orgulhosa de você! Seu nome num livro tão bom! Eu teria orgulho. —Vivian tagarelou e eu sorri sem graça.

—Bem, eu não tenho pais. —Eu disse envergonhada.

—Ah querida, me desculpe! Eu sinto muito. Eles... Morreram? —Ela perguntou

—Não sei. A mulher que me pariu me abandonou numa lata de lixo perto do orfanato em que eu morei até os dezoito anos. —Eu disse

delicadamente. Esse era o tipo de história que costumava chocar. Ambas as mulheres arfaram, eu estava acostumada a aquelas reações.

—As freiras cuidaram de mim com todo amor do mundo. Eu tive problemas respiratórios em decorrência desse abandono, peguei pneumonia. Era a noite mais fria da década e isso afetou minha saúde, como eu estava muito doente nos meus primeiros anos de vida ninguém nunca me adotou e quando eu cresci um pouco mais eu já não estava no perfil.

—Eu não acredito! Existem mulheres terríveis nesse mundo! —Vivian comentou penalizada pela minha história. —Fico muito feliz que você tenha conseguido se formar e superar isso.

—Bem na verdade o financiamento da minha faculdade é um mistério. Quando eu completei dezoito anos o orfanato em que eu morava recebeu uma doação de alguns milhares de dólares em meu nome para os meus estudos. Quase uma história de livro. —Eu sorri voltando o foco para literatura.

—Você pensa em um dia escrever um livro? —Jasmine questionou.

—Bem, é um dos meus grandes sonhos, mas penso muito sobre... —Fui interrompida pela entrada abrupta de Ethan na cozinha. Imediatamente meu coração começou a bater mais rápido e minhas pernas viraram gelatina. Ele estava tão bonito quanto eu me lembrava.

—Filho! —Jasmine exclamou e se levantou para abraçar o filho. Ela o apertou com tanto amor que eu me senti derretida.

—Bom dia Aurora, Vivian. —Ele cumprimentou educadamente e meu coração bateu fortemente. Era a primeira vez desde o dia que ele me deu flores (*"Você precisa parar de pensar nisso com essa entonação de romance"*) que eu o via.

—Bom dia, senhor Lewis.

—O que traz o meu desaparecido filho até aqui? —Jasmine perguntou em tom de censura parecendo magoada. Tentei reprimir um sorriso ao perceber que ela o tratava da exata maneira como uma mãe trataria uma criança.

—Só vim avisar a Aurora e a senhora que Zoey vai hoje à noite para um coquetel comigo.

—Você tem que parar de tortura-la com esses eventos. —A avó repreendeu.

—Os filhos de todos vão estar lá. Além do mais é bom que ela interaja com outras crianças. —Ethan deu de ombros e voltou-se para mim. —Tire a noite de folga se quiser.

—Por que você não leva Aurora ao coquetel? Aposto que ela seria um colírio para todos aqueles velhos terríveis. —Senhora Lewis sugeriu com muito mais malícia do que uma mãe deveria ter e fiquei completamente ruborizada e em minha mente eu estava boquiaberta.

—Bem, se ela quiser... Aposto que de qualquer forma Zoey faria um escândalo se eu não levasse a senhora ou ela. Então... Uma de vocês tem um encontro comigo e com Zoey. —Ele sorriu e saiu do cômodo com um olhar zombeteiro me deixando em choque.

"Esse cara enlouqueceu?" Minha Vadia questionou enquanto meu coração batia fortemente.

Capítulo 12 — O Anjo

Ethan

—Você por aqui, Ethan! —Joshua, meu vice-presidente, gritou quando eu entrei no bar e fui em direção a mesa dos meus funcionários. —Nesses cinco anos que trabalho na empresa eu nunca te vi nesse bar! —Ele riu já meio alto e eu fui recebido pela chuva de saudações e bajulações dos meus funcionários.

—É ótimo vê-los também. —Eu murmurei, mas meu tom ainda era repleto de raiva. Cada vez que eu piscava conseguia ver nitidamente as mãos de Aurora dedilhando o piano de Jane. Joshua riu de uma piada que Paul contava e me puxou pelos ombros afastando-me da mesa.

—O que aconteceu cara? —Meu braço direito na empresa perguntou parecendo nitidamente preocupado.

—A babá! —Eu rosnei puxando meus cabelos consternados. Ele fez um sinal para que fossemos para a vazia área de fumantes. Eu o segui.

—O que houve? Há muito tempo eu o vejo estressado.

—Hoje eu a peguei tocando o piano de Jane. —Eu disse consternado e Joshua continuou olhando-me como se esperasse que eu lhe mostrasse o grande erro.

—Não consigo entender de onde vem tanta raiva. Uma babá que toca piano para sua filha, parece uma coisa muito culta a se fazer... —Joshua riu bebericando seu whisky.

—O piano de *Jane*! *Jane*! Eu mal consegui entrar no quarto quando... Quando ela se foi! —eu disse sem firmeza.

—Por que eu só consigo sentir que esse "incidente"... —Ele fez aspas com as mãos. —Não foi o motivo de tanta raiva? Quero dizer, pessoas mexem nas coisas de Jane o tempo todo...

—Você está errado. Desde que ela partiu somente eu entrei na sala de ballet e mexi em seus pertences. Você sabe muito bem que eu construí novos

cômodos para que os pertences dela não sejam tocados, não permito que ninguém, nem mesmo Zoey, toque em nada que a pertenceu.

—Irmão isso é... Loucura! Você parece aqueles personagens malucos de livros... uma espécie de Fantasma da Ópera bizarro. Sinceramente, você precisa de ajuda psicológica, principalmente depois de tantos traumas. Alguma vez você procurou algo do tipo... —Joshua parecia sinceramente preocupado.

—Eu não sou louco.

—Psicólogos não são para pessoas loucas, são para pessoas que possuem marcas que não conseguem lidar sozinhas. Eu frequento um desde o meu divórcio e é exatamente isso que está fazendo com que eu fique bem.

Pensei por alguns segundos em suas palavras. Provavelmente eu precisava de ajuda, talvez assim eu parecesse de estragar as pessoas ao meu redor.

—Bem... pode ser que eu deva procurar algum.

—Na segunda passo na sua sala e deixo um cartão do meu. Você vai se sentir muito melhor. —Ele deu um longo e último gole em sua bebida e deixou o copo no balcão. —Mas quanto a babá, na minha opinião você se sente atraído por ela.

—Ela se parece com tanto Jane, tanto, tanto. —Eu murmurei debruçando-me sobre o balcão e confessando meu grande segredo.

—Uou. —Ele riu alto. —Você sente atração pela babá loira e bonita. Um grande pecador.

—Ela é morena e não se parece com Jane nesse sentido. Ela é morena e... Forte! No lugar onde Jane era delicada ela é forte e decidida.

—E mesmo assim você brigou com ela por ter tocado piano. —Ele revirou os olhos para mim. —Bem, eu duvido muito que você tenha sido terno na sua explicação, sei como você pode ser impiedoso quando está na sua TPM.

—Os olhos dela marejaram tanto... —Eu gemi sentindo a culpa cair em meu colo, minha mente ecoava a frase de meu pai: “o inferno do pecador

sempre é a culpa”. Me virei para o barman. —Eu quero uma dose dupla de whisky. —O barman assentiu e começou a preparar a bebida.

—Ethan seja sincero comigo. O que você sente por essa mulher? —Joshua falava seriamente. Não havia entre nós uma forte amizade ou um elo de intimidade inquebrável, mas uma confiança desmedida. Joshua não era simplesmente um cara curioso com os sentimentos conflitantes de seu patrão, mas alguém que se importava;

—Quando eu a vi pela primeira vez soube que havia algo de errado com ela. Ela tem olhos gêmeos aos de Jane, o mesmo azul escuro e profundo. Tive certeza de que ela devia ser evitada, que eu não devia me aproximar. Mas se eu não o fizesse mancharia a memória de Jane com eternas fantasias do que aquela garota poderia ter sido. —Eu disse amargamente e o barman deixou o copo na minha frente, eu bebi todo o líquido em um único gole enquanto a bebida queimava a minha garganta. —Mais um! —Eu pedi em tom autoritário.

—Vamos com calma, amigo! —Joshua repreendeu. —Então você achou que a melhor maneira de se livrar da menina era levando-a pra morar na sua casa? Desculpe dizer, mas esse é um péssimo plano. —Ele riu e eu rosnei baixinho.

—Pareceu correto, eu devia ignora-la e torna-la uma pessoa normal e não um ser quase místico. Mas teve o efeito contrário. —Eu gemi e ele sorriu.

—Você se sente atraído por ela. —Ele repetiu pela milésima vez.

—Não é atração! Eu não me sinto atraído por ela. É mais um... Fascínio. Há algo inquietante nela, na forma como ela parece sempre forte, mesmo sendo tão frágil ou no amor que ela erradia por Zoey.

—Isso é ruim cara! Muito ruim. —Ele disse sério e quando minha segunda bebida chegou eu tracei o mesmo caminho que a outra, um único gole do whisky forte. —Se fosse pura e simplesmente atração seria mais fácil. Você resolveria facilmente, mas fascínio pode indicar que... —Ele deu uma pausa e suspirou. —Você pode se apaixonar.

—Argh! —Eu gemi alto e exasperado. —Eu quero a garrafa de whisky. —Eu gritei para o barman que me olhava assustado. —Eu puxei minha

carteira e coloquei três notas de cem no balcão. —Agora.

—Se embebedar não vai resolver os problemas.

—Eu preciso tira-la do meu sistema. Eu vou esquecê-la.

—Não, não vai! —Ele riu. —Você provavelmente vai se envolver. Eu te conheço, casou-se aos vinte e é totalmente fiel a mulher que casou, mesmo fazendo três anos que ela partiu. E agora está se martirizando por querer a babá gostosa. —Ele olhou para o próprio copo vazio e sorriu. —Típico.

—Cala a boca, Joshua. —Eu pedi e me inclinei no balcão. A garrafa chegou e eu bebi um terço dela o mais rápido que consegui.

—Você vai ficar bêbado. Vamos, vou chamar um táxi. —Joshua suspirou e eu ri, já meio grogue.

—Sabe, você está certo. Talvez eu deveria ser mais como você, uma mulher a cada noite, nada de sentimentos. —Eu brinquei e ele riu. —Eu deveria ser uma vadia como você. —Ele me xingou chocado e gargalhou.

—Eu falo sério, Ethan. Não lute contra esse sentimento, mesmo que ele não dê em nada. Você precisa disso! Faça algo por você e não por Jane pelo menos uma vez. —Ele pegou o celular no bolso na calça e começou uma curta conversa com quem eu imaginei ser o taxista.

—Ei talvez você deva sair mais comigo. Não saímos juntos desde que você se casou. Sabe, podemos fazer algo legal como um jogo de basquete da Liga ou um bordel.

—Um bordel seu idiota? Quem nós somos? Dois apostadores de cavalos dos anos quarenta? —Eu ri, estava mais do que bêbado enquanto caminhávamos em direção a saída do bar. As coisas misteriosamente pareciam rodar.

—Ali está seu taxi. —Ele apontou e acenou para o motorista. Eu cambaleei até o carro e Joshua me segurou tentando conferir algum equilíbrio. —Boa viagem, nos vemos amanhã, vadia. —Ele riu e eu também. Joshua conversou com ele alguns segundos e aparentemente pagou a corrida, eu estava bêbado demais para brigar com ele.

Informei ao motorista onde era minha casa e ele seguiu dirigindo num

ritmo meio lento enquanto ouvia uma música country. Era exatamente o tipo de música que Aurora em seus vestidos rodados ouviria em seu pequeno apartamento no subúrbio. Eu gemi, desde que ela havia aparecido eu só sabia pensar nela e me ver perdido no mar de seus olhos azuis.

Deixei as lembranças passarem por minha mente enevoadas pela bebida.

—Mãe, ela não devia estar aqui, eu tenho várias reuniões hoje, queria desmarcar e ficar com ela, mas não posso. —Eu disse exasperado, queria muito tirar a tarde para Zoey, mas não conseguiria.

—Eu sei, querido, mas um consultório ginecológico de senhoras de sessenta anos não é lugar para crianças. Vou deixá-la na sala de espera com a secretária. Não encontrou nenhuma babá nas entrevistas?

—Bem vieram até agora três mulheres que me assediaram, uma senhora que mal teve forças para levantar da cadeira, duas jovens que provavelmente estavam sob o efeito de entorpecentes. —Eu gemi e corri os dedos por meus cabelos. —Nada promissor.

—Vai aparecer alguém, querido. —Ela levantou-se e puxou sua elegante bolsa para os ombros. —Zoey ficará quietinha com a secretária, não se preocupe.

—Obrigado mãe, sinto muito por não poder te ajudar.

—Eu sei, filho. Você tem andado tão ocupado. Tire uma folga. —Ela disse suavemente. —Estou indo, beijo.

Eu acenei e ela partiu.

Comecei a rever planilhas e me preparar para minha próxima reunião. O processo acabou sendo mais curto do que eu podia julgar e não podia me conter, minha filha estava a distância de uma porta de mim e eu queria profundamente ver minha bebê.

Andei até a porta e ouvi a gargalhada sonora de Zoey, franzi as sobrancelhas e a abri a porta.

Foi então que eu a vi.

Era uma mulher bonita sentada ao lado de Zoey, ela não tinha postura

ou gestos delicados, pelo contrário, ela parecia completamente à vontade com seu próprio corpo e com a situação. Quando seus olhos encontraram com os meus eu gelei.

Eram conhecidos olhos azuis, os mesmos de Jane. Não haviam neles resignação e serenidade, era uma versão das orbes de Jane, entretanto mais selvagem e menos contida. Eram os olhos de Jane emoldurados em um rosto delicado, com traços suaves e uma cascata de cabelos chocolates ao seu redor. A única semelhança entre a mulher a minha frente a minha finada esposa eram os olhos, as belezas eram completamente opostas, minha esposa era uma deusa em sua beleza e repleta de delicadeza enquanto a moça à minha frente não tinha nada impressionante, era uma mulher beleza comum, mas hipnotizante.

Depois da fascinação, fui atingido por uma onda de pavor. Ela não podia ser Jane, não depois de tanto tempo, não depois de tanta dor.

—Chegamos, senhor. — O taxista me tirou do meu devaneio e eu lhe dei mais duas notas de cinquenta como forma de agradecimento por seu dirigir suave para que eu não vomitasse e sai do carro.

Segui a passos tropeços até a casa. Busquei em meus bolsos as chaves e esperava realmente que elas estivessem lá. Foram longos minutos até que eu conseguisse encaixar a chave e entrar, mas no final eu consegui.

Estava tonto demais, tudo parecia girar e eu segui em direção da cozinha. Precisava beber algo para me hidratar e tentar diminuir a ressaca massacrante que me assolaria no dia seguinte.

Andei em direção a torneira da pia e a abri. A água gelada saiu em jatos e eu enfiei minha cabeça lá, aquilo parecia uma boa ideia, mas estando ali no meio das rajadas congelantes faziam com que tudo parecesse uma *péssima ideia*. Beber parecia uma *péssima ideia*, entretanto brigar com Aurora era a pior de todas. Eu só fazia péssimas escolhas.

—Ethan? —A conhecida voz me chamou. Rezei para que fosse Jane, para que ela estivesse me chamando e me levasse de todos os problemas. Mas quando olhei para trás para vê-la, era outro tipo de anjo.

—Aurora. —Eu gemi e corri em sua direção. Eu a tomei em meus

braços e a apertei fortemente, dando vazão a todo medo que sentia.

Jane a havia mandado para mim, essa era a única explicação. O mais preocupante era: ela havia a mandado do céu como um anjo protetor ou do inferno como punição por ama-la?

Capítulo 13 — Vestidos & Ternos

—Mas eu quero que você vá! —Zoey gemeu pela milésima vez desde que ela havia sido avisada que ela iria a um coquetel com o pai e que sua acompanhante seria a avó e não eu. Parte de mim estava aliviada, tinha ido a poucos eventos de gala durante toda a minha vida e esse parecia exatamente o tipo de coisa que nem com horas de aulas de bons modos com Sara renderiam alguma coisa. Além do fato de que estar na companhia de Ethan em qualquer lugar era preocupante.

—Bem, Zô não tem como, mas a sua avó irá lhe acompanhar muito bem, você vai se divertir muito.

—Mas. Eu. Quero. Que. Você. Vá. —Zoey disse pausadamente para que eu entendesse e eu revirei os olhos.

—Aqui, querida. Sua avó deixou duas sacolas com vestidos pra você. —Eu disse deixando-a enrolada em seu roupão e a sentando numa cadeirinha no seu closet. —Temos esse dourado. —eu disse tirando o pequeno vestido da sacola da grife famosa. Ele era de um dourado suave e com aplicações de flores muito elegantes.

Os olhinhos da menina brilhavam para o vestido. Eu podia visualiza-la dentro dele, uma princesa completa.

—Temos esse preto. —Eu puxei o tecido de outra sacola e fiquei surpresa logo em seguida. —Esse é de adulto, será que é da sua avó?

-Não, querida. É seu. -A voz da senhora Lewis surgiu pacífica atrás de mim.

—Como é? —Eu me virei em meus calcanhares não conseguindo conter a surpresa em minha voz.

—Eu não estou mais na idade de frequentar esse tipo de eventos. —ela disse tentando soar verdadeira, mas deixando escapar uma risadinha, era óbvio que ela frequentava coquetéis.

—A senhora não pode... Estar falando sério. —Eu engasguei.

—Pois eu estou. Preciso de uma noite de sono. Além de que, você é muito jovem para passar seus dias trancada em casa.

—Eu agradeço o vestido, mas senhora... Eu não sei me maquiar nem nada do tipo. —Tentei arranjar uma desculpa.

—Não seja por isso. Eu te ajudo a se maquiar. Não precisa ser nada muito exagerado afinal de contas você é simplesmente linda. —Ela ressaltou e eu enrubesci.

—Eu... —Perdi as palavras enquanto ela saía sorrindo.

—Você vai! —Zoey sorriu batendo palminhas.

—Você está sendo muito mimada. —Eu disse com uma voz enjoada.

—Só queria que você fosse. —Ela se explicou e eu revirei os olhos.

-Vamos, vou te arrumar, você vai ser a macaquinha mais linda de todas. —Ela gargalhou com o apelido e veio em minha direção.

"Ela fica absurdamente fofa com esse roupão de vaquinha" Minha V.I ressaltou quando saímos do banheiro depois de um banho rápido. Eu a sentei de frente pra sua penteadeira, penteei seu cabelo e fiz duas pequenas tranças nas laterais e preendi, ela realmente parecia uma pequena princesa.

—Bem agora o seu vestido, você vai ficar linda. —Eu disse puxando-o da sacola. A vesti e deixei pronta. —Tenho que me arrumar agora eu acho.

—Vamos até o quarto de vovó. —Zoey me chamou e desceu da cadeira com sua postura impecável puxou o vestido longo levemente para cima e me deu a mão conduzindo-me do seu quarto para o quarto da avó.

—Vovó vai ajudar você a se arrumar. As mulheres nessas festas estão sempre muito lindas, mas você vai estar mais.

"Você vai para um jantar repleto de top modelos" Minha V.I gemeu e eu engoli seco, não podia acreditar que iria para uma festa cheio de milionários e mulheres hiper-ricas. Tinha certeza que havia uma parte do contrato que dizia isso, que eu devia acompanhá-los em festa se necessário, mas pensei que nunca chegaria ter que fazer isso.

—Vovó? —Zoey chamou dando duas suaves batidas na porta.

—Entre, meu bem. —Ela disse de dentro do cômodo e a menina o fez me puxando consigo.

Quando eu entrei no quarto meu queixo imediatamente caiu. O aposento da senhora Lewis era com certeza, no mínimo, duas vezes maior que o meu. Havia uma enorme cama *king size* com um dossel que pendia do teto, as cores ali variavam de um branco puro e imaculado à um creme suave e igualmente resplandecente. Havia um divã bege no canto onde a parede que dava para o jardim da casa era absolutamente feita de vidro. Mesmo com tanto luxo e sofisticação o que mais me chamava atenção era a penteadeira no canto oposto a cama. Ela estava cheia de produtos de maquiagem, era como um salão profissional a minha frente. Minha V.I deu uma risadinha ao perceber que os produtos de Sara, minha melhor amiga, não estavam num número muito menor do que os da senhora Lewis.

—Você demorou, Aurora. —Jasmine Lewis ralhou e eu arregalei os olhos, mas ela parecia concentrada demais. —Eu quero que você vá ao seu quarto e tome um banho, o mais rápido que conseguir. —Ela orientou e andou em minha direção, me pegou de surpresa quando Jasmine, mesmo em sua extrema delicadeza, meteu a mão por entre meus cabelos e os balançou. —Não precisa lavar o cabelo, a textura está boa o suficiente.

—Hã? —Eu resmunguei e ela me empurrou suavemente para fora.

—Vá, Aurora. Não temos muito tempo. —Eu andei no corredor em direção ao meu quarto sem acreditar, meu coração galopava e eu engoli seco ao entrar parar em frente ao meu banheiro.

Fiz exatamente o que Jasmine orientou. Para poupar tempo joguei minhas roupas em qualquer canto enquanto corria, obviamente sem sucesso visto que estava um pouco presa com minhas roupas. "*Um pouco presa*" minha Vadia Interior ironizou "'*Você estava com a calça na metade dos joelhos e achou uma boa idéia correr em direção ao chuveiro, sua anta*" Ela disse acidamente e eu revirei meus olhos para meus próprios pensamentos enquanto, já nua, fazia um coque alto para que meu cabelo não molhasse.

Deixei que a água caísse no meu corpo por alguns instantes, tinha que ser rápida, mas precisava daquele momento para colocar toda inquietação e medo da situação no lugar. Ensaboei-me rapidamente, o cheiro de morango

do meu sabonete fazia com que eu me sentisse segura e me ajudava no processo de me acalmar, como se dali a alguns momentos fosse apenas comer pizza com Sara em nosso sofá e não ir a um coquetel luxuoso. Era como estar em casa.

Enxuguei e terminei o banho rápido. Vesti uma calça de moletom e minha camisa velha dos Beatles, lembrava-me vagamente de ver Sara se vestir assim quando estava se arrumando para sair. Peguei meu celular na escrivaninha e digitei rapidamente uma mensagem para minha melhor amiga explicando o que estava para acontecer. Em caixa alta digitei: "*Amiga, estou indo para uma festa com Ethan Lewis e Zoey, por favor me diga que não enlouqueci quando escolhi esse emprego. Beijos, Aurora*"

Deixei meu celular ali mesmo e suspirei fundo para sair do meu quarto. Cogitei momentaneamente simular uma queda no corredor e fingir uma torção, mas antes que eu pudesse refinar meu plano ouvi uma voz rouca ao meu lado.

—Boa noite, Aurora. —Era Ethan Lewis parado a minha frente com seu maldito cabelo abaixo das orelhas e seu olhar castanho e sereno. —Soube que você será a acompanhante de Zoey e eu essa noite. —Aquele homem devia ser bipolar, não havia nada mais que justificasse seus estranhos comportamentos de primeiro me ignorar e logo em seguida bater papo comigo nos corredores.

—Ah sim, serei. —Eu disse meio sem graça, será que agradecer pelo convite seria o certo? "*Não é um encontro, trouxa. Você está indo ali a trabalho.*" Minha V.I disse ácida e meu rosto desmoronou um pouquinho. Eu nunca seria a convidada, seria sempre a acompanhante e por algum motivo aquilo me machucava.

—Não devia dizer isso, mas, fiquei realmente feliz por minha mãe resolver não ir. Você é uma... —Ele deu um sorriso envergonhado e passou a mão por entre as mechas escuras de seu cabelo parecendo constrangido com suas próprias palavras. —Uma agradável companhia que eu pouco usufruí. Se me der licença. —Ele andou rapidamente em direção ao seu quarto e eu continuei lá parada feito uma idiota, achando absolutamente fofo a forma como ele brigava com as palavras.

Enquanto ele entrou em seu quarto eu percebi que havia algo além da nossa estranha relação funcionária e patrão. Algo que se eu não tomasse uma atitude de policiamento eu deixaria crescer dentro de mim.

Capítulo 14 — Vestidos & Ternos II

—Ai! —Eu gemi pela milésima vez desde que aquela tortura havia começado. Jasmine havia arrancado pedaços da minha sobancelha, passado pós que me faziam espirrar no rosto, puxado meu cabelo com babyliiss quente e agora estava enfiando um lápis no meu olho onde supostamente ela coloria a marca d'agua.

—Meu Deus, Aurora! Já estamos acabando, agora é só isso e pronto. — Ela riu baixinho. —Você parece uma criança que não fica quieta.

—Sara sempre dizia isso quando fazia minha sobancelha. —Eu resmunguei.

—Prontinho! Não se olhe no espelho ainda, quero que Zoey te veja primeiro e dê o ok de que você está linda. —Ela disse largando a pinça na bancada ao lado de outros pincéis que ela havia usado. Senhora Lewis se alongou momentaneamente, como se a tarefa de me maquiar fosse absurdamente trabalhosa e saiu andando elegantemente pelo quarto.

Fiquei olhando para baixo realmente tentada a olhar para cima e ver o que elas haviam aprontado comigo, mas resolvi manter minha palavra e continuar ali, absolutamente parada.

—Veja como ela está, Zoey! —A senhora Lewis disse animadamente. E a garotinha arfou, eu imediatamente olhei para ela. Zoey tinha a expressão absolutamente maravilhada, seus olhinhos brilhavam e a boca estava aberta num perfeito "o".

—O que foi? Está bom? —Eu perguntei meio insegura e a garotinha me deu um sorriso caloroso.

—Olhe por você mesma. —Jasmine sugeriu suavemente, ela também parecia bastante feliz com o resultado, havia até mesmo um certo orgulho. E eu olhei para o espelho.

O que vi foi uma versão diferente de mim. A maquiagem não era pesada, pelo contrário, mesmo com todos aqueles produtos ela era suave. Meus lábios eram a coisa mais chocante na maquiagem, eles estavam

coloridos num vinho opaco e desenhados esculturalmente. Na minha pele nada de olheiras ou qualquer outra mínima imperfeição, era natural, limpo e fresco. Nos meus olhos o delineado era suave e acompanhado por uma sombra clarinha, minhas sobrancelhas levemente arqueadas e bem desenhadas. "*Caralho!!!!*" Era a única expressão que minha V.I conseguia usar para descrever a maquiagem. Voltei-me para o meu cabelo, absolutamente maravilhada com os cachos que Jasmine havia formado na ponta deles.

—Você está linda, Aurora! Parece uma princesa. —Zoey disse andando em minha direção e eu a olhei concordando. Tudo era absurdamente natural e simples, mas ao mesmo tempo sofisticado.

—Senhora Lewis, eu não tenho palavras pra descrever... —Comecei a agradecer.

—Deixe disso, menina. A modelo ajuda muito. Agora vá se vestir, Ethan já voltou a um tempo e deve estar pronto.

Eu me levantei da cadeira ainda meio embasbacada com minha própria face. "*E meio dormente por ficar tanto tempo sentada*" minha V.I completou e eu não tive como não concordar, minha bunda não passava de uma massa quadrada e dormente.

Vesti o longo vestido preto rapidamente. Ele não tinha aplicações, ou decotes exuberantes, mas era marcado na cintura e possuía alcinhas finas, o tecido era leve e solto e por sorte eu tinha os sapatos perfeitos para ele. "*Obrigada, Sara por sempre me abastecer de coisas caras e sofisticadas*" Minha Vadia Interior agradeceu mentalmente enquanto eu pegava o salto alto fino e com aplicações pratas, era sem dúvidas a coisa mais linda que eu tinha e a que mais se encaixava naquilo. Subi no salto e comecei a andar dentro do quarto, não podia me esquecer que estava indo como babá e que se fosse necessário iria correr atrás de Zoey o evento inteiro. Respirei fundo tentando me fazer lembrar que eu não era uma convidada.

Sai do meu quarto e vi Zoey e Jasmine me esperando no corredor. Ambas estavam muito contentes olhando para mim.

—Lindos sapatos, Aurora. —Jasmine elogiou. —Bem, Ethan as está esperando lá em baixo. Espero que se divirtam! —Jasmine disse feliz. Zoey

andou em minha direção e me deu a mão aquele era um dos maiores sorrisos que ela havia me dado desde que nos conhecemos, eu tentei retribuir a altura, mas estava tão nervosa com tudo aqui que não sabia como minha expressão havia ficado. Ela apertou minha mão contra a sua e pelo que eu entendi tentou me transmitir calma. E o efeito não foi esse, mas ela me demoveu do sentimento, Zoey era uma menina absurdamente especial, sua empatia e seu entendimento de mundo era absurdos.

—Vamos, Aurora? —Ela perguntou baixinho e sorriu.

—Vamos, querida. —Eu disse e dei o primeiro passo, mas ela não me acompanhou, ficou parada no mesmo lugar. Quando eu a olhei suas bochechas estavam vermelhas e seus lábios comprimidos numa linha fina.

—Abaixa aqui? —Ela pediu e eu me virei para ela, me abaixando aqui até que eu fosse da sua altura.

—O que aconteceu, macaquinha? —Eu perguntei e afaguei o rostinho dela.

Inesperadamente ela avançou em minha direção e colocou a mãozinha em formato de concha no meu ouvido, se inclinou e disse baixinho:

—Eu amo você. —Eu congelei e por um segundo cogitei se era saudável para ela manter esse tipo de relação com a babá.

—Eu também te amo. —Respondi verdadeiramente antes mesmo que pudesse perceber.

—Obrigada! —ela disse sorrindo e afagou meu rosto também. —Vamos? —ela perguntou e eu me endireitei.

O caminho do corredor até a escada que dava para a sala nunca pareceu tão grande, nem mesmo quando eu carregava sua mochila de mais de quinhentos quilos dela. Agradei mais uma vez pelo meu anjo da guarda, Sara, ter insistido em me levar em festas que precisava usar saltos altos.

Quando chegamos ao topo da escada Ethan nos esperava sentado no sofá. Eu já o tinha visto de terno várias vezes, mas naquele momento ele parecia diferente de todas as outras vezes. Ethan havia cortado o cabelo e aquilo me deixava maravilhada, suas madeixas que antigamente iam até as orelhas estavam cortadas de uma maneira mais jovial, cuidadosamente bagunçada.

—Elas não estão magníficas? —Jasmine perguntou nos seguindo nas escadas enquanto Zoey e eu descíamos graciosamente.

—Estão! —Ele disse maravilhado. Quando chegamos ao último degrau ele se aproximou e juntou-se a filha.

—Você está perfeita, meu amor! —Ele disse e ela sorriu graciosamente.

—Obrigada, papai. Você também está! Parece um príncipe. —Ela disse se esticando para ele a pegar no colo.

—Você também está... -Ele passou e olhou fixamente para mim, eu nunca tinha o visto com aquele olhar, ele parecia completamente deslumbrado. —Magnífica.

—Obrigada Ethan! O cabelo saiu da sua testa. —eu tentei elogiar seu corte de cabelo e falhei miseravelmente. Minhas bochechas imediatamente ganharam um tom avermelhado. Ethan gargalhou mais alto do que eu já o tinha ouvido rir nos últimos seis meses.

—O quê? —Ele perguntou ainda rindo e o Zoey o acompanhou.

—Você cortou o cabelo... E eu gostei muito. —Eu disse completamente envergonhada. "*Eu só quero que um trem bala passe por cima de nós nesse momento*" minha V.I disse completamente ruborizada.

—Obrigado, Aurora. Esse foi sem dúvidas o melhor elogio que recebi. —O tom que ele usou foi uma mistura morna de deboche e... "*carinho?*" Minha V.I se perguntou e eu dei uma risadinha para afastar os pensamentos da minha cabeça.

—Vamos? —Ethan perguntou enquanto aninhava Zoey em seu colo.

—Sim. —Eu respondi e dei um passo em sua direção.

—Divirtam-se. —Jasmine disse sorridente do lugar da escada em que estava.

—Você também, mamãe. —Ethan disse espremendo os olhos para ela que corou. Eu ergui uma sobrancelha sem entender aquela situação.

Deixamos a senhora Lewis na sala de estar e entramos no carro. Era o Volvo preto que eu costumava quem quando Ethan saía para o trabalho. Ele fixou Zoey na cadeirinha e quando eu me preparava para sentar ao lado dela, ele sorriu e abriu a porta do passageiro. Corei e me sentei ao seu lado.

—Por que Richard não vai dirigir hoje? —Zoey questionou

—Ele tirou o dia de folga e eu acho que a sua avó tem algo a ver com isso. —Ele disse e olhou sugestivamente pra mim.

—Você está brincando. —Eu ri baixinho e ele me acompanhou mostrando seu maravilhoso meio sorriso.

—Não mesmo.

O resto do percurso foi silencioso. Zoey cantarolava a música que tocava no rádio. Eu ficava a cada segundo mais nervosa. Estaria numa festa com figurões e me sentia tão ansiosa que quase ouvia meu coração batendo.

—Chegamos. —Ethan anunciou parando o carro.

—Isso vai ser chato. —Zoey disse cruzando os bracinhos e fazendo beicinho.

—Vai ter uma área de recreação para crianças. Só o Aaron Potter, organizador do evento, tem pelo menos uns seis filhos pequenos.

—Área de recreação? —Eu perguntei erguendo a sobrancelha. O que eu faria ali se não cuidar de Zoey?

—Bem, na verdade eu te trouxe mais como uma... Companhia. —Ele sorriu para mim e o queixo da minha Vadia Interior caiu no chão.

—Ah! Mas eu quero ficar com vocês. —Zoey reclamou.

—A Emily vai estar na recreação. —Ethan disse olhando para ela.

—Sério? —Ela disse animada.

—Quem é Emily? —Eu disse com uma pontazinha ciúme.

—A filha mais nova do Potter. Ela tem três anos de idade e é fascinada pela Zoey.

—Eu sou a melhor amiga dela.

—Ótimo. —Foi tudo que eu consegui dizer. "*Eu pensei que eu fosse a melhor amiga*" Minha V.I disse ácida.

Sáímos do carro quando um cara vestido como um macaquinho chegou para levar o automóvel para o estacionamento.

Fomos para o saguão do prédio e aquele era sem dúvidas o lugar mais

chique e bonito que eu já havia visto na vida. Tudo era de mármore branco, o espaço era tão alvo que eu sabia que se o céu tivesse uma recepção ela se pareceria com aquela ali.

Pegamos o elevador e estávamos e fomos para a cobertura. Eu nunca havia se quer ido a aquele bairro. Era o lugar mais luxuoso que conhecia. Mas Zoey e Ethan pareciam incrivelmente à vontade com tudo aquilo. Enquanto na minha cabeça tudo girava como o inferno. Tentava me lembrar do máximo de palavras difíceis para usar caso alguém me perguntasse algo.

O elevador se abriu e estávamos num salão enorme, no que parecia ser a cobertura do prédio. Deviam haver umas trezentas pessoas ali, vestindo ternos e vestidos longos e brilhantes. Foi uma agradável surpresa perceber que meu modelito em nada perdia para todas as outras mulheres bem vestidas ali. "*Chupem essa, magrelas!*" Minha Vadia Interior fez a dancinha da vitória.

—Ethan! —Uma voz masculina chamou quando saímos do elevador.

—Aaron. —Ethan cumprimentou e eu vi o homem dono da voz. Ele era branco, alto e forte, tinha no máximo quarenta anos e carregava uma adorável garotinha no colo. Aparentemente a menininha possuía síndrome de Down e quando viu Zoey ela sorriu tão largamente que logo a reconheci. "*Deve ser a Emily! Ela não pode ser nossa maior rival. Ela é uma doçura!*" Minha V.I só queria avançar e apertar aquelas bochechas.

—Zoey! —A menina se agitou no colo do pai e desceu para abraçar a amiga.

—Oi, lindinha! —As duas meninas se abraçaram e Emily deu a mão para Zoey e a puxou em direção a outra porta que dava aparentemente para a sala das crianças.

—É ótimo ver você, meu caro amigo. E essa é? —Ele perguntou depois de um aperto de mãos caloroso.

—Aurora Devonne. Ela é uma grande amiga. —Ethan disse sorrindo para ele e em seguida para mim.

—Olá senhorita Devonne, é um prazer conhecê-la. —Ele ergueu a mão e eu a apertei confiantemente e ele sorriu. —Dêem uma olhada nos quadros e me digam o que acharam, fiz essa compra na Itália, mas quero opiniões. —

Ele sorriu e olhou para o lado.

—Ah, Louise! —Ele chamou ao ver que mais uma convidada chegava. —Fiquem à vontade, volto para conversarmos sobre os quadros depois. —Ele disse se afastando e sorrindo para a mulher.

—Ele é carismático. —Eu elogiei quando ficamos a sós.

—Ele é um desgraçado! —Ethan disse parecendo muito preocupado.

—Por quê? —Eu perguntei franzindo o cenho, ele parecia realmente nervoso.

—Estamos no meio de uma transação. Minha empresa vai fornecer alguns milhões em tecnologia, o problema é que ele um tanto quanto excêntrico.

—O que quer dizer? —Um garçom passou ao nosso lado com uma bandeja de champanhe e ele logo pegou duas taças e me ofereceu uma.

—Ele é um bastardo fanático por arte e extremamente narcisista. Meus contatos disseram que nesses coquetéis ele enche a sala de diversas pinturas e fecha negócios com a empresa cujo dono gostar das mesmas pinturas que ele. Aparentemente ele se julga uma mente brilhante e só faz negócio com quem está a sua altura. —Ethan estava nervoso, podia ver algumas gotinhas de suor na sua testa. —Está aquele senhor ali? —Ele perguntou inclinando a taça levemente na direção de um senhor careca e dando um longo gole. —É meu maior concorrente e ele trouxe um curador de arte.

—São Deboten e Belvemont em grande maioria. É uma coleção boa, mas nada impressionante. —Eu dei de ombros, mas na verdade eu estava tentando impressiona-lo e mostrar que eu não era uma companhia inútil.

—Você entende de arte? —Ele perguntou embasbacado e eu sorri dando um gole da minha bebida, era o melhor champanhe que eu tinha experimentado na vida, mas não quis parecer deslumbrada.

—Uma boa babá sempre tem um truque na manga. —Eu disse sorrindo.

—O que você acha que é o favorito dele aqui? —Ele perguntou dando-me o braço para que caminhássemos juntos pelo salão. Meu coração bateu tão alto que a música francesa ao fundo se tornou um ruído.

—Bem... —Eu pigarreei quando começamos a desfilar de braços dados

elegantemente. —Ele tem alguns quadros mais avulsos, duvido que eles sejam os preferidos, estão em lugares completamente desimportantes na exposição.

—Fale mais. —Ele disse cumprimentando com um sorriso e um acenar rápido um senhor com um charuto.

—Belvemont é do norte da França, são aqueles três quadros maiores perto da janela. —Eu me inclinei em direção a eles. —Se Aaron é um entusiasta da arte vai saber que ele é nada mais nada menos do que um cara que copia coisas de outras pessoas em outros lugares.

—O quê? —Ele questionou. —Ele é um fraudador?

—Não, Ethan. —Eu revirei os olhos. —Ele é francês, na França o que eles pintam hoje em dia é mais moderno, sem cores e cheio de linhas. Ele pinta como os clássicos da idade média, Aaron colocou-os aí para distrair e eliminar os caipiras não ligados a arte que vão pensar que por ser clássico é bom. Não há muito expressivo nele.

—Ok... Acho que consegui entender. Mas é o outro cara? —Ele perguntou nervoso.

—Deboten tende ao novo, cores, representações menos fieis natureza, mas tudo tem um toque urbano. Seria muito inteligente se você dissesse que as influências dele... —Eu comecei a dar-lhes dicas sobre o que era pelo meu palpite o favorito quando fui interrompida por Aaron.

—Então, Ethan, o que achou da minha coleção? —Ele voltou sorrindo, seu olhar era desafiador.

—Bem, gostei de tudo, mas devo dizer que Belvemont me parece bastante influenciado pelas correntes da idade média, sem ofensas, claro. Já os quadros que você tem de Deboten se destacam, a cor, a natureza, mas mesmo assim urbano... —Ele disse meio nervoso.

—Ah sim! Concorro plenamente, mas você não acha que as influências de Deboten não estão meio claras nos quadros dele?

—Hum... —Ele parecia meditar e em seguida me olhou pedindo socorro.

—Eu diria que alguém com as inspirações de Deboten não possui

influências. —Eu fiz uma pequena piadinha e ele gargalhou alto. Eu estava certa, ele era fã aquele pintor drogado.

—O senso de humor da sua amiga é simplesmente fenomenal. Você estudou arte?

—Sou formada nisso. —Eu menti levemente e os olhos dele brilharam.

—Então você gostou da minha coleção? —Ele perguntou e percebi que dessa vez não era um teste, ele só era um rapazinho metido querendo aprovação.

—Eu a achei impressionante, foi uma compra muito sagaz. —Estava gastando todo meu vocabulário para bajular aquele cara, depois daquela noite só conseguiria me comunicar por onomatopeias.

—Aaron, Caroline quer ter um minuto com você. —Um outro rapaz chegou e tocou o ombro dele.

—Ah sim, já estou indo. —Ele avisou e ergueu a mão o mandando sair.

—Ethan, é maravilhoso ter você aqui. Minha secretária entrará em contato ainda essa semana. Precisamos conversar sobre aquele maquinário. —Ele deu um sorriso de segundas intenções. A corporação de Ethan havia sido a escolhida. Eu dei um sorriso largo. —Sua curadora de arte é impressionante Ethan, não a perca.

—Eu não perderei! —Ele disse também com um sorriso largo e abraçou meus ombros.

Aaron saiu andando na direção que o outro rapaz havia vindo e nós ficamos olhando, imersos em nossas próprias alegrias. A dele milhões de dólares a mais e a minha os seus braços ao meu redor.

—Obrigado. —Ele se inclinou e disse no meu ouvido. Fechei os olhos momentaneamente e sorri. —Aceita uma dança? Estou tão contente que se você não aceitar terei que dançar da mesma maneira. —Ethan riu e eu ruborizei.

A música que tocava era apenas um instrumental comum que os músicos no canto do salão produziam com maestria. Ethan deslizou suas mãos de maneira suave, porém respeitosa como eu senti, pela minha cintura até parar na base da minha coluna. Minha mão foi delicadamente em seu

ombro, eu não queria perturba-lo, era como se eu segurasse algo precioso e frágil, mas seu sorriso tranquilo me deu confiança para deixar meu toque mais. Nossas mãos se uniram e ele conduziu a dança.

Eu olhava para baixo para garantir que não atingiria seu pé a qualquer momento, mas ele parecia manter todo o movimento tranquilo. Também podia ouvir do lugar onde estava, encostada em seu peito, o coração bater rápido. Sorri com a possibilidade dele estar tão nervoso quanto eu fazendo aquilo.

De um lado para o outro, graciosamente, eu pude olhar seus olhos castanhos e pela primeira vez havia profundidade e calor neles. Sorri, agradecida por ter podido, mesmo que momentaneamente acalenta-lo.

—Eu preciso realmente me desculpar por meu comportamento quando te conheci, eu fui... —Ele começou a dizer, mas eu o cortei.

—Você não tem que dizer nada. Tudo está bem. —Suspirei e num gesto inesperado até mesmo para mim encostei meu rosto em seu ombro e valsamos despreocupadamente. As mãos, corpos e corações conectados.

Capítulo 15 — Agradecimentos

—Não! O melhor da noite foi sem dúvidas a cara do seu concorrente quando viu você falando com o Aaron. —Eu disse rindo quando paramos em frente da mansão dos Lewis. Zoey já dormia nos braços do pai e tivemos uma pequena luta contra a cadeirinha dela.

—Não! Hytner tentando convencer Potter que na verdade ele era especialista em arte foi o melhor. —Ele riu e eu o acompanhei. —As chaves estão no bolso na frente, pode pega-las pra mim? —Ele pediu com Zoey no colo. E eu corei levemente e avancei delicadamente. "*Hurum!*" Minha V.I murmurou e eu revirei os olhos mentalmente, eu estava pegando chaves no bolso dele, não tinha nada demais.

Eu pesquei as chaves e destranquei a porta a abrindo. Sai tateando a parede em busca do interruptor e acendi as luzes.

—Pode ir comigo até o quarto dela? Não consigo abrir as portas com ela no colo.

—Claro. —Eu disse e me dirigi as escadas com Ethan em meu encalço.

As luzes do corredor estavam todas apagadas, os empregados já haviam ido embora e Jasmine provavelmente já estava dormindo. Eu andei até a porta do quarto da garotinha e repeti o processo de acender as luzes e abrir espaço para Ethan. Eu arrumei os travesseiros e o cobertor dela e ele a colocou lá.

—Será que seria melhor troca-la? Esse vestido pode incomodar durante a noite. —Eu sugeri e ele balançou a cabeça positivamente. Fui até o closet meio às cegas e peguei o primeiro pijama que vi.

Ethan havia a despido eu passei para ele o vestidinho fazendo malabarismos ele vestiu. Ficamos olhando para a pequena garotinha a nossa frente ela era sem dúvidas um presente. Em sua mais absoluta serenidade a criança parece um anjo.

—Papai. —Ela chamou de olhos fechados, provavelmente ainda dormindo. —Onde está a Aurora? —Ela questionou e resmungou mais algumas coisas.

—Ela está aqui, meu amor.

—Pra sempre. —Ela murmurou e se remexeu ficando de bruços.

—Vamos, ela está sonhando. —Ele disse e cobriu o seu corpinho carinhosamente.

—Boa noite, Zô. —Eu sussurrei e ela sorriu ainda dormindo.

Ethan e eu saímos o mais silenciosamente do quarto da pequena garotinha. Quando ele trancou a porta quase em câmera lenta eu engoli seco. De repente éramos só eu e ele um corredor quase escuro "*Há menos de dez passos do quarto dele*" Minha V.I completou e eu corei fortemente, aquele não era o tipo de pensamento que eu devia ter com meu patrão.

—Bem... —Ele começou a dizer olhando para o relógio caro no pulso dele. —Ainda são dez e meia, aceita uma taça de vinho? Como forma de agradecimento, sem você eu nunca fecharia aquele contrato.

—Eu aceito. —Minha boca respondeu mais rápido do que meu juízo podia ponderar. —Hã, mas vou tirar esses saltos primeiro. Se importa se eu... —Apontei em direção ao meu quarto. Estávamos a menos de trinta centímetros de distância num cômodo quase escuro, eu precisava de espaço para pensar.

—Ah, sim. Fique à vontade, vou escolher o vinho e te espero lá embaixo. —Ele disse meio inseguro e eu mordi o lábio. Algo na minha postura retraída o havia feito recuar.

—Ok. —Respondi dando um sorriso amarelo e ele se afastou dando-me espaço para passar.

Andei rápido o suficiente para não parecer uma louca e entrei no meu quarto ainda escuro. Esperei que seus passos passarem pela minha porta para acender a luz. Respirei fundo e segui para o banheiro. Minha expressão parecia nervosa, respirei fundo algumas vezes e abri a torneira para jogar água fria nos meus pulsos e na nuca, não fazia ideia do motivo pelo qual estava fazendo aquilo, mas parecia calmante.

Sequei-me com minha toalha de rosto e voltei para o quarto. Tirei os saltos e gemi quando meus pés tocaram o carpete felpudo do chão, eu não tinha percebido que estava tão tensionada naquela região até sair dos saltos. "*Como a Sara consegue?*" Me perguntei mentalmente e me lembrei da

mensagem nada estranha que eu havia mandando para minha melhor amiga. Andei até o criado mudo e peguei meu celular, ainda no papel de parede vi a notificação de cinquenta e seis mensagens dela. Engoli fundo e escolhi. Ela poderia esperar.

Respirei fundo algumas vezes antes de tomar a decisão de descer. Balancei meu cabelo desfazendo um pouco os cachos das pontas. Olhei para o espelho e cogitei trocar de roupa, mas não queria estar com meu pijama do The Simpson para beber com meu patrão. Precisava estar com minha autoestima boa o suficiente para conseguir conversar.

Sai do quarto com a decisão de levar aquele momento com o máximo de leveza possível. Não tinha motivos para me preocupar. Desci as escadas com esse mantra "*não há com o que se preocupar*" e quando cheguei a sala vi as luzes da cozinha acesas. Andei devagar e o vi enchendo as taças no balcão.

—Aqui está. —Ele me disse levantando a taça em minha direção eu a peguei rapidamente. —Quero que façamos um brinde em sua homenagem por me ajudar a fechar o negócio mais importante do ano. —Ele inclinou o próprio vinho em minha direção e eu fiz com que ambos os cristais se tocassem.

Dei uma golada na bebida e percebi que ela era diferente. Um pouco mais adocicada, mas ao mesmo tempo mais leve, era diferente de todos os vinhos que eu já havia tomando. "*O máximo que você tomou foram os barris de dois dólares por litro da faculdade*" Minha V.I lembrou.

—Mas uma coisa me intrigou no meio de tudo aquilo. —Ele olhou para o vinho e em seguida para mim. —Você tinha dito que era formada em Literatura e não em arte.

—Bem, eu sou realmente formada em literatura, mas se eu fosse leiga ele se sentiria leigo também, mas se compartilhasse a opinião de um profissional seu ego estaria mais inflado ainda. —Eu comentei e ele sorriu.

—E como foi a faculdade? Não consigo imaginar você nas festas. —Ele perguntou e eu gargalhei. Eu havia estado em quase todas as festas.

—Ah eu garanto que eu estava nelas. —Eu respondi desafiadoramente. —Mas o que há para saber de mim está naqueles seus relatórios. E você? Foi a todas as festas? Te imagino como um daqueles bombados das fraternidades.

—Quê? Longe disso... —Ele sorriu.

—Você era um nerd? —Eu questionei erguendo uma sobrancelha.

—Sim e muito! —Ethan riu e suas bochechas ficaram levemente coradas. Meu queixo caiu e eu soltei uma risadinha, o que só piorou a vermelhidão em seu rosto. —Mas não durou muito tempo, eu não cheguei a ser um atleta, mas passei a frequentar academias e tirei uma ou duas notas baixas.

—O que te fez mudar? —Eu ri e sua expressão morreu um pouco e ele voltou os olhos para sua bebida.

—Eu fazia administração em Columbia e Jane fazia dança na Julliard. Eu não queria que ela ficasse deslumbrada com o físico dos bailarinos. —Ele admitiu num sorriso amarelo.

—Não queria que tocássemos no assunto, sei que ainda dói. — Me desculpei e ele desviou o olhar.

—Sim, o tempo todo. —Ele respondeu olhando para o nada. Aquilo me doeu de uma maneira diferente, me compadeci pelo seu sofrimento, mas foi diferente, eu sofri porque ele nunca amaria novamente.

—A dor precisa ser sentida, mas não te parar. Você precisa viver. —Eu não fazia ideia do porque estava dizendo aquilo, mas falei e em seguida corei. Nunca podia esquecer que aquele era meu patrão.

—Tenho uma proposta pra te fazer. —Ele disse depois de um longo minuto em silêncio, aparentemente ponderando, e em seguida sorriu. —Sinta-se à vontade para negar, não falo como Ethan Lewis o contratante, mas como Ethan Lewis... o cara que está grato por você e que quer ser seu amigo. —Ele parecia meio incerto.

—Pode falar, Ethan Lewis amigo. —Eu disse meio brincalhona, mas pedras de gelo se formavam em meu estômago.

—Quer jantar comigo? Amanhã à noite? —Ele perguntou parecendo meio incerto.

—Hã... Sim, eu quero. —Eu concordei e em seguida sorri, algo me dizia que aquele era um bom começo.

—Bem, amanhã às sete então —Ele questionou sorridente, parecia

contente com a minha aceitação.

—Por mim está ótimo. —Eu não pude evitar de sorrir para ele também.

Um silêncio alegre se instalou entre nós. Não era certo, mas eu estava me deixando envolver com o homem mais complicado e impossível que eu havia conhecido nos últimos anos. E eu está gostando muito daquilo. Gostando de uma maneira perigosa.

—Bem, está ficando tarde, amanhã preciso acordar cedo. —Eu disse cortando o clima um pouco. "*Ahh*" minha Vadia Interior gemeu, ela estava sentada no canto da minha mente com os olhos atentos como uma leitora de livros de romance.

—Boa noite, Aurora. —Ele disse educada e carinhosamente.

—Boa noite, Ethan. —Eu respondi com um sorriso.



—*Você é a pior amiga de todas!* —Sara bradou pela milésima vez no celular. Já eram seis e meia da tarde, estávamos falando no telefone desde que eu havia saído do banho.

—Ok! Eu já entendi essa parte. Mas me diga, Sara. O top e a saia ou o vestido azul? —Eu perguntei pressionando o meu celular entre meu ombro e a minha olheira enquanto, ainda de calcinha e sutiã enquanto tentava decidir qual roupa vestido no jantar.

—*A saia e o top, sua megera.* —Ela estava chateada por não ter recebido mensagens em tempo real do coquetel e mais irada ainda por só ter sabido do jantar naquele momento, há uma hora atrás.

—Eu já disse, Sara. É um jantar de agradecimento por tê-lo ajudado. —Eu respondi revirando os olhos.

—*Além de tudo é cínica! Só um jantar, Aurora? Com quantos dos seus patrões você jantou? Eu sou empregada do senhor Lewis também e nunca jantei com ele.* —Ela resmungou.

—Tudo bem, tudo bem! Há alguma coisa a mais, mas Sara não passa de uma camaradagem, sejamos realistas, ele só está sendo legal. —Eu revirei os olhos e ela voltou a desfiar uma série de palavrões, me xingando por ser tão idiota. —Sara vou me vestir, prometo te mandar uma mensagem com todos

os detalhes do jantar.

—*Tudo bem, idiota.* —Ela resmungou. —*Amo você e se cuida.*

—Também amo você sua maldita intrometida. —Ela gargalhou e me xingou novamente e em seguida desligou.

Respirei fundo e olhei para as roupas, havia escolhido uma saia *mid* vinho de cintura alta e um top *cropped* preto. Iria com a sandálias de ontem à noite. Não fazia ideia de onde iríamos jantar, mas conhecendo Ethan sabia que seria algo caro e refinado. Não passaria maquiagem por temer acabar com a cara de uma cor muito estranha, coloquei gloss e rímel.

Já estava quase na hora. O fato de Jasmine ter levado Zoey até a casa da avó materna era algo que me preocupava também, ter a menina por perto me acalmava. Éramos Ethan e eu sozinhos por sabe-se lá quantas horas. Duas batidas suaves na porta fizeram meu coração martelar feito louco, olhei para o espelho e vi minhas bochechas ganharem um tom de vermelho.

Dei os passos meio trôpegos até a porta, respirei fundo mais uma vez e a abri.

Ethan não estava em seu habitual terno preto. Ele vestia roupa social, mas nada do seu fiel terno. A calça, a camisa azul marinho e o blazer davam-lhe um ar diferente de tudo que eu já havia visto nele. Ele estava maravilhosamente bem.

—Você está linda, Aurora! —Ele elogiou e seus olhos percorreram-me rapidamente e um sorriso brincalhão brotou em seus lábios.

—Obrigada, senhor Lewis. —Eu disse e ele me deu um olhar zangado. —*Ethan.* —Eu corriji. —Você também está muito bem.

—Não sabia se você já estava arrumada, se precisar de mais tempo... —Ele disse levemente nervoso e eu sorri.

—Não, eu estou pronta!

Houveram mais alguns segundos de silêncio até que ele me deu passagem e eu sai do quarto. Andamos pelo corredor em silêncio, descemos as escadas lado a lado, a apenas alguns centímetros um do outro. Quando chegamos a sala ouvimos o cochicho da cozinheira que parecia falar ao telefone. Nós rimos silenciosamente um para o outro e Ethan me guiou até

seu carro já em frente ao majestoso jardim.

—Eu posso apostar que ela estava falando ao telefone com a minha mãe. —Ele disse entre risadinhas quando abriu a porta do carro num gesto tão cortês que me deixou um pouco chocada, mas aquilo parecia ser hábito para ele. —Minha mãe está extremamente empolgada com hoje à noite. Muito mais do que o saudável. —Ele comentou já dentro do carro.

Arrancamos pelo condomínio e logo estávamos na rodovia. Não queria parecer uma tagarela e encher o silêncio com meus papos bobos, então resolvi bancar a intelectual.

—Posso ligar o som? —Eu pedi.

—Claro, tenho uma playlist aí, mas a rádio também funciona.

Olhei para o painel cheio de luzes e encolhi seco. Aquela havia sido uma péssima ideia. Eu mal sabia mexer na máquina de lavar dos Lewis o que eu esperava do carro do ano de Ethan? Apertei um botão e o aparelho deu sinal de vida. "*É um progresso*" Minha V.I elogiou. Pelo pequeno visor eu percebi que estava na playlist. Apertei um outro botão e vi que as músicas passavam. Ele tinha um gosto musical interessante, haviam principalmente bandas de rock dos anos setenta e oitenta.

Vi um nome conhecido e parei nele. Procurei o *play* e o pressionei. A música conhecida encheu o carro com suas notas suaves. Depois de alguns acordes não pude me controlar e comecei a cantarolar em voz baixa.

Eu cantei baixinho *la vie en rose*, mas a cabeça de Ethan virou em minha direção. Não tive coragem de olha-lo. A música, mais curta do que devia, acabou e eu suspirei quando sua última nota pairou.

—Você canta muito bem. —Ele elogiou e eu sorri e o olhei.

—Obrigada, mas definitivamente não!

Ele deixou que eu trocasse de música mais algumas vezes, mas eu logo me perdi e Ethan me auxiliou colocando algumas de suas músicas favoritas.

Paramos em frente a um restaurante no centro de Seattle. Era um lugar maravilhoso, Sara e eu por vezes passávamos em frente dele e jurávamos que íamos guardar dinheiro, mas naquele momento tudo parecia estranho ali a começar pelo caminhão de bombeiros parado em frente dele.

—O que está acontecendo? —Ethan perguntou retoricamente e abriu o vidro do seu lado.

—Senhor, o que houve ali? —Ele perguntou para um velhinho que passava na calçada com sua esposa, eles estavam bem vestidos, mas um pouco sujos de cinzas e pareciam ter saído do restaurante.

—A cozinha pegou fogo. —Ele respondeu e torceu os lábios fazendo com que seu grande bigode branco dançasse.

—Alguém se machucou? —Eu perguntei alarmada me inclinando em direção deles.

—Não, graças a deus não. —Ele suspirou. —Mas se vocês tinham reservas pra hoje sugiro que voltem para casa. —Ele disse meio amargurado.

—Obrigado. —Ethan disse e o casal saiu. —Mas que droga, onde vamos achar um restaurante bom aberto no domingo? —Ele questionou e voltou-se para mim.

Ele imediatamente congelou. Nossos rostos estavam a centímetros, eu podia sentir seu hálito quente e doce o meu rosto e de tão perto ver seus convidativos olhos castanhos. A boca dele se abriu e fechou duas vezes, como se lhe faltassem palavras. Seus olhos miraram os meus lábios e ali ficaram por alguns segundos.

—Eu tenho uma ideia. —Eu disse baixinho.

Capítulo 16 — Doce & Salgado

Meu coração pulava pelo que eu estava prestes a fazer, engoli seco e momentaneamente fechei os olhos. Minha boca estava seca o que dificultaria um pouco as coisas. Aquele momento era um dos aterrorizantes da minha vida, mas não um terror de todo ruim, mas nervosismo antes de uma coisa que poderia ser maravilhosa, mas que se fosse uma má ideia arruinaria a noite.

—Mc Donald's? -Ele questionou ao meu lado e eu o olhei meio apreensiva. —Acho que pode ser uma boa ideia. —Ethan coçou a cabeça e riu.

Trazer meu patrão milionário para um *fast food* no centro da cidade parecia uma ideia estúpida a cada segundo. Estávamos bem vestidos demais e eu duvidava muito que aquele fosse o tipo de comida que Ethan estava acostumado a comer. Por mais que eu o tivesse visto comendo pizza no almoço não significava nada. “*Respira fundo e conte até dez*” minha Vadia Interior hiperventilava.

—Por que você não se senta enquanto faço o pedido?

—Mas você não sabe o que eu quero. —Eu desafiei e ele revirou os olhos.

—Então vou levar um pouco de tudo. —Ele riu. Eu me sentei em uma das mesas no canto da loja enquanto Ethan foi até o caixa. Nós éramos obviamente o casal mais destoante dentro do estabelecimento que era composto principalmente por jovens adolescentes em encontros com os amigos.

Olhei ao redor, aquele era o tipo de estabelecimento que eu ia, não parecia o tipo de lugar que Ethan vinha com frequência. Aquilo me bateu com uma certa crueldade. Éramos muito diferentes, ele não era desse tipo de homem. Não era nem sequer parecido com meus namorados anteriores. O que era difícil, uma vez que todos os caras com quem eu sairía era absolutamente iguais a mim e entre si. “*Mas os iguais não deram certo*” minha mente me lembrou fazendo com uma pontinha de esperança

brilhasse no meu coração. Eu balancei a cabeça para afastar-me daquela linha de pensamentos.

Ethan não era para mim, muito além das complicações patrão e funcionária. Ethan era um homem difícil por si só, seus problemas com a superproteção e principalmente seus traumas com a morte da ex-esposa me deixavam sempre com um pé atrás quando se tratava dele.

Não havia esperanças para o que eu sentia. *"E o que você sente?"* Minha V.I questionou. Eu nunca havia parado pra estudar o que crescia no meu peito. *"E não vai ser perto dele que eu vou fazer"* eu discuti comigo mesma *"ah, vai sim!"*

"Você adora estar na presença de Ethan" minha V.I começou a citar. E eu concordei, aquilo era verdade, Ethan era uma companhia fenomenal, muito inteligente, sábio e por vezes até engraçado.

"Você não pensa em largar o emprego". Não mesmo, inicialmente minhas motivações eram financeiras, mas agora eu não queria estar longe daquela família e o que obviamente o incluía.

"Você ama o som da risada dele". Um sorriso escapou dos meus lábios ao lembrar de todas as vezes que eu o tinha visto rir. Nos últimos tempos aquele passará a ser um dos meus sonhos favoritos no mundo.

"Mesmo com todas as complicações você escolheu estar aqui hoje". Aquela era sem dúvidas uma escolha difícil, eu não sabia ao certo, mas estava ali olhando fazer nossos pedidos.

"Agora me diga: O que você sente por ele?" Minha V.I questionou no fundo da minha mente. Pensando na série de coisas que eu havia posto em evidência só havia uma resposta. Meu coração bateu mais forte quando vi ele recebendo os pedidos, Ethan estava voltando e eu estava tendo aquela discussão maluca comigo mesma. *"Anda Aurora, você é um homem ou um rato?"* Ele se virou em minha direção com a bandeja cheia de sacos de papel e com pelo menos quatro copos e deu um sorriso largo, um sorriso tão sereno que apagou todas as dúvidas na minha mente.

—Bem, eu não sabia o que pedir então trouxe o maior hambúrguer e o um pouco de tudo.

Eu estava apaixonada por ele.

—Hãh, tudo bem. —Eu disse enquanto minha cabeça girava num turbilhão sem fim e meu coração martelava alto.

—Você está bem? —Ele questionou. Provavelmente eu estava vermelha feito um pimentão.

—Sim... Bem, só estou achando o lugar meio cheio. —Eu menti e ele olhou ao redor com o cenho franzido, a lanchonete não estava vazia, mas também não estava tão lotada ao ponto daquela desculpa fazer sentido.

—Eu tive uma ideia! —Ethan disse ignorando a minha estranha afirmação. —Eu nunca fiz isso e parece tão legal nos filmes e bem... Quando eu estava na escola todo mundo sempre fazia. —Ele disse e seus olhos se iluminaram, resolvi guardar minha mais recente descoberta no fundo da minha mente.

—O que é? —Eu questionei e ele continuou em pé parado, parecendo extremamente animado.

—Vamos comer no parque? —Ele pediu animado e eu me derreti. Ele nunca havia feito um lanche no parque, o que para mim era absolutamente comum, era novidade pra ele. Já comigo, quando tinha algum livro para corrigir ia sempre ao parque, me sentava num banco perto das árvores e ficava horas por lá. Mas ele nunca havia estado lá por lazer. Sua animação era absolutamente fofa.

—Sim, eu adoraria. —Eu ri animada também. —Mas tenho quase certeza que lá tem uma péssima iluminação a esse horário. —Ele quase fez beicinho quando eu disse aquilo.

—E nas escadarias daquela catedral na esquina? Não é o parque, mas tem algumas arvores e aqueles bancos em frente. —Ele estava completamente imóvel em sua decisão de comermos ao ar livre.

—Acho muito bom! —Eu concordei e ele mais uma vez sorriu.

—Então vamos? —Ele propôs e eu me levantei pegando alguma das coisas de suas mãos.

—Tenho uma outra ideia. —Ele disse com mais um sorriso quando chegamos ao lado de fora. —Você sabe para que lado fica a escadaria? —Ele questionou e eu franzi o cenho.

—Sim. —Eu respondi sem entender.

—Ganharia mim numa corrida até lá? —Ele questionou e eu sorri balançando a cabeça negativamente. —Não? —Ele questionou e eu imediatamente me pus a correr amaldiçoando-me por estar de salto e saia.

—Ei, isso não vale! —Ele gritou atrás de mim e as pessoas ao nosso redor nos olhavam curiosamente.

—Elemento surpresa! —Eu gargalhei quando o ouvi se aproximar ainda mais de mim.

—Para alguém com pernas tão curtas você até que corre muito. —Ethan gargalhou quando finalmente chegamos as escadarias, havia sido um esforço extra uma vez que carregávamos batatas fritas, refrigerantes, hambúrguer e milk shakes. Ethan obviamente havia ganhado, eu tinha o pior físico de todos.

—Bonda... bondade sua. —Eu disse arfando e me jogando em um dos degraus.

Ele gargalhou e colocou seu saco de comida no degrau e sentou-se ao meu lado. Eu demorei alguns segundos para recuperar meu fôlego. Minha garganta estava seca, peguei o refrigerante e dei um longo gole. Ele já estava meio morno e sem gás, fiz uma careta e o deixei no degrau.

—Isso foi muito divertido. —Ethan riu como uma criança quando viu que eu havia me recomposto. A escadaria era há menos de uma quadra dali, mas eu estava enferrujada.

—Ah sim, quando se é um homem jovem de físico invejável é muito divertido. —Ironizei e peguei o milk shake que provavelmente iria derreter em pouco tempo.

—Ah, quer dizer que eu sou um jovem de físico invejável? —Ele perguntou sorrindo em forma de gracejo. Eu corei e ri um pouco.

—Bem, como contratada só posso dizer: o senhor está muito bem, senhor Lewis, mas como Aurora não posso mentir, você é bem atlético. —Eu brinquei e o olhei batendo cílios.

—Ah, esqueça por hoje essa coisa de contratante e contratada. Hoje somos Ethan e Aurora.

—Então é um prazer, *Ethan*. —Eu disse e ergui a mão para que ele

apertasse.

—O prazer é todo meu, Aurora. —Ele deu um aperto firme em minha mão e eu gargalhei.

—Bem, tem uma coisa nova que quero experimentar. —Ele disse e meu coração pulou. O que ele estava querendo dizer? —A atendente me sugeriu uma coisa nova. São batatas fritas com creme de avelã.

—O quê? —Minha voz subiu um oitavo. Não posso negar que esperava coisas mais *sexys* que uma comida estranha. Eu estava revisando romances demais, estava começando a criar situações que *não* aconteceriam.

—Essa foi a minha exata reação. —Ele pegou o recipiente de isopor e abriu. Aquilo era bem estranho.

—É um doce ou um salgado? —Eu questionei quando ele me ofereceu, peguei uma das batatas e ela veio com chocolate. Coloquei na boca e apreciei a textura e o sabor, era diferente, não sabia dizer se era bom ou ruim.

—Bem... —Ele comeu e fez uma cara de contente. —É bom.

—Eu não gostei muito, são coisas diferentes demais. —Eu disse e franzi o cenho.

—Coisas diferentes podem dar certo juntas. —Ele disse e meu coração bateu forte. "*Coisas da sua cabeça, Aurora*" eu me orientei. Aquilo não era um indireta.

—Bem, eu tenho que concordar. Coisas opostas dão certo as vezes. Queijo e cereja por exemplo.

—Queijo e cereja? —Ele riu e questionou. —Eu estava pensando em algo mais... Concreto.

—Algo tipo...? —Eu questionei e peguei o milk shake novamente e bebi.

—Eu e você por exemplo. —Ele disse e eu engasguei. "*Coisas da minha cabeça! Coisas da minha cabeça! Coisas da minha cabeça*"

—Eu e você? —Eu tossi e ele gargalhou.

—Bem, eu sou o *nerd* dos computadores e da robótica e você era a garota popular que estava em todas as festas.

—E você contratou essa bêbada aqui. —Eu disse fingindo estar embriagada e ele riu. Aquilo estava se tornando um ato corriqueiro e eu amava muito ouvi-lo rir, era como se a alegria dele fosse fundamental para que eu estivesse alegre também.

—E mesmo assim você me deu de presente um contrato com um magnata do petróleo simplesmente por ser culta. E eu agradeço muito por isso.

—Não há o que agradecer Ethan. Você pode pensar que não, mas me deu uma oportunidade de crescer enquanto ser humano. Zoey é um presente pra mim, toda sua família é. —Era mais fácil falar aquilo enquanto bebericava *milk shake*, longe de todos os ternos, ações e das carrancas de Ethan o *patrão*. Aquele Ethan ao meu lado era diferente, mais sensível e ao mesmo tempo algo que eu julgava impossível: ele era ainda mais apaixonante que o outro.

—Bem, tenho que dizer que na verdade o presente aqui é você. —Ele disse em tom de brincadeira, mas em seguida ficou sério. —Zoey mudou muito desde quando te conheceu. Ela virou uma criança mais alegre e radiante. Você trouxe luz para aquela casa, Aurora.

—Ah, Ethan... —eu comecei a dizer meio sem graça.

—Por favor, deixe-me terminar. —Ele disse como se tomasse coragem de algo. Meu coração batia forte. —Você trouxe luz não só para aquela casa, mas para nossas vidas. Zoey está alegre, minha mãe está completamente animada e jovial de novo, até mesmo os empregados estão encantados por você. Mas a maior mudança aconteceu comigo. —Ele parou, suspirou e sorriu.

—Você trouxe luz pra mim também. Mesmo que no começo eu tenha sido duro e rude. Peço desculpas por isso... Eu estive tão obcecado por tudo que aconteceu, tentando ficar bem, reconstruir os pedaços, que acabei machucado quem estava ao meu redor. Precisei chegar ali, no fundo no poço, brigando por um piano que não era tocado há anos, para perceber que eu precisava de ajuda. Procurei um psicólogo, tentei me desapegar e agora estou aqui pedindo desculpas sinceramente.

—Não há o que desculpar, mas fico feliz pelo seu... avanço emocional

—Eu disse delicadamente. Ele deu-me um sorriso largo.

—Obrigado! —Ethan agradeceu. —Você me mudou também, Aurora, não só a elas, eu demorei para perceber isso. Trouxe luz para um lugar que a partida de Jane havia deixado escuridão e tristeza.

—Quando eu te conheci soube que haviam muitas *marcas* que você carregava de seu passado. Eu fico feliz que eu possa ter trago alívio pra elas. —Minha mente estava em estado de negação, eu fazia mil e uma hipóteses do motivo de seus agradecimentos e de todas aquelas palavra bonitas. Mas meu coração teimava em me açoitar com a possibilidade de reciprocidade.

—É mais do que isso, Aurora. —Percebi que inconscientemente tínhamos nos aproximado, o milk shake em minhas mãos já havia sido abandonado e as batatas com creme de avelã estavam longe das minhas vistas. —Você trouxe... Esperança. E eu não quero que você vá embora. Não quero você longe de mim. —Já estávamos a centímetros um do outro.

—Somos queijo e cereja Ethan, não podemos ficar longe um do outro. —"O que?????" Minha Vadia Interior gritou. Aquela era a coisa mais patética que eu havia dito em toda minha vida. Mas eu não conseguia formar pensamentos coerentes com aquele par de olhos castanhos tão perto de mim.

Mas Ethan parecia ter gostado, ele sorriu largamente e pôs sua mão delicadamente no meu maxilar, meu coração galopava tão rápido que eu temia acabar com o clima tendo um enfarto. Eu o imitei e acariciei sua face, sentindo a pele macia correr por entre meus dedos. "*Céus, eu o amo tanto*" eu me declarei mentalmente. Minhas mãos tomaram vontade própria e passaram de seu maxilar para a lateral de seu pescoço e dali para a nuca. Fiz um pequeno carinho ali enquanto remexi levemente em seus cabelos.

—Aurora. —Ele disse meu nome em um suspiro e fechou os olhos.

Num surto de coragem levantei meu outro braço e logo minhas duas mãos estavam em ali o afagando. Ele estava absorto no carinho, respirei fundo e tomei a iniciativa.

Me aproximei lentamente dele, que ainda de olhos fechados não mostrou nenhuma resistência. Quando nossos lábios estavam a centímetros eu parei fechando os olhos. Aquilo parecia certo, ao mesmo passo que parecia absolutamente errado, mas era uma sensação indescritível de

completude.

Fiz com que nossos lábios se tocassem pela primeira vez. Os dele eram macios, mas ao mesmo tempo firmes e quentes. No instante em que eles se tocaram tudo ao meu redor pareceu desaparecer, meus pensamentos ficaram em branco, meu corpo estava ali, mas minha alma deleitava-se profundamente no paraíso.

O próximo passo foi dele, suas mãos foram para minha cintura para me aproximar mais dele. Ele retirou seus lábios do meu e suspirou, meu corpo imediatamente reagiu sentindo a falta dele e meu peito colou-se ao dele.

Ele novamente capturou meus lábios num beijo profundo. Seu sabor era indescritível, diferente de todos os outros no mundo. Minhas mãos tomaram vida e desceram de sua nuca para o sua clavícula, apertei o tecido de sua camisa o querendo mais perto de mim. Naquele momento o beijo tomava proporções diferentes, deixava o carinho e o cuidado de lado e colocávamos urgência.

Ethan tomou consciência da mudança ao mesmo tempo que eu e se afastou momentaneamente por mais alguns segundos e voltou para o beijo calmo e casto. Era o paraíso no meio da terra, eu mal conseguia formar pensamentos coerentes, eu só queria beijá-lo até que o céu amanhecesse.

Mas muito antes disso ele parou, lentamente de me beijar. Dando alguns selinhos, e tirando uma de suas mãos da minha cintura e voltando a acariciar meu rosto. Eu fiquei de olhos fechados aproveitando o carinho. Lentamente deitei-me no seu ombro com meu rosto ainda virado para o seu.

—É um doce. —Ele disse baixinho enquanto seus dedos percorriam suavemente a minha face. Eu abri meus olhos e franzi meu cenho.

—O que? —Eu perguntei rindo divertida com seu comentário avulso.

—Batata e creme de avelã juntos são um doce e não um salgado. Eu perguntei para a atendente. —Ele disse e eu gargalhei apertando-o num abraço.

—Ethan! —Eu exclamei rindo. Ele me abraçou mais fortemente e beijou o topo da minha cabeça.

—Você é incrível. —Eu disse quando ele apoiou o queixo na minha cabeça. Eu queria desesperadamente dizer que o amava, mas minha razão e

meus medos diziam que não, que eu não devia falar aquilo.

—Eu não quero te perder, Aurora. —Ele me apertou mais ainda, enterrei meu rosto em seu peito respirando seu aroma doce. —Não quero que você vá embora. Nunca!

—Eu não vou. —Eu disse suspirando e me aninhando ali. —Eu prometo.

Naquele momento aquela promessa era verdadeira e eu esperava nunca quebrá-la. Eu só não sabia o que me aguardava.

Conversamos por muito tempo e mais beijos foram distribuídos. Estar com Ethan era ótimo. Sua companhia acalentava e fascinava ao mesmo tempo. Mas de repente o tempo havia passado e já estava tarde demais.

—Temos que ir. —Murmurei meio sem fôlego. De alguma forma durante a conversa eu tinha parada em cima de seu colo e sua boca beijava meu pescoço.

—Temos não é? —Ele riu e parou de beijar-me. Foi inevitável não fazer um beicinho de desaprovação. Mas a noite podia estar apenas começando.

O caminho para casa não durou muito. Ethan contava-me aspectos de sua vida e eu me via presa a suas palavras. Me contou detalhes de sua faculdade, sobre os amigos que tinha feito, como foi assumir tão jovem sua empresa. Cada frase proferida ali me encantava.

—Chegamos. —Ele avisou, desceu do carro e abriu a porta para mim.

—Que cavalheiro. —Eu elogiei.

Caminhamos de mãos dadas e eu fiquei apreensiva. Não sabia exatamente o que estávamos fazendo então queria ter que explicar para alguém porque eu estava de mãos dadas com meu patrão.

Abrimos a porta devagar e aos sussurros. Já passavam das uma da manhã e todos já deviam estar dormindo.

—Se não fizermos barulho... —Comecei querendo dizer que talvez pudéssemos passar sem que ninguém nos visse.

—O que podemos fazer? —Questionou maliciosamente aproximando-se de mim, abraçando-me pela cintura. Mesmo no escuro eu poderia ver seus quentes olhos castanhos e os lábios convidativos.

Sem pensar muito o beijei. No escuro não havia tanto pudor. O sentido da visão estava privado, mas o tato comandava todas as ações, as mãos percorrendo mutualmente os corpos. Sabíamos exatamente onde acabaríamos se terminássemos aquilo.

—Você tem certeza? —Ethan questionou em meu ouvido com a voz sem fôlego.

—Sim. —Respondi unicamente e nossos lábios se selaram novamente num beijo urgente. Eu não sabia quais seriam as consequências daquilo, mas estava disposta a pagar.

Capítulo 17 — O Próprio Presidente da Itália

—Aurora, eu não acho que isso vai dar certo. —Zoey disse baixinho enquanto nos estávamos deitadas, escondidas no chão da cozinha em frente ao forno.

—Vai sim, eu vi em vários vídeos da Internet. —Eu resmunguei, a garotinha tinha aquela mania de ser sempre mais responsável que eu.

—Mas e se pegar fogo? —Ela questionou apoiando o queixo nas mãos.

—Não vai pegar fogo, querida. A cozinheira só não pode voltar e ver a bagunça que estamos fazendo aqui.

Eu havia visto de manhã um vídeo em que uma moça colocava giz de cera partido em forminhas de formatos divertidos e criava novos giz. Resolvi testar com Zoey, mas ao que parecia a cozinha era um território quase sagrado e éramos proibidas por Vivian, cozinheira e mãe daquela cozinha, de entrarmos lá. Numa missão secreta estávamos Zoey e eu deitadas em frente ao forno vendo as cores derreterem e ganharem formato de coração.

—O papai vai adorar isso. —Ela comentou e pedras de gelo formaram-se instantaneamente no meu estômago.

Ethan e eu havíamos nos beijado, nos divertimos muitíssimo, conheci algumas novas faces de Ethan, o brincalhão e irreverente. A noite tinha sido simplesmente maravilhosa, havíamos nos completado de todas as formas possíveis, mas no dia seguinte ainda não o tinha visto.

—Vai sim... —Eu comentei genericamente.

—O que vocês estão fazendo aí? —Vivian questionou e eu imediatamente congelei. Rolei e me sentei, ela carregava sacolas plásticas com verduras e legumes e parecia realmente abismada com a situação.

—A Aurora que quis! —Zoey me entregou e eu dei um olhar de questionamento pra ela. A garotinha tinha me entregado sem nem pestanejar.

—E o que vocês estão fazendo? —Ela questionou colocando sacolas em cima da pia.

—Estou reciclando o giz de cera da Zoey. Coloco ele em forminhas e derreto. —Eu disse esperando que ela brigasse comigo.

—As forminhas de silicone em formato de coração? —A voz dela subiu de tom e nós nos encolhemos.

—Sim, mas não vai dar errado. —Eu disse tentando acalma-la.

—Nós prometemos! —Zoey afirmou e Vivian bufou, mas balançou a cabeça positivamente e depois sorriu.

—Tá, quero ver se isso vai dar certo, meu netinho vai para a escola e quero que ele leve coisas diferentes. —Ela disse e começou a tirar as coisas das sacolas e a lavar e descascar os alimentos.

Rezei para todos os deuses iluminarem aquelas forminhas para que elas não derretessem junto com o giz. Zoey pegou na minha mão enquanto esperávamos, ela parecia entusiasmada, mas preocupada com o que fazíamos. Era engraçado e ao mesmo tempo adorável.

—Acho que agora podemos tirar e colocar para esfriar. —Eu cantarolei, tinha que admitir que também estava alegre com o que fazíamos.

—Ah! —Zoey levantou do chão e começou a bater palmas. Peguei as luvas de forno e o abri retirando o molde.

—Coloca no freezer para ser mais rápido! —Vivian sugeriu.

Coloquei a forma no congelador e vi Zoey murchar e fazer biquinho, eu gargalhei e andei em sua direção.

—Ah meu amor, logo seu giz vai endurecer. —Eu prometi apertando suas bochechas. Eu amava aquela menina profundamente. Suspirei, eu estava no meio de uma horrível confusão emocional.

A porta da frente foi destrancada e Zoey imediatamente correu. Meu coração pareceu parar momentaneamente.

—Papai! —Zoey gritou e correu em direção a sala de estar.

—Está tudo bem, Aurora? —Vivian perguntou com um sorriso sem vergonha no rosto. —Você está muito vermelha.

—Estou. —Eu disse indo atrás da menina, era melhor do que ficar com os comentários de duplo sentido de Vivian.

Ethan tinha Zoey no colo, ela o abraçava e ele sorria. Um sorriso lindo e iluminado, meu coração bateu mais forte ao olhar aquela cena, parecia que todo meu mundo se encaixava ali. Eu queria desesperadamente fazer parte daquele abraço, poder estar naquele par de braços com Zoey ao nosso redor. Mas aquilo era distante, eu era a babá que ele havia beijado depois de muito tempo sozinho. Não podia deixar de me amargar por aquilo.

—... Em formato de coração? —Ethan perguntou olhando de olhos arregalados para a garotinha mostrando fascínio por toda a sua história.

—Sim! Agora eles estão esfriando. Vão ficar lindos! —Ela disse animada. Me encostei no batente da porta apreciando mais ainda aquela cena. Ethan olhou para mim e me deu um largo sorriso, um sorriso que era só meu.

—Olá, Aurora. —Ele cumprimentou.

—Olá, senhor. —Eu disse e pigarreei. *Senhor*. Devia sempre me lembrar do motivo de estar ali, eu era a babá.

—Filho! —Jasmine disse descendo as escadas, seu semblante era preocupado.

—Oi mãe, está tudo bem? A senhora parece preocupada.

—Finn Writock me ligou essa manhã. Mais uma cobrança de contas que seu pai deixou antes de morrer. —Ela disse e massageou as têmporas. —Eu não sei mais como ter critério para saber quais são verdadeiras e quais são oportunistas.

—Vou cuidar disso agora, mãe. —Ele beijou o topo da cabeça de Zoey e seu semblante mudou de preocupação para uma certa animação. —Mas antes tenho uma boa notícia.

—Matthew me ligou antes que eu saísse para o almoço.

—O tio Matthew ligou? —Zoey gritou animada e ele riu e a apertou em seus braços.

—Sim, ligou! Eles queriam confirmar, devo dizer que pela terceira vez esse mês, nossa presença na cerimônia de casamento.

—Eu vou ser a daminha! —Zoey gritou e apertou o pai.

—Tinha quase me esquecido disso, mas já está tudo providenciado, faltam as malas, mas posso providenciar isso rapidamente. —Jasmine estava

preocupada, mas em seguida sorriu. —Sabia que assim que o governo aprovasse eles iriam se casar.

—Eu sei, mãe. Essa última semana antes da viagem será uma loucura, mas vamos ficar apenas três dias. É o padrinho de Zoey e meu melhor amigo, ele merece isso.

—Merece mesmo! —Zoey disse animada e se remexeu no colo do pai para descer. —A Aurora vai, não é? —Ela perguntou quando chegou no chão.

—Se ela puder, sim. —Ele disse sorrindo para mim e eu retribui. —Você tem um passaporte certo? —Ele perguntou.

—Sim. —Eu respondi.

—Sara providencia o resto. Você a conhece, ela procuraria o próprio presidente da Itália se fosse preciso.

—Sara é implacável. —Eu sorri lembrando-me de minha melhor amiga, precisava visita-la...

—Vovó, Aurora e eu fizemos giz de cera, vem ver. —Ela chamou e Jasmine seguiu a garota até a cozinha.

Assim que elas passaram por mim ele esticou-se para vou onde elas estavam e me deu um sorriso andando rapidamente em minha direção.

—Eu senti sua falta. —Ele disse baixinho me dando um selinho rápido depois de me aninhar em seus braços. Inspirei seu inebriante cheiro. Era como estar em casa. A sensação de pertencimento que me preenchia quando eu estava em seus braços era total.

—Também senti a sua. —Eu retribui e suspirei. —O que vamos fazer em relação a tudo isso? Quero dizer... O que nós somos? Essa viagem vai mudar as coisas? —Eu perguntei, não queria avançar as coisas, mas aquilo não era um relacionamento comum, tinha que saber em que terreno estava pisando.

—Nós somos duas pessoas que estão indo para Florença, num passeio muito romântico vale ressaltar, para se conhecerem. —Ele disse e eu me afastei olhando em seus olhos, ele apagou meus braços. —Vamos devagar para sabermos se estamos prontos. —Ele parou e sua testa se vincou. —Tudo

isso é novo para mim.

—Eu sei. —Eu dei um meio sorriso para ele, ele estava tão temeroso quanto eu. —Vai dar certo. —Eu afirmei e ele balançou a cabeça positivamente.

—Vamos dar certo. —Ele disse e meu coração se aqueceu.

—Ethan. —Jasmine chamou quando chegou a sala e nós dois pulamos nos afastando. Quando eu a olhei ela tinha um sorriso maroto nos lábios. —Estou interrompendo algo?

—Não. —Ethan tossiu disfarçando. —Vamos ver nos registros toda essa história com Finn?

—Ah vamos sim. —Ela sorriu ainda maliciosa e seguiu em direção ao escritório.

—Será que ela viu? —Ele questionou baixinho.

—Não sei! —Eu gargalhei aos sussurros e ele me acompanhou numa risada silenciosa.

—Nós vamos dar certo. —Ele prometeu e me deu um beijo rápido na testa e seguiu o caminho que a mãe havia feito.

Eu queria desesperadamente acreditar naquilo.

Capítulo 18 — Até a Volta

“Muito tempo esperando?” recebi a mensagem do número desconhecido enquanto estava sentada em uma livraria perto da escola de Zoey. Olhei sem entender para a tela do meu celular. *“Creio que está quase na hora do seu almoço”*.

Me virei e comecei a procurar de olhos arregalados por alguém vestido um capuz escuro e me vigiando. As manchetes já soavam altas na minha cabeça *“mulher é perseguida e morta, restos mortais são achados”* ou *“babá é sequestrada no centro da cidade”*. Eu pelo menos esperava que Ethan procurasse por mim. *“ETHAN”* minha Vadia Interior gritou em minha cabeça, era ele.

“Ficaria bem feliz se você se identificasse sabe, pensei que fosse um sequestrador” digitei ainda meio trêmula com o meu próprio fim trágico que eu havia criado em minha própria cabeça.

Demorou alguns segundos e Ethan me respondeu com uma foto que me fez sorrir. Era seu rosto, provavelmente ainda no trabalho vestindo seu terno de chefe, seu semblante estava exageradamente indignado, sobrancelhas erguidas e lábios franzidos em desaprovação. Demorei alguns segundos para responder apenas contemplando sua beleza e a fofura de sua expressão teatral. Mandeí uma foto também, um rosto também exagerado de desaprovação.

“Fiquei imaginando como as notícias soariam”, mandei logo depois da foto. Ele imediatamente disse *“eu pagaria caro para ter várias páginas falando como você era incrível”*. Ethan brincou, mas aquilo apertou meu coração. Ele já tinha passado pelo processo de enterrar alguém e aquilo me deixou triste.

“Posso saber o motivo pelo qual o senhor está mandando mensagens ao invés de trabalhar? E se seu patrão me pega? E se o meu me pega?”, graciei mudando de assunto, nada mais de enterrar namoradas.

“Na verdade queria te convidar para almoçar, no mesmo restaurante da

primeira vez o que acha? Já estou aqui.”, ele sugeriu e meu coração pulou. Raramente tínhamos muito tempo a sós, contávamos com a Itália para ter nossos momentos, mas sabia que ele gostava da minha companhia tanto quanto eu a dele.

Mandeí emojis de corações e polegares para cima esperando que aquilo o irritasse, Ethan não parecia ser o tipo de pessoa que gostava de se comunicar por carinhas sorridentes, mas me surpreendeu quando ele enviou de volta mais corações e sinais de ok. Ele mal sabia que estava criando um monstro e que nos falaríamos apenas assim.

Passei pelo caixa da livraria e paguei o exemplar ilustrado de Jane Eyre. Estava muito tempo atrás daquela edição e bem contente por finalmente tê-la. Sorri para o garoto que estava me atendendo, mas ele simplesmente me ignorei. Sai da loja praguejando mentalmente como senhoras que são contra a juventude.

O restaurante não ficava muito longe e eu fiz o percurso quase que mecanicamente pois estava almoçando ali sempre que Zoey estava na escola. Gostava do espaço, gostava das lembranças de ter visto Ethan de verdade pela primeira vez ali, comendo pizza como qualquer pessoa faria.

A normalidade que era quase impossível no nosso *relacionamento* estava presente em momentos como aquele, mas mesmo assim havia sempre uma pitada da excentricidade de Ethan. Pessoas que estão começando algo costumam viajar juntas, mas não para a Itália, pessoas que estão se conhecendo conhecem a família uma das outras, mas não trabalham pra ela. Entretanto eu sinceramente não queria ter com ele algo que fosse diferente do que tínhamos agora. Era complicado tentar explicar, entretanto eu havia aprendido que certas coisas não precisavam de rótulos ou se encaixar em padrões.

“Bem a não ser o padrão de que para almoçar num restaurante ele precisa estar aberto” minha V.I disse ácida na minha mente franzi o cenho. Ethan tinha dito que estava ali, mas estranhamento o restaurante estava fechado mesmo que aquele fosse um dos horários mais movimentados.

“O restaurante está fechado, Ethan”, digitei, mas diferente das mensagens anteriores ele não respondeu de imediato. Minha cabeça voltou-se para o fato de que poderia ser realmente um sequestro e eu comecei a me

lembrar dos golpes que Sarah e eu tínhamos aprendido na aula de autodefesa no parque. Eu estava ocupada demais tentando ajudar minha amiga a conquistar o professor para prestar atenção. “*Num soco o polegar fica para dentro do punho ou fora...?*”, comecei a me questionar.

—Ele está aberto especialmente para nós. —A voz de Ethan soou tranquila quando a porta abriu e eu dei um pulo na calçada quase me jogando em direção à rua. —Aurora! —Ele chamou preocupado quando quase cai.

—Desculpe... você me assustou. —Eu murmurei rindo da minha própria mente cheia de fantasias. Eu tinha que parar de ler livros de sequestro.

Ethan gargalhou e corou pedindo desculpas.

—Você realmente fechou um restaurante para nós? —Questionei.

—O dono me devia um favor e foi muito solícito quando eu pedi. —Ele deu de ombros como se não fosse nada. —Achei que fosse gostar... —Sua voz era incerta.

—Eu te levei para comer fastfood e você fecha um restaurante para nós, claramente há desigualdades. —Me aproximei e ele abraçou minha cintura me dando um beijo de tirar o fôlego.

Eu estava meio apreensiva, sabia que haviam outras babás que almoçavam por ali e que elas realmente pensavam que em algum momento Ethan e eu teríamos algo, não queria dar uma ideia errada a elas. As outras mulheres tinham dito que ficar com ele me daria privilégios, mas não era aquilo que eu queria por estar ali.

—Todo momento que eu passo com você é incrível, num fastfood ou em um restaurante normal. —Seus olhos brilhavam em minha direção.

Ethan me deu a mão e me guiou para dentro do restaurante que estava decorado de uma maneira completamente diferente. As persianas estavam mais baixas e o ambiente um pouco mais escuro, haviam velas acesas e pétalas de rosas vermelhas.

Eu estava envergonhada com o fato de que ele havia se empenhado tanto para fazer aquilo por mim.

—Sua reserva, senhorita. —Ele gracejou indicando uma das cadeiras na mesa e num gesto muito educado puxando-a para que eu sentasse e em

seguida me acompanhou.

—Você parece meio chocada. —O homem deslumbrante a minha frente apontou e eu senti como se estivesse perdendo uma piada.

Demorei alguns segundos tentando para entender o que eu mesma sentia. Eu tinha amado sua surpresa, estava apaixonada por tudo que ele havia feito, entretanto me sentia meio insignificante perto de aquilo. O que eu tinha para oferecer a ele? Presentes com o salário que ele mesmo me pagava?

—Estou me sentindo meio mal por não poder retribuir isso algum dia sabe... —Comecei a dizer, mas tentei não mostrar estar muito afetada. Me encolhi esperando que ele dissesse que eu havia estragado todo clima e começasse a comer num silêncio irritado, como qualquer homem babaca teria feito, entretanto ele sorriu e levou sua mão em direção ao meu rosto afagando.

—Isso não é nada comparado a tudo que você fez e faz por mim. —Ethan murmurou. —Quero que você fique confortável.

—Está tudo lindo, não pense que eu não gostei, estou sem palavras e olha que me deixar muda é difícil. —Brinquei sobre um dos aspectos que ele parecia mais gostar em mim e Ethan pareceu orgulhoso de seu trabalho.

—Planejei isso desde quando descobri que iríamos para a Itália, queria que tivéssemos bons momentos aqui também para não parecer que eu sou romântico apenas na Europa. —Ele fez piada e eu me surpreendi com o quão divertido ele estava ficando. —Sei que não definimos o que temos e que você acha que é muito cedo para fazermos, mas estou te mostrando que eu quero que tenhamos algo, dentro de seus limites obviamente, mas estou disposto de você estiver.

Eu não soube como responder. Era para ser exatamente o contrário, eu tentar seguir as deixas dele, mas Ethan estava preocupado com meus sentimentos ao invés dos dele que podiam ser tão confusos. Eu não sabia como a agradecer então me inclinei em direção aos seus lábios e o beijei no nosso pequeno infinito de alegria e amor.

Capítulo 19 — Decolagem

—Eu não vou pedir pra você me ligar porque você nunca o faz... Então boa viagem. —Sara disse rancorosa enquanto me ajudava a fechar a mala. Ela ainda estava vestindo seu pijama, não passavam das cinco e meia da manhã, mas minha amável amiga me ajudava a guardar as últimas peças.

—Eu sinto muito por não ter te contando em tempo real que eu beijei o Ethan, Sara. —Eu ironizei.

—"*Beijei o Ethan, Sara*" —Ela repetiu com uma voz engraçada. —Como se tivesse sido somente beijos. —Sara comentou maliciosa e eu revirei os olhos. —Eu estou realmente chateada Aurora, você não tem me contado nada. —Ela fez uma carranca e cruzou os braços, eu gargalhei e avancei para beijar a bochecha dela.

—Tudo bem, eu estou feliz por você, mas olhe, de verdade, tenha cuidado tanto para entrar na vida de Ethan e Zoey quanto para ele entrar na sua vida. —Ela mordeu o lábio inferior perdendo todo o tom de brincadeira.

—Sara o que...? —Eu comecei a questionar.

—Deixe-me falar, por favor. Eu amo você, é como se fosse a minha irmã mais nova e por isso eu me preocupo. —Ela torceu as mãos em seu colo enquanto olhava. Era como na época da faculdade, estávamos sentadas em minha cama rodeada de roupas e malas confidenciando nossos segredos. —Esses dias eu estava lendo sobre responsabilidade afetiva. O cuidado que temos que ter para entrarmos na vida das pessoas, Zoey e Ethan são um par um tanto quanto traumatizado, quando a ex esposa dele partiu foi doloroso, ele se fechou. Mas você é tão... Aberta, tão amorosa e demonstra tanto... O que eu quero dizer é: não se jogue de cabeça, vá com calma. Eu quero te ver inteira.

—Sara, meu amor! —Eu disse segurando suas mãos e ela finalmente olhou para os meus olhos. —Eu terei cuidado e aposto que ele terá cuidado também. O estamos indo com calma.

—Indo com calma. —Ela debochou voltando ao seu bom humor. —

Beijando em frente de igrejas e fazendo viagens internacionais? Eu não vou criar nenhum bebê então eu espero que tenham usado e que continuem usando camisinha. —Ela riu e eu corei.

—Deixe de ser abusada! —Eu gargalhei. —Agora me fala onde está aquele meu vestido de verão? —Eu interroguei e ela arregalou os olhos.

—Ah não, Aurora! Eu peguei ele emprestado, estava contando com ele para ir para ao cinema com um cara do trabalho.

—Cara do trabalho? Eu achei que eu escondesse as coisas aqui. —Eu acusei e ela gargalhou.

—É só um caso, eu não estou morando com ele. —Sara ergueu a sobrancelha e acusou, eu gargalhei e ela remexeu os longos cabelos loiros.

Ficamos fazendo a minha mala e rindo entre brincadeiras durante um tempo. Ethan havia me dado o dia de folga na noite anterior para fazer as malas, o nosso voo era às sete da manhã e dali a algum tempo Richard passaria para me buscar. Eu estava muito nervosa, sabia que aquele casamento significaria muito na nossa relação.

—Bem, acho que está tudo pronto. —Eu disse olhando para a minha fiel mala dos Simpson, que eu precisava urgentemente aposentar.

—A sua mala está pronta desde ontem, mas você insiste em abrir e fechar sem parar para checar as coisas. —Sara revirou os olhos se jogando na minha cama. —Eu estou com tanto sono. —Ela bocejou.

—Me desculpe, ficamos conversando até tarde ontem. —Eu pedi e ela sorriu.

—Não, eu adorei! Estava morrendo de saudade de você. Não vou negar, Aurora, sem você não é nada fácil.

—Me desculpe. Eu prometo vir te visitar com mais frequência durante a semana. Não se esqueça que eu ainda moro aqui.

—Com certeza mora. —Ela revirou os olhos e sorriu.

Passamos mais um tempo conversando. Era ótimo estar com Sara, minha amiga não fazia o tipo reservada e tímida, pelo contrário, ela era tagarela e engraçada, fazia questão de preencher todo e qualquer silêncio com seus hilariantes e ácidos comentários. Estar com Sara era como estar em casa.

Nos despedimos com um abraço apertado e Richard veio me buscar um tempo depois. Sara me fez prometer que eu iria mandar fotos do meu vestido, da cerimônia e de cada centímetros da Itália que eu conhecesse. Era absurdamente estranho pensar que em algumas horas eu estaria na Europa.

Richard me levou num trajeto tranquilo para o aeroporto e a cada segundo minha agitação só aumentava. O mais longe que eu já tinha ido de Seattle era para as praias da Califórnia na casa dos pais da Sara, mas mesmo assim eu nunca ia de avião por temer descontroladamente a altura. Mas estava tentando dar o meu máximo para ser durona e enfrentar uma viagem entre continentes a milhares de metros de altura com naturalidade.

Richard fez um rápido telefonema quando chegamos ao estacionamento do grande aeroporto de Seattle e logo Jasmine apareceu para me buscar.

—Aurora, bom dia. —Ela cumprimentou ajudando Richard a tirar minhas duas grande malas do bagageiro. Eles trocaram um olhar suspeito.

—Bem senhoras, uma boa viagem. —Ele disse, mas olhando fixamente para Jasmine.

—Obrigada, Richard. Se cuide. —Ela disse fervorosamente. "*Eles estão tendo um caso colossal*" minha V.I afirmou e eu não tinha como negar.

—Se cuide, Jas... Senhora Lewis. —Ele disse polidamente.

—Vocês não precisam ser tão formais na minha frente. —Eu disse timidamente. Se estivesse enfrentando aquela situação eu gostaria de ao menos apertar a mão de Ethan.

Eles imediatamente se abraçaram e eu dei um largo sorriso. Era bonito como mesmo com tanta maturidade Jasmine gostava de Richard como uma adolescente.

—Se cuide. —Eles disseram em uníssono e Richard plantou um beijo casto na testa dela.

O telefone da senhora Lewis tocou e ela imediatamente se afastou do motorista, que sorriu para mim e acenou me desejando uma boa viagem.

—Oh, os passageiros já estão quase entrando no avião, precisamos te passar pela segurança rapidamente. —Ela puxou uma de minhas malas e pôs-se a correr elegantemente em seu salto, aquela era uma habilidade que eu

nunca iria ter.

O processo durou muito menos do que eu imaginava, suspeitei que o fato de Jasmine ter usado seu nome e influência tinham a ver com aquilo. Até mesmo o segurança que me revistou fez tudo o mais rápido possível e me desejou "uma boa viagem, senhorita".

—Como consegui passar pela segurança e pela alfandega tão rápido? — Eu questionei.

—Meu finado marido comprou uma boa parte desse aeroporto e quando ele faleceu, essa parte ficou para mim. —Ela disse calmamente como se o fato dela ser dona de metade do aeroporto fosse bem comum.

"Eu estou viajando com os donos do aeroporto, espero que isso diminua as chances de o avião cair" Minha V.I disse apreensiva.

Eu engoli seco, estava morta de medo.

—Temos que nos apressar. Zoey e Ethan já estão no avião. —Ela disse e me separou das minhas malas, me deu as mãos e andamos rapidamente até o enorme avião. Meu coração batia tão rápido de nervosismo que quando dei por mim já estava na luxuosa parte da primeira classe.

Eu nunca havia estado dentro de um avião, mas suspeitava que nem todos tinham acesso a aquela confortável acomodação. As poltronas eram maiores, mais espaçosas e individuais, haviam apoios para os pés e televisões tela plana a frente de cada acento. Jasmine me mostrou onde colocar minha bolsa e me deu um suave beijo na bochecha.

—O avião já vai decolar, infelizmente seu acento não é próximo ao nosso. Sei que esse é o seu primeiro voo, mas não tem com o que se preocupar, relaxe e aproveite. Daqui a pouco poderemos levantar e venho ver como você está. —Eu me senti um pouco mais calma com a sua promessa.

Ela andou até quatro poltronas a minha frente onde Ethan olhava para tudo meio bravo. Quando meus olhos pousaram sobre ele, eu imediatamente relaxei, ele estava ali, não estava ao meu lado, mas ainda assim estava ali. Mesmo de uma certa distância seus penetrantes olhos chocolate tinham poder sobre mim, ele sussurrou as palavras "acalma-se", eu sorri, acenei e me sentei.

O piloto pediu para que travássemos o cinto. Uma série de instruções

apareciam na tela e mais à frente uma aeromoça fazia uma demonstração.

—Você está bem? Parece meio nervosa. —Um voz masculina carregada de sotaque ao meu lado perguntou. O dono da voz era absolutamente deslumbrante, pele bronzeada, forte, cabelo raspado e olhos azuis como o mar.

—Ah sim, estou meio nervosa, mas vou ficar bem.

—Uma moça tão bela e tão amedrontada derrete qualquer coração. —Ele disse e eu corei envergonhada. —Meu nome é Stefan e o seu?

—Me chamo Aurora. —Eu disse com um sorriso encabulado, aquele homem era bonito demais. Não bonito num nível Ethan, mas charmoso. Quando pensei em Ethan meus olhos imediatamente foram em sua direção, ele acompanhava meu diálogo com Stefan com frieza.

—Você é daqui, Aurora? —Ele perguntou.

—Eu sou e você? —perguntei muito mais por educação do que por interesse, seu sotaque denunciava que ele era italiano.

—Não, não. Eu sou da Itália, estou aqui a negócios, a minha empresa está fazendo transações com uma empresa daqui. —Ele se gabou e minha vadia interior bocejou. Aquele homem não pararia de se vangloriar durante todas as horas que ficaríamos ali.

O piloto anunciou que decolaríamos em alguns instantes, eu respirei fundo, precisava me acalmar, tinha medo de entrar em pânico e protagonizar uma cena de Premonição ali.

—Senhor? —A aeromoça da encenação chamou Stefan ao meu lado.

—Sim. —ele respondeu e deu a ela um sorriso muito aberto, aquele homem parecia ser extremamente galante.

—Parece que houve uma confusão, sua poltrona na verdade é aquela mais à frente. —Ela apontou para um acento bem distante.

—Ah, sim. —Ele disse e seu bom humor morreu um pouco, desafivelando o cinto ele olhou para mim e tornou a me dar um sorriso sacana. —Talvez quando pousarmos você queira um tour pela cidade. —Ele ofereceu e eu ergui uma sobrancelha. O que havia feito ele pensar que eu queria sair com ele? Odiava aquele tipo de postura.

—Não, obrigada. —Eu disse educada, porém firmemente.

O italiano galã saiu de sua poltrona um pouco envergonhado e com passos meio arrastados. Me senti um pouco mal, querendo ou não o homem bonito ao meu lado me ajudaria a aguentar um pouco do nervosismo.

—Ficamos sem nos ver por algumas horas e já tenho concorrentes. —A voz de Ethan me assustou.

—Ethan! —Eu exclamei entusiasmada quando ele se sentou ao meu lado. —Você tirou o tagarela daqui? —Eu questionei.

—Sim, devo admitir, ele me parecia bem carismático de onde eu estava. Tive que cuidar disso, me desculpe. —Ele falou e se encolheu como se esperasse repreensão, em outra situação eu ficaria brava, mas estava tão feliz em vê-lo que não me importei. Mas ele teria uma lição por ser tão intrometido...

O avião começou a andar e eu imediatamente preendi a respiração e me agarrei no banco. Começaria a hiperventilar a qualquer momento. 1... 2... 3... Comecei contar minhas respirações para tentar manter meu juízo.

—Você tem medo de altura? —Ethan perguntou parecendo preocupado, mas eu nem tive forças para olhá-lo.

—Sim. —Eu respondi com a voz trêmula. Sua mão agarrou a minha e eu instantaneamente relaxei, meu coração ainda batia forte, mas dessa vez por outro motivo. Ainda tensa eu o olhei.

—Vai ficar tudo bem, não tema nada. —Ele disse segurando forte a minha mão. Eu respirei fundo, sorri e relaxei.

—Vai ficar tudo bem. —Ele prometeu, se inclinou rapidamente e deu um beijo suave nas costas da minha mão.

O avião começou a tomar mais velocidade, mas eu continuei calma. Com Ethan ao meu lado tudo parecia mais fácil. Eu era mais forte.

Capítulo 20 — Matthew e James

—É tão lindo quanto eu me lembrava. —Foram as primeiras palavras de Jasmine quando saímos do táxi e paramos na pousada onde seria o casamento.

—Você já esteve aqui, vovó? —Zoey perguntou no colo do pai. Ela havia dormido durante toda viagem, mas ainda assim estava sonolenta.

—Eu e seu avô viemos para cá em uma das nossas férias. —Ela disse nostálgica.

—Eu mal posso acreditar que estou no Europa. —Eu disse quando o rapaz vestido de uniforme veio buscar nossas malas, ele tinha um belíssimo sotaque e as palavras saíam em um italiano muito bonito e carregado. —Até hoje eu só tinha ido a Califórnia, e mesmo assim de trem, tinha muito medo de voar. —Eu confidenciei enquanto éramos guiados até a entrada da pousada.

Era o tipo de lugar que eu costumava ver em filmes, estava muito ensolarado, a construção da pousada era em pedras grandes e escuras, como se fosse um pequeno casto, mas por dentro o lugar era bonito e moderno, um funcionário me entregou um panfleto com diversos programas que o hotel oferecia. Eu não entendi nada que estava escrito, mas pude contemplar pelas imagens a Toscana.

—Você foi muitíssimo corajosa. —Ethan elogiou baixinho enquanto Zoey estava deitada com a cabeça virada em oposição a mim. Jasmine fazia nossas reservas muito atenta e não ouvia nosso pequeno diálogo. —Me impressionou, como sempre impressiona. —Ele murmurou com um sorriso aberto.

—Você estava lá! Isso me deu coragem. —Eu disse sinceramente e levantei minha mão timidamente e toquei seu braço num afago carinhoso. Queria aproveitar quanto tempo desse de Ethan.

—Eu não acredito que vocês já chegaram! —Uma voz masculina desconhecida disse na minha língua e eu imediatamente relaxei, italiano era

lindo, mas nada como ouvir minha língua materna.

—Tio Matthew! —Zoey gritou se remexendo do colo do pai e avançando em direção ao homem a nossa frente. Ele era muito bonito, tinha um cabelo louro escuro elegantemente arrumado, penetrantes azuis e era forte e atlético.

—Ah minha princesinha! Você está tão grande. Senti tanta sua falta. —Ele aninhou e apertou a menina que sorria em seus braços. —Jasmine! —Ele chamou enquanto ajeitava Zoey em seu colo para que ficasse com um braço livre para abraçar a senhora Lewis. —A senhora está ainda mais bonita do que da última vez que nos vimos.

—Ah Matthew, estou tão feliz por estar aqui hoje! Você vai se casar! —Ela suspirou e o abraçou. —Ainda me lembro de quando você ia passar as férias na minha casa.

—Ah Jasmine, não fiquemos nostálgicos, isso vai fazer com que eu me sinta velho. —Ele riu, mas em seguida virou-se para Ethan. —Mas estou particularmente chateado com meu padrinho que não me providenciou uma despedida de solteiro. —Ethan riu, deu um passo e o abraçou fortemente.

—Admito que não sou capaz de produzir um evento que agrade gregos e troianos. —Ele disse e Matthew gargalhou alto.

—Aposto que seria bem complicado providenciar uma despedida de solteiro para um noivo gay com amigos hétero. —Ele riu mais uma vez. —Senti realmente a sua falta, irmão. Faz séculos que não nos vemos... —Seu olhar tornou-se triste. —Faz muito tempo. —Imaginei que aquela fosse uma menção ao suicídio de Jane.

—Você já conhece a Aurora, tio? —Zoey perguntou e ele imediatamente olhou para mim com um sorriso muito educado. Engoli seco, eu era a babá no casamento de um estranho ou a mulher que seu melhor amigo ficava?

—Eu não a conheço! Seu pai, muito mal educado, não me contou que...

—Eu sou a babá! —Eu disse com um sorriso e estiquei a mão para cumprimentá-lo, antes que tudo ficasse estranho demais. —Meu nome é Aurora! Parabéns pelo casamento.

—Babá! —Ele exclamou confuso olhando curioso para Ethan. —Sinta-

se em casa, Aurora. Qualquer pessoa que cuide dessa garotinha é uma pessoa muito especial para mim. Eu reservei três quartos para vocês por sorte. —Ele sinalizou para um homem que passava, o parou e deu alguns comandos em italiano. —Esse é o Linus, ele vai leva-los até os quartos de vocês e depois quero que vejam o James, ele está em algum lugar com a família dele, mas quer muito vê-los.

—Ah sim, obrigada! —Jasmine disse. O tal Linus pegou todas as malas e as colocou em um carrinho, Zoey remexeu no colo de Matthew e eu a peguei dali dando um beijo no topo da sua cabeça.



Passamos o resto do dia dormindo. Eu devia confessar que não queria passar minhas primeiras horas na Europa dormindo, mas logo após dar banho em Zoey, não consegui me conter, a menina adormeceu e eu a segui para a terra de Morfeu. Acordamos nós duas somente na manhã seguinte. Minha Vadia Interior estava bem irada com o fato de que eu poderia ter tido uma noite romântica em Veneza, mas eu tinha que admitir, teria dormido no meio de qualquer encontro.

Na manhã seguinte a nossa chegada, Zoey estava animada, era praticamente impossível contê-la, se eu havia tido meu dia de princesa quando sai com o pai dela, cena não se repetiria.

—Vamos!!! —Ela gritou empolgada em nosso quarto, era hora do café da manhã, passaríamos o dia nos arrumando, mas ela queria muito ver os noivos.

—Calma, macaquinha. Nós já estamos indo. —Eu amarrei meu cabelo num rabo de cavalo e a peguei no colo.

—Posso te perguntar uma coisa, macaquinha? —Ela me pediu.

—Claro, meu amor. —Eu tranquei a porta de nosso quarto. Tínhamos três quartos para os adultos e Zoey dormia com quem ela preferisse.

—Você e o papai são namorados? —Ela perguntou certa.

—Hum... —Eu disse desesperada e comecei a andar mais rápido para que chegássemos depressa ao salão onde comíamos.

—Estão? —Ela questionou novamente.

—Não, Zô. De onde você tirou isso? Seu pai é meu patrão nada além disso. —Eu menti tentando parecer o mais verdadeira o possível. Detestava mentir para ela, entretanto tudo era tão recente que enfiar-la no meio poderia ser muito mais complicado.

—É que parece que vocês são namorados. —Ela comentou remexendo-se em meu colo.

—Impressão sua, querida. —Afirmar novamente.

Entramos no salão do café da manhã Jasmine e Ethan estavam sentados em uma mesa perto de uma janela que dava vista para as montanhas. Zoey os ignorou e apontou em direção ao buffet. Tinha que admitir, tomar café também era minha prioridade.

A coloquei no chão peguei dois pratos, onde coloquei torradas e queijinhos. Zoey não costumava comer aquele tipo de coisa, mas era um café da manhã de um hotel, era uma das melhores coisas de todas, a pequena merecia aproveitar.

Quando Ethan nos avistou sorriu largamente e acenou em nossa direção, não pude conter o meu sorriso e Zoey correu a minha frente enquanto eu carregava nosso café.

—Bom dia, meninas. —Ele disse e a filha subiu para seu colo e o abraçou fortemente.

—Bom dia Jasmine, Ethan. —Eu disse cordialmente.

—Bom dia, Aurora! —Jasmine disse sorridente e voltou-se para a neta. —Bom dia, meu raio de sol.

—Bom dia vovó! —A menina cumprimentou e desceu da cadeira do pai sentando-se na própria.

—Nesse salão todos são convidados do casamento de Matthew e James? —Eu perguntei. Era uma pousada muito bonita e haviam poucas pessoas. Naquele enorme salão deviam no máximo cinquenta, mas o hotel provavelmente conseguia hospedar o dobro.

—Sim, Matt e James o alugaram para o casamento. —Jasmine disse saudosista.

—Você já conhecia este lugar, certo? —Eu perguntei, lembrava-me

remotamente de seu comentário quando chegamos.

—Sim, o pai de Ethan e eu viajamos para cá certa vez. —Ela sorriu e suspirou. Imaginei que aquelas lembranças não a traziam a dor da perda de seu marido porque Jasmine estava amando de novo.

—E onde eu estava no meio disso tudo? —Ethan perguntou debochado em tom de brincadeira. Jasmine tornou-se séria.

—Você estava passando as férias na casa de seus sogros. —Ela disse rápido e baixo. Voltei meus olhos para o meu prato, sabia que as menções ao casamento e aos seus momentos felizes com Jane o faziam sofrer muito.

—Então faz tempo. —Ele disse unicamente, eu ergui meus olhos devagar para olhar sua expressão. E pela primeira vez um comentário sobre sua falecida esposa não parecia atormentá-lo tanto. Mordi o canto interior da bochecha para me livrar da corrente de pensamentos que me levava a hipótese de Ethan não se abalar tanto agora porque também estava amando.

—Ah! Eles estão aqui, James. —A voz de Matthew disse atrás de mim e eu me virei para ver ele se aproximando. Ao seu lado estava aquele que deveria ser James, seu noivo. James era menos musculoso que Matthew, mas ainda sim era atlético, possuía cabelos castanhos que iam até os ombros e olhos verdes. Era um homem muitíssimo bonito.

—Ah Zoey como você cresceu! —James exclamou e a menina lhe deu um sorriso tão aberto que eu também sorri.

—Tio James, faz tanto tempo que não te vejo. —Ela disse o homem beijou o alto de sua cabeça, Jasmine e Ethan se levantaram para abraçar o casal.

—Grande James! Mal posso acreditar que vocês vão se casar, há uns oito anos atrás nos estávamos bebendo na faculdade.

—Estávamos, meu camarada! Mal posso acreditar também, há oito anos atrás eu estava festejando com meus dois melhores amigos, hoje estou me casando com um deles e o outro é o padrinho. —James disse emocionado, ao que parecia o trio se conhecia a muito tempo e era bonito ver a camaradagem entre eles.

—Veja amor, como a Jasmine está bonita! —Matthew elogiou e Jasmine gargalhou.

—Matt continua o mesmo galanteador de sempre.

—As mulheres Lewis são maravilhosas. —James balançou os cabelos de Zoey e em seguida olhou para mim. —Até mesmo as agregadas.

—Essa é a Aurora, a moça que cuida tão bem da nossa bebê. —Matthew disse e James corou, ele também julgou que eu fosse a namorada. Engoli seco, mas sorri.

—É um prazer conhecê-lo, James. Felicidades! —Eu cumprimentei.

—Eu agradeço, querida. Espero que aprecie a festa.

—Vai ser uma grande comemoração! Está tudo tão lindo —Ethan comentou percebendo meu desconforto.

—Minha mãe enlouqueceu fazendo a cerimônia. O fato de James e eu morarmos do outro lado do oceano a fez perder o controle.

—Onde está a Julia? —Jasmine perguntou. —Faz tempo que não a vejo. —Matthew olhou por cima dos ombros procurando e logo a encontrou. —Ela está ali, minha mãe está muito querendo encontra-la e ver a Zoey também.

—Vamos até lá então, bebê? —Jasmine chamou e Zoey deu de ombros se levantando. Ela sabia que se ficasse ali teria que comer o resto de seu café da manhã.

—Vamos até lá! —A menina exclamou e Jasmine pediu licença e começou a andar na direção em que Matthew havia apontado.

—Ok, agora que elas já foram pode revelar qual é o lance. —James disse e eu ergui a sobrancelhas perplexa. —Ah por favor, não mintam pra mim é muito óbvio.

—Você continua tão perceptivo quanto antes, James. —Ethan riu e pôs a mão carinhosamente em meu ombro, eu estava sentada atônita demais para reagir.

—Então algo realmente está acontecendo. —Matthew disse sorrindo. —Se meu noivo não fosse tão sutil eu nunca ficaria sabendo?

—Não! Provavelmente eu te contaria quando estivéssemos dançando lenta e apaixonadamente na pista. —"apaixonadamente!" a minha V.I gritou no minha consciência. Ele nunca havia usado palavras como amor e apaixonado.

—Ah parem! A Aurora está envergonhada. —James riu e eu senti meu rosto quente, provavelmente eu estava vermelha como um pimentão. Eles gargalharam e Matthew suspirou.

—James, a médica chefe do meu hospital está se aproximando, vamos sair o mais rápido possível. —Ele disse sorrindo para disfarçar. —Nós vemos depois, casal. —James disse e puxou o futuro esposo pela mão. —Eles partiram rápida e sorratoriamente. Eu continuei imóvel pensando na forma como Ethan havia entregado nosso torto relacionamento tão depressa.

—Desculpe-me, você parece meio em choque. Eu não devia ter confirmado que nós estávamos juntos. —Ele disse afagando meu ombro se sentando ao meu lado.

—Não estou em choque é só que... Nós realmente estamos juntos? —Eu questionei. Não queria me enganar assim tão facilmente, mas a maneira tranquila como ele me assumiu para os melhores amigos me deu o que eu mais temia: esperanças.

—Sei que nós ainda não conversamos sobre isso, mas eu quero que você sabia que eu realmente quero que nós déssemos certo. —Ele disse fervorosamente e pegou a minha mão que pousava em cima da mesa. Ethan acariciou meus dedos e os levou para perto dos lábios dando-lhes um beijo suave. —Eu realmente quero.

—É recíproco. —Foi o que eu consegui dizer e dei um sorriso feliz.

—Eu amo esse casal! —James exclamou passando por nós com o noivo a tira colo, ele andava rápido em direção a alguma coisa e se afastou tão rapidamente quanto sua chegada. Os preparativos do casamento não os deixava ficar parados.

Com o susto eu imediatamente retirei minha mão de perto de Ethan com medo de que fosse Zoey ou Jasmine.

—Acalme-se! Não estamos fazendo nada errado. Façamos assim: tiraremos a noite e até a hora do voo para sermos um casal normal. Afinal de conta estamos em Veneza, precisamos aproveitar esse clima de romance. —Ele disse e eu não pude deixar de sorrir.

—Temos um combinado, senhor Lewis. —Ele fez uma carranca para o nome, mas sorriu e tornou a pegar a minha mão para acariciar.

Eu tentava desesperadamente não deixar o sentimento de esperança me dominar. Mas ele era pequeno perto de outro que me deixava sem ação para todos aqueles acontecimentos: o amor. Eu estava próxima demais de Ethan, sentia como se qualquer distância fosse me machucar profundamente, sua presença era um carinho para minha alma. Eu não queria ao menos imaginar me afastar dele e de tudo aquilo.

Capítulo 21 — Brinde

—Não temos muito tempo. —Falei risonha enquanto Ethan me puxava em direção ao coreto que havia no final da propriedade. Zoey e Jasmine haviam se entretido com Julia, mãe de Matthew, tínhamos apenas alguns minutos sozinhos até que elas dessem falta de nós dois.

Quando chegamos lá a vista me deixou embasbacada. A Itália era linda, mas aquele pequeno pedaço, emoldurado pela bela arquitetura do coreto deixava tudo ainda mais lindo. A vegetação, o sol iluminando tudo e as flores alvas. Parecia que tudo tinha saltado das telas de algum gênio da pintura.

—É tudo tão lindo. —Murmurei.

—Não tão lindo quanto você. —Ethan respondeu e eu ri. Ele me abraçou, acariciou minha cintura. Com nossos rostos há poucos milímetros eu não pude evitar. Beijei seus lábios. Havia doçura em todos os seus gestos, o beijo se tornava a materialização de todos nossos sentimentos.

—Estou feliz que você esteja aqui. —Ele sussurrou quando nos separamos. Havia algumas senhoras, convidadas provavelmente, tirando fotos e elas pararam para nos olhar e suspirar. —E essas senhoras também. —Ele brincou.

—Vamos, eu vim para te ajudar a escrever seu brinde, não para namorarmos. Sou uma escritora, levo meu trabalho muito a sério. —Brinquei e me sentei no banco acolchoado. Ethan sentou ao meu lado e num gesto muito natural passei meus tornozelos para seu colo e fiquei sentada ali, com as pernas em seu colo e as costas apoiadas no braço do banco.

—Eu pensei em começar com uma reflexão histórica sobre o casamento LGBT, vou ler para você. —Ele puxou o papel e a caneta do bolso. —“Relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo existem desde o início dos tempos. Na Grécia Antiga...”

—Você só pode estar brincando. —Falei chocada e ele me olhou curioso. —Parece que você tirou isso de uma página da Wikipédia. Não quero colocar pressão, mas o brinde do padrinho tem que ser o mais

emocional de todos, não uma lista dos países que legalizaram o casamento LGBT. Não tem problemas exaltar as conquistas dos casais homossexuais, mas é tão estranho quando você faz.

Ele me olhou e anotou no papel a palavra emocional. Revirei os olhos. Aquele seria um problemão.

—Quais poemas você gosta? Ou frases? Músicas de amor? Mas principalmente aqueles que te fazem lembrar de Matthew e James.

Ethan ficou alguns segundos em silêncio pensando. Esperei pacientemente. Ele era um CEO talvez não estivesse acostumado a exercitar seu lado criativo e aquilo de alguma forma era simplesmente adorável.

—Feliz sou porque amo e sou amado, sem ter que alterar nem ser alterado. Sou o que sou. —Ele recitou baixinho e meu coração derreteu, me inclinei e beijei sua bochecha. —Oscar Wilde.

—Isso foi lindo e se encaixa perfeitamente com os noivos. Eles não tiveram que mudar quem são para amarem e serem amados.

—James tentou ser hétero por um tempo. —Ele riu ficando imerso em pensamentos. —Eu e Matthew simplesmente sabíamos que aquele não era ele quem ele era, mas James tentou. Teve até uma namorada. Durou apenas duas semanas...

—Continue. —Eu incentivei.

—Ele sempre bebia muito para poder passar a noite com ela. Numa dessas bebedeiras eu estava lá e ele me confidenciou que não gostava dela, que a admirava enquanto pessoa, mas que não passava disso. Eu questionei de quem ele realmente gostava e ele respondeu Matthew sem pensar duas vezes. Matt já era assumido há muito tempo, todos sabiam que ele era bissexual. Eu disse a James que contasse. Ele ainda tentou por mais um tempo ser quem ele não era, mas Matt o achou. Tirou James de toda a tristeza que ele tinha e o resgatou.

—E o que você consegue pensar sobre isso? —Questionei. Minha voz emaranhada pela emoção que eu sentia com aquela história.

—Eu vejo que isso é um milagre. Encontrar pessoas que possam nos resgatar é um milagre, privilégio enorme. —Ethan me olhava profundamente nos olhos.

—Então escreva isso. —Eu sussurrei com lágrimas nos olhos e ele riu baixinho erguendo o polegar para coletar uma que escapou. —Vamos, continue falando.

—Manter homens e mulheres LGBTs inelegíveis para o matrimônio reforça a cultura de homofobia presente em nossa sociedade, a união estável deveria ser um direito de todos aqueles que a quiserem. —Ele leu em seu papel e eu gargalhei.

—Isso foi horrível! Está tentando brindar os noivos ou ganhar votos para alguma eleição?

—Eu pensei que se fizesse algo sério e informativo todos iriam gostar.

—É um casamento, não uma aula. As pessoas esperam coisas fofas, história constrangedoras. Sentimentos verdadeiros e não estáticas. Suas informações são ótimas, muito importantes, mas para um artigo não um brinde.

—Então eu não devo falar que países como Suécia, Dinamarca, Alemanha e Noruega tem índices de aprovação dos casamentos LGBTs altíssimos, todos eles acima de setenta por cento? —Ele questionou brincalhão e eu gargalhei alto.

—Isso é exatamente tudo que você *não* deve falar. —Apontei. —Se você quer falar de aprovação e reprovação fale sobre os desafios que eles enfrentaram ao longo dos anos, suas conquistas, o que deseja para eles no futuro.

—Eles querem muito adotar uma criança. Sei que serão ótimos pais e que o amor que sentem um pelo outro durante todos esses anos é que os mantém de pé frente uma sociedade tão preconceituosa.

—Viu? Esses são os sentimentos que você deve ter para escrever seu brinde. Uma reflexão do amor deles e desejo de bons tempos.

—Aurora! —A voz infantil e conhecida chamou ao longe.

—Fomos descobertos. —Ethan cantarolou ao meu lado e riu.

Olhei em direção a pousada e Zoey vinha correndo com Jasmine logo atrás. Me ajeitei sentando-me mais profissionalmente ao lado de Ethan e acenei para a garotinha que parecia animada em nos ver.

—Por que vocês estão aqui? —Ela questionou.

—Seu pai precisava de ajuda para escrever o brinde e eu vim. —
Respondi e ela pulou no colo dele.

—Também posso ajudar, já sei escrever meu nome. —A garotinha se gabou.

—Quando Zoey percebeu que vocês dois não estavam conosco ela simplesmente saiu correndo. —Jasmine riu meio sem ar quando se aproximou.

—Temos que arrumar nossos cabelos. —A garotinha informou. Olhei para Ethan, ele ainda não tinha escrito nada, ainda precisava da minha ajuda.

—Pode ir. —Ele garantiu. —Já tenho material o suficiente. —Sua voz era afetada e ele me deu um olhar amoroso, eu sorri com a mesma intensidade de sentimento.

—Vamos! —Zoey gritou me puxando e eu me levantei.

—Obrigada, Aurora. —Ele pausou e sorriu. —Por tudo.

—Sou eu quem agradeço por você compartilhar comigo. —Respondi verdadeiramente.

Capítulo 22 — Casamento

—Eu vou ficar bonita, Aurora? —Zoey perguntou enquanto eu lavava o cabelo dela. Jasmine, Ethan e eu havíamos combinado que cada um faria algo em Zoey enquanto os outros estivessem se arrumando. Eu lhe daria banho enquanto a avó e o pai se arrumavam e eles ficariam por conta de vestir e penteá-la para que eu pudesse me aprontar.

—Você vai ficar lindíssima, meu amor. Já sabe o que sua avó vai fazer no seu cabelo? —Eu perguntei enquanto passava condicionador nos fios loiros da menina.

—Sim, ela vai fazer aquelas duas trancinhas na frente e vai amarra-las atrás igual a Barbie. —Ela disse animada.

Terminei de dar banho na garotinha, sequei seus cabelos com cuidado e vesti nela um pijama para que ela esperasse o vestido de dama de honra.

—Aurora? —Ela tornou a me chamar. Meu coração quase parava quando ela fazia aquilo, sabia que em seguida viria alguma pergunta que nem eu saberia responder.

—O que foi, macaquinha? —Eu perguntei e fiquei de costas pra ela enquanto fingia pegar alguma coisa na mala.

—Sabe, eu gostaria que você fosse a namorada do meu pai. —Ela comentou, percebi pelo seu tom de voz que ela estava envergonhada. —Assim você seria minha amiga pra sempre. —Ela disse e eu não pude me conter, virei-me em sua direção com um sorriso largo.

—Para isso eu não preciso ser a namorada de seu pai, eu vou ser sua amiga pra sempre Zô, independentemente de qualquer coisa. —Eu prometi.

—Obrigada, Aurora. —Ela disse com um sorriso aberto.

—Meninas? —Jasmine bateu na porta e a abriu em seguida. —Boa tarde, queridas. —A Senhora Lewis cumprimentou.

—Boa tarde, senhora. —Eu disse amigavelmente. Zoey saltitou até a porta onde a avó a esperava.

—Você precisa que eu te arrume? —Jasmine questionou.

—A Sara me fez aprender a me maquiar para esse casamento. Então acho que vou conseguir me virar. —Eu disse e ela sorriu.

—Quero conhecer a Sara, conversar com além das palavras que trocamos no escritório, ela parece ser uma menina radiante. —Jasmine disse gargalhando. Ela não sabia a peça que ela queria conhecer.

—Qualquer dia podemos sair nós três para almoçar. —Eu ofereci, Sara adoraria, ela sempre comentava o quanto Jasmine era elegante e parecia ser inteligente.

—Três? —Zoey perguntou colocando as mãos na cintura.

—Quatro! —Eu corriji.

Nós conversamos mais um pouco e elas foram se arrumar. Fiz um coque, tomei um banho rápido e me enrolei em uma toalha quando terminei. Preparei minha pele como minha melhor amiga havia me ensinado, colori meus lábios com um gloss rosa e fiz o delineado que havia aprendido. Era uma maquiagem simples, mas bem condizente com a cerimônia que seria no final da tarde ao pôr do sol.

O vestido que eu havia comprado pagava dois meses de aluguel do meu antigo apartamento com a Sara, mas as minhas economias compraram com folga. Ele era a coisa mais linda de todas, era de alças e tinha o decote em formato de coração, sua coloração era rosa claro e haviam flores brancas aplicadas nele. Era maravilhoso e eu me sentia uma princesa.

Soltei o coque e meu cabelo caiu em ondas, passei o mousse capilar para fixar os cachos. Olhei-me no espelho, eu estava simples, mas muito bonita. Ouvi dois toques na porta e ela se abriu, era Ethan.

—Uau. —Eu disse. Eu já havia visto Ethan de terno várias vezes, mas ele sempre me surpreendia, ele estava cada vez mais que bonito. Quando eu o conheci, ele era maravilhoso, um deus grego, mas era apenas isso, algo lindo, mas esculpido em mármore sem reação, sem sentimentos. Mas com o passar do tempo e a medida em que ele foi se abrindo Ethan se tornou um ser radiante.

—A recíproca é verdadeira! Você está linda, Aurora. —Ele elogiou entrando no quarto.

—Você também está, Ethan. —Eu disse e ele se aproximou, os braços esticados em minha direção, eu dei dois passos e o encontrei. Era reconfortante a proximidade, estar perto de Ethan fazia com que eu parecesse completa. —Conseguiu terminar o brinde?

—Consegui sim. —Sorriu e fez carinho na minha bochecha. —É muito meloso dizer que sinto a sua falta? —Ele perguntou e eu sorri erguendo-me na ponta do pé e dando um beijinho rápido em seus lábios.

—É completamente meloso, mas é o que eu sinto também. —Ele desceu dos meus braços para minha cintura, onde suas mãos pousaram suavemente.

Nos beijamos, começou suave, mas logo aconteceu exatamente como da primeira vez. Meus pensamentos ficaram em branco e o beijo tornou-se alarmado. Nossos corpos colados e as respirações fortes. Minhas mãos agarradas em seu pescoço. Ele puxou-me mais para cima fazendo com que nos encaixássemos nos lugares certos. Afastei-me, o calor que percorreu meu corpo me dizia que se eu continuasse com aquele beijo por mais tempo eu não resistiria.

—Acho melhor irmos, se continuarmos aqui não serei capaz de me controlar. —Ele disse sorrindo maliciosamente como um eco de meus pensamentos. Eu gargalhei nervosa.

—Preciso me calçar e já descemos. —Eu disse.

—Na verdade só vim ver como você está, tenho que sair mais cedo, afinal de contas sou o padrinho.

—Então você vai estar no altar? —Eu graciejei.

—Serei o cara de terno. —Ele sorriu e eu me levantei na ponta dos pés mais uma vez para lhe dar um selinho comportado. —Até mais, anjo. —Ele disse voltando ao seu habitual tom de carinho.

—Até mais. —Eu respondi na mesma intensidade e Ethan me deu um beijo na testa.

Ele saiu e eu fiquei muito tempo parada ali em pé, no meio de um quarto de hotel luxuoso no coração da Itália depois de um homem espetacular me beijar. A minha vida havia mudado completamente nos últimos tempos, eu havia saído da situação de uma solteira comum para a namorada sortuda

de Ethan Lewis. Minha sorte não vinha de sua fortuna ou de sua beleza, mas do fato de como nossas almas haviam se tocado, tão suavemente em meio ao caos que eram nossas vidas.

Suspirei e percebi que os meus devaneios haviam durado muito. Eu estava cronicamente atrasada. Havia combinado de estar no saguão com Zoey e Jasmine há exatos 15 minutos. Sai correndo pelo quarto procurando o salto, ele estava em algum canto remoto da mala. Sai jogando tudo pelo quarto, sabia exatamente onde os sapatos deveriam estar na teoria, mas na prática era bem diferente. Gastei mais dez minutos até encontra-los. Dei uma última olhada rápida para o espelho e sai correndo.

O quarto onde eu estava era no andar acima do saguão o que era um golpe de sorte, uma vez que a pousada por ser rústica não possuía elevadores. Jasmine e Zoey não estavam no lugar combinado, então corri em direção ao jardim onde seria o casamento. "*Você sequer é a noiva e está completamente atrasada*" Minha V.I riu debochada.

Ouvi as primeiras notas da marcha nupcial e percebi que o casamento já havia começado. O lugar estava completamente lindo e todas as pessoas já estavam sentadas assistindo o Matthew e sua mãe entrarem. Eu segurei o fôlego, nunca havia estado em um casamento ao ar livre e era tão bonito quanto um casamento na igreja. Tudo estava decorado com flores brancas e tecidos finos e alvos.

Algumas cabeças se viraram em minha direção, corei e estiquei-me para procurar Jasmine já que Zoey estava posicionada prestes a entrar com as alianças. Por sorte não estava sentadas do outro lado do jardim, mas a três fileiras de onde eu estava. Havia uma cadeira vaga ao lado de Jasmine e eu me esgueirei passando por alguns convidados que reclamaram em italiano. Sentei-me Jasmine se inclinou em minha direção.

—O que aconteceu? —Ela perguntou preocupada.

—Eu perdi meu sapato. —Ela sorriu e assentiu, voltando sua concentração para o final da entrada de Matthew.

James estava radiante no altar, o juiz que celebrava a cerimônia começava seu discurso, as madrinhas vestiam tons pasteis em vestidos das cores do arco íris e eu sorri largamente para isso. O padrinho mais bonito

olhava fixamente para mim. Eu lhe dei um sorriso largo, ele retribuiu, mas voltou-se para os melhores amigos que se olhavam apaixonados.

Era uma cena linda, Matthew e James se amavam tão profundamente que era quase tangível. Eles se olhavam em veneração como se não pudessem acreditar que o amor deles se concretizava na forma daquele cerimônia tão simbólica. O sentimento havia sido proibido por muito tempo e naquele momento era lícito ser quem eles eram.

Lágrimas inundaram meus olhos, voltei a olhar para Ethan que também parecia emocionado. Mesmo que em condições completamente diferentes ele também havia sido privado de se apaixonar. E de repente lá estava ele, olhos brilhando em minha direção e um sorriso carinhoso nos lábios.

O juiz disse algo que eu imaginei ser "pode beijar o noivo" em italiano. E o casal se beijou e os convidados se levantaram aplaudindo freneticamente. Zoey que já havia chegado ao meu lado riu e levantou-se na cadeira para aplaudir.

As pessoas foram cumprimentar o casal, até mesmo eu lhes dei um rápido abraço antes de ter que correr atrás da Zoey que de tão animada por causa da festa queria ser a primeira a chegar no salão.

—Macaquinha, você está tentando me matar? —Eu disse ofegante quando finalmente consegui me aproximar dela já no salão da festa.

—Eu quero dançar! —Ela disse radiante, o *dj* colocou uma música eletrônica e a menina começou a bailar e a saltitar pelo salão. Havia apenas mais outras duas crianças na festa e elas se aproximaram de Zoey que pela primeira vez não estava intimidada na presença de pessoas da sua idade. Fiquei algum tempo olhando a garotinha independente dançar.

—Você foi abandonada? —A voz de Ethan surgiu atrás de mim e eu me virei fazendo um beicinho.

—Completamente largada. —Eu disse e ele me recolheu em seus braços.

—Bem, sinto muito Zô, mas de qualquer forma Aurora seria somente minha durante esse noite. —Ele disse debochado e eu revirei os olhos. Mas engoli seco em seguida.

—Você tem certeza que quer ficar tão em público assim? —Eu

questionei. Uma música um pouco mais lenta começou e ele me abraçou enquanto balançávamos exatamente como tínhamos feito semanas antes na festa em que ele havia conseguido seu contrato.

—Você sabe que ser visto em público com você não me incomoda, certo? —Ele questionou e eu me encolhi, a verdade é que eu não sabia seus motivos, apenas os aceitavam. —Só não quero que seja desconfortável para você.

—Fico feliz, eu adoro estar com você, mas acho que as pessoas vão realmente pensar que eu sou uma aproveitadora. —Escondi meu rosto no seu pescoço, era difícil admitir que o que as pessoas pensavam me incomodava.

—O que elas pensam não me importa, Aurora. —Ele disse e puxou meu queixo delicadamente para com seus dedos. —Pela primeira vez em cinco anos eu estou feliz. Desde a morte de Jane eu não consegui me sentir vivo. Ela partiu de uma maneira tão dolorosa que eu nunca imaginei poder recomeçar.

—Ethan você não precisa falar se te faz tão mal... —Eu comecei, sabia como aquele assunto era doloroso para ele.

—Não, me deixe continuar, só assim posso dizer o que sinto. Ela teve depressão pós parto, Aurora. Jane era dançarina e parar de dançar para cuidar da menina agravou seu caso. Ela se matou quando Zô completou três semanas de vida. Seus últimos suspiros foram eu meus braços quando eu cheguei para tentar socorrer-la.

—Eu sinto tanto. —Eu disse apertando-lhe tentando dar a Ethan algum conforto.

—Mas então você apareceu e trouxe tanta luz para a minha vida. Trouxe luz para aquela casa, para minha família e para o meu coração. De repente eu posso viver de novo. Obrigada por permitir isso.

—Ethan, eu... —Eu não conseguia expressar o que eu estava sentindo.

—Te amar foi a melhor decisão que meu coração tomou. —Ele disse e afagou meu rosto

"Ele me ama!" Minha V.I gritou e meu coração bateu rápido. Era um sonho, o homem que eu amava me amava em resposta. Era mais do que eu poderia pedir a Deus.

—Ethan... —Eu suspire baixinho e ele nossos lábios se encontraram suavemente e eu senti que a felicidade chegava a seu ápice. A música que se iniciou apenas coroou o momento

"The world was on fire and no one could save me but you

It's strange what desire make foolish people do

I never dreamed that I'd meet somebody like you"

“O mundo estava em chamas e ninguém podia me salvar a não ser você

É estranho o que o desejo faz as pessoas tolas fazerem

Eu nunca sonhei que conheceria alguém como você”

—Parece que o dj está a nosso favor. —Ele disse quando nos separamos e eu sorri, aquela era sem dúvidas uma música que nos definia. Wicked Game soava exatamente como uma confissão de nossos sentimentos.

—Aqui estão eles, Zoey. —James riu chegando com a garotinha em seu colo e ao seu lado o marido. Eles haviam tirados os paletós e as gravata estavam frouxas, o trio parecia estar aproveitando a pista de dança.

—Parabéns pelo casamento, rapazes. —Eu disse e eles se olharam felizes. —A festa está linda também.

—Obrigado, Aurora. —Matthew disse feliz.

—Zoey, você está bem? —Ethan perguntou repentinamente alarmado.

—Papai... —Ela disse fraca, seu corpo estava todo apoiado em James e ela parecia pálida, uma camada de suor havia se formado em sua testa.

—Você está cansada pela dança, Zoey? —Matthew perguntou, me lembrei vagamente que ele era médico, mas aquilo não me acalmou, Ethan e eu nos separamos enquanto olhávamos preocupados para a menininha.

—Acho que sim... —A garotinha disse e debruçou-se ainda mais no padrinho.

—Vamos leva-la para o seu quarto Ethan, vou examina-la, Zoey ficou repentinamente pálida e fria. —Matthew afirmou e o homem a meu lado apenas assentiu.

James e Matthew começaram a andar para leva-la dali e Ethan olhou para mim desesperado.

—Ela está bem. —Eu afirmei e ele pegou em minha mão puxando-me junto com ele seguindo o casal com a menina.

Capítulo 23 — Eu Nunca Sonhei Que Conheceria Alguém Como Você

—Você pode ir, Ethan! —Eu disse pela milésima vez.

—Pode ir, papai. —Até Zoey estava perdendo a paciência com ele.

—Você passou mal Zoey, eu não posso sair daqui. —Ele tentou reclamar, mas nós duas reviramos os olhos.

—Matthew disse que é só jet lag. —Eu lembrei e Ethan bufou.

—Matthew não sabe de nada. —Ele reclamou e eu ri.

—Ele é médico Ethan, aposto que ele sabe. Agora por favor, vá. Está quase na hora do brinde, você passou uma horas escrevendo seu discurso e seus amigos merecem que o padrinho preferido deles esteja lá. Me orgulhe! —Eu disse e ele suspirou.

—Pode ir papai, eu estou bem. —Zoey sorriu. Ela parecia realmente bem, sua cor normal havia voltado, deitada na cama do hotel com seu pijama de ursinho ela parecia absurdamente saudável.

—Tem certeza? —Ele questionou novamente.

—Sim! E traz bolo pra mim? —Ela pediu e Ethan viu que ela estava provavelmente bem melhor.

—Trago sim. —Ele disse e se debruçou sobre ela pra dar um beijo suave em sua testa. —Eu volto já.

—Não precisa se apressar, Ethan. Ela vai ficar bem, se ela ao menos tossir você vai ficar sabendo. —Eu prometi e ele sorriu.

—Eu sei que você cuida dela muito bem. —Ethan afirmou confiante. —Vou descer então. O brinde deve começar daqui a alguns minutos. Fiquem bem, minhas meninas. —Ele se despediu com um aceno e eu aprovei sua ação, seria complicado demais para Zoey entender que seu pai e eu estávamos juntos.

—Aurora, você pode pegar minha boneca para mim? —Ela pediu

tirando-me de meus devaneios.

—Claro, amor. Onde sua avó colocou ela? —Como todas as coisas de Zoey estavam no quarto da avó nós havíamos trago ela para cá, mas eu não fazia ideia de como Jasmine organizava as coisas.

—Em cima daquele sofá. —Ela ergueu a mão e apontou e eu imediatamente fui pega-la.

—Obrigada. —A garotinha agradeceu aninhando o brinquedo junto ao seu corpo.

—Zoey, você não pode simplesmente não almoçar como fez hoje. —Eu comecei o sermão e ela se encolheu.

—Eu sei, mas eu queria brincar. —Ela tentou se justificar e obviamente conseguiu, Zoey ainda que muito inteligente e perspicaz era só uma criança.

—Você poderia brincar depois que comesse. —Eu suspirei e me sentei na borda de sua cama. —Não faça mais isso, querida. Seu pai e eu ficamos muito preocupados.

—Você falou igual uma mãe agora. —Zoey deu uma risadinha ressentida. Ela era muito sensível ao assunto maternidade.

—Ah eu sei que sim. Mães devem costumar ser chatas assim. —Eu dei de ombros, Zoey e eu tínhamos a mesma experiência com mães, ou seja: nenhuma.

—Você nunca ficou triste quando era criança? Por não ter a sua mamãe. —Ela questionou e fez biquinho. —Eu fico às vezes.

—Ah, fiquei sim, Zô. Mas pense pelo lado positivo, ao menos você tem seu pai, sua avó, seus padrinhos e a mim é claro. Você não está sozinha. —Eu a confortei e ela sorriu.

—Às vezes eu queria que você fosse a minha mãe. —Ela confessou baixinho e eu congelei. *"Devia haver um manual para situações como essa"* Minha V.I murmurou. A Aurora pessoa queria desesperadamente abraçar aquela garotinha tão meiga e dizer que eu seria mãe dela se ela quisesse, mas a Aurora babá sabia que aquilo só confundiria a cabeça da menina.

—Zoey, você já tem uma mamãe. Ela te ama e com certeza cuida de você lá do céu. —Ela pareceu ponderar um pouco e depois sorriu.

—Está bem. —Ela disse por fim. Eu desconfiava que o assunto Jane trazia tanta dor aos adultos que ninguém nunca se importou em falar para a pequena garotinha sobre a sua mãe.

—Ah Ethan. —Eu escutei cumprimento feminino que mais parecia gemido desconhecido do lado de fora do quarto e meus pés agiram quase que sem eu percebesse. Eu abri a porta na mesma hora e coloquei minha cabeça para fora sentindo-me furiosa irracionalmente.

—Clarie. —Ethan cumprimentou a mulher morena que o abraçou calorosamente.

—É tão bom te ver aqui. —Sua voz era anasalada e era quase um gemido, *"ela provavelmente poderia ser uma atriz pornô"* Minha V.I murmurou e eu concordei.

—É ótimo vê-la também, Clarie. —Ele não parecia nada sem jeito. A mulher deu mais um pequeno passo em sua direção. Ela era linda, mas eu não conseguia assumir aquilo naquela hora. Era alta, magra e cheia de curvas vestia um longo vestido preto hiper decotado.

—Hum. —Eu pigarreei, mas em seguida corei. Não devia ter feito aquilo, eles só estavam se cumprimentando.

—Aurora... —Ele disse meio sem entender, mas depois sorriu. —Querida, quero que conheça a Clarie, uma grande amiga. —*"grandes peitos"* minha V.I disse azeda.

—Olá, Clarie. —Eu disse seca e ela me deu um largo sorriso. Que descarada.

—Olá, Aurora. Não me disse que estava namorando, Ethan. —Ela disse sem tirar os olhos de mim.

—Ah... —Ele começou e olhou em minha direção.

—Ele está. —Eu disse friamente e o sorriso dela se tornou mais largo.

—Bem, vamos descer todos para o brinde então? —Ela chamou.

—Eu já estou indo. Vai ficar mesmo, Aurora? —Ele perguntou e eu quase revirei os olhos.

—Vou sim, *amor*. —Eu disse, mas não havia nenhuma doçura em minha voz, estava marcando território mesmo! Ethan ergueu uma sobrancelha sem entender.

—Pode ir descendo, Clarie. Eu já estou indo, não deixe Matthew começar sem mim.

—Ok. Foi um prazer, Aurora. —Ela se despediu e deu uma risadinha e saiu andando elegantemente.

Ethan gargalhou baixinho e andou em minha direção eu ergui minha mão quando ele veio me abraçar.

—Quem é ela? —Eu perguntei desdenhosa e ele gargalhou de novo, envolvendo minha cintura eu o empurrei, sem querer realmente afastá-lo e ele não o fez.

—Clarie é uma amiga da faculdade e você fica absolutamente adorável com essa expressão de ciúmes. —Ele disse beijando meu pescoço, me desestabilizando. Eu queria ficar brava.

—Ela é bem bonita. —Eu tentei comentar acidamente, mas não passou de um sussurro trêmulo, era difícil soar enfática naquele momento.

—Sim, mas não igual a você. —Ethan disse e continuou traçando beijos até minha clavícula.

—Ah sim. —Eu revirei os olhos.

—Eu não tenho olhos para mais ninguém além de você, *amor*. —Ele disse e eu dei uma risadinha sem graça. A situação tinha sido vergonhosa.

—Eu sei, me desculpe. Foi horrível. —Eu disse cedendo aos carinhos dele.

—Foi muito fofo. —Ele disse e eu senti seu sorriso contra a base do meu pescoço. —Acho que nossa noite romântica foi por água abaixo, certo? —Ele questionou ainda acarinhando meu pescoço, causando pequenos arrepios.

—Não sei, acredito que sim, mas se sua mãe chegar, podemos aproveitar... —Eu disse e dei uma risadinha maliciosa.

—Sim... —Ele depositou o último beijo no meu pescoço.

—Vá para o brinde. Você está muito atrasado. —Eu comentei e seus olhos se arregalaram.

—Merda. —Ele se afastou e me deu um rápido selinho. Mas quando ele deu o primeiro passo para correr eu o segurei e ele me olhou curioso

—Eu amo você. —Eu disse ternamente e seus olhos se encheram de brilho, mas antes que ele pudesse voltar para me beijar eu o soltei e disse: —Agora vá para o brinde.

—Ok... —Ele parecia meio desconcertado. —Eu também te amo! —Ele respondeu e eu sorri. Ele saiu meio correndo pelo corredor e eu fiquei ali, parada, o olhando feito uma boba apaixonada.

Capítulo 24 — Ruptura

Aurora

—Dorme, dorme meu querido anjinho. —Eu cantei a última frase da música e Zoey já estava repousando profundamente. Eu suspirei e acariciei seu rostinho, percebi que ela estava pelo menos um quilo mais magra desde que chegará à Itália. Talvez fosse pelo que Matthew havia dito...

—Ah, querida! Você ainda está aqui. —Jasmine disse baixinho enquanto abria devagar a porta do quarto. Já estava tudo escuro e a senhora carregava seus saltos nas mãos enquanto andava devagar tentando não fazer ruídos. Eu me segurei para não gargalhar, ela havia perdido um pouco a compostura.

—Sim, não queria deixa-la sozinha. —Eu disse olhando-a, me estiquei e meus ossos de estalaram, estava a muito tempo naquela posição.

—Ah meu bem, eu sinto muito. Acho que minha diversão acabou com a sua noite. —Ela comentou com um sorriso meio de lado e eu corei.

—Não, eu nem iria ficar muito tempo na festa. —Tentei sair elegantemente daquela situação.

—Sei que sua festa seria nesse andar e não no salão. —Ela riu e eu não pude controlar, o meu queixo caiu. Ela seguiu rindo em direção ao banheiro enquanto tirava os brincos. Conversávamos aos cochichos para não atrapalhar o sono de Zoey, mas minha vontade era sair gritando tamanha vergonha.

—Senhora, eu... —Tentei me explicar, mas mal conseguia formular palavras coerentes.

—Ah, menina não há o que se envergonhar. —Ela riu enquanto passa o demaquilante em seu rosto, desconfiava que ela estava levemente alterada pela bebida. —Você e Ethan estão tão apaixonados que é gracioso vê-los juntos tentando não parecer um casal.

—Jasmine...

—Não há o que dizer, vocês tem a minha benção, não que você precise

dela, é claro. Ethan passou muito tempo sozinho, no escuro de seus próprios medos e ressentimentos e agora ele te achou... Não tem como não apoiar-los. —Ela chegou mais perto de espelho examinando o rosto e pegou outro algodão para tirar o resto do produto, mesmo sem maquiagem ela era muito jovial e bonita.

—Eu não quero que pense que eu estou usando meu emprego para...

—Eu nunca pensaria isso, Aurora. Vejo também o quanto você está envolvida e o quanto tenta separar suas funções de cuidar de Zoey de sua vida pessoal. Eu a admiro por isso.

—Obrigada... Eu nem sei o que dizer.

—O que você pode fazer é ir aproveitar a sua noite. Zoey e eu vamos provavelmente dormir à noite inteira. —Ela sorriu e tirou seu colar.

—Bem, estou indo então... Tenha uma boa noite, senhora. —Ela deu mais uma risadinha meio aérea.

—Boa noite, minha querida. —Jasmine se despediu e eu saí o mais rápido possível.

"*Putá merda!*" Minha V.I gritou quando cheguei ao corredor "*ela acaba de me empurrar para uma noite com o filho dela*", eu sacudi minha cabeça, não queria nem imaginar o que ela estava imaginando

Segui para o meu quarto, no fim do corredor, vi que a luz do quarto de Ethan estava acesa, meu coração acelerou, mas mesmo assim eu continuei em direção ao meu quarto.

Entrei e respirei fundo. Eu queria desesperadamente vê-lo, na manhã seguinte iríamos embora e eu não sabia como a realidade nos abateria. Então decidi que viveríamos essas últimas horas do nosso pequeno conto de fadas na Europa juntos.

Segui para o banheiro, olhei-me no espelho. A maquiagem estava meio derretida em meu rosto, eu demoraria tempo demais tirando-a então resolvi tomar um banho. Tirei o vestido, os sapatos e as joias. Entrei no banho e deixei que o sabonete caro e a água quente fizessem sua mágica para me acalmar, limpei meu rosto e o deixei natural, o vapor também desfez os cachos do meu cabelo.

Quando terminei me enrolei na toalha e fui em direção a minha mala. Tinha apenas algumas camisolas, jeans e camisetas. "*Acho que suas intenções para ir no quarto dele não deixam o jeans e camiseta serem o apropriado*" Minha V.I murmurou e eu concordei. Camisola seria mais prático.

O *baby-doll* era azul marinho, era razoavelmente revelador. Tinha renda nos seios, ia até quase metade das coxas e possuía delicadas fendas nas laterais. Eu estava bonita.

Não queria pensar muito, olhei-me no espelho e em seguida sai do quarto. Apenas encostei a porta, respirei fundo mais uma vez e continuei andando. O quarto de Ethan era o fim de nosso corredor.

A porta estava entreaberta, eu sorri. Ele também me esperava, toquei a maçaneta para abrir a porta, mas algo me chamou a atenção, era uma conversa dentro de seu quarto.

—E então a babá. —Era a voz risonha de Clarie. Eu imediatamente congelei. *O que ela estava fazendo ali?*

—Sim. —Ethan respondeu e deu uma leve gargalhada. Ele estava rindo de mim.

—Uma pequena ingênua e burra babá. —Ela também riu. Meus olhos encheram de lágrimas. *Não, não, não...* Eu não estava ouvindo aquilo. Eu não queria mais ouvir, mas não conseguia ir embora.

—Exatamente, a ingênua e burra babá apaixonada pelo patrão milionário. —Eram as palavras dele também carregadas de humor. Um soluço alto irrompeu pela minha garganta, meu corpo todo oscilava, meu coração se partia em tantos pedaços que eu mal aguentava me manter em pé. Eu me sentia usada, suja, tola e enganada.

—Você ouviu isso? —Ela perguntou e eu percebi que eu começava a chorar tão alto que talvez eles estivessem ouvindo. Meu corpo voltou a me obedecer naquele momento e eu sai dali o mais rápido que consegui sem fazer barulho.

Quando cheguei no meu quarto eu hiperventilada, as coisas ao meu redor pareciam começar a rodar me segurei na escrivaninha procurando algum apoio. Minha cabeça latejava, as lágrimas não paravam de sair do meus olhos. Minha mão voou em direção ao meu peito, eu o arranhava

inconsistente tentando fazer a dor parar. Mas era inútil, nada parecia doer mais que aquilo.

—Por quê? —Eu me questionei em voz alta entre soluços, meu choro se tornou mais alto e copioso.

Eu havia sido enganada.

Ethan

—Pra mim é um grande prazer estar aqui hoje falando sobre meus dois melhores amigos. Eu conheço James e Matthew desde a época da faculdade, eu poderia dizer a vocês que nós três éramos os mais atléticos, os mais inteligentes e que saímos com mais mulheres do que qualquer um, mas essa não seria uma grande verdade. —Os convidados gargalharam. —Eu vi o amor desses dois surgir timidamente, em meio a tanta confusão, tantas descobertas e tantas realizações. E já fazem quase dez anos, quase dez anos que eles se conhecem e a sete estão juntos. Matthew e James me ensinaram muito sobre amor, amor verdadeiro, amor eterno e sobre achar sua alma gêmea no mundo. —Eu suspirei, mas em seguida sorri.

—Esses dois a minha frente são um exemplo de que ninguém nesse mundo foi feito para estar sozinho, que lá fora há alguém que não nos completa, mas nos faz transbordar, capaz de nós salvar de nossas próprias misérias, medos e preconceitos. Por isso quero fazer um brinde. Um brinde ao amor verdadeiro, que supera todas as dificuldades e que caminha para ser eterno. —Eu ergui minha taça e todos o fizeram junto comigo, meus melhores amigos tinham lágrimas nos olhos e sorrisos largos.

Quando desci minha taça os convidados me deram uma chuva de aplausos e eu me sentei para que a próxima pessoa fizesse o discurso. Clarie veio andando devagar e sentou-se na cadeira vaga ao meu lado.

—Foi um belo discurso falando sobre amor, era para Aurora? —Ela questionou com um sorriso de lado.

—Sim, me inspirei nela para escrever aquilo.

—Ela é muito bonita. —Ela comentou e eu revirei os olhos.

—Não, Clarie! Não comece com seus joguinhos, Aurora está apaixonada por mim e eu por ela. —Eu dei uma leve gargalhada.

—Ah, a Katherine também estava. —Ela citou baixinho olhando fixamente para o outro padrinho que falava sobre o quão abençoado os italianos tinham sido pela lei do casamento homo afetivo.

—Nós tínhamos ficado apenas uma vez antes de você a roubar de mim. —Eu revirei os olhos, essa era Clarie, sempre disputando as mulheres comigo e em todas as vezes ela saía ganhando.

—Ah, foi sorte assim como Lisa, Alice, J.J e a Louise no jardim de infância. —Ela contabilizo todas as minhas namoradas que havia me trocado para ficar com ela. Eu revirei os olhos.

—Você tem um ótimo faro para lésbicas, é melhor que muitas de nós. —Ela brincou.

—Tanto que sou o melhor amigo da maior delas. —Eu comentei e ela sorriu largamente para mim.

—O mais engraçado e que eu não consegui roubar Jane de você e não acho que vou conseguir tirar Aurora também. —Ela comentou bebericando seu whisky.

—O que quer dizer?

—Jane estava perdidamente apaixonada por você, infelizmente aconteceu o que aconteceu. E agora Aurora, bem... Quando eu dei a ela o meu melhor olhar sexy a postura corporal dela dizia "*se afaste do meu homem, vadia*".

—Se afaste do meu homem vadia? —Eu ri imaginando Aurora com sua adorável educação dizendo aquele tipo de coisa.

—Ela está apaixonada, Ethan. —Clarie disse séria e eu sorri.

—Eu também estou, amando como eu nunca havia amado ninguém. Foi o que eu disse no brinde, eu não me sinto completo, eu me sinto transbordando.

—E Jane nessa história toda? Sei que você é muito... apegado à memória dela.

—Eu a amei, amei ela e Zoey mais que tudo nessa vida e sei que ela nos amou também, mas... —eu suspirei. —Jane era uma alma boa, sei que onde

ela está quer que eu seja feliz.

—Sim, ela quer... —Clarie disse sorrindo. —E eu também quero, irmão.
—Ela colocou a mão no meu ombro.

—... E então meus caros, um brinde ao amor. —O outro padrinho encerrou seu brinde que eu mal havia ouvido durante minha nossa conversa. Clarie levantou sua taça e eu também.

—Ao amor. —Dissemos em uníssono.

Passamos mais um tempo ouvindo os padrinhos, mas a cada segundo eu olhava no relógio, sabia que Zoey estava bem, mas queria vê-la, assim como queria estar com Aurora.

—Você quer subir não é? —Clarie perguntou, ela estava no meio de uma história de sua viagem, mas eu não estava prestando muita atenção.

—Sim, estou cansado. —Eu menti e ela ergueu uma sobrancelha.

—São duas da manhã, sei exatamente o que você quer fazer.

—Ah meu Deus, garota, você continua suja. —Eu gargalhei.

—Posso subir com você? Prometo não propor nada a três, só quero beber um último drink com meu melhor amigo.

—Sim, no meu quarto tem whisky. Tomamos a última dose. —Eu disse, ela envolveu minha cintura com seu braço e eu coloquei o meu sobre os seus ombros, James e Matthew estava dançando apaixonadamente na pista e eu decidi não incomoda-los.

Clarie e eu andávamos meio trôpegos pelos degraus do caminho até o meu quarto. Ela já estava um pouquinho alterada e eu tinha pressa.

—É apenas um gole, Romeu, eu juro. E logo você vai estar com sua Julieta. —Ela disse quando chegamos ao meu quarto.

—Você está toda romântica, está apaixonada também, Clarie? —Eu perguntei debochada.

—Dessa maldita água eu não bebo. Esse coração aqui é de pedra. —Ela sorriu colocando gelo em seu copo e em seguida derramando o whisky em cima. —Sabe o que eu estava pensando?

—Em que? —Eu questionei.

—Nas pernas de sua garota. —Ela disse e eu cruzei os braços, ela riu de novo. —Você é um clichê dos fortes.

—O que quer dizer? —Ela sempre tinha analogias loucas.

—Você era o *nerd* feio dos computadores e se apaixonou pela bailarina popular e talentosa da escola de arte. E agora...

—E agora? —Eu perguntei rindo, Clarie tinha o dom de transformar os meus dramas e infelicidade em histórias felizes e bem resolvidas.

—E então a babá.

—Sim. —Eu respondi, eu tinha que admitir que minha vida parecia um filme.

—Uma pequena ingênua e burra babá. —Eu outra circunstância eu brigaria com ela por se referir a Aurora daquela forma, mas eu conhecia Clarie, ela não estava realmente a ofendendo, pelo contrário, ela aprovava fielmente o nosso relacionamento.

—Exatamente, a ingênua e burra babá apaixonada pelo patrão milionário. —Eu entrei em sua brincadeira e ela riu bebendo em um único gole a sua bebida, mas ela parou repentinamente. —Um clichê dos fortes. —Repeti suas palavras.

—Você ouviu isso? —Ela perguntou olhando para a porta, eu revirei os olhos.

—É hora de parar de beber, você está começando a ouvir coisas.

—Estou bebendo com meu amigo que vai me tornar milionária. Vou escrever um best-seller contando suas histórias de amor.

—Ah sim. —Eu gargalhei cruzando os braços.

—A doce bailarina e a ingênua babá. —Ela disse deixando o copo na cômoda. —Vai ser um sucesso...

—Não fale assim, ela é uma das pessoas mais inteligentes que eu conheço! Perita em artes plásticas e literatura.

—Uau! Podemos chamar o livro de... *Adorável Babá?*

—Tenho certeza que você vai aumentar tudo e deixar bem erótico.

—Ah sim, com certeza. Falando em erótico, tenho certeza que você está

esperando sua namorada. Vou embora, a minha noite ainda vai continuar pelas ruas da Itália.

—Eu recomendo que você vá dormir. —Eu disse verdadeiramente.

—E eu recomendo que você vá trepar.

—Clarie, olha essa boca! —Eu ralhei.

—Já estou indo papai. —Ela disse emburrada, mas em seguida sorriu.
—Estou realmente feliz por você, meu irmão.

—Obrigada, Clarie. De verdade, sua aprovação é importante pra mim.

—Você ainda vai ser muito amado por essa mulher.

—Eu sei! E você vai encontrar a sua ainda. —Eu comentei e ela fingiu tremer.

—Pra sempre solteira, meu querido. —Ela deu um passo em minha direção e me abraçou. —Boa noite, foi ótimo te ver. Prometo ir a Seattle para o seu casamento... Em breve.

—Você será a madrinha.

—Claro que serei. —Ela deu de ombros abrindo a porta e saindo. Aquela era Clarie, um espírito solto e brincalhão.

Olhei para o relógio, já passavam das três e meia da manhã. Provavelmente minha adorável babá já havia pegado no sono. Segui para o banho enquanto chegava a uma conclusão: Eu era o homem mais feliz do mundo naquele momento.

Eu só não sabia que aquela felicidade duraria tão pouco.

Capítulo 25 — Ruptura II

—Aurora. —A voz de Zoey me chamou na direção da porta, meu corpo estava dolorido. Olhei ao redor, eu havia apagado no chão.

—Aurora! —Ela disse alarmada entrando no quarto. A garotinha vestia uma jardineira roxa sobre uma camiseta branca, seu cabelo trançado num rabo de cavalo. Ela parecia até pálida tamanho susto. —Você está doente? Quer que eu chame o papai? —Ela perguntou se aproximando e eu lutei contra as lágrimas.

—Não, meu amor. Estou bem, não precisa chamar o... —Eu percebi que não conseguia falar seu nome, eu mal conseguia pensar nele. —Só preciso de um banho. Fique sentadinha na minha cama enquanto eu vou ao banheiro? —eu perguntei, me levantei e a peguei no colo. Mais próxima do meu rosto ela me avaliou.

—Você estava chorando? —Ela perguntou e seus olhos se encheram de lágrimas também. Eu teria que abandonar aquele serzinho tão maravilhoso.

—Eu tive um pesadelo ruim essa noite. —Eu disse, havia lido certa vez que associar nossos sentimentos ruins com os das crianças faziam elas sentirem empatia.

—Meu papai sempre diz que quando a gente tem um pesadelo devemos abraçar quem a gente ama que os sonhos ruins vão *embola*. —Ela disse acariciando meu rosto e eu queria chorar de novo, chorar tão alto que a Itália toda ouviria. A dor que assolava meu peito não tinha precedentes, eu queria ao menos minimiza-la e gritar parecia uma ótima forma.

—Obrigada, meu anjo. —Eu a abracei bem forte e beijei o alto de seus cabelos. —Com você aqui todos os meus pesadelos foram embora.

—Eu amo você, Aurora. —Ela disse se agarrando a mim. Eu beijei-a novamente e a sentei na minha cama, mas não deixei que ela visse meu rosto. Desviei meu olhar dela para pegar alguma combinação aleatória na mala para me trocar.

—Vou tomar banho, docinho. Me espere aqui. —Eu liguei a TV no canal de desenhos e deixei ela ali. Eu queria dizer a amava também, mas sabia que aquilo só faria da minha partida mais difícil.

Partida.

Tranquei a porta do banheiro, sabia que ela estava segura ali fora, então me dei o luxo de ficar completamente sozinha.

Me olhei no espelho, os meus olhos estava inchados e vermelhos. Eu era um fantasma do que eu era a menos de vinte e quatro horas atrás. As lágrimas e os soluços surgiram novamente.

Eu não queria nunca mais olhar para ele, as palavras dele com sua amiga me enchiam de ódio. Ele havia me traído, havia me enganado. Me enganado horas depois de eu ter dito que o amava verdadeiramente. Eu podia imaginar as mãos dele percorrendo o corpo daquela mulher enquanto ambos riam de minha tolice em acreditar que um dia alguém como ele iria me amar.

Meu corpo entrou em colapso com aquela imagem mental, o conteúdo do meu estômago ameaçou irromper pela minha garganta. Eu abri o chuveiro para Zoey não ouvir, mas vomitei fortemente. Quando terminei, sem forças, retirei minha roupa e entrei no box.

A água quente se misturando as minhas lágrimas, não me confortava em nada. Entrar no banho era uma forma de tentar colocar meus pensamentos no lugar, mas a única que eu coisa que eu conseguia decidir era: eu iria embora.

A ideia de deixar Zoey me doía tão forte que eu pensei que não iria sobreviver. Ela era muito mais que a criança que eu cuidava, ela era minha alegria, fonte dos meus sorrisos, um pequeno raio de sol na minha vida. "*É mais do que isso*", minha consciência me forçou.

Zoey era a filha que meu coração havia escolhido e me afastar dela seria a penumbra de meus dias.

E tinha... *Ele*, por mais que doesse mais do que qualquer coisa nesse mundo, a ideia de abandona-lo me matava. *Ele* era algo que eu nunca imaginei que houvesse para mim: o amor verdadeiro.

—Não! —Eu murmurei entre soluços. Eu devia afastar aquilo da minha cabeça.

O homem que eu amava não existia. Ele era uma farsa, um mentiroso. Provavelmente eu era apenas mais uma em seu joguinho doentio. Ele estava brincando comigo. Todo aquele ódio nos olhos dele quando nos conhecemos era real, nunca havia passado. Aquele homem queria me ver sofrer, Deus sabe como aquela mentira iria terminar.

—Aurora... —Zoey bateu na porta do banheiro devagar.

—Já vou, querida. —Eu disse meio rouca. Joguei minha cabeça para trás. O que acontecia no mundo dos adultos não podia interferir no mundo das crianças. Eu devia isso a Zoey, eu tinha que dar a ela uma última lembrança boa de mim.

Fiquei mais alguns poucos minutos no banho, me concentrando em outras coisas, refiz mensalmente a tese do meu trabalho final da faculdade. Coisas práticas me ajudavam a bloquear os pensamentos ruins, mas não tinham nenhum efeito sobre a dor.

Desliguei o chuveiro, me sequei rapidamente com a toalha e vesti a roupa, jeans escuro e uma camiseta cinza. Com a toalha ainda em mãos sai do banheiro secando meus cabelos.

Zoey voltara exatamente onde eu havia a sentado, seus olhos fixos no desenho animado e ela parecia absorta demais mesmo que os personagens estivessem falando em italiano.

—Você já tomou café, minha macaquinha? —Eu perguntei.

—Sim, eu, a vovó e o papai. Eu ia ficar com a vovó, mas você não tomou café com a gente e eu senti *sadadi*. —Ela comentou ainda de olhos fixos na TV. Franzi o cenho, ela sabia que tinha algo errado, sua fala sempre retrocedia quando ela se sentia ameaçada.

—Está tudo bem, Zô. Eu só não estava com fome. Vou fazer minha mala, você pode esperar até a hora de sairmos aqui, nosso voo é às dez, falta pouquinho. Sua vó já fez sua mala? —Eu disse e ela apenas assentiu, imaginei que fosse para ambas as coisas.

Era um desafio hercúleo me parecer ao menos normal naquele momento. Se dependesse apenas das minhas forças eu ainda estaria deitada no chão, enroscada em mim mesma tentando manter os poucos pedaços que ainda restavam do meu coração unidos. Eu tinha que permanecer inteira, pelo

menos durante as próximas doze horas. "*O que acontece no mundo dos adultos não pode interferir no mundo das crianças*" eu comecei a repetir o mantra.

Logo todas as minhas roupas já estavam no lugar. Conferi mais uma vez se não estava esquecendo nada. Todos os meus movimentos aconteciam automaticamente, minha cabeça girava em tantas possibilidades que eu precisava lembrar-me de tentar me manter o mais tranquila o possível. Tranquila e inabalável, uma verdadeira morte em vida.

—Vamos, meu amor? —Eu chamei e ela esticou os braços em minha direção. Eu estava fraca, mas queria aninhar Zoey contra mim o máximo possível pois sabia que aquela seria a última vez. A peguei em meus braços e apertei forte, inalando o cheiro de shampoo de criança em seus cabelos.

—Vamos. —Ela suspirou, me apertou forte em seu braço, mas desceu do meu colo. Seus olhos estavam tristes. Zoey era incrivelmente sensível e sabia algo estava errado.

Puxei minha mala pelo corredor enquanto tinha uma mão dada fortemente a Zoey. Caminhávamos num silêncio que nunca antes havia estado entre nós. Um silêncio de despedida.

—Bom dia, Aurora. —Jasmine foi a primeira que vimos na recepção, ela sorriu pra mim, mas imediatamente arregalou os olhos. —Você está bem? —Ela questionou e meus olhos se encheram de lágrimas, sorri trincando os dentes e balancei positivamente a cabeça.

Entreguei as chaves do meu quarto pra ela que continuou a me olhar preocupada.

—Bom dia, meninas. —A voz animada de Ethan fez meu coração bater mais forte. "*Eu o amo tanto*" eu pensei dolorosamente. Mas se quisesse me manter inteira eu deveria odiá-lo. Ethan havia me enganado, estava nos braços de outra mulher horas depois de ter dito que me amava e aquilo era imperdoável. Mas se eu não o odiasse com todas as forças estaria perdida, o amor que sentia por ele me consumia e agora em meio a tanta tristeza era a dor que dominava o meu ser.

—Bom dia. —Zoey disse cabisbaixa. Ethan a pegou no colo e abraçou.

—Está tudo bem Aurora? —Ele perguntou e eu não o olhei nos olhos.

—Sim, senhor Lewis. —Eu tentei responder seca, mas minha voz não passou de um sussurro quebrado.

—Hum... —Ele resmungou parecendo preocupado. Mas eu sabia que sua preocupação era falsa. Ethan era apenas um bom ator.

Jasmine, que havia ido fazer nosso *check out*, voltou novamente meio receosa.

—Nosso táxi chegou. Teremos que nos dividir por causa das malas, vocês dois... —Ela começou a indicar que nós iríamos juntos.

—Posso ir com a senhora? —Eu perguntei erguendo meus olhos para ela implorando.

—Claro, querida. Vou colocar a Zoey na cadeirinha, eu volto... Daqui um tempo. —Ela disse pegando a menina e deixando-me sozinha com Ethan.

—Amor, o que aconteceu? —Ele perguntou quando Jasmine sumiu de nossa vista. Ele tentou me tocar, mas eu me esquivei de seu toque.

—Amor... —Eu ri sem humor. Meu coração estava quebrado em mil pedaços, mas minha voz saía gélida e cortante. —Você não precisa mais mentir.

—Do que você está falando? —Ele questionou parecendo confuso e preocupado. Se eu não conhecesse seu grande truque poderia acreditar que ele estava realmente chocado.

—A babá burra e ingênua, Ethan. —Eu citei acidamente. E ele apareceu ainda não entender. A falsidade dele me deu um golpe de força para não cair em soluços.

—Eu ouvi você e sua amiga, Ethan, e sinceramente de você eu não esperava nada além disso.

—O quê? Eu e Clarie? Aurora ela é...

—Ela é uma coitada Ethan. Infelizmente ela e eu paramos nas suas mãos e antes de mim Jane. —Ele congelou com a menção de sua falecida esposa, aquilo o machucava e eu queria que ele se machucasse assim como eu estava.

—Ou você acha que eu não te entendi? Você machuca as pessoas Ethan, matou as esperanças de sua mãe, matou parte da infância de Zoey, matou os

meus sentimentos e antes disso tudo matou Jane. —Ele estava petrificado a minha frente, parecia horrorizado e eu ri. O buraco no meu peito queimava como se o fogo do inferno tomasse conta do meu coração.

—Aurora... —Ele disse baixinho. Eu o havia quebrado também. Havia dado a Ethan uma amostra de minha dor. Esperava que aquilo aliviasse minha agonia, mas apenas a encheu de culpa, entretanto eu não podia parar de tentar.

—Mas eu não vou deixar, Ethan. Vou me afastar de você antes que isso me mate também! —Minha voz vacilou, aquilo era o fim. —Eu estou indo embora. Comigo seus joguinhos não funcionaram mais.

—Aurora... —Ele repetiu tocando meu braço e eu já não podia aguentar mais.

—Por favor... —Supliquei quando feri-lo já não era o suficiente para mim. —Me deixe ir. Isso *está* me matando. —Ele me soltou como se as palavras o tivessem eletrocutado.

Eu me virei puxando minha mala, a máscara de ódio finalmente cedeu por completo e em meu rosto e as lágrimas corriam livres. O ar me faltava, a dor era física, espiritual e sentimental. Eu o havia ferido, mas não como ele havia me ferido.

—Aurora... —Jasmine chegou até nós e arfou eu andei em sua direção, qualquer que fosse a expressão de Ethan a havia deixado pálida.

—Vamos! —Eu disse com a voz emaranhada. Se ficasse ali mais um minuto eu cederia, se olhasse em seus olhos o pior aconteceria... Eu o perdoaria.

—O que aconteceu? —Ela perguntou me seguindo enquanto eu soluçava e puxava as malas.

—Isso foi um pedido de demissão. Quando chegarmos a Seattle eu vou voltar para casa.

—Mas por quê? —Ela perguntou colocando a mão em meus ombros tentando aplacar os tremores.

Eu a olhei violentamente e ela percebeu o quão machucada eu estava. Jasmine me abraçou forte e sussurrou que tudo ficaria bem. Eu queria

acreditar naquilo, mas sabia que daquele momento em diante nada ficaria bem. E eu estava muito certa.

Capítulo 26 — Ruptura III

Assim que o avião pousou em solo americano eu sai. Não esperei a nenhum deles, não queria ter que falar com ninguém, se eu tentasse me justificar prolongaria o meu sofrimento muito mais do que eu poderia aguentar. Richard ao pôr os olhos em mim acenou do estacionamento, mas ao ver as lágrimas no meus olhos ele congelou e sua expressão se tornou triste. Eu joguei minhas coisas no porta-malas de um táxi qualquer. A taxista era o tipo de moça jovem e descolada, tentou puxar assunto comigo, mas quando viu minha tristeza imediatamente cancelou o falatório e aceitou que eu dissesse apenas o endereço.

Encostei minha cabeça no vidro do carro. Eu não queria antecipar muito os meus atos. Se o fizesse teria que sofrer mais do que eu já estava sofrendo.

Ao trair minha confiança Ethan não roubou de mim apenas o meu coração, mas levou também a única família que eu tive desde sempre. Eu perderia Zoey, perderia Jasmine, perderia Vivian, Richard e o pior: corria o risco de me perder de mim mesma.

—É aqui? —A taxista perguntou em um tom receoso quando paramos em frente a mansão, eu se quer tive forças para abrir os olhos quando passamos pela guarita.

—Sim. —Eu disse com uma voz trêmula.

—Moça... Eu sei que não é da minha conta e eu se quer sei o que aconteceu, mas só quero te dizer para não desistir, principalmente de você mesma.

—É tarde demais, querida. —Eu disse com um pequeno sorriso sem humor e abri minha carteira para tirar as notas.

—Fica por minha conta. —Ela disse quando eu lhe dei o dinheiro.

—Por favor, foi um caminho longo até aqui, me deixe pagar.

—Não. Tenho impressão que a vida já te tirou coisas demais por hoje, me deixe compensar. —Mais lágrimas se formaram em meus olhos.

—Obrigada. —Eu disse com a garganta quase fechada pelos soluços.

—Você precisa que eu espere ou vai ficar? —Ela questionou e eu quis chorar novamente, mas dessa vez de gratidão por sua compreensão e preocupação.

—Você pode ficar? —Questionei e ela meneou a cabeça positivamente. Eu me afastei levando as malas porque precisava pegar o resto das minhas coisas.

—Aurora! —Vivian abriu a porta sorridente, mas ao me ver destruída seu sorriso morreu. —O que houve, minha menina?

—Eu estou indo embora. —eu sussurrei entrando no recinto. Tentei não olhar para aquela sala. Não ser preenchida por todas aquelas memórias era a única coisa que me manteria de pé. Me preencher daquele lugar só me deixaria mais quebrada do que eu já estava.

Passei o mais rápido possível, sem olhar para o piano, me concentrando em subir os degraus o mais rapidamente que eu conseguia. Quando me dei conta, já estava em frente do meu quarto. *Meu*. Não havia nada que fosse meu ali, eu era a invasora. Joguei minha mala no centro do quarto, sai enlouquecida procurando minhas coisas. No grande closet peguei minhas destoantes roupas simples do ambiente cheio de luxo. "*Como eu nunca havia percebido?*" eu me questionei amarga. Como eu consegui acreditar que Ethan estava apaixonado por mim? Era tão claro agora, tão claro que eu conseguia sentir raiva de mim mesma por acreditar.

—Aurora, o que está acontecendo? —Vivian perguntou chocada quando me viu lançando minhas coisas dentro das minhas bolsas.

—Não há motivos para ficar aqui... Eu fui tola, não pertenço a esse lugar.

—Mas e Ethan? Eu pensei que vocês...

—Eu também pensei... Quer dizer, Vivian não há por que ficar aqui mais. Eu... Misturei as coisas, não devia ter feito isso, não queria me envolver dessa maneira, eu não posso mais.

—Você só está confusa! O amor...

—Não Vivian, não há amor da parte dele. E eu o entendo. —Eu disse

fechando a primeira mala sem conseguir conter a rodada de lágrimas. —Não há motivos para ele gostar de mim, eu... —Os soluços me impediram de falar e Vivian entrou horrorizada e me abraçou.

—Eu o amo tanto, Vivian. Eu os amo tanto, mas não posso ficar. Eu tenho de me amar primeiro. Se eu continuar, estarei derrotada. —Ela me abraçou tão forte e eu senti, pela primeira vez na vida, o apoio de uma mãe. —Sentirei sua falta, Vivian. Você foi como uma mãe para mim.

—Eu sinto como se fosse sua mãe, querida. E vou te apoiar sempre. —Ela beijou o topo da minha cabeça.

—Aurora? —A voz de Zoey me chamou do lado de fora do quarto. Eu me encolhi, Vivian me apertou e deu um beijo rápido no alto da minha cabeça.

—Faça o certo. —Ela sussurrou saindo. Eu vi a menina me olhar triste, ela tinha uma ruga de preocupação entre os olhos. Quando Vivian passou, afagou o cabelo dela e disse "*vai ficar tudo bem*" e a menina a olhou com descrença.

—Você está indo embora. —Ela disse triste e eu sequei as lágrimas dando-lhe um sorriso amarelo.

—Sim, eu preciso ir. Não serei mais a sua babá, mas serei sempre sua amiga, você e a vovó podem ir sempre até a minha casa.

—Você não vai voltar?

—Não, Zô, eu estou indo para procurar outro emprego.

—É por minha causa? Eu não me comportei direitinho? Eu prometo que vou fazer meus deveres sem reclamar mais e vou comer todos os legumes direitinho e... Não vá embora. —Ela começou a chorar abraçando minha cintura. —Por favor, Aurora!

—Meu amor. —Eu a puxei para cima pegando-a no colo. —Não é sua culpa, eu preciso ir embora e não é por sua causa. Se fosse por você eu ficaria, mas eu tenho que ir. E não nos separaremos, eu prometo. Você e a vovó vão sempre até a minha casa, podemos almoçar nós três e a Sara.

—E o papai? —Ela perguntou e eu não pude conter o desmoronar da minha expressão. —Foi ele não foi? Ele te fez mal?

—Não, querida. Às vezes nós adultos temos problemas, mas foram problemas profissionais, coisas do trabalho de nós dois. —Tentei engolir tudo e ser tão sincera quanto era possível. —Ser adulto é muito difícil, macaquinha.

—Você não vai voltar. —Ela disse, secando as lágrimas em seus olhinhos.

—Não. —eu disse e a baixe. —Mas vou estar sempre com você. —Eu a coloquei no chão e ela me olhou curiosa enquanto eu procurava algo. —Eu tenho um presente pra você, para você sempre se lembrar de mim.

Eu abri novamente a mala, dentro de um pequeno porta joias de plástico estavam meus brincos, alguns anéis e a meu pequeno colar. Eu o tirei da caixinha e a mostrei, era uma pequena e delicada correntinha prata com um pingente de coração e a palavra **ange** gravada atrás que significava anjo e francês. Eu mostrei para ela e Zoey olhou para o colar curiosa.

—As freiras que me encontraram disseram que eu usava isso... É coisa mais importante que eu tenho... Para a pessoa mais importante que eu tenho.

—Obrigada. —Ela disse e eu me abaixei para colocar o colocar nela. —Eu amo você! —ela disse baixinho e eu a abracei.

—Eu também te amo, minha princesinha, mais que tudo nessa vida.

—Zoey. —A voz de Ethan interrompeu o momento, Zoey esfregou os olhinhos e andou até ele. Ele parecia abatido, a menina esticou os bracinhos para o pai, que a acolheu em seu colo. —Nós agradecemos pelos seus serviços, senhorita Aurora.

—Eu... Que agradeço, senhor Lewis. —Eu não consegui olhar para os olhos dele, juntei minhas três malas e as ergui. —Foi gratificante trabalhar com Zoey. —eu disse muito mais para a minha menininha do que para ele.

—Para mim também. —ele me olhou profundamente. —Obrigada, Aurora.

Eu recolhi rapidamente todas as minhas malas, se continuasse ali o pior aconteceria: Eu o perdoaria e eu precisava odiar o homem a minha frente, odiar para me manter inteira. Os olhos dele estavam cheio de lágrimas, mas eu sabia que não passavam de lágrimas falsas.

—Obrigada. —Eu disse, era para ser irônico, mas soou muito mais verdadeiro do que eu queria. No fundo eu me sentia grata, mesmo que falso, o amor que ele me deu foi o mais profundo que eu já senti. Quando eu passei ao seu lado ele segurou meu braço, me detendo. Zoey estava de costas com o rosto enfiado na clavícula dele, ela chorava baixinho. Ethan me olhou quebrado, eu quase conseguia acreditar que ele realmente sentia alguma coisa por mim, mas as suas duras palavras ainda ecoavam em minha mente,

—Fique. —Ele pediu segurando-me enquanto segurava Zoey contra si.

—Você não vai me quebrar. E nem a ela —eu disse baixinho apontado para a menina. E ele me soltou, como se minhas palavras tivesse o machucado e eu realmente esperava que sim.

Despedaçada demais para pensar em qualquer coisa eu simplesmente fui embora.

Capítulo 27 — Manhã Caótica

Seis meses depois

—Aurora... —A voz irritante de Sara teimava em tentar me acordar, eu rodei na cama, para tentar abafar o falatório dela. —Aurora, sua lontra gorda levanta ou você vai perder a sua entrevista de emprego.

—Eu não estou dormindo, sua idiota! —Eu ralhei alto e gemi. —Só não quero levantar. —Eu disse baixinho. Senti a pressão da cama mudar, ela havia se sentado do meu lado, senti também sua mão em meu ombro.

—Já fazem seis meses que sua vida é ficar nesse quarto e você prometeu fazer essa entrevista, só umazinha. —Ela afagou meu ombro e eu me desenrolei dos cobertores para olha-la.

—Obrigada Sara. Eu tenho sido a pior colega de quarto de todas, fiz você se demitir do seu emprego dos sonhos, não consigo sair do quarto, não faço nada da vida... Eu tenho sido uma grande merda.

—Você está muito enganada se achou que eu ia realmente continuar trabalhando com aquele idiota depois de tudo isso, me demiti e me demitiria quantas vezes fossem necessárias. E quanto a ficar no quarto... Você já considerou procurar um psicólogo? Essa apatia toda... —ela começou a dizer preocupada e eu lhe dei um sorriso amarelo.

—Eu prometi, se tudo ficar muito ruim eu vou procurar um psicólogo, é uma promessa. —Eu menti, tudo já estava ruim demais, eu não suportava aquilo tudo *naquele* momento.

—Obrigada! -Ela agradeceu, me deu mais um sorriso e um beijo estalado no rosto.

Sara saiu do quarto me deixando sozinha. Se não fosse pela minha promessa de ao menos tentar estar naquela entrevista de emprego eu passaria o dia inteiro na cama. Os últimos meses haviam sido no mínimo dolorosos.

Eu havia saído da casa dos Lewis, havia voltado a morar com Sara,

estava desempregada e o pior de tudo emocionalmente destruída. Eu agradecia aos céus por ter minha amiga ao meu lado, ela era extremamente compreensiva e estava sempre ao meu lado quando tudo se tornava insuportável. Sara havia se demitido também, agora ela era secretária de uma pequena empresa de arquitetura, ganhando bem menos e aturando um chefe extremamente ranzinza. Sorri ao lembrar do que me contou, ela havia gritado com Ethan e jogado um porta canetas em sua direção e em seguida se demitiu. Minha amiga podia ser completamente passional e bondosa, mas quando o assunto era eu, Sara se tornava um monstro.

Eu me levantei meio fraca, Sara havia separado a roupa para a entrevista, ela teimava em dizer que agora seria ela quem me vestiria, uma vez que "*eu estava na pista novamente*" eu devia ser mais apresentável. Ela escolheu para mim calça e jaquetas jeans em tons azuis e uma blusa branca com rendinha pretas, depois de vestida escovei os dentes e lavei meu rosto. Calcei minhas sapatilhas azul escura e amarrei meu cabelo em um rabo de cavalo.

Respirei fundo algumas vezes olhando-me no espelho, há alguns meses atrás eu estava indo fazer uma entrevista de emprego. Eu estava tão diferente daquela tempo, naquela época havia um brilho radiante em meus olhos, uma chama sempiterna de esperança pairava sobre meus ombros. E agora, diante de mim estava um fantasma de quem eu era. Um fantasma que mesmo vagando sem rumo teimava em tentar, de alguma forma, voltar para os eixos. "*Eu vou voltar para mim mesma*" eu fiz a promessa. Dei os últimos ajustes na minha aparência e tudo parecia ok.

Quando cheguei a cozinha Sara já estava pegando terminando o seu café. Ela parecia preocupada.

—Aconteceu alguma coisa? —Eu perguntei enquanto pegava um saquinho para o chá dentro do armário.

—Sim... Quer dizer, não. Só estou preocupada, o senhor Johnson me mandou fazer umas coisas artísticas. —Ela disse meio trêmula.

—Sara, conte a verdade por favor. Você está pálida, parece que viu um fantasma. —eu disse preocupada, ela mordeu o lábio inferior e desviou os olhos, incapaz de falar comigo.

—Não é nada, o senhor Johnson me mandou ajudar a arborizar uma maquete, estou nervosa porque isso não é o meu ramo, sabe como é, o velho só está procurando um pretexto para me demitir. —Ela disse dando uma risada forçada que me fez arregalar os olhos de susto. Sara começou a pegar suas coisas pela cozinha, a bolsa; as chaves e o celular, se esforçando para não olhar para mim.

—Ok, Sara... —eu tentava não roubar-lhe espaço. Resolvi deixar Sara e seu dilema de lado por um momento. Se ela se sentisse confortável voltaria a conversar comigo.

—Tchau, amiga. Eu amo você e vai dar tudo certo, não se desespere. —Ela disse me dando um beijo estalado na bochecha.

—Claro que vai Sara, é uma entrevista de emprego, não tem como dar errado. —eu ironizei rindo, mas ela me olhou séria. —Aconteceu alguma coisa não é, Sara?

—Não se preocupe com isso agora, meu amor. Vai para sua entrevista, eu vou me informar direito antes de tudo, por enquanto vou... arborizar maquetes. —Ela suspirou me dando mais um beijo na bochecha e foi com suas coisas.

Ela saiu deixando para mim uma grande interrogação bem no meio da minha testa, mas eu confiava cegamente em Sara. Sabia que ela acabaria me contando de toda forma, só não queria estragar minha entrevista de emprego... "Entrevista de emprego" minha vadia interior gritou. Eu olhei para o relógio, estava cronicamente atrasada. Mais uma vez.

Peguei rapidamente todas as minhas coisas. Desci as escadas tão rapidamente que o porteiro se quer teve a chance de me interrogar sobre para onde eu estava indo. Num golpe de pura sorte havia um táxi passando em frente ao meu prédio, eu praticamente me joguei em frente dele. O senhor japonês me olhou com uma cara brava, mas eu o ignorei dando-lhe o endereço e dizendo educadamente que para cada sinal vermelho que ele atravessasse ele ganharia vinte dólares a mais.

O velhinho, muito espertamente, fez a corrida em menos de meia hora e ganhou oitenta dólares a mais do que o previsto. Corri rapidamente campus a dentro, eu estaria concorrendo a uma vaga de professore substituta de

introdução a literatura inglesa na grande Seattle University e para coroar meu possível futuro cargo eu estava cinco minutos atrasada para a entrevista.

Cheguei ao prédio de literatura indicado na cópia impressa do e-mail que eu tinha. Na portaria dele, havia uma pequena secretária. A mulher responsável pelo local estava quase submersa no meio de tanto papel.

—Boa dia, estou aqui para uma entrevista com a senhora Reynolds. — Eu disse educadamente, mas a mulher sequer olhou para mim.

—Terceiro andar, primeira porta a direita. —ela começou continuou digitando em seu computador ferozmente.

"*Que vadia*" minha V.I xingou, mas eu respirei fundo, tudo que eu menos precisava era de ficar com muita raiva antes da minha grande entrevista. Ao chegar no local indicado pela grosseirona vi que era o gabinete na professora Deena Reynolds. Respirei fundo e bati na porta duas vezes. Eu a ouvi andar para atender. Quando a porta se abriu eu tomei um grande susto. Deena Reynolds não era uma velha de cabelos brancos como a minha imaginação teimava pintar, mas uma jovem moça, com no máximo cinco anos a mais que e ela tinha uma barriga proeminente indicando gravidez.

—Bom dia, senhorita Aurora. —Ela me cumprimentou com um sorriso extremamente jovial.

A entrevista correu maravilhosamente bem, Deena era radiante o que me deixou completamente à vontade fazendo com que a conversa corresse naturalmente. Ao final de todo o interrogatório profissional era como se Deena e eu fôssemos velhas amigas de sempre.

—Bom, você tem grandes chances de conseguir a vaga, até agora foi a melhor entrevistada e depois da sua eu só tenho mais duas entrevistas então, cruze os dedos. —Ela disse acarinhando a barriga e me dando um sorriso maternal.

—Ah, vou ficar torcendo! —Eu disse cruzando os dedos teatralmente e ela deu uma gargalhada. —Sua família é linda... —Eu comentei e ela ergueu uma sobrancelha, mas mantendo o sorriso. —Por favor, não é bajulação, é que sua filha e marido são encantadores. —Eu aponte para o porta retrato, nele um homem branco vestindo camisa xadrez carregava uma garotinha no colo que em muito se parecia com Deena, mesma pele negra, mesmo sorriso

iluminado e covinhas na bochecha.

—Não se preocupe, eu adoro elogios para a minha família, você acaba de ganhar mais um ponto. —Ela piscou para mim e eu corei com sua gentileza.

Depois das despedida eu sai parcialmente feliz de seu gabinete. A metade insatisfeita em mim estava obscurecendo meus pensamentos com a imagem da família feliz da professora. Deena era um pouco mais velha que eu e já havia conquistado tudo, uma carreira, um marido e filhos. Aquilo por alguma razão havia mexido comigo. A possibilidade de ter tido isso há alguns meses ainda me doía. Eu me deixei sonhar que teria isso com Ethan, inocentemente acreditei que todo amor que morava em meu peito seria capaz de trazê-lo para mim, mas eu estava terrivelmente enganada.

Seis meses haviam se passado e eu nunca mais havia o visto. Vez ou outra havia algo nos jornais sobre a empresa dele ou eventos beneficentes, mas mesmo assim, o Ethan pessoal nunca mais havia aparecido para mim. O que eu julguei ser uma coisa boa, mas com o tempo eu percebi que a distância só abria ainda mais o buraco em meu peito. Entrei no vagão do meu ônibus e sentei-me ao lado de uma senhorinha com um gato. Transporte público sempre aflorava o pior de mim, sempre que eu estava no metrô ou ônibus parecia o momento ideal para contemplar as minhas misérias, mas eu estava tão cansada de lidar com todo aquele fracasso afetivo.

Quando dei por mim já estava na porta do meu prédio, percebi que se realmente conseguisse a vaga de professora substituta não teria grandes problemas em me locomover. O campus ficava relativamente perto do meu apartamento. Teria a vida sorrido pra mim depois de tanto tempo de sofrimento? Aquele emprego representaria meu primeiro passo para longe daquelas lembranças e eu esperava do fundo do meu coração poder me afastar delas, mesmo que minimamente.

Entre no apartamento, joguei minha bolsa no sofá e fui em direção a cozinha para começar a preparar meu almoço. Entre devaneios sobre o que cozinha eu ouvi a campainha tocar, franzi o cenho, devia ser Sara pois o porteiro não havia anunciado ninguém.

Abri a porta e imediatamente me assustei. Era Ethan Lewis em carne e osso se debulhando em lágrimas.

—Aurora você precisa me ajudar. —Ele disse e caiu de joelhos a minha frente em um choro copioso.

Capítulo 28 — Eu Vou Perdê-la

—Ethan... —Eu disse tremula e ele continuou ali, de joelhos chorando tanto que meu coração parecia que iria saltar do meu peito. —Venha, levante-se. —eu disse meio sem jeito pondo a mão em seus ombros, mas ele sequer se mexeu. Era como se o sentimento ruim de muito tempo tivesse tido vasão naquele momento.

—Ethan, se acalme, por favor. —Eu me ajoelhei a sua frente e ele desviou o rosto do meu olhar como se sentisse vergonha de tudo aquilo. —Eu vou te ajudar, eu prometo, mas antes você precisa me falar o que está acontecendo. —Eu segurei a dobra interna de seu cotovelo e o puxei para cima, ele reagiu ao pequeno toque dessa vez, ele suspirou segurou a respiração e se levantou.

Quando ele já estava de pé seus olhos castanho fixaram-se em mim e por um momento eu me esqueci completamente dos últimos seis meses, era como se eles simplesmente não tivesse existindo, por baixo de toda dor estava o amor, bem paradinho lá.

—Talvez você não devesse ter vindo aqui. —Eu disse baixinho, sem forças para expulsá-lo dali pois a sensação de tê-lo perto apagava toda a tristeza e eu tinha certeza que quando ele saísse por aquela porta eu deveria começar pelo zero.

—Por favor, esqueça tudo aquilo, eu preciso de ajuda. —Ele disse com a voz ainda rouca, eu fechei meus olhos por um momento e respirei fundo, era anti humanitário não ajudar um homem desesperado mesmo que ele tivesse partido meu coração a menos de sete meses.

—Eu vou fazer um chá de camomila, você está tremendo e... pálido, enquanto isso recomponha-se para me contar. —Eu disse tentando organizar tudo aquilo na minha cabeça, quando me virei para ir em direção a cozinha percebi que ele estava me seguindo até o cômodo.

—Eu vou fazer um chá... —eu repeti tentando consertar o silêncio constrangedor que se formou a nossa volta. Peguei uma xícara e o bule, coloquei água lá dentro e o coloquei no fogo.

—Zoey está morrendo. —Ele disse e eu parei por um segundo, parecia que meu corpo havia se desligado, ouvi ao longe o som da xícara que eu segurava cair no chão, senti meu corpo sendo amparado por Ethan.

—Que merda é essa que você disse? —eu tentei soar nervosa, até mesmo raivosa, mas minha voz não passou de um sussurro tremulo e choroso.

—Sente-se, querida. —Ele disse apoiando-me até a cadeira. Ethan pegou a outra xícara em cima da mesa e eu ouvi ele a enchendo de água. —Beba. —Ele instruiu e continuava a tremer.

—Eu não quero beber nada Ethan, quero me explique isso. Zoey está... morrendo... Que loucura é essa?

—Você lembra da... festa de casamento? —ele perguntou e eu respirei fundo, foi nosso último momento bom, balancei a cabeça positivamente. —Ela estava pálida, muito cansada e tonta. Eram os primeiros sintomas de anemia aplástica.

—O que é isso Ethan? Mas anemia, não é só dar umas vitaminas ou... —eu estava completamente desesperada, sabia que se fosse uma simples anemia ele não teria vindo até aqui dizer que ela estava morrendo. Zoey era a filhinha de Ethan e ele a amava mais que tudo nesse mundo e desse amor eu não duvidava.

—Infelizmente não, a anemia aplástica é um tipo de doença auto imune em que a medula óssea deixa de produzir a quantidade adequada de sangue. Ela precisa de frequentes transfusões e... —Ele parou e sentou-se à minha frente novamente, seus olhos gêmeos aos meus cheio de lágrimas e desespero. —Ela precisa de transplante de medula, apenas um quarto dos pacientes conseguem. O banco de medula dos EUA não encontrou ninguém compatível e na família até agora nada também e... O tempo da minha menina está acabando, Aurora... Eu vou perdê-la.

—Perdê-la? Você enlouqueceu? Não pode ser assim, simplesmente desistir? Oh meu Deus, a minha pequenina. —eu disse perdendo a cabeça, Ethan tentou me controlar segurando minha mão, mas eu me afastei ganhando dele um olhar receoso. —Não pode ser verdade Ethan, ela é uma criança como pode estar tão doente assim? —eu me perguntei furiosa.

—É genético, o pai de Jane morreu há três anos com leucemia, a família dele tem pré-disposição há isso...

—Minha menininha... —eu me prostrei tapando meu rosto com as mãos, queria muito acreditar que aquilo não passava de um pesadelo horrendo. —Como ela está? —eu perguntei limpando as lágrimas do meu rosto.

-Muito fraca, ela está internada há duas semanas. Foi diagnosticada há três meses, mas tentamos manter ela em casa, o hospital a deixa muito nervosa, mas agora... a situação piorou, o quadro se agravou muito rapidamente e as transfusões já estão começando a não adiantar mais. —A dor em sua voz me feria tanto quanto a situação. —Eu vim porque sei que você se importa com ela e vice-versa... Eu na realidade temo que ela parta sem poder se despedir de você.

—Não Ethan, não vai eu.. —comecei a dizer me levantando, mas percebi que naquela situação eu era completamente impotente. —eu vou fazer o teste de compatibilidade vou... ligar para o pessoal da faculdade e das editoras que eu trabalhei... Deve haver alguém Ethan.

—Aurora, eu sou um dos homens mais ricos de Seattle e se influência desse certo eu... —Ele começou seu discurso condescendente, mas logo desistiu. —O que eu estou dizendo? Sim, Aurora por favor, se possível converse com essas pessoas... Só estou descrente porque é muito raro haver um doador, vocês sequer tem o mesmo tipo sanguíneo. É impossível.

—Você não acredita que ela vai sair dessa não é? Ethan, Zoey é forte e eu tenho certeza que vai. —eu disse fungando, tentando me manter esperançosa.

—Você tinha razão. -ele disse ressentido, lágrimas haviam voltado para os seus olhos. —Eu mato tudo que eu toco.

—Não Ethan, o que... —eu me aproximei dele segurando firmemente sua mão. —Não pense nisso! —Mas foi exatamente como da primeira vez que eu o toquei, o arrepio, a estranha sensação de alento, de repente meus pensamentos perdendo o sentido na sensação quente de sua pele contra a minha.

—Aurora! —Sara entrou em casa chamando e eu e Ethan imediatamente nos afastamos constrangidos. Sara por um momento respirou fundo, narinas

infladas e boca retorcida. —Senhor Le... Ethan. —ela cumprimentou a contragosto, mas em seguida suspirou pesarosa. —Então é verdade o que a Erika me disse...

—O que ela te disse? —eu pigarreei me levantando para colocar a caneca na pia e pegar a vassoura para retirar os cacos de vidro.

—Que a Zoey estava doente. —ela disse com um olhar de tristeza para o semblante retorcido de Ethan.

—Sim ela está. —Ethan disse desolado.

-Eu sinto muito, imagino que seja um momento muito difícil.

—Você sabia? -eu guinchei brava. —Por que não me contou?

—Eu tinha que checar, sei que a menina é importante para você e que surtaria. Só passei porque fui a empresa confirmar antes de te contar e... sua ex-sogra estava lá, Ethan, me apresentei como uma antiga funcionária, e ela me confirmou.

—A Sue estava na empresa? —ele se questionou franzindo o cenho.

—Bem de qualquer forma eu estou descendo, eu vim aqui somente para te contar da Zoey, sei que ao contrário desse daí que não está nem ai para você, sei que se importa com ele e com a filha dele —ela disse acidamente, mas Ethan continuou imóvel, eu a olhei de olhos arregalados. —Preciso voltar para o trabalho, até mais Aurora e espero que você esteja fora quando eu voltar, Ethan. —ela disse voltando para o papel de amiga defensora.

—Sara! —eu a repreendi, mas ela revirou os olhos me ignorando. Quando ela saiu Ethan se encolheu.

—Ela tem razão, eu não sei porque te procurei Aurora, foi um erro isso não é um problema seu. —ele começou a se levantar.

—Ethan eu quero que nós dois nos explodamos nesse momento. —Ele me olhou confuso. —Tá, isso não foi muito claro! O que quero dizer é: se Zoey está doente eu ficarei ao lado dela e farei tudo que estiver ou não ao meu alcance para ajuda-la! Zoey é parte de mim e o que aconteceu entre nós não importa no momento, deixemos para resolver nossas magoas quando ela estiver bem e ela vai ficar eu tenho fé que vai.

—Obrigado, Aurora eu não sei o que dizer! Obrigado! —ele disse com

um sorriso amarelo, a situação em si era extremamente constrangedora. — Agora preciso ir também, tenho que voltar ao hospital.

—Espere! Vou pegar minha bolsa, posso não ser compatível para a doação por causa do meu tipo sanguíneo, mas eu vou ajudá-la a passar por isso! —Ethan suspirou fechando os olhos.

—Obrigado! Eu não sei o que faria se... estivesse completamente sozinho. —Naquele momento, deixando de lado todas as nossas desavenças, toda a dor e tristeza que ele havia me causado eu me entreguei.

—Você não está, Ethan. —eu disse segurando a sua mão novamente.

—Não, eu não estou. —Ele sorriu da maneira que fazia meu coração bater forte e novamente eu tinha certeza que amaria aquele homem até o fim dos meus dias.

Capítulo 29 — Hospital

O caminho durante a ida para o hospital foi completamente constrangedor. Ethan seguia pelas ruas de Seattle apertando firmemente o volante. O silêncio que se fazia dentro daquele carro era a premissa de que alguma hora teríamos que conversar.

—É no Hospital Geral de Seattle. —ele informou tentando cortar a falta de comunicação que abafava o carro.

—Ah, sim. —Eu respondi unicamente. Minha cabeça girava a mil montando uma lista mental de todos os possíveis doadores.

—Escute Aurora, eu sei que você não está muito...

—Ethan, a Zoey está doente. Não pense que o fato de eu estar aqui muda tudo que eu te disse na última vez que nos vimos e por favor, não quero mais tocar nesse assunto. —Eu respondi firme e ele apenas balançou a cabeça positivamente.

Havia algo de errado com tudo aquilo. Ethan parecia afetado sempre que eu cortava suas tentativas de aproximação, ele abaixava a cabeça ou suspirava, não de vergonha ou arrependimento. Havia algo ali que eu não conseguia decifrar. "*Sadismo*" minha V.I ladrou e minha cabeça e meus punhos se fecharam. Sim, eu devia me lembrar que por mais que eu o amasse e amasse Zoey, o meu Ethan não existia, ele era apenas um personagem do homem sentado ao meu lado.

Paramos no estacionamento do luxuoso hospital. Ethan me conduziu até a entrada e numa conversa baixa com a recepcionista loira e estranhamente aberta demais a sua figura, ele anunciou nossa chegada. Ao que parecia já havia alguém lá em cima.

—Ela ficará muito feliz em vê-la. Eu tentei não incomodar você com tudo isso, mas sei que Zoey precisa de uma amiga agora.

—Você *devia* ter me dito desde o começo Ethan, o que acontece no mundo dos adultos não pode interferir nas crianças. Zoey é muito maior que tudo isso. —Eu disse deixando transparecer toda minha raiva. Entretanto eu

sabia que se ele tivesse me dito o que ela tinha desde o começo seria mais difícil para mim, eu estaria frágil e destruída.

—Me perdoe. —Ele pediu de maneira quase visceral.

—De tanto que se tem para pedir desculpas... —Eu disse amargamente.

Por sorte o elevador chegou antes que eu ficasse cada vez mais raivosa e rancorosa. Entramos nele e Ethan apertou o botão para o último andar, em seguida ele me entregou um crachá que dizia "visitante".

Naquele momento eu comecei a ficar nervosa, não sabia em que estado encontraria a minha menina. Minhas mãos tremiam e minha respiração se tornou pesada. Tentei tomar fôlego algumas vezes, mas eu estava começando a entrar em desespero.

Quando o elevador parou Ethan saiu dele e eu fiquei por um momento lá dentro parada. Não sei o que ele viu em meu rosto, mas ele pareceu assustado.

—Fique calma. —Ele pediu preocupado.

—Eu estou calma. —Minha voz não passava de um sussurro fraco que contrariava minhas palavras.

Andamos pelo corredor branco pelo que parecia ser um século. Até que paramos na última porta no final dele. Eu respirei fundo algumas vezes e Ethan tornou a me olhar, ele balançou a cabeça como se me pedisse uma confirmação de que podia fazer aquilo, eu suspirei e acenei positivamente.

Ele abriu a porta e eu não estava preparada para a cena que eu vi.

Zoey estava deitada na cama, aparentemente dormindo. Ela estava ligada a monitores e a bolsas de soro. Ela estava muito mais magra e pálida, haviam círculos roxos em baixo de olhos sinalizando que há muito ela não dormia. Ela estava cansada e doente, mas era mais do que isso. Zoey estava triste.

—Ah Zoey. —Eu não pude evitar o choro. Eu me virei e me escondi nos ombros de Ethan, que me abraçou protetoramente. Naquele momento não havia raiva ou rancor. Eu havia perdido. Não existia vencedores naquela estratégia de ignora-los que eu havia imposto para me defender. Zoey estava morrendo e eu me sentia culpada. —Ela está tão mal. —Eu soluzei.

—Mas ela vai ficar bem! Eu tenho fé que vai. —Ele afagou minhas costas e deu um beijo no alto dos meus cabelos. Eu lidaria com todo aquele contato depois, no momento eu só queria abraçar minha menina.

—Ela dormiu faz muito tempo? —Ethan perguntou e foi só ali que eu percebi que havia uma mulher sentada na luxuosa poltrona ao lado dela. Era uma senhora elegante, na casa dos sessenta, o cabelo já era completamente branco, mas de alguma forma aquilo a deixava mais jovial e elegante, era a como Meryl Streep em *O Diabo Veste Prada*, só que menos assustadora.

—Há uns quinze minutos. —Ela disse parecendo exausta.

—Aurora, quero que conheça Sue Patterson, a avó materna de Zoey. —Ela sorriu pra mim verdadeiramente, como se tivesse ficado feliz em me ver.

—É um prazer conhece-la, Aurora. Zoey não para de falar de você. —Ela sorriu para Ethan como se desse a entender que era ele quem falava de mim.

—O prazer é meu senhora Patterson. —Eu sorri secando os olhos. Estava envergonhada pela cena que havia protagonizado.

—Ethan, preciso ir. Preciso descansar um pouco. Se precisar de alguma coisa me ligue. —Ela disse se levantando e pegando a bolsa. —Até mais. —Ela beijou a cabeça da menina que se remexeu em seu sono.

—Obrigada, Sue. —Ele agradeceu fervorosamente e ela apenas sorriu passando por nós.

Estávamos só eu, Zoey e Ethan no quarto. Eu me aproximei dela, coloquei a mão na minha boca para tapar os soluços que pareciam me rasgar. Sequei as lágrimas, respirei fundo e fechei os olhos.

—Ela está assim a quanto tempo? —Perguntei.

—Ela foi diagnosticada uma semana depois... Que chegamos da Itália, mas está internada há menos tempo. O quadro dela piorou.

—Minha bebê. —eu sussurrei afagando os cabelos dela, que suspirou imóvel. —Eu preciso fazer o exame, Ethan.

—O doutor disse que quanto mais pessoas fizerem melhor, talvez não sejam compatíveis com Zoey, mas podem ser com outra pessoa. —Ele me

informou. Ethan também tinha os olhos voltados para a filha, ele a olhava com a adoração. Eu sabia que ele estava sofrendo, Zoey era a única coisa que ele tinha no mundo e eu não duvidava do amor que ele sentia por ela.

—Ela vai se curar. —Eu disse como uma promessa para mim e um pedido para os céus.

—Eu vou sim. —Zoey disse baixinho de olhos ainda fechados.

—Zoey! —Eu disse alto e ela deu uma gargalhada fraca.

—Eu estava te enganando. Você nem viu que eu estava acordada. —Ela disse abrindo os olhos devagar, ela parecia fraca e frágil demais até para aquela simples ação de abrir os olhos.

—Você é uma pequena trapaceirazinha. —Eu disse tocando a ponta do nariz dela.

—Eu sempre soube que você viria. —Ela disse sorridente e aquilo quebrou meu coração, eu se quer tinha pensado em telefonar para ela por causa de tudo que tinha acontecido comigo e o pai dela.

—Eu te amo tanto, bebê. —Eu disse e ela fez uma careta. —Que foi? Você está sentindo dor? Quer que chame alguém? Ethan, faça alguma coisa! —Falei desesperada

—Não! —Ela riu fraquinho novamente. —É que eu não sou um bebê.

—Claro que não, que estupidez a minha! —Eu bati na minha testa teatralmente. —Você é a minha mocinha. —Eu disse carinhosamente e cheguei mais perto dela.

—Você não vai mais embora não é? —Ela perguntou tocando o meu rosto. Eu não sabia o que responder, mas optei por contar para ela o que sentia naquele momento.

—Eu sempre vou estar com você! —Eu disse calorosamente.

—E com o papai? —Ela perguntou e eu dei um sorriso amarelo, ela era a menina mais especial de todas.

—Com ele também! Enquanto vocês precisarem. —Eu disse e senti sua mão tocando meu ombro. Eu abracei Zoey e rezei a Deus para que aquela promessa não me ferisse mais do que eu podia aguentar.

Capítulo 30 — Alelos

—E como foi o exame, querida? —Jasmine perguntou para quebrar o silêncio que se instaurava na sala de espera.

—Foi só um exame se sangue, mas eu tenho medo de agulhas então... meio doloroso. —Eu tentei prolongar um pouco o assunto para tentar me livrar do quão desesperada eu estava.

Faziam três dias desde que eu havia voltado para a vida daquela família. Nas ultimas setenta e duas horas eu havia arranjado mais de trinta e cinco pessoas para fazer o exame de compatibilidade para a doação da medula óssea, além de mim mesma que havia feito o exame assim que sai de perto da menina. Entre antigos colegas de editora, amigos da faculdade, vizinhos e o porteiro do meu prédio, eu havia começado minha própria busca implacável. Mas para completar, eu havia passado os últimos três dias cercada de Ethan.

Era impossível ignorar o fato de que eu estava perto do homem que eu amava, mas ao mesmo tempo do homem que mais havia me machucado na vida. Ethan estava absolutamente fragilizado, meu coração se despedaçava em ver o olhar triste e desesperado que ele mantinha em Zoey, sua olheiras negras e a barba por fazer. Eu suspeitava que ele não ficava mais do que duas horas longe do hospital.

—Eu sei que as chances são mínimas, mas tenho fé que o doador da Zoey está entre todas essas pessoas que você trouxe, Aurora. —A avó materna de Zô disse entrando no nosso assunto. Ela era uma mulher muito devota, sempre rezando ao lado da neta e se mantendo confiante.

Ethan andava de um lado para o outro na recepção. Ele sabia que o médico traria pra ele mais uma notícia negativa, mas eu quase podia ver as engrenagens girando em sua cabeça. Ethan faria de tudo para curar a filha.

—Como você está com isso tudo, querida? —Jasmine cochichou no meu ouvido e seus olhos correram imediatamente para o filho. Ela queria falar do assunto doloroso.

—É pela Zoey que estou aqui, Jasmine, eu não negaria algo.... —Eu

comecei o discurso que havia passado duas noites elaborando para explicar minhas motivações para ainda estar ali.

—Não minta pra mim, eu sei que se o Ethan tivesse lhe procurado porque a caneca favorita dele quebrou você viria cegamente. Você o ama, Aurora.

—Senhora Lewis... —Eu tentei detê-la.

—O ama, mas está machucada. Eu sei o quanto isso dói... Você é forte por estar aqui.

—Eu estou tentando deixar tudo isso de lado. Nesse momento ele não é o Ethan com quem... eu tive alguns problemas. Ele é um pai aflito para salvar a filha e eu só posso tentar ajudar.

—Tem sido difícil pra ele também. Acredite, meu filho não foi o mesmo desde que você saiu da vida dele.

—Jasmine, por favor. Não quero falar disso. —Eu tentei ser o mais enfática o possível, mas não passou de um sussurro trêmulo.

—Argh. —Sara chegou na recepção apertando a junta interna do cotovelo. Ela também havia vindo fazer o exame de compatibilidade.

—Sara! —Eu chamei e indiquei o outro lugar vago ao meu lado. Jasmine entendeu que aquilo era um sinal para encerrar a conversa e endireitou-se em sua cadeira.

—Residentes em Grey's Anatomy geralmente são talentosos, mas aquela me furou tantas vezes que eu suspeitei que fosse de propósito. —Ela comentou e se sentou ao meu lado, puxou uma barrinha de cereais e começou a mastigar.

—Muito obrigada. —Eu disse verdadeiramente e ela olhou para meu rosto por alguns segundos e suspirou.

—Aurora, quando você vai... sei lá, ir para casa para dormir ou comer?

—Sara, eu não quero sair do lado dela.

—Eu sei que não, mas ficar do lado dela implica em ficar ao lado... —ela olhou friamente em direção a Ethan. —...desse cara.

—Não começa, Sara. Essa situação é muito maior que tudo isso. —Eu

cochichei para ela.

—Filho! —Jasmine se levantou e foi ao encontro de Ethan que havia parado seu caminhar preocupado e estava simplesmente em pé parado no meio do nada.

—E se não conseguirmos? —Ele perguntou ficando pálido. Às vezes, ele subitamente era abatido pelas possibilidades. Ethan não era nem a sombra do homem que eu havia conhecido em seu escritório, ele estava amedrontado.

—Não pense nisso! Se concentre em achar alguém. —Sue disse acidamente. Outro estranho comportamento que eu havia identificado nos últimos dias, Sue não reservava sua bondade ao ex genro, muito pelo contrário, quase sempre, quando ela se referia a ele, seu tom era de acusação. Jasmine a fuzilou com o olhar, mas logo voltou-se para o filho.

—Por favor, querido, sente-se. —Ela pediu com sua voz maternal e o filho o fez, olhando para o nada. Eu conseguia sentir seu desespero saindo dele em ondas quase tangíveis.

Jasmine o guiou para o lugar que ela ocupava antes, exatamente ao meu lado. Eu tentei olhar para frente, ignorar o fato de que ele estava a apenas alguns centímetros de mim, mas era impossível, meu corpo tomava consciência própria de que ele estava ao meu lado. E eu sentia falta dele.

—Acalme-se, Ethan. —Eu pedi involuntariamente e o par de olhos castanhos dele fixou-se em mim.

—Eu não posso perde-la, Aurora. Não depois de tudo que eu já perdi na vida. —Ele me disse absolutamente quebrado. Eu mordi o canto inferior do lábio.

—Você não vai perde-la. —Eu coloquei minha mão sobre a dele. Em sua consciência eu nunca faria aquilo. Eu tinha que odiá-lo, que sentir nojo dele, mas não conseguia. No momento em que minha mão tocou a dele eu senti como se tudo estivesse bem, como se minha força fosse reestabelecida e de repente podíamos, juntos, enfrentar tudo aquilo.

—Obrigado. —Ele disse e retirou a mão dele de debaixo da minha, mas num movimento inesperado, ele tornou a envolver meus dedos contra os seus e os segurando fortemente, ele tornou a agradecer. —Obrigado!

Eu não tive forças para responder, apenas queria que aquele momento

fosse congelado ali. Queria que não houvessem mais discussões ou magoas, queria que a mão dele segurasse a minha sem complicações.

—Ethan! —o médico apareceu no corredor com passos fortes e rápidos. Ethan imediatamente soltou minha mão e levantou-se. Ele novamente havia embranquecido. Eu também sentia o sangue deixar meu rosto e minha cabeça girar "*que não seja nada com Zoey, que não seja nada com Zoey*" eu pedi mentalmente.

—Doutor! O que aconteceu, como ela está, onde está a Zoey? —ele perguntou beirando quase a loucura. Eu podia ver que se ele demorasse mais que dois segundos para responder a todos os questionamentos Ethan o agarraria pelo jaleco

—Nós encontramos um doador! —Ele disse quase emocionado. Ethan suspirou.

—Ah. —Ethan disse unicamente e soltou uma sonora gargalhada que logo se tornou um choro copioso. Ele se virou para mim e eu percebi que meus olhos involuntariamente tinham se enchido de lágrimas.

—Ela vai sobreviver. —Ele disse e eu sorri igualmente abalada. —Meu bebê vai sobreviver. —Ele repetiu e Jasmine o abraçou soluçante.

Eu olhei para Sara que também sorria largamente e muito emocionada. Havia alguém que era compatível a minha macaquinha. Alguém que salvaria a vida daquele pequeno raio de luz.

—E quem é? Meu Deus eu devo a minha vida a essa pessoa. —O médico sorriu e conferiu em sua prancheta.

—A tia dela, a doadora compartilha alelos com a paciente. —Ele sorriu e Jasmine deu uma risadinha alegre.

—Francine, minha irmã Francine. Mal posso acreditar, minha irmã rezou para que ela fosse compatível e agora é. —Jasmine comemorou emocionada e abraçou o filho, mas o médico franziu o cenho.

—Não, ela compartilha alelos maternos com a Zoey. —Ele checkou novamente a prancheta. —É a tia dela, Aurora Elise Devonne.

Eu imediatamente congelei e minhas esperanças se esvaíram, eles haviam feito alguma confusão durante a coleta.

—Deve haver algo errado! Eu não sou parente da Zoey, não tenho nenhuma ligação com Jane, mãe dela.

—Tenho certeza que tem, senhorita. Eu refiz este exame pessoalmente e inclusive quando vi que vocês não compartilhavam o mesmo sobrenome fiz um teste de DNA da senhorita com... —ele tornou a olhar para sua papelada. —Sue Patterson, avó materna dela. Vocês são mãe e filha.

Minha cabeça tombou para o lado num sinal de desentendimento. Eu me virei devagar em direção a Sue para ver sua reação e o que eu encontrei em seu rosto quase me matou ali mesmo. Suas narinas estavam infladas, a boca enrugada e os seus olhos crepitavam em minha direção.

Ódio. Era a única expressão que eu encontrava ali. E ao ver aquilo eu não pude me controlar, fechei os olhos e respirei fundo uma vez. Fechei meus olhos incrédula.

Capítulo 31 — Confrontando

Dei um passo vacilante para trás, a ponta dos meus dedos coçava, eu queria profundamente enterrar meu punho no rosto de Sue, mas eu simplesmente não devia ou tentava me convencer disso. Demorei alguns segundos pra perceber as mãos de Sara e Ethan me segurando e um barulho sufocado vindo de algum canto. Eu olhei para eles. Tudo parecia acontecer em câmera lenta. Foi quando eu percebi que na verdade eles não detiam a minha possível agressão contra ela, eles me seguravam para que eu não caísse. Tomei consciência de que o barulho sufocado eram soluços que vinham do meu peito.

—Como assim? —Eu perguntei. Minha voz saiu como um sussurro quebrado.

—Sue, acho que você tem algo a nos dizer. —Jasmine usava pela primeira vez um tom que eu não conhecia em sua voz maternal. Era extrema raiva.

—Eu não... —Sue desmoronou momentaneamente. Parecia desconcertada. —Eu sinto muito. —Ela disse friamente e cruzou os braços desviando o olhar.

—O que, sua vadia? —Sara berrou ao meu lado. —Você abandonou a Aurora numa lixeira quando ela era só um bebê e o máximo que tem a dizer é "*eu sinto muito*"? —Sara gritava avançando em direção a ela, mas Ethan, ainda me segurando, entrou em sua frente. —Ah, vai se foder você também. Olha o tamanho da merda que você enfiou a Aurora! —Ela berrou apontando pra ele. Eu queria desesperadamente pedir pra que ela ficasse calada, para que todos parassem de falar e me deixassem respirar.

—Vamos embora agora, Aurora. Você nunca mais vai ver essas pessoas! —Ela deu um tapa forte na mão de Ethan e o soltou de mim. Minhas pernas falharam e ele me apanhou novamente.

—Sara, deixe que eu pelo menos a leve até o carro. Ela não tem condições de andar.

—Provavelmente ela está entrando em choque, toda essa gritaria não está ajudando. Posso leva-la para se recuperar numa sala mais reservada, mas por favor, lembrem-se que isso é um hospital e vamos manter a compostura. —O médico pediu parecendo extremamente desconfortável com a situação.

—Vai se foder você também! —Sara havia perdido completamente o controle, em outra situação eu ficaria preocupada com ela, mas eu quase não conseguia respirar, raciocinar e defender minha amiga era praticamente impossível.

Eu mal percebi quando toda a conversa se transformou em apenas um murmúrio disforme. Sara continuou a gritar pelo que parecia ser um século, mas talvez não tivesse passado de alguns segundos. Sue saiu da minha vista, minha amiga e meu ex namorado discutiram por um certo tempo, mas pareceram concordar com algo que meu cérebro não registrou. Eu estava realmente entrando em choque, afundando no caos de minhas próprias emoções. Não podia imaginar a dor que me cercaria quando eu emergisse.

Quando dei por mim percebi que eu me movia. Estava caminhando, mas quase não sentia meus passos. Percebi o cheiro de Ethan e a mão de Sara em meu ombro. Eles me guiavam. Não estava consciente o suficiente para andar de maneira eficaz, estava quase me arrastando, apoiando todo meu peso em Ethan que mantinha seu braço protetoramente ao meu redor.

—Talvez fosse melhor que ela tivesse ficado como orientou o médico. Aurora realmente parece estar entrando em choque. —era novamente a voz de Ethan.

—Não vou voltar com ela lá para cima. —Sara informou, seu tom era mais controlado, mas conhecendo-a como eu conhecia sabia que por baixo da calma havia um sentimento quase homicida.

A luz do sol bateu em meus olhos, já estávamos fora do prédio. Respirei fundo, não podia deixar todo aquele sentimento ruim tomar conta de mim. Eu precisava recobrar minha consciência.

—Preciso... me sentar. —Eu disse trêmula.

—Vamos colocar você no carro, meu amor. Fique tranquila. —Ethan disse e sua frase cheia de ternura foi seguida de uma série de palavrões que Sara jogou contra ele.

—Você não está ajudando, Don Juan. —Ela cuspiu por fim. Sara soltou meu ombros e andou na minha frente, abriu a porta do carona no carro de Ethan e me deu passagem. Sentei-me de lado, deixando as pernas para fora. —Vamos te levar para casa, querida. —Ela disse suavemente, ao seu lado Ethan havia materializado uma garrafa com água.

—Beba, você precisa se acalmar. —ele estendeu a água em minha direção e eu ergui meu braço que tremia de um jeito quase doloroso.

—Eu não quero ir para casa. —Eu disse depois de um gole.

—Para onde vamos então? —Minha melhor amiga questionou pacientemente.

—Para a sua casa. —Eu pontei para Ethan.

—Você está louca? Precisa se afastar disso tudo.

—Não! Eu vou para casa do Ethan, você vai chamar Sue para lá. Eu preciso de respostas.

—Você precisa absorver essa loucura antes de qualquer coisa. —O moreno afirmou e pela primeira vez minha amiga concordou com ele.

—Vocês não entendem... —Eu funguei secando as lágrimas. Os tremores já começavam a passar e eu precisava mostrar para eles que podia suportar aquilo. —Não quero doses disso, quero tudo em um único tiro e depois seguir em frente, por favor.

—Aurora... —Ele tentou reclamar, mas olhou para Sara que mantinha uma expressão triste.

—Amiga, eu amo você. Vou apoiar se essa for sua decisão, só não posso suportar ver você sofrendo mais ainda.

—Você vai para a nossa casa, sei que se você encontrar com... aquela mulher novamente vai matá-la. —Eu tentei parecer bem humorada, mas não pareceu convencer nenhum dos dois.

—Tem certeza? —Ela questionou. Sabia que Sara não tinha condições de encarar aquilo também, seria uma batalha solitária e eu já havia sugado minha amiga para dentro daquilo muito além do que ela poderia suportar.

—Sim. —Eu murmurei.

—Você vai defendê-la. —Dessa vez ela falava para Ethan. —Se for preciso vai socar a cara daquela velha e isso é uma ordem. Ao menos uma vez mostre que realmente se importa com ela.

—Você pode apostar que eu defenderei. —Ele disse altivo.

—Nos vemos em casa, querida. —Ela afagou meus cabelos, antes de intimar novamente o homem com o dobro do seu tamanho. —Quero ela lá em uma hora, se ela não estiver lá eu chamo a polícia.

—Ela vai estar. —Ele prometeu e Sara o ignorou, abaixando-se e me dando um beijo suave na testa.

Sara coçou o cabelo e bufou, podia ver seu cérebro fritando. Mas ela se afastou, andando meio sem rumo.

—Você tem certeza disso? —Ethan questionou e eu suspirei fundo.

—Sim.

—Eu sinto muito. —Ele disse com suas palavras fervendo em completo pesar.

—Eu preciso sair do meio disso tudo. —Respondi, voltando-me para dentro do carro e enterrando minha cabeça em minhas mãos.

—Você vai sair, eu prometo que nunca mais vou deixar nada da minha vida te machucar.

—Agora já é tarde demais. —Eu tentei soar enfática.

—Eu prometo. —Ethan respondeu. Eu queria desesperadamente sentir que aquele seria realmente o fim, mas na verdade eu sabia que ele nunca sairia da minha vida e o mais desesperador era que uma parte no fundo de mim se alegrava com aquilo.

Capítulo 32 — Passado

Eu olhava para baixo, tentava respirar fundo. Sentada naquele sofá, em que eu já havia passado tantos bons momentos com Zoey, eu aguardava para ouvir explicações sobre tudo que havia acontecido comigo. Desde sempre eu me perguntava as razões que levaram a minha mãe biológica a me deixar em uma lata de lixo. Sempre me pareceu uma ação desesperada de uma jovem adolescente desamparada ou talvez de uma mulher usuária de drogas, mas nunca havia considerado a hipótese de uma mulher em berço de ouro.

—Devíamos estar no hospital com Zoey. —Sue disse envergonhada, eu ergui meus olhos, incrédula demais para o fato de que ela não parecia nem um pouco afetada por toda a situação. Parte de mim concordou, Zoey devia ser o centro de nossas atenções. Eu me sentia extremamente culpada e egoísta por estar mobilizando quase toda a família para esclarecer minha vida.

—Não Sue, você deve explicações a Aurora e vai dá-las. —Ethan disse friamente. Por um momento aquilo acalentou meu coração, ele havia me colocado como prioridade por um instante. Não! Não podia deixar me levar por aquilo, Ethan também havia me machucado e eu não podia me esquecer daquilo.

—Que seja, o quanto mais rápido explicarmos todo esse incomodo mais rápido podemos voltar para o hospital para o que realmente importa. —Ela cruzou os braços, eu levantei-me. Ethan segurou meu braço, mas não olhava para mim, tinha uma expressão de raiva para a mulher a sua frente.

—Como pode, Sue? Aurora é sua filha e você a abandonou. Por que está tão fria? —Jasmine também estava repleta de repugnância.

—Eu passei os primeiros anos me culpando por isso e agora... —Ela respirou fundo e olhou-me diretamente. —Não pense que é algo contra você, afinal de contas eu não lhe conheço.

—Apenas me conte o que houve e me poupe de suas explicações. —Eu deixei que minha raiva aflorasse. —Não quero seu pedido de perdão, não quero um abraço de reencontro! Quero saber o motivo. Não é sobre você, é sobre mim, Sue.

—Eu já estava noiva do pai do Jane, Thatcher, quando... —Ela engoliu seco, seu olhar ficou perdido e imerso em lembranças. —Havia um motorista dos meus pais, ele era mais velho e eu estava... fascinada e rebelde. Meus pais haviam retrocedido um século e me apresentado Thatcher com a intenção de que eu me casasse. Ele era filho de médicos e seguia o mesmo caminho, tinha um futuro brilhante e me seria uma ótima companhia. Mas havia esse motorista... Oliver. Eu não estava realmente apaixonada, só queria por um momento mostrar para mim mesma que eu tinha minhas próprias vontades e podia tomar minhas próprias decisões. —Ela voltou-se para mim com o olhar amargurado.

—Thatcher me levava a festa e me apresentava como namorada e futura noiva. Dançávamos, posávamos para fotos das colunas sociais e ele era perfeito para o futuro que meus pais planejavam para mim. Mas Oliver sempre estava ali! O ápice desses bailes era quando deixávamos Thatcher em casa e voltávamos juntos. Ele era tão jovem e espirituoso, cheio de sonhos... que de repente ele não seria apenas uma forma de me vingar secretamente dos meus pais, ele seria um conforto para os meus dias. —Ela suspirou e de novo lançou seu olhar para longe. —Numa noite, depois de uma dessas festas eu estava chateada, Thatcher havia bebido um pouco demais e sido rude e lá estava Oliver...

—Poupe-nos do caso de amor, Sue! Conte a menina o que ela quer saber. —Jasmine disse raivosa, eu a olhei sem entender. Por algum motivo aquilo parecia revoltá-la. Eu estava tão absorta em seus sentimentos e palavras carregadas de nostalgia que por um momento esqueci daquilo.

—Naquela noite, Oliver e eu fizemos você, Aurora. —Ela sorriu com a lembrança por um momento, mas em seguida seu rosto petrificou. —Minha mãe descobriu a gravidez meses depois, meu pai nunca suspeitou, mas ela sabia. Brigamos muito e ela me colocou contra a parede esperando que eu dissesse que o pai era Thatcher, o que anteciparia o casamento. Mas quando eu contei que era Oliver ela... —Sue vacilou por um momento. —Oliver foi demitido e escoraçado a mando de mamãe... Eu nunca mais o vi depois disso, minha mãe garantiu que ele não conseguisse um emprego em Seattle e eu nunca tive notícias.

—Sabe se... Sabe se *ele* está vivo? —Eu perguntei com a voz trêmula.

Não podia chama-lo de pai, criar uma fantasia de que havia um homem bondoso em algum lugar do mundo esperando para conhecer a filha. Sonhar com uma família estava longe das minhas pretensões.

—Nunca me importou, ele se quer sabia que eu estava grávida. —Ela disse cortante. —Enfim... mamãe me ajudou a esconder a gravidez enquanto pode. O seu senso cristão não permitiu que eu a abortasse. —Sue foi extremamente irônica e eu me encolhi, ela falava com tanta frieza sobre o quão desprezível minha existência era para ela desde o começo. —E foi ela quem me instruiu a deixar o bebê na lixeira, sabia que como a gravidez não havia sido acompanhada você não sobreviveria a uma noite numa lixeira. —Minha mão foi em direção a minha boca, eu estava horrorizada, meus olhos estavam inundados. Aquela era a história que eu menos esperava, não havia nada ali a não ser ódio e desprezo. Ethan segurou minha mão e eu o olhei, sua expressão era de pena e eu suspirei fundo.

—Nos jornais na semana seguinte apareceu a sua história como você estava doente e que quase não havia sobrevivido ao inverno rigoroso. Naquela mesma semana eu fiquei noiva de Thatcher... Anos depois... —Ela recompôs-se e voltou para a mesma postura fria que tinha quando nos conhecemos. —Eu contei para Thatcher, ele foi extremamente compreensivo e me orientou a procura-la, mas nunca contaríamos para Jane. Você ainda estava no orfanato, ele depositou uma quantia para a sua faculdade ou qualquer coisa que quisesse... Somos muito cristãos e queríamos...

—Já chega! —Eu gritei não podendo de controlar. —Já chega! Você é desprezível, um monstro! Quer realmente me dizer que ao me dar alguns milhares de dólares recebeu o perdão de Deus e que por isso merece um lugar no céu? Você me abandonou numa lixeira! Eu tinha horas de vida, não sei sequer a data certo do meu nascimento, passei a infância inteira doente por causa disso, nunca tive um pai ou uma mãe... —Eu tentei respirar, mas comecei a ofegar.

—Aurora, acho que já chega. Você não está bem. —Ele disse tentando colocar o braço ao redor dos meus ombros, mas eu me afastei e me debati.

—Não, não acabou. —Eu gritei e me surpreendi com o fato de que minha voz não era chorosa, mas destemida. Eu avancei em sua direção e apontei o dedo para ela, queria desesperadamente que ela deixasse de existir,

eu poderia naquele momento acabar com a vida dela. —Você... Vem aqui com seu discurso frio e calculista sobre como abandonar um bebê foi apenas um pequeno deslize em seu casamento perfeito, que gerou sua filha perfeita. Você me dá nojo, Sue. Mas eu quero que saiba que... Eu consegui, apesar de você e do meu odioso gene sujo que você me deu, eu consegui. Aprendi a me defender das meninas maiores, a não ter medo dos monstros no escuro, me formei, arranjei um emprego, tenho até meu nome em um livro, fiz amigos, namorei, aprendi a cozinhar. Apesar de nunca ter tido uma mãe eu fui vitoriosa, muito mais vitoriosa do que poderia ter sido com sua criação nojenta, cheia de culpa cristã e aparências.

—Eu nunca quis que você tivesse passado por...

—Exato! Você nunca quis porque queria que eu tivesse morrido.

—Você não sabe de nada! Teríamos vivido uma vida de miséria, você e eu não sobreviveríamos se eu tivesse te escolhido, foi um ato de misericórdia. Acredite, Aurora, não houve um dia que eu não pensei em você. Você pode me achar um monstro, mas... Toda a frieza dessa história só serve para... —Pela primeira vez os olhos dela se encheram de lágrimas e toda sua postura se desfez. —Para me proteger de pensar que essa foi a pior escolha que eu fiz na minha vida. Eu era jovem e o único mundo que conhecia era aquele, de luxos, festas e como você mesma disse culpa cristã e aparências. Eu não podia amar você por mais que eu quisesse. —Sue disse como se tudo aquilo fizesse sentido, como se de repente o fato dela ter me abandonado fosse um favor. Aquilo era demais, eu estava quebrada demais para aquilo.

—Você tem razão, Sue... —eu disse fungando e limpando as lágrimas que eu finalmente não pude conter. Os olhos dela se iluminaram. —Eu acho você um monstro. —Eu disse e ela piscou algumas vezes e em seguida abaixou seu rosto, aquela conversa estava encerrada. —Eu estou indo. —Eu murmurei e comecei a andar em direção a porta.

—Aurora! Espere. —Ethan disse atrás de mim, não me dei ao trabalho de responder, sabia que ele viria independente do quanto eu quisesse ficar sozinha.

—Dia vinte e seis. —Sue sussurrou quando eu passei por ela. Eu congelei e me virei para ela. —Você nasceu no dia vinte e seis, às onze e quinze da noite.

-Eu sempre comemorei no dia vinte e cinco. —Eu ri sem nenhum humor. —Você roubou de mim até a possibilidade de ter um aniversário, Sue. —Eu murmurei e voltei a caminhar a passos largos. Quando sai da visão dela comecei a correr, já não conseguia mais conter as lágrimas e os soluços.

—Aurora! —Ethan gritou e eu parei, virei-me e vi ele correndo em minha direção, os braços erguidos, prontos para me acolher, e eu ignorei tudo que havíamos passado, tudo que ele havia dito ao meu respeito e corri em sua direção. —Aurora... Vai ficar tudo bem. —Ele sussurrou quando nossos abraços se encontraram. Enterrei minha cabeça em seu peito.

—Oh Ethan... —Eu gemi e olhei para cima, sua expressão era de pura dor e horror. —Me faça esquecer de tudo que eu acabei de ouvir.

—Eu queria! Eu queria poder fazer com que você nunca tivesse passado por nada disso. -Ele segurou seu rosto com minha mão direita e me aproximou de sua face. Nossas testas se encostaram e ele fechou os olhos. — Eu queria que você não tivesse que sofrer.

E de repente nós estávamos a centímetros e tomamos consciência disso ao mesmo tempo. Seus olhos se abriram e arderam para mim. Ele engoliu seco e comprimiu os lábios parecendo querer tomar uma decisão, mas eu não podia espera-la.

—Então me faça esquecer! —Eu disse e avancei em direção aos seus lábios.

Capítulo 33 — Acorrentada

—Isso é um saco! —Sara disse ao meu lado pela milésima vez. Ela se remexia sem parar na poltrona do meu lado enquanto mantinha o controle remoto da televisão a sua frente. —Não tem um canal bom. —Ela praguejou.

—Sara, você não tem que estar, preciso ficar 24 horas em observação, mas não é a sua observação. —Eu murmurei deitada na maca dura do quarto *vip* do hospital em que eu faria a retirada da medula para Zoey.

—Eu não entendo o motivo. —Ela resmungou. Minha melhor amiga estava de mau humor, os últimos acontecimentos da minha vida a afetavam tanto quanto a mim. Sara sempre segurava todos os problemas comigo, mas a doença de Zoey, aliada a descoberta da minha mãe estavam sendo estressantes para ela. E eu nem podia falar com ela do beijo com Ethan, ela surtaria. "*O beijo*" eu meditei e engoli seco, depois dele eu havia saído correndo da casa e só dado as caras no dia seguinte para visitar Zoey tomando cuidado para o fazer somente quando Ethan ou Sue não estavam.

—Está acontecendo alguma coisa não está? —Ela perguntou desligando a tv, eu nem me dei o trabalho de me virar em sua direção. Sara podia saber o que eu pensava sem ao menos ver meu rosto. —Olhe bem pra você, toda encolhida nessa maca sem nem poder olhar para minha cara enquanto eu reclamo desse hospital, qual é Aurora? —Ela bufou.

—Sara, estou prestes a doar minha medula para Zoey se isso não der certo... —Eu comecei a dizer, não queria falar para ela o que realmente me perturbava naquele momento, mas a desculpa que lhe dei era tão enlouquecedora quanto. Minha menina estava tão doente que ela mal podia se manter acordada, a doença a estava consumindo e cansado rapidamente. —E ainda eu tenho um projeto de psicopata sem remorso como mãe. Minha vida está fora de controle.

—Aurora... —Eu ouvi ela se aproximar e a pressão do colchão mudou ao meu lado, sua mão tocou meu ombro. —Vai ficar tudo bem com ela, Zoey vai sair dessa. —Ela prometeu, eu queria desesperadamente acreditar que tudo ficaria bem, entretanto cada novo problema era como um dominó

enfileirado atrás do problema anterior, tudo conspirando para que eu ruísse, mas Zoey era a única coisa que eu não tinha nenhum controle, ela estava escorregando pelos meus dedos.

—E se não ficar, Sara? Eu acabei de descobrir que sou a tia dela, nossa ligação não é só por amor, Zoey é minha família, talvez a única parte boa dela. —Sara afagou novamente meu ombro e suspirou, não havia nada que ela pudesse dizer naquele momento e ela fez o que eu mais precisava: apenas ficou ali, imóvel e em silêncio.

—Senhorita Sara. —uma pequena enfermeira de traços árabes chegou até a porta e chamou timidamente. —Preciso que a senhorita assine, enquanto acompanhante, alguns papéis pra mim, se puder me seguir até a recepção. —Ela disse e em seguida mordeu o lábio inferior, meu cenho se franziu, ela parecia extremamente culpada por aquilo.

—Ah eu pensei ter assinado tudo quando ela deu entrada e é um procedimento simples, não imaginei que tivesse tanta burocracia. —Sara contestou, mas não negando realmente. Ela se levantou distraída, parecendo alheia a postura tão questionável da moça.

—O senhor Lewis... —ela engoliu seco ao mencionar o nome dele. —Está financiando uma pesquisa sobre a anemia aplástica aqui no hospital e vamos usar o material da paciente e da doadora por isso tanta... burocracia. —Ela respirou fundo e Sara deu de ombros não estando realmente interessada.

—Claro, claro. —Minha amiga disse bocejando e se levantando. Era eu quem devia estar me sentindo culpada, graças a mim, Sara estava cansada, estressada e a um passo de ser demitida do emprego por sempre precisar sair para me resgatar de uma mãe monstruosa ou me vigiar em um hospital.

Ambas saíram do quarto e eu me encolhi mais ainda na cama dura, fechei os olhos e os apertei com força. Deveria tentar descansar ou eliminar toda aquela loucura emocional do meu sistema, eu me sentia a beira de um colapso. Havia dito que referia que tudo aquilo me acertasse num único golpe para que doesse uma vez e eu pudesse me curar, mas agora era justamente ao contrário tudo girava ao meu redor de maneira desgovernada e eu não podia parar nada daquilo. Eu tinha que conviver com cada uma das coisas que me machucavam ao mesmo tempo.

—Ela está bem? Parece meio pálida. —Uma voz remotamente familiar fez com que abrisse os olhos em puro choque. E lá estava ela parada bem em frente a porta do meu quarto de hospital.

—O que você está fazendo aqui? —Eu gritei e a figura ao lado da mulher imediatamente avançou em minha direção com o intuito de me acalmar. —Não chegue perto de mim, Ethan! O que ela faz aqui? —eu vociferei, mas minha voz era muito mais magoada do que realmente irada. —Não acredito que você está fazendo isso comigo! —Eu disse transtornada.

—Ela veio aqui... —Ele começou a se explicar, mas eu imediatamente o cortei.

—Eu não a quero aqui! —Eu bradei novamente.

—Eu disse que não era uma boa ideia, Ethan. —A mulher disse colérica.

—Clarie, você não está ajudando! —Ethan sibilou para ela.

"Clarie"

A maneira como ele disse seu nome me enjoou, mesmo parecendo irritado suas palavras eram carregadas de cumplicidade. Era ela, a mulher que ele havia me apresentado como amiga de infância e horas depois havia tido a odiosa conversa em que me chamava de "*ingênua e burra babá*". Eu me sentia profundamente humilhada, Ethan havia levado aquela mulher ali apenas para me ver sofrer, ele sabia que eu era incapaz de sair dali e deixar Zoey. Era muito mais sadismo do que eu esperava encontrar nele.

—Eu não sou obrigada a ver isso. —Eu disse com a voz emaranhada e puxei o pequeno controle preso por um fio à minha cama e o apertei ferozmente. —Vou chamar a enfermeira.

—Olha, não adianta! Ethan pagou um bom dinheiro para que a enfermeira saísse e levasse sua amiga aqui. O que eu, pessoalmente, achei um pouco exagerado. —Ela disse a última parte para ele enquanto remexia seus longos cabelos pretos, ela parecia nervosa e eu queria socar aquele nariz perfeito que ela ostentava no meio da cara.

—Seu... —eu não conheci unir palavras o suficiente para ele naquele momento. Nós havíamos nos beijado, eu havia fraquejado e mostrando para ele os sentimentos enterrados dentro de mim e agora ele vinha e zombava

deles bem na minha frente? Eu não podia lidar com aquilo, eu não merecia aquilo.

—Você tinha razão, parece impossível fazê-la ouvir. —Clarie bufou. — Tá, o negócio é entre eu e ela, deixe-nos a sós por um momento.

—O que? -eu questionei. —Eu não vou ficar em lugar nenhum com você, com nenhum de vocês dois! Como vocês podem? Eu já não sofri o suficiente? Ou vocês acham que eu sou burra e ingênua demais para entender que o tempo todo vocês estavam juntos rindo dos meus sentimentos pelas costas? —Eu já havia perdido o controle, comecei a me levantar da maca, não podia mais ficar ali, me revirava o estômago.

—Aurora... —Ethan tentou me parar, seu tom de voz era triste. "*Ele é um mentiroso*" minha Vadia Interior me lembrou agressivamente. Eu não podia confiar nas emoções que ele transparecia.

—Fora! —Antes que eu pudesse expulsar, Clarie ladrou. —Anda, cai fora, Ethan.

—Saíam daqui vocês dois!

—Vai Ethan, eu me viro aqui. —Ela disse absolutamente confiante. Ethan pareceu ponderar por um momento. Seu rosto cansado, fez com que uma pontada fosse desferida em meu coração. Eu não queria me compadecer pelo seu semblante castigado, mas parecia impossível. Eu trinquei os dentes e desviei o olhar, não havia lugar ali para compaixão.

—Eu não vou ouvir você! Eu não vou ouvir ninguém! Ethan, eu estou fazendo isso por Zoey e eu realmente quero que você e essa garota se explodam! —Eu rugi, as lágrimas de raiva transbordando de meus olhos, ele fez uma careta dolorida.

—Aurora, por favor ouça o que ela tem a dizer se depois de tudo isso você não quiser me ver eu prometo nunca, nunca, nunca mais aparecer na sua frente. —Ele disse segurando minha mão e eu olhei para a direção contrária dele.

—Você está sendo covarde. Fazendo-a vir aqui e contar as mentiras que você quer. —Eu murmurei e retirei minha mão de seu aperto para secar meus olhos. —Eu vou ouvir, mas tenha certeza que nada que ela disser vai me demover do que eu faço.

—Por favor, escute-a. —ele disse baixinho para mim e se virou para sair do quarto.

—Por que você não leva a Natalie com você? —Clarie sugeriu dando-lhe um sorriso para ele e em seguida se voltando pra mim. —Você vai adorar a Natalie, vocês duas tem em comum o fato de que não conseguem manter a boca fechada por um segundo.

—O fato de que eu vou te ouvir não te dá o direito de me insultar. —Eu disse séria e ela sorriu se desculpando. —Quem é Natalie? —eu questionei e o sorriso dela aumentou mais ainda.

—A minha, muito lésbica, noiva. —Ela respondeu e assistiu uma grande interrogação crescer na minha testa. Ethan também sorriu ao ver minha perplexidade e saiu fechando a porta.

—Isso quer dizer que... —eu comecei a questionar e ela puxou uma cadeira e se sentou em frente à minha maca.

—Isso quer dizer que agora você vai me ouvir.

Capítulo 34 — Liberta

—Primeiro você tem que me conhecer para saber e ver a verdade nas minhas palavras. —Seu tom havia deixado o deboche e ela falava com uma seriedade incrível.

—Eu não quero te conhecer. —Eu sussurrei cruzando os braços e ela bufou cruzando as pernas. Voltei a me deitar na maca. Escolhi não olhar para ela e fixei-me no teto.

—Meu nome é Clarie, eu morei no condomínio do Ethan praticamente toda a vida. Nós nos conhecemos na pré-escola, ele era a criança mais doce desse mundo. —ela suspirou nostálgica e eu fechei os olhos. Era absurdamente fácil imaginar um garotinho de cabelos escuros e amáveis olhos castanhos. —Imagino que não seja difícil tentar visualizar, Zoey tem muito dele nela. —ela deu uma risadinha e eu perdi parte da piada interna.

—Não entendo como isso... —eu comecei a retrucar.

—Você fica tão mais bonita caladinha. —Clarie suspirou novamente. Eu não devia ouvi-la, ela era debochada e cheia de si. Mas algo dentro de mim dizia que eu devia dar uma chance para suas palavras, eu só temia que essa voz interna fosse minha parte fraca que queria desesperadamente se apegar à mentira que ele me amava.

—Fala logo. —eu cuspi sem olhar para sua postura confiante.

—Ele me defendia dos garotos mais velhos que insistiam em puxar minhas trancinhas. Eu era uma espécie de aberração para as outras crianças e Ethan sempre segurava a barra de eu ser a garota que jogava futebol e usava moletom comigo. Ele apanhava desses valentões por mim. —Ela parecia imersa em suas próprias memórias. —Crianças podem ser cruéis, Aurora e essa crueldade vem justamente de enxergar algo diferente nas outras crianças e elas identificaram que eu não era como elas.

—Ethan arrumou uma namoradinha na segunda série. A Louise era meio armênia ou algo do tipo, uma gracinha. No recreio eles andavam de mãos dadas e tudo. —ela riu de novo e eu me peguei sorrindo levemente

também. —Algo em mim dizia que eu não devia gostar daquilo, que eu devia ter ciúmes dele ou que eu deveria querer que ele desse as mãos para mim no recreio, mas tinha algo errado... eu queria dar as mãos para Louise. E antes que você retruque isso é importante.

—Acho que você está pensando que eu sou algum tipo de psicóloga ou analista, mas até onde eu sei você me considera a burra e ingênua babá. —eu citei acidamente.

—Vamos chegar nessa parte. —Ela disse igualmente mal humorada. —Pulando todo o *blá blá blá* infantil e colorido eu beijei a namoradinha do Ethan e uma professora nos flagrou, eu tinha oito anos na época e mesmo assim ela ficou horrorizada, chamou nossos pais na hora. —Seu tom imediatamente mudou e ela se tornou amarga.

—Agora algo que você precisa saber sobre os pais de Louise: eram jornalista e extremamente liberais e disseram que não se importaram com o ocorrido, a filha era livre e estava se descobrindo. Agora algo sobre o meu pai: capitão da marinha que espancou a filha de oito anos quando chegou em casa e só parou quando Jasmine, mãe do Ethan, invadiu a casa implorando para que ele parasse. —Eu apertei meus olhos com força, eu odiava aquela mulher, mas não podia deixar de me comover com suas palavras.

—Eu sinto muito. —Eu disse meio a contragosto, mas verdadeiramente.

—Recentemente encontrei com Louise, ela é casada com um surfista e tem dois filhos e eu... Bem, como você pôde perceber a surra que eu levei não fez muito efeito, estou para me casar com uma mulher. —Ela riu, mas sua voz não tinha nenhum humor. —A grande questão dessa parte da história é: no dia seguinte meu pai me obrigou a ir pra escola. Ninguém ligou para os hematomas, contanto que o dinheiro continuasse chegando não havia nada com que se preocupar. Acredite ou não, mas o Ethan, com apenas oito anos, cuidou de mim, levou remédio para os machucados me abraçou durante todo o intervalo enquanto eu ainda chorava traumatizada. Foi ali que nosso amizade só aumentou.

—Eu fico sensibilizada pela sua história. Diferente de você, eu não sou um monstro insensível, mas o fato de vocês serem amigos não muda...

—Ainda não cheguei no ponto de virada, fique quietinha. —Eu bufei,

mas continuei ouvindo. —E então a faculdade, eu e ele fomos para mesma instituição para fazermos o mesmo curso. Eu tenho que admitir que administração não era a minha, depois te conto qual era... Voltando! Meu pai me pagou um apartamento legal, bancava tudo que eu queria porque na cabeça dele Ethan e eu mantínhamos um relacionamento e enquanto eu fosse hétero tudo estava bem... Foi quando tudo aconteceu. —Minha cabeça imediatamente se virou em sua direção, sua voz havia ficado obscura de novo.

—Em resumo meu pai foi fazer uma visita surpresa e me pegou numa situação muito delicada com uma colega de sala. —Eu me encolhi imaginando o que o pai dela teria feito. —Ele expulsou a menina e eu fiquei lá, contrariando todas as suas ações violentas nos anos anteriores ele não fez nada, em uma voz muito serena ele disse que eu tinha trinta minutos para encher uma mochila e sair dali... Isso já faz oito anos e desde então... Eu nunca mais o vi, Aurora. —Pela primeira vez ela deixou transparecer a tristeza que toda a situação a trazia, eu não tive coragem de comentar nada ácido, eu tinha que detesta-las, mas tudo que eu queria era segurar a mão dela e conforta-la.

—Eu estava na rua, sozinha e sem rumo quando Ethan me acolheu. Eu morei com ele por até a metade da graduação, Jasmine mantinha nós dois como se eu fosse sua filha, me deixando morar com ele, me vestindo, alimentando e cuidando. Ele é o meu irmão mais velho e sempre me tratou como tal. —ela deu uma pausa e eu novamente desviei os olhos. —Ethan conheceu a Jane mais ou menos nessa época. Eu admito que joguei todo o meu charme para ela, mas ambos estavam tão apaixonados... Quando eu arrumei um emprego sai da casa dele para dar um pouco de espaço.

—Você não sabe mesmo chegar no ponto não é. —eu resmunguei.

—Quando eu conectar isso tudo você vai aplaudir a minha eloquência. —ela descruzou as pernas e remexeu nos cabelos escuros amarrando-os em um nó desgrehado na base da nuca. —Não demorou muito e eles se casaram, foi uma cerimônia linda e Jane estava deslumbrante, mas Ethan brilhava! Meu irmão estava tão encantado que eu podia jurar que ele iria sair flutuando. Os olhos estavam inundados pelo brilho do amor mais puro que eu vi na vida. Mas um ano depois o brilho sumiu.

—A morte de Jane. —eu sussurrei.

—Era perto do natal e todos nós fomos passar o feriado na casa de Jasmine, a pequena Zoey era recém-nascida e a atração das festas de fim de ano. Ethan, eu e ela saímos para comprarmos coisas para a árvore. Quando voltamos Jane... —Clarie engoliu seco e eu me virei para ver os olhos dela marejados. —Foi a pior cena da minha vida, ela já estava completamente pálida e o sangue dela coloria toda a parede do banheiro. Ethan gritou quando a viu e imediatamente a pegou nos braços enquanto Jasmine foi acudir Zoey, que só com poucas semanas, chorava. Eu fiquei parada na porta vendo-o chorar e implorar para que ela ficasse enquanto ela dava seus últimos suspiros. Ele morreu ali também. Jasmine e Ethan se mudaram e eu não tive mais coragem de olhar para o meu grande amigo, a dor que morava em seus olhos consumia a todos, seu espiral de tristeza engolia tudo ao seu redor. Eu os visitava sempre que dava para ver Zoey, mas não conseguia ficar com ele por muito tempo, era doloroso demais e eu fui covarde. Fazia quase um ano que eu não o via quando nos encontramos no casamento e finalmente chegamos em você.

—Clarie, eu não sei...

—Você prometeu que ouviria. —Ela disse pela primeira vez de maneira doce, de alguma maneira aquela completa desconhecida havia desarmado todas as minhas barreiras. —Quando eu o vi na porta do seu quarto eu mal consegui acreditar, havia brilho em seus olhos de novo, ele parecia saudável e parecia ele mesmo de novo. E então você apareceu para fazer sua cena de namorada enciumada, e acredite eu tentei fazer você me notar, e ele te fitou com veneração e você correspondeu, nesse momento eu soube que ele havia recuperado a vida.

—Clarie eu não entendo! Eu ouvi, eu não estou louca. Vocês estavam rindo de mim, me chamaram de burra e ingênua, eu me senti absolutamente humilhada e usada. —Eu confessei deixando de lado todo o ressentimento e aflorando toda tristeza que aquilo havia me dado.

—Eu não minto, eu disse aquelas coisas. Acalme-se e respire fundo! —Ela ordenou quando meu rosto empalideceu. —Eu disse num momento de descontração, não foi por mal... Ouça-me, depois de tudo que eu te contei sobre Ethan e eu sermos como irmãos você realmente acha que eu diria

qualquer coisa para magoar alguém que ele ama? Alguém que tirou o coração dele do luto de um amor perdido? Você acha mesmo que ele diria qualquer coisa que te ferisse? —Cada palavra dela foi enviada diretamente em direção ao meu coração, as lágrimas já não estavam sendo contidas. O que eu havia feito?

—Shiu, querida. —Ela afagou minha mão meio sem jeito tentando aplacar o choro que se tornava mais copioso a cada momento. —Ele fez um discurso lindo sobre amor verdadeiro no brinde e quando eu questionei sobre a inspiração ele não pensou duas vezes antes de dizer você. Eu o convidei para um último drinque e ele ficou meio bravo por eu tirar mais alguns minutos dele com você. Aquela parte da conversa que você ouviu eu e foi uma piada debochada, eu disse que ele era um grande clichê, o nerd e a bailarina, o bilionário e a ingênua babá. Eu sou escritora, essa é a minha, tudo que eu estava fazendo era uma piada sobre escrever um livro e sabe o que ele respondeu? Que você era uma das pessoas mais brilhantes que ele conhecia... Aurora, aquele homem te ama e você se afastou dele sem ao menos ouvir o que ele tinha a dizer.

—Clarie... Me diga como posso acreditar nisso? Ethan é inteligente, culto e... Tão diferente de mim, eu sou comum! Bem, agora nem tanto desde que minha vida virou uma novela mexicana, mas... Por que ele me amaria?

—Você pensa que é assim! Você é a mulher extraordinária que está doando sua medula para a neta do monstro que te abandonou no lixo. Nunca pense que ele é mais que você porque ele não é. Vocês são bons, mas ninguém é melhor. Sinceramente acho que você não queria ouvir porque tem medo de perceber que merece ser feliz, merece alguém que te ama como Ethan ama. —Ela disse segura de suas palavras. —Olha, eu sei o quanto dói, mas é assim que se vive, quando dói tanto que mal conseguimos respirar é ali que sobrevivemos.

—Seu idiota filho da mãe! —A voz de Sara berrou do outro lado da porta. —Eu vou matar você! Vou fazer você engolir suas próprias bolas, seu babaca! Pra você aprender a nunca mais chegar perto dela.

—Estamos em um hospital, Sara. —Uma voz feminina desconhecida disse baixinho tentando controla-la. —Segure ela Ethan!

—Não encosta em mim! —Sara ameaçou e eu imediatamente me

levantei para ver toda a confusão.

Quando eu abri a porta a cena quase me fez querer tranca-la novamente. Sara, minha pequena bola de energia, estava sendo segurada por Ethan, ela arranhava o rosto dele que fazia careta de dor, enquanto isso uma segunda mulher, loira e baixinha, tentava falar palavras calmantes para ela.

—Sara, se acalme! —Eu disse e ela imediatamente parou e me olhou atônita.

—Você estava chorando? —Ethan e minha melhor amiga disseram em uníssono.

—Claro que ela está chorando seu idiota! Você trouxe essa... mulher para fazer seu serviço sujo e ainda mandou uma enfermeira me tirar daqui? Você é desprezível. —Ela escorregou do aperto dele.

—Sara, por favor controle-se. Você precisa descansar um pouco, a falta de sono está te deixando sem limites. Está tudo bem, eu juro. —Tentei sorrir meio sem graça, mas a loira espremeu os olhos como se não acreditasse. —Não se esqueçam que isso é um hospital.

—Aurora... —A voz de Ethan me chamou repleta de sentimentos que eu não pude entender.

—Eu preciso ver a Zoey. —Falei categoricamente e ele assentiu. Fechei os olhos e respirei fundo duas vezes. —Obrigada. —Eu disse quando me virei para Clarie que me deu um sorriso quase infantil.

—Você é difícil de fazer ouvir, mas não é ruim, só não gosta muito de ouvir, igual essa daqui. —A morena disse de forma marota apontada para a loira apaziguadora que deveria ser Natalie. Mas seu tom se tornou absolutamente culpado e solene. —Eu sinto muito.

—Eu também sinto, Clarie. —Minha confissão fez Ethan arfar e eu deixei que nossos olhos se encontrassem. Os castanhos dele, repleto de esperança e arrependimento, mas e os meus? O que teriam?

Tanto eu havia dito e tão pouco eu havia ouvido e agora eu estava... confusa. O que eu faria?

Era hora de começar a agir.

Capítulo 35 — Segura

Serenidade.

Zoey repousava em sua cama com a tranquilidade de um anjo. Eu não podia abstrair do fato de que ela estava atada a diversas máquinas que a mantinham vida. Os médicos haviam dito que seus rins não durariam muito tempo, que a anemia aplástica começaria a roubar a vitalidade de seus órgãos e ao contemplar sua face pálida e magra era muito fácil acreditar naquilo. Minha menina dependia da medula que eu doaria para ela, seria o limite entre uma vida e o fim.

—Aurora. —Ela sussurrou baixinho quando eu peguei em sua mãozinha que não estava conectada ao soro. Jasmine havia saído para tomar um café e me deixado cuidando da pequena e eu não pude resistir ao impulso de prender sua mão contra as minhas.

—Me desculpe por acorda-la, macaquinha. —Eu disse realmente culpada, ela estava tão cansada e merecia dormir. Mas eu não queria continuar tendo que pensar em toda minha conversa com Clarie, eu só queria um momento de paz.

—Tudo bem, eu estava tendo um pesadelo. —ela me confidenciou e eu afaguei seu rosto tentando tirar a pequena careta assustada que ela fez. —Foi muito ruim.

—Você quer me contar sobre? Uma vez uma mocinha me disse que falar sobre isso ajuda. —Toquei a ponta de seu nariz e Zoey deu uma pequena gargalhada, mas de repente seu semblante ficou sério.

—Aurora, você mentiria para mim? —Ela perguntou mudando de assunto e eu arregalei os olhos.

Esta era Zô, sempre me surpreendendo. Ela era uma criança excepcional e eu nunca conseguiria entender como o olhar infantil e puro de repente podia conter toda a sabedoria que eu mesma não tinha. Neguei com a cabeça e ela me deu um sorriso fraco.

—Crianças... morrem? —Ela perguntou e meus olhos se arregalaram. —

Vovó disse que não, que só adultos bem velhinhos viram estrelinhas, mas... eu acho que ela estava mentindo pra mim. —Ela confidenciou meio ressentida.

Eu estava em choque, pisquei tentando afastar a rodada de lágrimas frescas que aquelas simples palavras me traziam. De alguma forma aquele serzinho estava sentindo a morte se aproximar dela. Todo aquele tempo eu havia estado imersa em meus próprios dilemas e havia me esquecido quem mais estava sofrendo naquilo tudo. A minha menina havia passado por momentos terríveis, dolorosos e agora tinha medo.

—Não chora! —Ela pediu alarmada e eu percebi que não conseguia conter as lágrimas. Respirei fundo e sequei-as dando uma risada sem humor.

—Bem, Zô... Eu sou sua melhor amiga e por isso eu preciso te dizer só a verdade. Crianças as vezes morrem. —Falei com a voz cortada.

—Então eu vou morrer? —Zoey questionou como se perguntasse algo trivial. Eu engoli seco, não tinha resposta para aquilo.

—Zoey... Seu pai, suas avós e até mesmo eu e Sara temos lutado para que não e não vamos desistir de você nunca. Enquanto tivermos forças faremos de tudo para que você viva e cresça feliz e saudável. —Tentei dar a ela a única verdade que eu conhecia sobre aquele assunto, eu não sabia o que aconteceria depois do transplante, mas nós lutaríamos por ela.

—O papai rezou para mim ontem à noite, ele pediu para que eu não partisse e eu não vou, eu prometi para ele. —A menina sorriu confiante e meu queixo caiu.

—Ele pediu para você?

—Não né, Aurora. —Ela quase insultava minha inteligência, a garotinha de cinco anos de idade afirmava aquilo com tanta convicção que me deixava cada vez mais embasbacada. —Ele pediu pra Deus, mas eu ouvi e prometi que não iria. Papai é muito especial e eu vou ficar com ele pra sempre. —Ela sorriu tão feliz que fez com que meu coração se apertasse. Ethan era mesmo especial e eu havia machucado os sentimentos dele.

—Zô, acho que eu fiz uma besteira. —Confidenciei deixando que toda sua infantil sabedoria me guiasse. Deitei meu queixo na grade da maca dela

enquanto ainda segurava suas mãos pálidas.

—O que aconteceu? —Ela perguntou se inclinando em minha direção.

—Eu fiz algo muito errado... Acho que magoei... meu amigo imaginário. —Eu disse debilmente e ela se afastou franzindo o cenho. "*Agora a menina vai pensar que você é louca*" minha vadia interior informou e eu concordei plenamente, o que eu estava falando?

—Seu amigo imaginário? —Ela riu fraquinha e eu a acompanhei, aquilo era sem dúvidas a coisa mais idiota que eu já tinha dito na vida. —Ele não é de verdade então você não o magoou.

—Tá, sua sabichona! É um... amigo de verdade, ele não é imaginário. —Revirei os olhos, mas fiquei séria novamente. —Eu não quis ouvir e agora está tudo errado.

—Quando eu não escuto o que alguém fala a vovó diz que é falta de educação.

—Foi uma grande falta de educação o que eu fiz. —Sussurrei e ela soltou-se do meu aperto e seus dedos afagaram meu rosto.

—Eu sei que você não fez de propósito, é só você pedir desculpas e prometer não fazer de novo. —Sua resposta simples fez com que um sorriso amarelo surgisse em meus lábios.

—Você é muito inteligente, sabia? —Eu falei e deu uma risadinha envergonhada.

—Você está com medo? —Ela perguntou baixinho abandonando o tom risonho. —Eles vão tirar medula de você, vai doer?

—Claro que não vai doer, minha linda. —Acarinhei seus cabelos. —Vai ser uma picadinha e eles vão tirar de mim o que vai te deixar saudável. Vão colocar você para dormir um pouquinho e quando você acordar já vai estar em você.

—Você vai estar lá quando eu acordar? —Zoey perguntou e eu vi seus olhos quase suplicantes, sorri tentando passar confiança.

—Claro! Eu nunca mais vou sair de você de perto de você. —Prometi

sabendo que nada poderia me afastar dela, mesmo que Ethan dissesse que não queria que eu estivesse com Zoey.

—Você vai pedir desculpas para o seu amigo? —Ela perguntou mudando de assunto.

—Vou, pedir desculpas é o certo a se fazer não é? —Ela balançou a cabeça positivamente e eu sorri para seu entusiasmo em me ajudar.

A porta atrás de mim se abriu e eu me virei para olhar, Zô apertou minha mão fortemente e eu me virei para ela dando um sorriso calmo

—Senhorita Devonne, está na hora. —O enfermeiro disse com um tom pragmático. Olhei para a cadeira de rodas que me esperava e concordei.

—Agora eu vou tirar a medula, macaquinha. Nos vemos depois tá? — Eu disse e beijei o topo de sua cabeça.

Me levantei e respirei fundo, seria agora ou nunca.

—Aurora. —Zoey chamou e eu me virei para olhá-la. —O papai vai te perdoar. —Ela sorriu e fechou os olhos para voltar a descansar. Aquelas doces palavras me emocionaram, eu os havia machucado e mesmo assim eles me perdoavam sem esforço. Agora eu teria que ser merecedora desse perdão.

Capítulo 36 — Tontura

—E acabou! —O enfermeiro disse e eu finalmente abri os olhos. —Doeu? —Ele perguntou de maneira doce.

—Eu não tenho palavras pra dizer o quanto doeu. —Brinquei e ele gargalhou. Havia doído um pouco, mas nada muito exagerado se comparado ao bem que a doação faria a Zoey era um preço minúsculo a se pagar.

—Bem, agora você precisa ficar de repouso, pode sentir tonturas e fraqueza. É aconselhável que você fique no hospital por doze horas, mas você não pode ver a receptora hoje.

—Por que não? —perguntei chocada.

—Por uma questão psicológica mesmo, é melhor que você não passe por grandes emoções. —Ele me ajudou a descer da maca e puxou a cadeira de rodas para eu sentar. O rapaz a minha frente era jovem e parecia muito atencioso, tinha traços indianos e era muito bonito.

—Você não faz ideia de como essa doação é conturbada. —Eu dei uma risadinha sem sentido e percebi que na verdade parecia que eu estava meio bêbada.

—Não se preocupe, você vai ficar meio aérea por um tempo. —Ele me empurrou pelo corredor.

Quando chegamos ao quarto, Sara estava sentada na poltrona digitando furiosamente em seu celular.

—Como foi a doação? —Ela perguntou com uma expressão preocupada

—Minha bunda dói. —eu respondi e ela revirou os olhos, gargalhei meio fraca e desci aos tropeços da cadeira para deitar-me na cama. O enfermeiro saiu do quarto rindo. —Você parece preocupada, o que foi?

—Meu chefe precisa de mim, mas...

—Não, Sara! Se você não for vai ser o segundo emprego que eu te faço perder. Por favor, vá! Eu vou ficar ótima. —Eu fechei meus olhos enquanto me aninhava nos travesseiros.

—Você tem certeza? —Ela questionou. —Bem... de qualquer forma não deve haver muito perigo, Ethan voltou para empresa e deve ficar lá até a hora do procedimento de Zoey começar.

—E eu vou dormir a tarde toda. —Falei e ela riu, pegando suas bolsa apressadamente e saindo depois me dar um beijo na testa.

Eu tinha que admitir que estava dando muito trabalho a Sara nesses últimos meses. Ela se desdobrava entre trabalhar e cuidar do meu estado de zumbi. Na verdade eu estava sendo um peso para todo mundo ao meu redor, primeiro para Sara e depois para Zoey e Ethan, sendo que ambos carregavam a minha mágoa injustamente.

—Deve haver um jeito de mudar isso... —Eu tinha um devaneio em voz alta. *"Bem, você pode seguir o conselho de Zoey e se desculpar"*. —Brilhante! —Eu me exaltei em voz alta e girei minhas pernas para fora da maca.

Eu sabia, no fundo, que aquela não era uma boa opção, mas naquele momento minha cabeça parecia trabalhar no modo econômico e tudo me dizia que ir a empresa de Ethan parecia a coisa certa a se fazer. Eu estava estável, conseguia andar em linha reta e parar em pé sem tombar, estava tonta, mas podia administrar aquilo

Peguei um conjunto de moletom cinza que estava dentro da bolsa de roupas que eu havia arrumado antes de ir para hospital. Me vesti devagar e chequei duas vezes se pernas, braços e cabeça estavam enfiados nos buracos corretos. Puxei algumas notas de vinte da minha bolsa para um táxi e algo me disse que era certo fazer uma silhueta de travesseiros e deixar na minha cama.

Eu ne sentia uma grande detetive saindo pelo hospital sem parecer uma louca e o fiz muito bem. Ninguém pareceu perceber que eu era uma paciente em fuga.

Quando cheguei ao lado de fora um táxi chegava com um casal cuja mulher estava em trabalho de parto. Eu segurei a porta aberta para eles e assim que todas as bolsas estavam fora do carro eu entrei depois de desejar um bom parto, a gestante não pareceu muito feliz comigo.

O motorista me olhou meio torto durante toda a corrida, mas eu estava muito mais preocupada em tentar não vomitar. Parecia, do ponto de vista

sentimental, uma ótima ideia sair para me desculpar, mas pelo lado físico eu estava um caco. Entretanto eu tinha que fazer aquilo, não era certo que eu continuasse na minha ignorância auto imposta fazendo todos ao meu redor sofrerem. Eu havia me enganado, preferi não escutar ninguém e me enrolar na minha própria bolha de dor.

Quando a corrida terminou, o taxista parecia pronto para me apanhar caso eu tentasse fugir sem pagar, mas eu joguei sete notas de vinte em seu colo e sorri muito animada para ele. Fechei a porta atrás de mim e o ouvi praguejando algo sobre o quão perdida a juventude de hoje em dia estava.

Mas algo ocupou minha mente, eu estava mais uma vez em frente a Lewis Corporation, mas dessa vez Ethan tinha todo direito de me odiar por estar ali, mas eu precisava recolocar todas as coisas no lugar. Caminhei confiantemente até o prédio e meu rosto conhecido me deu passagem livre na recepção, eu sorri ao perceber que todos ali confiavam em mim.

Mas quando cheguei ao andar de Ethan vi que o problema seria outro, a nova secretária que estava ali tinha um rosto muito sério e eu sabia que dificilmente me deixaria passar por ali.

—Boa tarde, sou Aurora Devonne...

—Boa tarde Aurora, temo que você esteja perdida porque aqui é o andar do senhor Lewis e ele não tem compromissos agora a tarde. —Ela já me cortou de maneira incisiva. Eu franzi o cenho e a moça continuou a me olhar pragmaticamente.

—Eu sou a... namorada dele. —Disse baixinho e ela riu debochada e meu sangue ferveu.

—Claro, claro! E eu sou a sócia majoritária.

—Você quer ver? —Eu perguntei e ela ergueu a sobrancelha de maneira questionadora. Eu dei um sorriso para ela e corri em direção a porta.

Atrás de mim ela arfou, eu dei uma risada alta e me joguei na porta para abri-la. Eu só não esperava que ela estivesse trancada.

Comparativamente o estrondo do meu choque contra a porta foi maior do que meu baque no chão, mas nenhum dos dois venceu o grito de choque da secretária.

—Argh. —Eu gemi no chão, meus braços doíam e minhas pernas também, a região de onde haviam coletado a medula também pulsavam mandando ondas de desconforto para todo meu corpo.

—Sua louca! Eu vou chamar a segurança. —Ela berrou e eu tentei, levantar.

—Joana, que barulho... Aurora! —Ethan disse embasbacado enquanto abria a porta de sua sala. —Meu Deus Aurora você deveria estar no hospital. —Ele ajudou a me levantar sustentando todo o meu peso.

—Eu sei. —eu ri, minha cabeça girava e eu via três Ethan na minha frente. —Uau um já é bonito, mas três...

—Você pode me explicar o que está fazendo aqui? —As mãos deles seguravam firme a minha cintura e eu sorri me aconchegando em seu peito.

—Assim que tudo parar de girar eu te conto.

—Joana, pegue um copo de água por favor... e beba um também, você está pálida. —Eu gargalhei de novo e ele me deu um olhar bravo e eu não pude me conter coloquei minhas mãos e seu rosto.

—Você fica tão bonito quando está bravo e me distraí. —Eu fiz uma cara séria e apertei suas bochechas contra as minhas mãos. —Você tem que me perdoar por ser tão estúpida, por não ter te ouvido. Eu amo você, não quero mais ficar longe de você e de Zoey e se você me perdoar... por favor para de rodar você está me deixando tonta.

—Você devia estar no hospital descansando. Eu vou te levar para lá. —Sua voz era extremamente amorosa e eu suspirei enquanto ele beijava o topo da minha cabeça.

—Me perdoe! —Eu implorei. —Quando eu tiver estabilizada posso até ne ajoelhar, mas por favor, me perdoe.

—Vamos para o hospital, anjo. —Ele me abraçou e eu inalei seu cheiro esperando que tudo aquilo fosse sinal de perdão.

Capítulo 36 — Resolvendo a Lista.

—Eu te deixo sozinha por cinco minutos e é isso que você faz? —a voz de Sara soou mais alta do que o normal e eu imediatamente dei um pulo da maca onde eu estava deitada. Me lembrava vagamente de ter voltado ao hospital e ter ouvido um grande sermão do médico. Minha cabeça não girou de forma nauseante e eu considerei isso uma vitória. —Anda, me responde. —Ela parecia realmente brava.

—Ouça Sara... —eu comecei, mas os olhos dela estavam cheios de lágrimas.

—Aurora, eu estou extremamente decepcionada com você. Depois de tudo que ele te fez você sai correndo para a empresa? —Ela se sentou ao meu lado na cama. Eu merecia que um raio caísse bem em cima da minha cabeça, Sara com certeza estava na "*lista de pessoas que eu magoei por ser uma idiota*".

—Sara, acontece que... Ele não fez nada, a Clarie na verdade é lésbica, Ethan nunca me traiu eu que fui uma estúpida e não parei para ouvi-lo. —Eu segurei a sua mão, mas ela parecia incrédula.

—Mesmo que ele não tenha feito nada como pode ser certo ele ter tanto poder pra te machucar? Aurora você apenas ouviu algo e isso te matou por meses. —Eu tinha que concordar com minha melhor amiga, ele era a única pessoa no meio de todo aquele caos de reencontrar a mãe maluca, ter meu bebê doente que pode verdadeiramente me deixar incapacitada.

—Mas agora eu sei, Sara. Sei que ele nunca faria nada para me magoar, mas sei também a dimensão do que eu sinto por ele. Eu tenho certeza que amo aquele homem e a filha dele. —Nos encaramos por alguns segundos, Sara era parte de mim, ela tinha acesso a todos os meus sentimentos mais profundos com apenas um olhar.

—Eu ainda não acredito que eu joguei um porta lápis na direção dele quando me demiti da empresa. —Ela riu e eu interpretei aquilo como um sinal de que ela confiava em mim e em minhas escolhas. —Mas espero que ele tenha entendido o recado, se ele quer ficar ao seu lado tem que estar

esperto, um deslize e eu acabo com ele. —Eu a acompanhei na gargalhada mais sincera que demos nos últimos meses.

—Me perdoe, Sara. Eu arrastei você para o meio de todos os meus problemas. Mães malucas, conversas atrás das portas... Eu não devia te prejudicar tanto.

—Tudo que eu faço é por escolha própria e eu optei por estar ao seu lado e sou feliz com essa escolha. Você é a irmã que a vida me deu. —Eu a abracei fortemente depois daquelas palavras. Era estranho a forma como mesmo depois de todo aquele caos tudo parecia estar se encaixando.

—E Zoey, você tem notícias dela? —Eu perguntei e Sara mordeu o lábio inferior, eu senti todo o sangue deixar meu rosto e meu coração palpitar pesado no peito.

—Ops, se acalme! O médico chamou Ethan assim que você chegou aqui com ele. Não sei se para dar boas ou más notícias. —Fechei meus olhos por um instante. Zoey tinha que estar bem, eu não suportaria que minha bebê não se recuperasse.

—Sua... A vó de Zoey estava preocupada com você. —Sara mudou de assunto e se endireitou da sua posição sentada na minha cama. Eu sabia de qual avó ela estava falando, mas eu não me importava. Aquela era a única envolvida no meio daquela história a quem eu não devia nenhum pedido de desculpas.

—Eu não me importo, Sara. Para mim eu continuo sem nunca ter tido uma mãe e prefiro permanecer assim. Não vou perdoá-la porque não é algo que ela se arrependa, só quero seguir a minha vida e não manter contato. —Eu disse firmemente, aquela era minha maior certeza. Sue nunca influenciaria em nada na minha vida, eu pretendia não me aproximar dela em hipótese alguma. —Entretanto eu gostaria de conhecer o meu pai, ele nunca teve a oportunidade de saber que eu existo, não crio esperanças de que ele vai me amar, mas acho que preciso corrigir isso.

—Isso é típico de você... Concertar coisas que não são sua culpa. —Minha amiga revirou os olhos e bufei.

—Tenho tempo para resolver isso. Mas agora o que eu realmente quero é ver Zoey e... também quero muito um sanduíche de peru. —Coloquei a mão

na minha barriga que vibrou em baixo fazendo um barulho audível. Sara gargalhou e se levantou.

—Vou providenciar seu sanduíche e bem... —Ela olhou para o relógio em sua mão direita. —Acho que você não pode ver Zoey e nem deveria saber que ela está no quarto 703. —Ela sorriu e se virou saindo de lá.

—Ah sim e com certeza eu vou estar na lista negra dos enfermeiros. —Eu me levantei jogando os lençóis com o logotipo do hospital para o lado.

Sara saiu e eu imediatamente fiz o caminho oposto ao dela. Eu estava no quarto 603, logo Zoey estava no meu correspondente do andar de cima. Eu só precisava pegar o elevador e ir ver como minha menina estava. Mesmo se acompanhante dela fosse Sue eu não me importaria afinal de contas eu não tinha nenhuma ligação com ela, era por Zoey e somente por ela.

Chamei o elevador torcendo para que nenhum enfermeiro carrancudo estivesse dentro dele e me obrigasse a voltar, tenho certeza que eles me amarraria na cama se me encontrassem de pé novamente.

Mas eu tive sorte, a cabine estava completamente vazia e eu só precisei apertar o número no painel de *led*. Fiquei poucos segundos lá dentro até que as portas se abrissem num corredor gêmeo ao que eu estava antes. Eu olhei para as portas procurando os números e meu coração bateu mais forte quando reconheci a sequência ímpar que Sara havia indicado como sendo o quarto de Zô.

Eu abri a porta devagar. A visão dela imediatamente tomou toda minha concentração, ela estava deitada inconsciente na cama hospitalar que parecia desconfortável. Tomei todo meu fôlego para não despencar em lágrimas.

—Você deve ser a pessoa mais odiada pelo corpo médico desse hospital. —A voz masculina e conhecida zombou, eu olhei para Ethan e seu semblante cansado.

—Com certeza não vou ser convidada para nenhum outro transplante. —Eu brinquei e entrei no quarto tentando fazer o mínimo de barulho possível, mas Zô não deu nenhum sinal de acordar. —Ela está tão parada... —Eu disse meio desesperada e sentei ao lado dele no pequeno sofá caramelo.

—O médico disse que isso é bom, é a primeira vez em meses que ela cai em sono pesado sem a ajuda de medicamentos, isso significa que ela está sem

dor e escute só... —Ele disse e o bipe do monitor cardíaco invadiu meus ouvidos. —O coração dela está batendo bem mais saudável, o doutor disse que isso significa uma grande e rápida melhora.

Ficamos em silêncio absorvendo cada pequeno som esganiçado que saia da máquina e significava a melhora da nossa menina. Eu suspirei aliviada deixando que aquele fosse o barulho mais importante da minha vida.

—Ela acordou um pouco depois do transplante e pediu para que eu dissesse que agradeço pela doação e... —Ele deu um sorriso de lado, um sorriso que eu adorava e fui incapaz de conter o meu.

—Zoey tem modos adoráveis. —Eu comentei.

—Ela também me fez prometer que não deixaria você sair do nosso lado e eu... Bem, estou realmente tentado a cumprir a promessa para minha filha. - Ethan parecia sem jeito com as palavras. Eu havia o posto inseguro quanto aos meus sentimentos por ele e precisava fazer ele perceber que nada havia mudado.

—Bem, acho que pelo bem da criança não se deve quebrar promessas. —Eu brinquei e abracei sua mão com a minha. —Sabe, ela também me fez prometer que estaria ao lado de vocês por um bom tempo, ousou dizer que ela escolheu para sempre.

—O que isso significa? —Ele ainda estava receoso e eu lhe dei um sorriso verdadeiro.

—Bem, senhor Lewis, creio eu que o senhor descobriu que tenho certa instabilidade emocional e creio que não queira me recontratar, nesse caso significa que é um pedido de namoro. —Eu disse e ele me olhou boquiaberto.

Eu sabia que havia quebrado sua confiança indo embora sem ouvi-lo, que aquilo deveria ter sido traumático para ele, mas eu precisava desesperadamente tê-lo de volta, eu não queria mais estar longe deles.

—Eu sinto muito, Ethan. Eu entendo que você não tem motivos para confiar na profundidade dos meus sentimentos, mas quero que você saiba que eu amo você. Amo cada parte e sinto que eu morria todo dia um pouquinho por estar longe dos seus sorrisos de lado, das suas carrancas mal humoradas, dessa ruguinha bem aqui no meio da suas sobrancelhas quando você está preocupado e desse cabelo que... me faz ter vontade de andar sempre com um

pente. —Eu brinquei e um sorriso se abriu em seus lábios. —Eu amo você, Ethan.

Assim que proferi aquelas palavras seus lábios tocaram os meus e tudo foi apagado exatamente como da primeira vez. Minhas mãos voaram para o rosto perfeito dele e desenharam cada traço, como eu havia sentido falta dele! O beijo se aprofundou lento e apaixonado até ambos perdemos o fôlego e nos afastamos entre risadas sussurradas.

—Devo admitir que estou meio desonrado aqui, queria ter sido eu a pedir que namorasse comigo. —Ele brincou e eu revirei os olhos deitando em seu ombro.

—E você ainda está preso nesses padrões de gênero? Qual é, Ethan... e você aceitou, isso é meio desrespeitoso. —Eu brinquei e ele gargalhou baixinho me abraçando.

—Eu apreciei muito o teste drive que fiz. —Ele riu e eu me segurei para não dar-lhe um tapa.

—Teste drive... Você é antiquado para pedidos de namoro, mas para *isso* você é bem moderninho. —Eu disse azeda e ele riu novamente beijando o topo da minha cabeça. E eu comecei a traçar com a ponta dos meus dedos os botões da camisa dele. Ethan era absolutamente maravilhoso e aquelas palavras haviam me lembrado que da noite que passamos juntos.

—Tire esses pensamentos da frente da minha filha, mulher. —Ele brincou e eu ri me aconchegando ainda mais nele. —Eu aceito sua proposta... Quero estar com você para sempre.

—Ah, antes estava fazendo teste drive e agora é para sempre? —Eu brinquei, mas sem conseguir conter meu sorriso de felicidade.

—Sabe como é, pela Zoey já que ela quer que fiquemos juntos por todo esse tempo. —Seu tom era debochado, mas logo em seguida se tornou sério. —E eu acredito que ela vai ficar conosco por todo esse tempo.

—Sim ela vai! Seremos muito felizes, eu tenho certeza disso. —Eu comentei firmemente.

—Eu amo você, Aurora. Fico feliz que tenha voltado para mim. —Ele disse e percebi que sua voz era carregada de emoção.

—Eu nunca devia ter saído daqui. —Me abracei fortemente seu peito prometendo internamente que aquele seria meu lugar enquanto ele quisesse que eu estivesse ali.

E eu estaria.

Fim

Epílogo I - Oliver Smith

—Então... é aqui. —Ethan murmurou parando em frente a pequena casa com cercas brancas Bellevue, cidade há alguns quilômetros de Seattle. Parecia cenário de uma daquelas comédias românticas, flores no jardim e telhado triangular. —Você está tremendo. —Ethan comentou penalizado e segurou minhas mãos.

—Não estou fantasiando que ele vai me amar, até onde sei Sue acabou com a vida profissional dele, mas não quero ser expulsa aos gritos. —Externei meus medos e olhei para ele que tinha uma expressão tranquilizadora.

Estamos parados em frente ao endereço de Oliver Smith onde, pela pesquisa de Ethan, ele morava com a esposa e a filha do meio, das três que ele tinha. Bufeí tentando afugentar as lágrimas, eu tinha três irmãos —quatro se contasse com Jane— e estava nervosa para o que aconteceria naquele momento.

—O que você disse para Zoey? —Questionei tentando mudar o foco da conversa para me acalmar do que eu estava prestes a fazer.

—Disse que traríamos sorvete quando voltássemos.

—Como você vai contrabandear sorvete para dentro do hospital? —Eu ri e ele deu de ombros.

No último mês a recuperação de Zoey tinha sido fenomenal, em poucos dias ela poderia voltara para casa e ter sua vida normal e ambos estávamos gratos por isso. Nosso namoro também estava forte e saudável, finalmente a paz que tanto precisávamos tinha chegado. Entretanto o questionamento sobre meu pai ainda estava na minha cabeça.

—Ela mandou isso para você. Era de Sue, ela deixou com você quando nasceu, talvez Oliver reconheça. —Ethan disse baixinho e me entregou o colar que eu tinha dado para a menina quando nos despedimos.

Segurei o pequeno objeto de prata e olhei para a casa. Eu tinha algo a resolver. Respirei fundo algumas vezes e abri a porta do carro. Ethan logo estava do meu lado. De mãos dadas caminhamos em direção ao lugar.

—A garagem está aberta. —Ele sinalizou e eu olhei. Meu coração batia rápido, tinha um homem de camisa xadrez debruçado em cima do carro olhando para dentro do capô aberto. —Respire. —Ethan comandou quando viu que eu paralisasse.

Podia ser ele. Há poucos metros, estava o homem que possivelmente era meu pai. Ele tinha cabelos castanhos como os meus e eu tentava não procurar semelhanças.

—Senhor Smith? —Ethan perguntou quando chegamos na porta da garagem e o homem se virou. Ele devia estar na casa dos sessenta, mas era ainda sim muito bonito, olhos azuis como os meus, a barba estava um pouco comprida e ele usava um boné do time de futebol de Seattle.

—Olá, em que posso ajudar? —Ele questionou sorrindo educado.

Ethan olhou para mim esperando que eu respondesse, mas eu fiquei em silêncio. Olhando-o. Eu parecia ter perdido as palavras e tinha dificuldade para achar-las.

—Sua namorada está bem, rapaz? —Oliver questionou e eu pisquei algumas vezes. Eu estava assustando-o.

—Estou bem. —Murmurei e pigarreei, mas fazer minha voz soar menos chorosa. —Eu estou aqui por que... O senhor conhece Sue Patterson? —Questionei e as sobrancelhas dele se uniram numa carranca.

—Bem, moça... Faz muitos anos que eu não a vejo, não somos amigos nem nada do tipo. —Ele tirou o boné e coçou a cabeça.

—Sue Patterson teve um bebê há vinte e cinco anos, antes de se casar com Thatcher. —Joguei-lhe a verdade e ele ficou boquiaberto, sua pele empalideceu e eu esperei os gritos. —Ela disse que o senhor era o pai... —Murmurei baixinho.

—Isso é impossível. —Oliver estava absolutamente chocado.

A porta da garagem que dava para dentro da casa se abriu e uma senhora loira apareceu. Ela devia ser a esposa de Oliver pois pareceu preocupada ao olhar para o semblante preocupado do marido.

—Querido, está tudo bem?

—Esse casal está procurando por Sue Patterson. —Ele disse com a voz

azedada para o nome dela.

—Não temos contato com aquela... —A esposa respirou fundo parecendo ter, assim como o marido, muita raiva dela. —... mulher.

—Eles estão dizendo que Sue teve um filho meu.

A esposa ficou boquiaberta. Me encolhi esperando gritos sobre traição, mas pelo contrário. Ela caminhou até o marido e segurou seus ombros tentando dar-lhe apoio. Aparentemente Oliver não havia escondido o caso que tinha tido com Sue.

—Está tudo bem querido. —Ela massageou os ombros do homem. — Essa criança...

—Sue a abandonou assim que nasceu... —Ethan me olhou confuso devia estar se perguntando porque eu ainda não tinha falado que eu era a filha dele, mas se eles parecessem desgostosos com a notícia eu simplesmente iria embora. Eu não tinha o direito de apresentar-lhe uma filha que ele não queria conhecer. —Deixou isso para ela.

Mostrei o colar e Oliver mirou por alguns segundos e lágrimas chegaram-lhe aos olhos, ele segurou a pequena correntinha e soluçou. A esposa o abraçou.

—Eu dei isso a ela antes da mãe de Sue me expulsar de Seattle. Eu tolo, queria que ela se lembrasse de mim. —Ele riu sem humor, mas de repente sua expressão ficou confusa. —Essa criança... onde está?

Por um segundo eu não soube o que fazer. Devia mentir? Sair correndo? Nada parecia certo, ficar e contar a verdade ou sair sem explicar. Apenas agarrei o pequeno pingente que Ethan tinha trago com ele do hospital e mostrei o presente que aparentemente tinha sido de Sue.

—Sou eu. —Murmurei mostrando-lhe o colar. —Meu nome é Aurora Devonne e eu sou sua filha.

Ambos me olharam espantados e eu tentava secar as lágrimas. Ethan abraçou meus ombros e beijou o topo do meu cabelo. Oliver mirou o colar em minhas mãos e um soluço agoniado irradiou de seu peito.

—Ange. —Ele murmurou o que estava grafado nas pequenas asas de prata. —Eu dei isso a Sue antes da mãe dela me expulsar. Foi da minha

mãe...Eu não posso acreditar... —Oliver chorava alto e eu não conseguia me conter também.

Eu podia reconhecer a frustração que ele sentia. A sensação de que uma vida inteira tinha sido roubada sem mesmo ter a chance de escolher.

—Ela se parece com você, Ollie. —A esposa sorriu mesmo que estivesse em lágrimas. —Vocês tem os mesmos olhos.

—O que você está fazendo aqui? —Ele questionou bravo. —Thatcher te criou, ele é...

—Sue e Thatcher não me criaram. Ela me abandonou numa lixeira assim que eu nasci. —Sequei as lágrimas percebendo que não era bem-vinda ali. Não havia fantasiado que ele gostaria de me conhecer, mas mesmo assim mais um abandono afetivo doía. —Sinto muito incomoda-los, nós estamos de saída...

—Ela jogou minha filha numa lixeira? —Oliver questionou irado. *Filha*. A intensidade da palavra não foi perdida por mim. —Eu sabia que Sue era um monstro, mas não imaginava que ela fosse descer a esse nível. Eu sinto muito! Eu não sabia, se tivesse tomado conhecimento disso *jure* que teria feito algo. Eu teria te criado.

Olhei-o em silêncio. A mulher que havia me parido destruirá minha vida duas vezes, eu julgava que o abandono era o pior que ela poderia fazer, mas simplesmente ter negado a Oliver a minha existência parecia superar esse fato. Eu poderia ter crescido com um pai, nunca ter ficado abandonada em um orfanato vendo todas as outras crianças irem embora enquanto eu ficava. Vendo seu rosto torturado pela revelação eu vi que teria sido feliz.

—Eu sinto muito! Sue não deu chance para nenhum de nós dois. —Ele murmurou novamente.

—Eu também sinto. —Suspirei, mas sorri para ele. —Mas podemos nos conhecer. De forma alguma quero me meter na sua família, mas gostaria de conhece-lo se possível.

Oliver e a esposa sorriram.

—Então vamos entrar, querida! —A loira chamou secando as lágrimas que estavam nos olhos dela. —Tem tantos álbuns para ver, do nosso casamento, das meninas... Temos três filhas, a Jenny está na Flórida cursando

medicina, a Julie está no ensino médio e a Anitta está grávida. Ela mora conosco.

—Kate, você vai assustar a menina. —Oliver riu da mulher que parecia empolgada. —Também queremos saber sobre você, Aurora.

Ethan apertou minha mão e eu o olhei sorridente. Ele parecia orgulhoso de estarmos indo bem.

—Tudo bem, você pode me mostrar tudo, senhora Smith, nós temos tempo. —Respondi fungando.

—Todo o tempo do mundo, Aurora. —Oliver prometeu e eu sorri. A sorte começava a estar a meu favor.

Epílogo II - Jantar

—Uh cozinhando assim você fica tão sexy. —A voz de Ethan soou rouca atrás de mim e suas mãos foram para minha cintura. Eu gargalhei e continuei misturando o molho de tomate caseiro que eu havia feito, mas logo desisti e me virei para beijá-lo.

—Se continuar com isso o jantar de natal nunca vai ficar pronto, nossas visitas vão comer batata frita. —Eu ri e ele me beijou, ignorando meus pedidos. —Eu acho uma pena Oliver e Kate terem viajado com as meninas para encontrar Jenny na Flórida. Gostaria de tê-los no natal.

—Mas eles virão para o ano novo querida. —Ele beijou a ponta do meu nariz. —E vamos ter muito o que contar para...

—Pare com isso! —A voz de Zoey repreendeu da sala e nós nos separamos confusos. —Pai! —Ela gritou e ambos saímos para ver o que tinha acontecido.

—Eu não acredito! Anne o que já falamos sobre puxar o cabelo do seu irmão? —Ethan disse pegando a pequena no chão enquanto eu acolhia o irmão gêmeo dela que fazia beicinho para chorar.

—Oh, querido! Anne isso é muito feio, mamãe já disse pra não fazer isso com seu irmão. —A menina gordinha de apenas um ano e meio sorria travessa para mim, eu queria apertar suas bochechas, mas a outra criança no meu colo quase chorando me fazia ter que repreendê-la.

—A Anne sente inveja do Zad porque ela não tem muito cabelo. —Zoey comentou e eu gargalhei beijando o topo da cabeça do meu menininho. Ele era tão diferente da irmã. No lugar onde Anne era encenqueira, ele era doce e indefeso.

—Papai já disse que não pode fazer isso. —Eu e Zoey reviramos os olhos para a frase sem inflexão de Ethan, ele nunca conseguia brigar verdadeiramente com as crianças. Os filhos tinham Ethan enrolado no mindinho.

—Vou levar vocês três para a cozinha comigo assim posso ficar de olho em todos. —Eu disse e beijei a bochecha de Zad enquanto ele gargalhava

emitindo sons de bebês.

—Eu não preciso que me vigiem. —Zoey lembrou e eu revirei os olhos, não tinha nada nos livros de maternidade dizendo que aos nove as crianças ficavam super independentes.

—É claro que eu sei que não precisa! Você é a minha mocinha crescida. —Eu disse e me inclinei para beijar os cabelos claros dela. Eu era tão grata por Zoey, por ela estar saudável e ser uma irmã mais velha tão cuidadosa.

—Você fala de um jeito tão engraçado, mãe. —Ela deu uma risada feliz e eu imediatamente congelei. *Mãe*. Aquela palavra tão pequena e tão significativa dita pela primeira vez por ela. Um filme passou pela minha cabeça: o médico dizendo que ela estava curada, a volta para casa, o primeiro aniversário, a sua recepção amorosa para a notícia de que os gêmeos nasceriam. Zoey, minha primeira filha, minha filha do coração que me reconhecia agora como mãe, eu apenas a fiquei olhando amorosamente.

—Aurora, o molho! —Ethan lembrou correndo com Anne nos braços que gargalhava e balbuciava "papá".

—O molho! —Eu me recuperei da emoção e também corri para a cozinha.

Ethan desligava o fogo e eu peguei a colher para mexer e ver se o fundo estava queimado. Suspirei aliviada quando vi que não, nosso jantar de natal não estava estragado! Os gêmeos riam no nosso colo quando a campainha tocou e Zoey correu para atender a prova.

—Vovó! —Ela gritou e eu ouvi os risos da minha sogra, Jasmine e do seu mais novo esposo Richard. —Tia Sara! —Ela também gritou e eu ouvi todos os nossos convidados cumprimentarem menina.

—Todo mundo chegou, acho que podemos colocar as coisas na mesa. —Ethan orientou e eu balancei a cabeça positivamente. —Eu tiro as travessas enquanto você recepciona. Dupla dinâmica. —Ele disse e nós demos nosso famoso high five, eu peguei Anne no outro braço e sai da cozinha carregando os bebês.

—Oh, olha os bebês da vovó! —Jasmine disse quando eu entrei e todos fizeram um "oh" coletivo para as crianças. —Feliz natal, queridos. Vovó trouxe vários presentes. —Ela disse dando um beijo em cada um de nós.

Jasmine pegou Zad enquanto Sara veio em minha direção, me abraçou e logo Anne já fazia estripulias puxando os cabelos loiros da tia postiça.

—Richard! —Eu cumprimentei o antigo motorista da família e atual marido de Jasmine com um abraço caloroso.

—Você está ótima, Aurora. —Ele elogiou e eu me olhei de cima a baixo, estava de jeans e suéter babado de rena que combinava com o de Ethan. Eu estava tipicamente mãe, eu gargalhei negando seu elogio.

—Bondade sua, Richard.

—Onde está o Ethan? —Jasmine perguntou.

—Está servindo a mesa, ele que fez o peru então está meio obcecado para que vocês comam. —Eu gargalhei indicando a cozinha.

Eu e as crianças havíamos feito a decoração da mesa, Zoey tinha preparado a sobremesa, Ethan o peru e eu todo o resto. Todos soltaram pequenos "uau" quando viram a ave que meu amor havia feito.

—Está lindo, querido. —Eu elogiei e ele me deu um sorriso verdadeiro.

Todos nós conversamos amenidades e nos sentamos a mesa para comer. Sara contava sobre o novo emprego, ela era agora gerente de uma loja conceituada de livros, Jasmine falou sobre sua lua de mel com Richard no Brasil e Ethan fez caretas para suas experiências parecendo meio receoso em ouvir. Eu dividi com eles as experiências na editora de livros que havia me contratado. Era um momento agradável com nossa família.

—Mamãe fez um pouquinho de peru desfiado para vocês. —Eu disse colocando os pratinhos coloridos em frente aos bebês que remexiam felizes nas cadeiras especiais. —E mamãe fez molho sem vinho pra você. —Eu coloquei a molheira em frente a Zoey que me deu um sorriso enorme.

Todos nós nos sentamos ao redor da mesa conversando e comendo enquanto éramos gratos pela companhia um dos outros.

—Hoje vai ser engraçado. —Sara comentou baixinho ao meu lado enquanto a minha direita Ethan contava uma história engraçada sobre Matthew e James, seus afilhados de casamento, e Lily a menininha que eles haviam adotado recentemente.

—Por causa da... —Eu comecei a dizer e ela riu baixinho.

—Você nem imagina. —Ela murmurou e eu a olhei curiosa. Sara não era muito conhecida por saber guardar segredos ainda mais de mim.

—Uh! —Ethan pigarreou e eu o olhei curiosa. —Conversar com Matthew e James sobre paternidade me deu dimensão do quão feliz eu sou por ter três filhos maravilhosos e essa mulher linda ao meu lado. —Mas de repente ele se levantou e eu fiquei confusa.

—Essa mulher que me acompanhou nos últimos anos, que foi companheira e é sem dúvidas o amor da minha vida. A melhor escolha que meu coração já fez. —De repente ele se ajoelhou ao meu lado. —Somos companheiros há quase cinco anos, mas quero saber se agora você quer ser minha esposa. Você aceita se casar comigo? —Ele questionou e eu o olhei incrédula. Todos ao meu redor começaram a rir e bater palmas até mesmo os gêmeos que bem sabiam do que se tratava.

—Sim! Sim, sim, sim, sim! Oh meu Deus sim! —Eu disse e me joguei emocionada nos braços dele. Casamento sempre esteve nos nossos planos, mas de repente vieram os gêmeos e adiamos tudo. Nosso sonho estava prestes a se realizar.

—Bem, eu sou uma jovem mãe de quatro filhos estava na hora de me arranjar. —Eu gargalhei e sequei as lágrimas dos meus olhos.

—Quatro? —Zoey questionou com o número correspondente de dedos levantados.

—Eu iria esperar passar o natal para contar, mas já que Ethan me surpreendeu... Temos mais um Lewis-Devonne a caminho. —Eu disse e toquei minha barriga que timidamente mostrava as primeiras semanas de gravidez.

—Eu vou ser pai de novo? Oh meu Deus! —Ele ofegou e me abraçou. Jasmine e Sara tinham lágrimas dos olhos, Zoey e Richard sorriam largamente enquanto os gêmeos jogavam os pedaços do peru para todos os lados.

—E eu fiz torta de morango! —Zoey disse e começou a bater palmas para sua própria revelação e todos nós a acompanhamos em meio a risadas emocionadas.

Tinha Ethan, Zoey, Sara, os gêmeos, Jasmine, Richard e até mesmo

Oliver, Kate e as garotas. Todos que eu amava e que me amavam estavam ali comigo, de alguma forma, e eu estava feliz.

—Eu te amo. —Ethan disse baixinho no meu ouvido enquanto a mesa voltava a comer. —Desde a primeira vez que eu te vi oferecendo jujubas pra Zô. Eu soube que você era especial.

—Eu te amo, Ethan. Mais do que tudo. —Eu segurei a sua mão e voltamos rindo para nossa pequena e imperfeita família.